

FRANCISCO MARTINS RAMOS

OS PROPRIETÁRIOS DA SOMBRA

VILA VELHA REVISITADA



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

1992

FRANCISCO MARTINS RAMOS

OS PROPRIETÁRIOS DA SOMBRA

VILA VELHA REVISITADA



56462

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

1992

Dissertação apresentada à Universidade de
Évora para a obtenção do grau de Doutor em
Sociologia da Cultura e da Comunicação

A reprodução desta dissertação foi apoiada financeiramente
pelo Instituto Nacional de Investigação Científica.

AGRADECIMENTOS

Sem desejar explorar a formalidade do agradecimento generalizado, algumas palavras de gratidão se impõem, dirigidas àqueles que directa ou indirectamente, possibilitaram, facilitaram e ajudaram na construção deste trabalho. Não quero, todavia, apenas cumprir o ritual: a minha gratidão, necessariamente desigual, é personalizada.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, Professor Doutor Joaquim Manuel Nazareth, pela liberdade intelectual que me concedeu, pelos conselhos que me dirigiu e pelos ensinamentos que me transmitiu.

Ao Professor Augusto da Silva, responsável pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, pela compreensão e abertura manifestadas durante a execução do presente trabalho, pelo empenhamento com que me facilitou as tarefas docentes e pelos conselhos de mestre que me transmitiu.

Ao Magnífico Reitor da Universidade de Évora, Professor Doutor António dos Santos Júnior, por me ter facilitado a instalação em Vila Velha, colocando à minha disposição a residência de apoio que a Universidade possui na vila.

Aos Exmos. Senhores Joaquim Bandeira (da Herdade do Esporão) e Joaquim Espada (da Metalúrgica

de Évora) pelo apoio concedido, numa visão avançada da função empresarial.

Cabe aqui uma palavra de apreço e reconhecimento à Professora Doutora Denise Lawrence, da Universidade do Sul da Califórnia, ao Professor Doutor Georges Augustins, da Universidade de Paris X, e ao Professor Doutor Brian Juan O'Neill, do ISCTE (Lisboa) pelas sugestões, incentivos e envolvimento no meu projecto vila-velhense, na condição de mestres, colegas e amigos.

Ainda uma referência de gratidão ao colega e particular amigo Dr. Silvério da Rocha e Cunha, pelas intermináveis horas de diálogo frutuoso e encorajador, pela perspicácia e sentido lógico das suas observações e pelo companheirismo saudável de quem percorre os mesmos caminhos da vida académica.

A outro nível, não posso deixar de manifestar os meus agradecimentos àqueles que, no terreno, tornaram mais fáceis as minhas tarefas de integração. Estão nesse caso o bom amigo Sr. Francisco Palma Pisco, a dra. Paula Amendoeira e o arquitecto Jorge Cruz, ao qual estou duplamente reconhecido por ter elaborado os desenhos que ilustram o texto.

Seria injusto não referir a maioria da população de Vila Velha, que me acolheu como seu conterrâneo, me tratou com hospitalidade e respeito, me ofereceu o privilégio da amizade e da solidariedade e me con-

siderou como um verdadeiro habitante da terra. No entanto, estabeleci com alguns residentes ou naturais da vila e freguesia uma relação muito especial de amizade e vizinhança; são os casos de José Vilares Gonçalves, António José Ferreira, António José Moraes, José António Galhanas e Lucília Marcão, Francisco e Cândida Correia Segurado, Francisco e Josefina Torres, João e Antónia Carnaças, Gertrudes Patanita, Inácio Marcão, Isidoro e Isabel Pinto, Vítor Oliveira, Francisco Dias, Teodora Silva, Martinho Garcia, António Neves, Luísa e Arlindo Gato, dra. Maria Alice Ilhéu e José Carlos Godinho. Foram eles os informantes-chave que permitiram o bom êxito das minhas tarefas de investigação. Que me seja relevada a falta na omissão de algum nome, mas desejo ainda agradecer a todos os sócios fundadores e membros dos corpos gerentes da Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha, instituição que ajudei a criar e desenvolver.

Uma referência à Sra. D. Fernandina Fernandes pela competência e disponibilidade que sempre colocou no processamento do texto.

Finalmente, uma palavra de apreço a minha mulher e meus filhos: eles souberam aceitar as minhas angústias e indisponibilidades; entenderam as minhas ausências e distanciamento; para além disso, tiveram força para me apoiar e motivar, e viveram comigo as pequenas alegrias e tristezas de um quotidiano vivido em "telegamia".

PLANO ESQUEMÁTICO

NOTA INTRODUTÓRIA

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I - A PROBLEMÁTICA

CAPÍTULO II - O CONTEXTO

CAPÍTULO III - A VIDA QUOTIDIANA EM VILA VELHA

CAPÍTULO IV - MECANISMOS DA SOCIALIZAÇÃO

CAPÍTULO V - A FAMÍLIA

CAPÍTULO VI - TRADIÇÃO, MUDANÇA E TURISMO

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO

DIÁRIO ETNOGRÁFICO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ANEXOS

BIBLIOGRAFIA

Pessoalmente julgo que existe pelo menos um problema... que interessa a todos os homens que pensam: o problema de compreender o mundo, nós mesmos e o nosso conhecimento enquanto parte do mundo.

Karl Popper

Existem talvez hoje outros conhecimentos a adquirir, outras interrogações a formular, partindo, não daquilo que os outros souberam, mas daquilo que ignoraram.

Serge Moscovici

Neste texto, passo do eu ao nós, do nós ao eu. O eu não é pretensão, é tomada de responsabilidade do discurso. O nós não é majestade, é companheirismo imaginário com o leitor.

Edgar Morin

NOTA INTRODUTÓRIA

A Etnografia que se segue corresponde a um trabalho de investigação que concebe a noção etnográfica no sentido da construção do texto antropológico, numa perspectiva actualizada pelas correntes pós-modernistas.

Os Proprietários da Sombra. Vila Velha Revisitada não deixa de ser, todavia, uma monografia antropológica que, sem abandonar a matriz da investigação e do conhecimento etnológico tradicionais (ou seja, clássicos e habituais), envereda por alguns caminhos inovadores que a "fermentação" antropológica em final do século XX tem vindo a produzir.

O objectivo do presente estudo apresenta-se sob uma tríplice perspectiva: Elaborar o reestudo de uma comunidade; analisar a vida quotidiana de uma pequena vila rural do Alentejo; identificar e interpretar os mecanismos mais significativos da prática das relações de sociabilidade. Paralelamente, focam-se aspectos relacionados com a mudança social, a nível da família, do contacto urbano e do fenómeno turístico, em abordagens que poderão servir de referência comparativa em relação a outras comunidades semelhantes.

Numa perspectiva dialógica, a monografia inicial articula-se com um diário etnográfico que

constitui a segunda parte do trabalho e funciona como uma referência legitimadora da prática no terreno.

O cariz descriptivo do texto não rejeita a necessidade analítica de compreender os *habitus* geradores das condutas individuais e grupais:

- Como se processa a vivência quotidiana numa comunidade que, apesar de em vias de extinção, é objecto de um fluxo turístico crescente?
- Até que ponto o declínio demográfico afecta as práticas da sociabilidade? Como se processa a gestão dos sentimentos de competição e inveja, agressividade e controle social, coesão e solidariedade?
- Como é que as pessoas cooperam com a rotina, uma vez que o exótico é mais fácil de descobrir que o lugar comum?
- Que tipos de intervenção social encarados no processo de tomada de decisões do poder político local podem obstar à morte da dinâmica social de comunidades como Vila Velha?
- Como é possível traduzir e descodificar os elementos culturais de uma comunidade através da construção de um texto?

Metodologicamente, foi utilizada a técnica por excelência do trabalho de campo antropológico, a observação-participante, partindo do princípio que a metodologia seguida resultou de um compromisso tácito

com os habitantes: viver prolongadamente na vila é fazer parte dela.

O antropólogo não se limita a fazer observação, ele também participa. A participação activa permite-lhe experienciar actividades directamente, captar a essência dos acontecimentos e registar as suas próprias percepções. Todos os seres humanos actuam como participantes vulgares em muitas situações sociais; mas o observador-participante rege-se por determinados princípios e tem em mente objectivos definidos. Existe para o etnógrafo um propósito dualista na observação-participante: "envolver-se em actividades apropriadas à situação e observar as pessoas, as actividades e os aspectos físicos da situação" (Spradley 1980: 54). Por outro lado, o antropólogo deve desenvolver a sua atenção selectiva no sentido de aumentar a consciência explícita dos factos sociais que observa e em que participa, de tal modo que as próprias trivialidades possam ser captadas e seleccionadas. "Fazer trabalho de campo envolve alternadamente ou simultaneamente a situação de actor e espectador" (Spradley 1980: 57). Acrescente-se que a introspecção é uma atitude mental absolutamente necessária à observação - participante. Finalmente, o antropólogo precisa de registrar as suas observações, objectivas ou subjectivas. A observação-participante, imagem de marca da Antropologia pós-malinowskiana, "significa um envolvimento nosacon-

tecimentos que decorrem, significa que estamos por dentro deles. Bruce Nickerson (1983) estudou o trabalho fabril conseguindo um emprego numa fábrica; William Foote Whyte (1943) foi residir para a comunidade que escolheu estudar" (Jackson 1987: 63).

O relato da investigação realizada está dividido em duas Partes. A primeira desenrola-se a partir da presente Nota Introdutória e é composta por seis capítulos. O Capítulo I - **A Problemática** introduz-nos as questões fundamentais do ponto de vista teórico; o Capítulo II - **O Contexto** situa e define o objecto de estudo. O Capítulo III descreve e analisa os tópicos mais significativos do decorrer diário da vida comunitária de Vila Velha, tendo por título **A Vida Quotidiana em Vila Velha**. No Capítulo IV - **Mecanismos da Sociabilidade**, abordam-se os instrumentos considerados mais relevantes da prática das relações sociais. O Capítulo seguinte - **A Família** - analisa alguns aspectos da vida familiar da colectividade, enquanto que o Capítulo VI foca a temática da **Tradição, Mudança Social e Turismo**.

A Segunda Parte inicia-se com uma breve introdução de carácter teórico ao respectivo corpo principal, que é constituído pelo **Diário Etnográfico**, instrumento de legitimação da pesquisa antropológica. Colocado perante a alternativa de situar o Diário em anexo, entendi por bem dar-lhe o lugar que lhe compete no contexto do trabalho ora apresentado. Remeter o Diário

Etnográfico para anexo era outorgar-lhe uma posição secundária e periférica que ele não possui, nem desejo que possua. O Diário é parte integrante e documento fundamental da investigação e do relato.

O trabalho termina com as Considerações Finais, texto que coloca em destaque os tópicos mais relevantes do estudo realizado e se consubstancia num espaço de reflexão.

PRIMEIRA PARTE



Figura 1 - Vila Velha. Rua de Santiago

"Os ricos até queriam fechar a Porta da Vila!"

Desabafo dum habitante

CAPÍTULO I - A PROBLEMÁTICA

a) Introdução

O presente trabalho foca a vivência quotidiana numa pequena vila da região alentejana, em perspectiva antropológica. Trata-se de Vila Velha¹, sede de uma freguesia rural do Alto Alentejo, já anteriormente objecto de um estudo de Antropologia Social. Pretendo com a minha investigação focar alguns aspectos essenciais do dia a dia social da freguesia e nomeadamente da sua sede, numa abordagem que tem como ponto de referência a obra do Professor José Cutileiro *Ricos e Pobres no Alentejo. Uma sociedade rural portuguesa* (1977).

Passados mais de vinte anos sobre o trabalho de campo do referido autor, naturalmente que alguma ou muita coisa mudou, mas não é o processo de mudança o tópico principal do meu trabalho.

Numa comunidade ancestralmente marcada por desigualdades sociais, é óbvio que os grandes acontecimentos ocorridos na sociedade portuguesa nas últimas três décadas alteraram tal realidade, perpetuam-na e/ou mascaram-na. Todavia, aqui, ninguém diz: "somos todos iguais".

A desigualdade, tradicionalmente acei-

(1) Pseudônimo da autoria de José Cutileiro, que retomo.

te e assumida em Vila Velha, foi profunda e marcante, e não se trata aqui de um processo de reificação, tão caro aos antropólogos europeistas perseguidores de comunidades igualitárias. Cutileiro, nesse aspecto, traduziu com rigor e oportunidade as hierarquias e diferenças e não me move a intenção de testar fenómenos ocorridos há dezenas de anos.

Por outro lado, não vou embarcar na armadilha fácil de, seguindo página a página a obra de Cutileiro, comparar no tempo a mudança ocorrida nas pessoas e instituições. Há mudanças óbvias que não me seduzem, o modelo "mediterrânico" seguido por Cutileiro teve a sua época e não me cativa a hipótese de constatar evidências que outros já testaram, e bem. Nem Cutileiro é Redford, nem pretendo ser Oscar Lewis, salvaguardadas as devidas distâncias, no que me diz respeito, note-se. Não deixarei, todavia, de referir aquilo que considero os vectores ou os factores do processo de mudança, em capítulo próprio. Além disso, concluir que algo, muita coisa, ou tudo mudou passados vinte e cinco anos, numa sociedade cada vez menos fechada a influências exteriores, seria demasiado óbvio e inócuo em termos científicos ou práticos. Se nada tivesse mudado, não valeria a pena o esforço, bastava ler a monografia de Cutileiro...

A pesquisa debruça-se selectivamente sobre alguns aspectos essenciais da vida social da cole-

tividade, abandonando de vez a ambição desmedida de um certo discurso antropológico que utiliza a bandeira do holismo e da visão totalizante. Isso não significa que no intrincado labirinto da vida da comunidade se não tentem percorrer as diversas vias da mesma realidade, que é como quem diz, mostrar dos fenómenos a sua necessária interligação. O enfoque do meu trabalho visa a vida quotidiana numa povoação de menos de duzentos habitantes, abordando justamente os momentos determinantes das relações sociais na comunidade, a sociabilidade e o equilíbrio, por vezes instável, da vivência local.

Os Proprietários da Sombra. Vila Velha Revisitada não é um estudo em amplitude; parafraseando Caroline Brettell (1991: 30) quando se refere a Santa Eulália, este estudo pretende sé-lo em profundidade, preocupação natural e obrigatória dos antropólogos, seleccionando, logicamente, os tópicos que o observador considerou mais relevantes ou significativos.

Antes de referir as questões metodológicas que informam e permitiram a presente pesquisa, gostaria de tecer algumas considerações que ajudarão, certamente, a entender e a situar antropoliticamente o trabalho a que me propus. Entretanto, não me repugna a designação de "pesquisa de urgência", referida a "situações ou fenómenos ameaçados de alteração drástica ou de extinção; a civilização que se vai modificar pelo contacto de culturas, o rito ou a tradição que se vão esque-

cendo, a povoação que irá ser destruída; mas também a situação única que importa registar..." (Rocha-Trindade 1988: 1150).

Não é difícil conceber um modelo mediterrânico, já "clássico", de pesquisa etnográfica. Um conjunto de estudos de índole antropológica, trabalhos de campo conducentes a doutoramentos e outras investigações povoam a bibliografia da especialidade, fazendo, aqui e além, incursões na área da História, da Sociologia, da Economia, da Demografia. Um estudo pioneiro é *The People of the Sierra* (Pitt-Rivers 1954). Mas, em cadeia e seguindo a matriz deste autor, outros se lhe seguiram: *Village in the Vaucluse* (Wylie 1957), *Honour, Family and Patronage* (Campbell 1964), *Belmonte de los Caballeros* (Lison-Tolosana 1966), *A Portuguese Rural Society* (Cutileiro 1971), *Land and Family in a South Italian Town* (Davis 1973), etc.

O livro de José Cutileiro, considerado um dos mais importantes estudos de Antropologia Social (política) escritos em Portugal, merece honras de referência especial, no enquadramento do trabalho que realizei em Vila Velha.

Na Introdução, o autor faz uma incursão no terreno-objecto de estudo, delimitando-o, foca aspectos físicos e naturais da terra e do clima, desde a qualidade dos solos à pluviosidade, e aborda momentos da

evolução demográfica da freguesia. Começa por identificar os grupos sociais, envereda por algumas referências históricas e introduz a problemática da posse da terra e do tipo de agricultura, antes de iniciar um aprofundamento temático nas cinco partes que se seguem e em que a obra está sistematizada.

Ao iniciar a Primeira Parte, o autor é peremptório: "A posse da terra constitui a pedra angular da estratificação social de Vila Velha" (Cutileiro 1977: 15). A partir deste pressuposto (e desta evidência), Cutileiro explica o despontar do sistema de posse fundiária, dá ênfase à importância da cultura cerealífera, especialmente do trigo, e fundamenta as suas afirmações e análises em diversos dados históricos. Depois de abordar a temática do valor e da desigual distribuição da terra, o autor atinge um ponto crucial da sua obra ao analisar o tópico **grupos sociais**. Com rigor, profundidade e perspicácia, define e analisa os latifundiários, proprietários, seareiros e trabalhadores rurais, e continua a descrição referenciando as crises e conflitos nos campos de Vila Velha e Vila Nova².

A Segunda Parte é dedicada à Família. Inicia pela descrição do namoro o processo que conduz ao casamento e às relações e condutas de parentesco, a nível

(2) Vila Nova foi o pseudónimo atribuído por José Cutileiro à sede concelhia; também o não modifiquei.

de marido e mulher, pais e filhos, as posições relativas destes face ao trabalho e à posse da terra. Seguidamente, aborda a temática da herança, introduzindo o papel desempenhado por irmãos e cunhados, quando as heranças são conflituosas. Cutileiro refere, a seguir, a fraqueza dos laços de parentesco fora da família nuclear, mas afirma que o "aproveitamento dos laços de parentesco como meio de identificação relaciona-se... com o nível económico e está sujeito a manipulação" (Cutileiro 1977: 175). O autor termina esta parte tecendo considerações sobre os vários tipos e *nuances* do conceito de vizinhança, necessariamente diferente para os diversos grupos sociais e analisa a temática do adultério, tratada por Cutileiro de maneira aprofundada e obsessiva.

A Terceira Parte é dedicada à estrutura política vigente na vila, na freguesia e no concelho. Descreve os diversos órgãos do poder, os organismos parapolíticos e os subtils mecanismos salazaristas na perspectiva da lei e da ordem vigentes durante a ditadura do Estado Novo.

A Quarta Parte trata do conceito de patrocinato, com as suas implicações a nível da dependência económica, social e moral, face às estruturas hierarquizantes e diferenciadoras da sociedade de Vila Velha e Vila Nova. No sub-capítulo "Patrocinato e Controlo Social", Cutileiro insiste na temática do adultério.

Na Quinta Parte, sob o título "Reli-

gião", o autor historia a decadência ou fraqueza da prática religiosa, a miscelânea do sagrado e do profano, a importância de alguns sacramentos e a indiferença religiosa da maioria da população, à exceção de um restrito grupo de mulheres idosas. Nesta parte, Cutileiro dedica ainda várias páginas a temas como "Padres, Santos, Velhas e Mau Olhado", concluindo por associar as crenças e práticas religiosas ao patrocínio.

No Epílogo que se segue, o autor põe em relevo, à laia de conclusão e síntese, alguns dos aspectos mais relevantes descritos ao longo do livro. Seguem-se alguns Apêndices com informações demográficas, agrícolas e laborais.

Finalmente, o Posfácio à edição portuguesa é um conjunto de vinte páginas, produzido em Londres em 1977, que parece uma de duas coisas: que foi escrito por outro autor ou que não tem nada a ver com a obra produzida. Penso que a ciência não lucrou nada com tal arrazoado, tão dispar e inoportuno é ele em relação ao corpo do trabalho... Talvez ele profetizasse o abandono da Antropologia por parte do Professor José Cutileiro que veio a abraçar a carreira diplomática. Não sei se a Diplomacia ganhou um valor, mas sei que a Antropologia Portuguesa perdeu certamente um dos seus representantes mais competentes, inteligentes e perspicazes.

A tendência para o estudo das socie-

dades complexas da regiões envolventes do Mediterrâneo foi crescente, de tal modo que justificou um estudo comparativo de Antropologia Social, *People of the Mediterranean* (Davis 1977). Foi a época mítica da "fatalidade da honra e vergonha" confinada a um espaço geográfico. Nem a honra e vergonha são um estigma generalizado das populações mediterrânicas, nem o espaço mediterrânico é hoje uma unidade de estudo apenas por ser um conjunto geográfico de continuidade e suposta homogeneidade.

People of the Mediterranean é um estudo de cariz comparativo, publicado pelo Professor John Davis, em 1977, e que faz o balanço e análise de alguns trabalhos etnográficos efectuados na área geográfica do Mediterrâneo, nos trinta anos anteriores à sua publicação. Segundo este autor, o carácter distintivo da Antropologia mediterrânica advém de uma série de factores: o interesse pioneiro de alguns autores de nomeada por esta zona geográfica (Maine, Fustel de Coulanges, Frazer, Durkheim, Westermarck e outros); a acessibilidade de informação variada da literatura, da documentação histórica, arqueológica e legal; a influência que os trabalhos antropológicos exerceram nas populações mediterrânicas; o facto de a região mediterrânea cedo se ter tornado um verdadeiro laboratório de Antropologia Social; não sendo uma zona de dominação colonial permitiu estudos sobre as lutas pelas independências nacionais e sobre a formação e criação de estados-nações.

Por um lado, Davis considera que a existência de instituições análogas numa zona considerada homogénea e, por outro lado, "as diferenciações e variedades marcantes a nível das instituições políticas locais, do patrocinato, corporativismo e patrimonialismo tornaram a antropologia do Mediterrâneo tão promissora" (Davis 1977: 4).

Este autor considera, ainda, haver uma lacuna nos estudos antropológicos do Mediterrâneo e por isso tomou a decisão de realizar o citado estudo comparativo. Um outro aspecto considerado menor na investigação etnográfica do Mediterrâneo, referido por Davis, é a falta de perspectiva histórica.

Permito-me discordar duplamente de Davis. Apesar da vocação comparativista da Antropologia, nem sempre as amostras (ou seja, as comunidades) são comparáveis, dado seu carácter singular; por outro lado, basta apenas ler as obras de Carmelo Lison-Tolosana e José Cutileiro (que Davis analisa) para verificarmos como estes autores souberam utilizar a componente histórica para a compreensão dos "presentes" que estudaram.

O autor em causa considera que "existem três formas principais de estratificação que foram observadas no Mediterrâneo: burocracia, classe e honra. Cada uma delas está relacionada com a distribuição da riqueza, mais ou menos directamente" (Davis 1977: 76).

Para além disso, cada uma daquelas formas de estratificação acaba por estar associada com um determinado modo de representação política: os direitos dos cidadãos, a luta de classes e o patrocínio.

Para Davis, honra e classe estão intimamente ligadas ao controle individual dos recursos; acrescentarei: ao controle grupal dos recursos. A honra é um atributo moral que deriva da representação de certos papéis e que, como Cutileiro referiu, está associada à posse de recursos; de facto, é mais fácil desempenhar certos papéis se as condições económicas forem mais benéficas.

Contrariamente ao que se poderia supor, a honra pode não estar directamente associada às relações sexuais; ela estará, nas sociedades mediterrânicas, primariamente associada à capacidade para proteger as mulheres (esposas, irmãs ou filhas), à capacidade para prover ao sustento da família, à capacidade para cumprir os compromissos assumidos. Para além do seu carácter absolutamente hierarquizante, a honra é de natureza local - um estranho é um ignorante dos parâmetros da honra.

Gostaria de focar outro conceito tão caro aos mediterranistas: o de vergonha. Enquanto a honra se enquadra na esfera dos princípios, da moral, "ter vergonha" inclui-se na esfera da prática social. É uma atitude de contenção (ou de ruptura) com as matrizes e princípios do comportamento grupal ou comunitário. Em Vila

Velha, há trinta anos, um homem sem vergonha era comparado a uma criança; um homem sem honra não era categoricamente homem. Naturalmente que os tempos mudaram e com eles os valores axiológicos pelos quais as pequenas comunidades rurais regiam os seus comportamentos e posturas.

A obsessão mediterranista da "honra e vergonha" não é um enfoque do meu trabalho sobre o quotidiano de Vila Velha, apesar de algumas interiorizações residuais pontuarem a conduta dos mais velhos (ver página 322 - história do vento, da água e da vergonha).

Tal facto, não significa que Vila Velha não possua valores de referência; todavia eles dividiram-se ou evoluíram na redução das hierarquias, através do contacto urbano, na eliminação da miséria, na transmutação do patrocinato, na redução da dependência económica e moral.

Foi Evans-Pritchard que, na sua controvertida oração de sapiência *Marret*, em 1950, lançou as pistas para a orientação mediterrânica dos seus discípulos e seguidores da Universidade de Oxford, considerando o Mediterrâneo um grande pólo produtor de História. O mestre inglês deu aos seus estudantes indicações precisas: "que não olhassem para as leis, mas para padrões significativos; aconselhou-os a ler literatura e história... (Davis 1975: 242).

De facto, "Com a ajuda da tradição oral e de tais documentos escritos, (o antropólogo) é capaz de enriquecer a sua interpretação das instituições, mostrando quando e como elas surgiram e como se afirmam na vida moderna" (Schapera 1962: 154).

Naturalmente que surgiu uma pléiade de antropólogos mediterranistas: Pitt-Rivers, Stirling, Kenny, Boissevain, Carmelo Lison-Tolosona, Wylie, Cutileiro, Blok, Lawrence, Brandes e outros, que podemos considerar os seguidores das orientações originadas em Oxford.

Creio que o interesse etnográfico pelo Mediterrâneo deve muito ao trabalho ímpar de um grande historiador do nosso século: Fernand Braudel. De facto, a sua tese, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, publicada pela primeira vez em 1947, pela abordagem que faz da história, em estreita ligação com a geografia, o social e o económico, marca uma época nova para as ciências sociais, apresentando o grande espaço de influência do Mediterrâneo numa perspectiva multifacetada, na sua unidade e diversidade.

Directa ou indirectamente, os antropólogos europeístas acabaram por ser influenciados pela valiosa obra do grande mestre francês e o enorme espaço de influência mediterrânica tornou-se objecto de estudo para toda uma geração de antropólogos francamente obcecados

pelo "furor analítico sobre os conceitos de honra e vergonha" (O'Neill 1984: 28). Este autor afirma que as pretensas e frustadas relações de igualdade entre povos montanhosos deslocou o interesse dos antropólogos "para uma preocupação com a comunidade aldeã como parte integrante de um sistema nacional mais amplo; ecos deste novo interesse podem ser encontrados nos estudos dos antropólogos britânicos sobre as relações de patrocínio na área do Mediterrâneo" (O'Neill 1984: 30). Mas, "O Mito antropológico do Mediterrâneo está pelas horas da morte" (Cabral 1988: 832).

O próprio Julian Pitt-Rivers ao escrever, em 1983, o Prefácio da edição francesa do seu livro *The Fate of Shechem or The Politics of Sex, Essays in the Anthropology of the Mediterranean* (1977) cujo título em francês é, curiosa e significativamente *L'Anthropologie de L'Honneur* afirma:

"Quando este livro foi publicado em inglês, há cinco anos, fui criticado, e não sem razões, por ter utilizado a noção de cultura mediterrânea, de maneira a deixar entender que existe uma região em volta deste mar onde a cultura é homogénea. Ora é evidente que esse não é o caso: a variedade de línguas, escritas, músicas, religiões, crenças, formas de organização social é imensa. Foi apenas no domínio do parentesco que detectámos uma certa unidade de base e em que se manifesta

"o contraste mais impressionante com o resto do mundo" (Pitt-Rivers 1983: 13).

Mas o mesmo autor não deixa de acrescentar ao referir-se à unidade do espaço mediterrânico: "É pois ao nível de um mito de origem comum, a Génese, e nos valores familiares e nos pressupostos relativos à conduta íntima, como os que dão lugar à concepção de honra, que a unidade se situa" (Pitt-Rivers 1983: 14).

O Alentejo, porém, não tem sido terreno preferido dos antropólogos. À parte Cutileiro, mal se conhecem dois ou três trabalhos etnográficos que mereceriam a tradução portuguesa.

A tese de doutoramento de Denise Lawrence (1978) situa-se numa vila do Alto Alentejo e o trabalho não foi divulgado; a tese de mestrado de Sandra McAdam Clark (1980) também não existe em Português e parece-me ultrapassada porque foi produzida num momento eufórico em que a militância política dava da realidade visões românticas, hoje objecto de complacência e/ou do ridículo. Fialho Pinto trabalhou (1984/86) sobre mudança em Alqueva, aldeia do Alentejo; uma antropóloga americana investiga actualmente uma povoação da costa alentejana, e Virginie Lafont efectua, há vários anos, pesquisa numa aldeia raiana do Baixo Alentejo.

O trabalho de José Pires Gonçalves -

*Vila Velha e o Seu Termo, Ensaio Monográfico*³, publicado em 1961/2 , tornou-se um clássico sobre a vetusta vila e área envolvente. A obra de Pires Gonçalves é o documento mais completo sobre a história e arqueologia de Vila Velha.

Tal como muitos investigadores da área das ciências sociais e históricas, Pires Gonçalves foi médico de formação, mas apaixonou-se pela vila medieval. Espírito culto e multifacetado, o Dr. Pires Gonçalves fez, aqui e além, incursões nas áreas da história económica e social e, pela sua escrita fluente e rendilhada, foi o verdadeiro narrador dos acontecimentos do passado de Vila Velha. Se um ou outro aspecto das suas pesquisas não assentam em dados factuais e são objecto de conjecturas, essa lacuna é perfeitamente superada pela sua paixão, probidade, estatura intelectual e trabalho incansável e persistente. Os seus escritos influenciaram todos os que posteriormente vieram a trabalhar sobre Vila Velha. Ainda não lhe foi prestada a homenagem completa, já que a sua obra dispersa (e esgotada) justifica, e merece, reedição divulgadora.

O trabalho de Manuela Rocha - *Propriedade e Níveis de Riqueza: Estruturação Social em Vila*

(3) Em todas as obras em que o nome real de Vila Velha surge, é substituído pelo pseudónimo escolhido. Não se trata de violar a autoria alheia, mas de seguir coerentemente o princípio antropológico de respeitar as comunidades estudadas.

Velha na primeira metade do século XIX - analisa o concelho de Vila Velha, na perspectiva das formas de repartição da propriedade e respectiva distribuição social. Por outro lado, a autora tenta identificar os elementos que se distinguem no controle da propriedade fundiária e aborda a problemática do acesso à posse da terra no conjunto da população concelhia. Nesse sentido, a Dra. Manuela Rocha estabelece o quadro anterior à penetração dos reflexos da desamortização e repartição dos baldios e enquadra a distribuição das fortunas com a análise da respectiva composição.

Trata-se de uma investigação de grande fôlego e da maior profundidade que nos proporciona uma visão exaustiva da história económica e social de Vila Velha do século passado, ajudando-nos na compreensão do presente e passado próximos. Estudo muito bem fundamentado teoricamente e com uma recolha exaustiva de dados, ele é um documento de grande rigor e valor analítico, achega imprescindível para a compreensão da história da sociedade alentejana do século XIX.

Foi dada à estampa recentemente (1991) uma obra sobre Vila Velha, datada de 1989, dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico, intitulada *Vila Velha e o seu Termo. Plano de Salvaguarda / Uma Estratégia de Desenvolvimento*, da autoria de João Rosado Correia. Não teria cabimento referi-la, se a temática abordada se cingisse à especificidade do título. Mas como o

autor, natural e legitimamente, assume uma intenção interdisciplinar em que a componente cultural/etnográfica/antropológica é repetida à saciedade, eis a principal razão do meu comentário. O antropólogo deve estar atento a tudo o que se publica sobre o seu objecto de estudo e não faria sentido, pelo menos para matar a curiosidade, ignorar um trabalho académico sobre a mesma comunidade e zona envolvente.

Na I Parte, Rosado Correia escreve sobre "Vila Velha e seu termo: dimensão natural e perspectiva histórica", alargando-se por nove capítulos e 125 páginas a 3 colunas que, afora dezenas de fotografias sem autores e sem numeração, mapas, quadros e gráficos, e uns comentários menores, reflectem em síntese os estudos de José Pires Gonçalves, José Cutileiro, Maria Manuela Rocha e outros. Penso até que esta autora nunca suporia que a sua brilhante tese de Mestrado poderia servir de suporte basilar a uma tese de doutoramento em Planeamento Urbano, de maneira tão ligeira. Mas Cutileiro não terá menores razões de espanto.

A II Parte tem por título "O Arquitecto e o Património" e desenvolve-se por 6 páginas a três colunas e algumas figuras.

A III Parte chama-se "Proposta", abrange 45 páginas a três colunas, enxameadas de cartas, plantas e alçados actuais, pelo que não se adivinha a nature-

za da proposta, apesar de o autor intitular uma coluna com "Vila Velha e o seu Termo: Laboratório Mediterrâneo"; subtitular outra com "A Fundação da Orada: Agente da Mudança"; designar uma terceira coluna por "A Barragem de Alqueva: A nova realidade" e, finalmente concluir com "Vila Velha e seu Termo: Património Mundial".

É visível e notório o desequilíbrio do trabalho e a sistematização incoerente. Quanto à II e III partes não desejo emitir opinião por escassez do seu conteúdo, teorização ou argumentação científica e por não serem áreas do meu ofício.

Acredito que o autor seja uma pessoa bem intencionada, mas a primeira parte do estudo (80% do volume) não traz nada de novo à ciência, à antropologia, à história económica e social, à ecologia. Trata-se de um amontoado de citações e de pontos de vista de outros autores (nomeados ou não) que demonstram que o autor não é original, não critica, não problematiza, nem entende o conceito de interdisciplinaridade. Já Edgar Morin escrevia, em 1970, no seu *Journal de Californie*, que o carácter interdisciplinar de uma obra não se atinge com o somatório de várias perspectivas supostamente científicas.

O trabalho de João Rosado Correia é uma inesperada ofensa à memória de José Pires Gonçalves: usurpa-lhe o título principal da sua monografia sobre Vila Velha, cita-o, mas omite-lhe a paternidade. Esta obra é uma pedrada (ilustrada) a Vila Velha.

Dada a escassez dos trabalhos realizados e a especificidade das temáticas abordadas, o Alentejo está por desbravar antropológicamente. Qualquer sociólogo ou antropólogo americano da década de 60 sonharia com uma Vila Velha.

Naturalmente, que o meu estudo de Vila Velha não tipifica a vasta região do Alentejo, nem a amostra é significativa. O Alentejo não é homogéneo (contrariamente ao que se afirmou durante muito tempo), o Alentejo não é uma ilha isolada, e a escassos quilómetros de distância verificam-se *nuances* diferenciadoras, elementos culturais dispareces e modos de agir, pensar e ser diferentes. Justamente que se coloca aqui a problemática micro/macro, que abordarei oportunamente.

Sem discutir as benesses do modelo mediterrânico - que evito por ultrapassado - gostaria de deixar expressas as razões determinantes que me orientaram para a escolha de Vila Velha.

Em primeiro lugar, devo referir razões de índole pessoal que se prendem com a minha condição de alentejano. São motivos mais ou menos óbvios, de ordem afectiva e sentimental, cuja evidência não valerá a pena dissecar. Sem paixões, é o estudo da "minha terra" que está em causa, ou seja, da minha própria sociedade. No entanto, e para além disso, não é indiferente que a escolha do objecto de estudo recaia sobre a própria região

de que o autor é originário. Há trinta ou quarenta anos tal atitude seria extremamente controversa e possivelmente mal aceite. Nessa altura, a pedra de toque do trabalho de campo etnográfico era o estudo do exótico, do longínquo, do "outro". Abandonar o exótico e longínquo e fazer "Antropologia em casa" não significa necessariamente "exoticizar" o ocidente.

As dificuldades metodológicas que se colocam a todas as ciências do homem adquirem especial relevo na prática antropológica. De facto, "as ciências do homem encontram-se em presença duma situação espistemológica e de problemas metodológicos que lhes são mais ou menos próprios, os quais importa examinar de perto; é que, tendo como objecto o homem nas suas inúmeras actividades e sendo elaboradas por ele nas suas actividades cognitivas, as ciências humanas encontram-se colocadas na posição particular de dependerem do homem ao mesmo tempo como sujeito e como objecto, o que levanta, escusado será dizer, uma série de questões particulares e difíceis" (Piaget 1976: 51).

Para resolver tais questões, Piaget sugere a necessidade da descentração, ela própria impregnada de dificuldades. Assim, "a fronteira entre o sujeito egocêntrico e o sujeito epistémico é tanto menos nítida quando mais o eu do observador está empenhado em fenómenos que ele deveria estudar do exterior... exactamente na medida em que o observador está "empenhado" e

atribui valores aos factos que o interessam, é levado a julgar que os conhece intuitivamente e tanto menos sente a necessidade de técnicas objectivas" (Piaget 1976: 54).

A Antropologia, que inicialmente se orientava para o estudo de sociedades estranhas ao observador, tem vindo progressivamente a perder essa "postura" a partir do momento em que fez incidir a atenção sobre a nossa própria sociedade.

A Antropologia gera, pois, uma ordem circular constituída pelas interacções entre o objecto e o sujeito do conhecimento. No entanto, "esta circularidade é, aliás de grande interesse para a epistemologia das ciências do homem, porque decorre do círculo fundamental que caracteriza as interacções do sujeito e do objecto: aquele apenas conhece este através das suas próprias actividades, mas só aprende a conhecer-se a si próprio a gindo sobre ele" (Piaget 1976: 118). Parafraseando este autor, podemos realçar a riqueza da Antropologia que, inserida no sistema das ciências constitui uma espiral infinita, cuja circularidade não é viciosa: as interacções sujeito/objecto são a essência da riqueza dialéctica do conhecimento antropológico.

Os tempos e as perspectivas mudam e hoje aceita-se como pacífico que o antropólogo que estude a sua própria sociedade não estará em posição de inferioridade. Jomo Kennyata, Jorge Dias, Peristiany, Lison-To-

losana e Cutileiro são exemplos dos últimos cinquenta anos em que se pode basear tal argumentação. Apesar de Cutileiro, inicialmente, considerar algumas desvantagens pelo facto de o antropólogo estudar a sua própria sociedade, em minha opinião fazer trabalho de campo na nossa própria sociedade, para além doutras "vantagens", poderá evitar a recente e controversa questão da dupla mediação e/ou provável contradição entre o choque possível de culturas diferentes, ou seja, de interpretações diversas.

Devo referir seguidamente, um conhecimento razoável da região, conhecimento prolongado no tempo, correspondente a um período superior a duas décadas. Depois, Vila Velha, tal como já referi, foi objecto de um estudo anterior, em 1965 e 1967, e esse trabalho funciona como um ponto de partida e elemento de referência, para quem se propõe analisar a mesma comunidade decorridas que foram mais de duas dezenas de anos. Outra das razões da escolha do local que constitui o objecto desta investigação parece embarrasar sistematicamente os antropólogos: "Macfarlane (1977) enunciou claramente os prós e contras do método de estudo de uma comunidade, debruçando-se em particular sobre o problema da delinear dos limites. Com que precisão delimitamos a comunidade que estudamos? As suas fronteiras são definidas pela arena geográfica dentro da qual se fazem os casamentos, ou dentro da qual os produtos são trocados? Agimos segundo uma divisão política ou administrativa? Ou cen-

tramo-nos no grupo de pessoas que praticam juntas os seus actos de culto? Estes critérios raramente coincidem e podem, sem dúvida, mudar ao longo do tempo" (Brettell 1991: 30). A escolha de Vila Velha não segue, rigorosamente, nenhum destes critérios, se bem que todos eles possam ter contribuído para a selecção do cenário. Vila Velha é um espaço físico com contornos perfeitamente definidos, mas não é um ponto isolado no enquadramento da freguesia, do concelho, do rio, da fronteira e da região.

Finalmente, a escolha de Vila Velha deve-se ainda a razões de ordem prática e operacional que, não sendo as mais decisivas, acabaram por contribuir para a opção e escolha dentre os cenários previamente seleccionados: proximidade geográfica, população reduzida, conhecimento anterior, facilidades de instalação.

Gostaria ainda de acrescentar que a problemática do estudo da comunidade referida não embarca em visões românticas (ou etnocêntricas) que Brian O'Neill muito justamente denuncia. Vila Velha não é uma comunidade fechada, isolada, harmoniosa, homogénea, etc. De facto, "Se não há verdadeira comunidade tendencialmente igualitária de vizinhos numa aldeia, de habitantes numa vila, de membros de uma família concreta, de papéis ideais na família abstracta, de parentes numa parentela, de fiéis numa religião ou de almas no mundo do além, então a comunidade terá de ser encontrada noutro nível mais invi-

sível e empiricamente intangível" (O'Neill 1988: 1332). Este autor acrescenta que determinadas noções aparentadas entre si como "solidariedade mecânica", "Gemeinschaft" e a microscópica "little community", objecto tanto da Antropologia como da Sociologia Rural, são a vertente que "perdura cristalizada na imagem do senso comum mantida por uma proporção alarmante de outros cientistas sociais, que afirmam que os antropólogos só estudam pequenas comunidades remotas" (O'Neill 1988: 1332). Em contrapartida, uma outra corrente situa e articula a pequena sociedade rural face a âmbitos, esferas e espaços mais alargados, extensos e abrangentes (a freguesia, o concelho, a região, o país, etc.). É a velha questão dualista do macro/micro, que se arrasta a partir de alguns conselhos conceptuais que Robert Redfield espalhou e outros seguiram, venerandos e obrigados. Como o estudo de Vila Velha, ora relatado, não segue os rigores da ortodoxia antropológica, talvez consiga transpôr a armadilha simplista da dicotomia tradicional, só muito recentemente reduzida ou eliminada. O trabalho efectuado, micro-análise por exceléncia, contempla todavia uma perspectiva que se coloca a uma escala superior, e não deixa de considerar o âmbito da sociedade envolvente. As influências exógenas estão cada vez mais presentes no quotidiano de Vila Velha, por força do fenómeno turístico, da ligação obrigatória à sede do concelho, por influência dos meios de comunicação de massas e do crescente contacto urbano.

O trabalho de campo etnográfico não rejeita, neste caso particular, a designação tendencial de micro-análise. Não há outra alternativa, para quem, como investigador isolado, se veja confrontado com fenómenos de escala superior à do indivíduo. Isso não significa, todavia, isolar o contexto físico, geográfico e cultural do objecto de estudo.

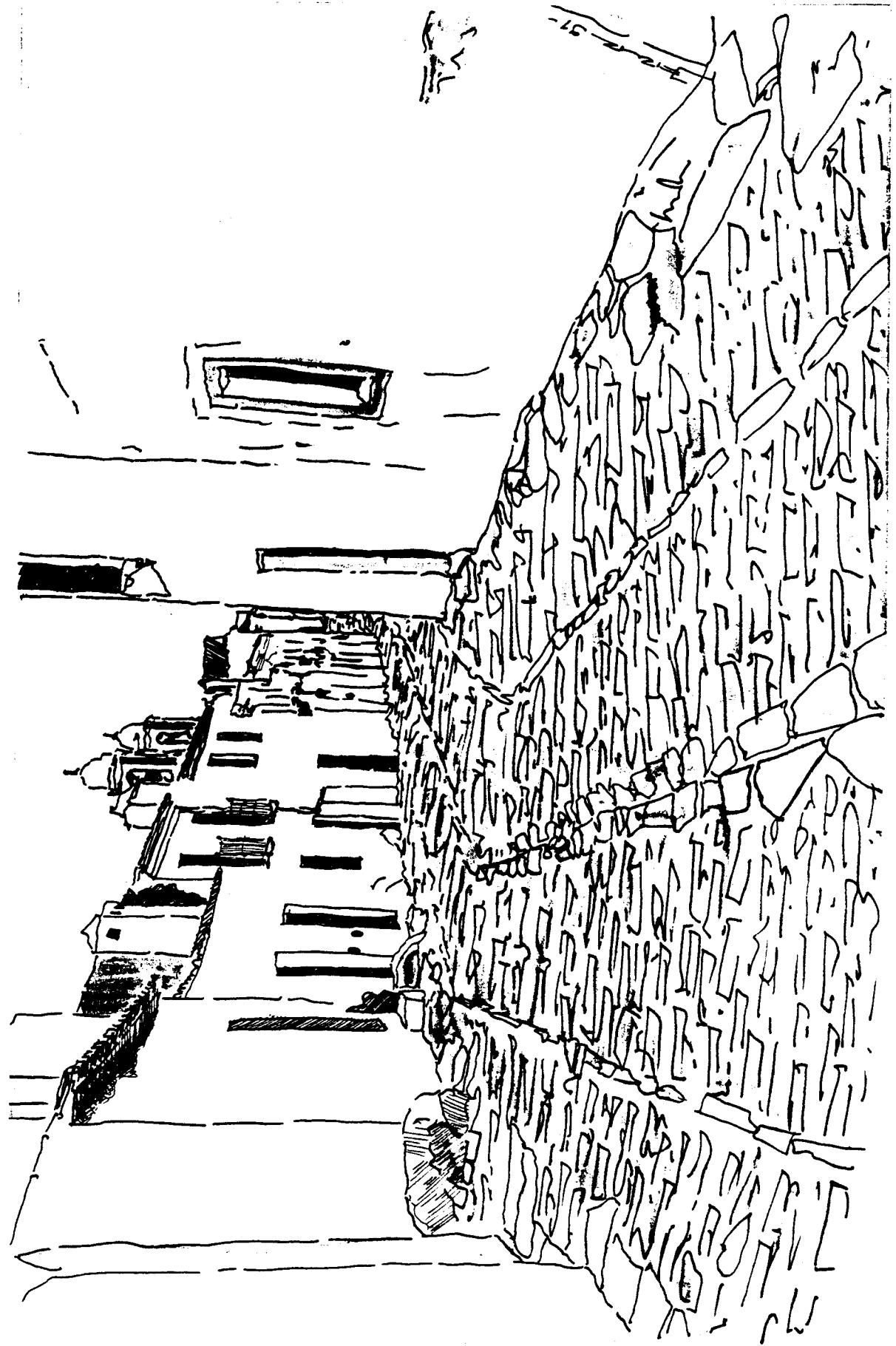


Figura 2 - Vila Velha - Rua Direita

b) Vila Velha Revisitada

Torna-se necessária uma referência às recentes orientações antropológicas que se preocupam com o reestudo de comunidades, feito pelos próprios autores ou por outros. Tendo como pano de fundo a clássica polémica entre Oscar Lewis e Robert Redfield sobre Tepoztlán, interesssa referir que tal problemática tem vindo a ser enfatizada através de alguns exemplos recentes. Laurence Wylie revisitou a região de Vaucluse dez e vinte anos depois do estudo original; Cutileiro reanalisou alguns aspectos de Vila Velha dez anos depois do seu trabalho de campo inicial; Pais de Brito reestudou Rio de Onor cerca de quarenta anos depois de Jorge Dias ter produzido a sua obra sobre a aldeia transfronteiriça. O presente projecto pretende reestudar Vila Velha "vinte e cinco anos depois"; Denise Lawrence revisita actualmente Vila Branca e o mesmo faz Brian O'Neill em relação a Fontelas. Muito recentemente (1987), Wylie realizou, novamente, pesquisa em Peyrane.

O reestudo da comunidade escolhida, tarefa prolongada no tempo, assenta na tentativa de entender o quotidiano e "desenrolar o novelo" da sociabilidade. Não se trata, porém, de reanalisar a óptica de Cutileiro; é um registo diferente aquele a que me propus.

Como já referi, em meados da década de 60, José Cutileiro efectuou em Vila Velha o trabalho de campo conducente à tese de doutoramento em Antropologia Social, que apresentou na Universidade de Oxford. A obra foi traduzida para Português e publicada com o título oportuno e eficaz de *Ricos e Pobres no Alentejo, Uma sociedade rural portuguesa*. Porque me encontro em Vila Velha, "a continuar o romance do doutor Cutileiro", (dizem os meus informantes menos esclarecidos, mas com perspicácia inesperada), eis porque me proponho às reflexões que se seguem.

O reestudo das comunidades abre novos caminhos à abordagem antropológica porque veicula perspectivas amplificadas em relação a certas questões e fenómenos: (in)valida a investigação anterior, testa a problemática da reificação, introduz uma visão diacrónica mais flexível e alargada, fomenta o processo comparativo e encara o processo de mudança.

Como já notei, também é oportuno lembrar, neste momento, a clássica controvérsia entre Robert Redfield (1930) e Oscar Lewis (1951, 1953, 1960), sobre a aldeia mexicana de Tepoztlan. Mas, este exemplo não é único. Algumas querelas posteriores vieram atiçar a fogueira da investigação em ciências sociais e do trabalho de campo etnográfico. Outros exemplos famosos são as disputas entre Margaret Mead e Fortune sobre a guerra

entre os Arapesh; as divergências entre Gartrell e Slater sobre os Nyika da Tanzânia; a polémica entre Hippler e Reser sobre os Aborígenes da Austrália e, mais recentemente, o ataque de Derek Freeman às posições de Margaret Mead sobre os habitantes de Samoa.

Foi o próprio Robert Redfield - um dos interlocutores da polémica de Tepoztlán - que colocou correctamente a questão em 1960, tal como Heider aponta: "O relato de uma pequena comunidade não é qualquer coisa que se retire duma máquina automática, introduzindo-lhe as moedas apropriadas do método e das técnicas. Não existe um relato objectivo definitivo e absoluto do todo humano. Cada relato, se ele preserva de todo as qualidades humanas, é um produto criado, no qual as qualidades humanas do criador - como observador exterior e narrador - são apenas um ingrediente" (Heider 1988: 74).

Oportunamente, Thomas Kuhn (1962), da área das ciências naturais, tinha argumentado que a pesquisa é compartilhada pelo paradigma da época em que ocorre e, outros autores vieram legitimar os enviesamentos do observador.

A Etnografia de Vila Velha por José Cutileiro é "a descrição de uma freguesia rural tradicional do Alentejo, em que as questões principais giram à volta do sistema da posse da terra, baseado numa agricultura latifundiária extensiva e na respectiva estratificação social." (Ramos 1989a: 2). Doutro modo: "Todavia,

a característica mais significativa das aldeias, foi a sua estrutura de classe altamente polarizada, oriunda da extrema desigualdade inerente à estrutura da posse da terra e ao sistema latifundiário" (Clark e O'Neill 1980: 48).

Vila Velha tem sido considerada uma comunidade apropriada para a prática do trabalho de campo, dada a exiguidade da sua população e o ambiente convidativo à reflexão, que a localização geográfica e a paisagem exercem nos investigadores. Nos últimos vinte e cinco anos a sua população ficou reduzida a metade, o que ainda facilita mais o contacto e a relação interpessoal, através da malha fina da técnica antropológica. Os tempos têm sido de mudança, a vários níveis: político, económico, social, turístico. Maria uma velha camponesa dos "tempos da miséria", costumava dizer: "Dantes, quando tinha bons dentes, não tinha pão; agora, que tenho dinheiro para comprar tudo, não tenho dentes..."

Cutileiro, médico que nunca exerceu⁴, pertencia a uma família aristocrática da região e, "não desfazendo, era boa pessoa, bêbia com a gente na taberna e o que ele gostava de cantar à alentejana com a gente!". De facto, ele conquistou os habitantes da freguesia que, até então, nunca se teriam sentado à mesma mesa com um

(4) Apesar de questões deontológicas que se podem colocar, a simbiose médico-antropólogo parece-me uma conjunção bastante apropriada para a pesquisa etnográfica. Quanto às questões éticas, elas colocam-se nos dois tipos de profissão.

doutor. Nada contra Cutileiro: ele imergiu na vivência local, apesar de, num sistema de classes rigidamente estratificado, ocupar, ele próprio, uma posição superior.

Pina Cabral coloca o problema do seguinte modo: "Devido a toda uma tradição de opressão cultural, todo e qualquer camponês ou proletário confrontado com um membro da burguesia detentora da "cultura" (um Sr. Doutor, como se diz em Portugal) experimenta uma sensação de inferioridade." (Cabral 1983: 333). A esta dualidade paternalismo/inferioridade que Pina Cabral refere, prefiro chamar-lhe a "ideologia da dependência".

Tomando em consideração a mencionada estratificação social da comunidade em estudo, é natural que a referida situação de paternalismo/inferioridade marcassem, dominasse e informasse o espírito e os comportamentos dos habitantes da vila e da freguesia face ao antropólogo da classe dominante. O que quero significar? Gostaria de dizer que, em Vila Velha, Cutileiro coligiu informação ela própria "constrangida" pelos limites e pela distância da estratificação social. Nesta linha de pensamento, e reduzidas as diferenças sociais dos anos 60, interrogo-me sobre quais os constrangimentos que condicionarão a minha própria investigação. Parodiando esta e outras questões, há quem afirme que "cada comunidade tem o antropólogo que merece..."

É, no entanto, notório, que Cutileiro

se colocou "do lado dos pobres". De facto, na sede de concelho mais próxima, Vila Nova, desde agricultores endinheirados a profissionais liberais, desde indivíduos das classes médias a intelectuais, muitos consideram Cutileiro como traidor: "Ele usou a nossa amizade e hospitalidade para dar uma imagem falsa sobre nós", afirmam. Na realidade, várias dezenas de habitantes de Vila Nova leram o livro de Cutileiro...

É pertinente colocar o problema do conhecimento que os "nativos" devem ter sobre o tipo de investigação que os antropólogos realizam. Na verdade, dos actuais habitantes de Vila Velha, três deles terão lido o livro de Cutileiro. Tenho sérias dúvidas àcerca da opinião dos vila-velhenses sobre Cutileiro, se mais pessoas tivessem conhecimento dos pontos de vista do autor sobre o adultério feminino e sobre o sistema de patrocínio na freguesia.

Cutileiro defende fortemente o conceito de patrocínio e, por outro lado, enfatiza a independência moral dos trabalhadores alentejanos. Para complicar a questão, ele considera o adultério como uma verdadeira instituição, referindo que algumas vezes era praticado sob a instigação dos próprios maridos. Em que ficamos? Onde está a independência moral dos trabalhadores alentejanos?

Entre Maio de 1978 e Janeiro de 1979, Sandra Clark, uma antropóloga inglesa, realizou trabalho

de campo em Vila Velha. Esta autora e Brian O'Neill publicaram um artigo na revista *Critique of Anthropology*, em 1980, no qual criticam a interpretação específica de Cutileiro sobre o curso da Reforma Agrária, dentro do contexto da Revolução do 25 de Abril, (baseando-se sobremaneira no posfácio à edição portuguesa de *A Portuguese Rural Society*).

Na tentativa de validar informação e eliminar contradições, tive, entretanto, oportunidade de discutir com Clara, a informante-chave de Sandra Clark, alguns aspectos menos claros da perspectiva desta antropóloga. O que se verifica é que existem diferenças de opinião entre Clark e Cutileiro e, agora, entre Clark e a sua informante; existem diferenças de opinião entre Cutileiro e os seus informantes, entre Cutileiro e eu próprio, entre mim e Clark. Como o papel dos antropólogos é reduzir ou eliminar tais discrepâncias, eis a razão porque coloco o problema.

Assim, "Gostaria de mencionar o estranho caso do empregado da Misericórdia que, de acordo com Cutileiro, usava as dependências do hospital como sua residência privada, não cumpria as receitas médicas e, de vez em quando, batia nos doentes. Sandra Clark refere esta ocorrência e chama-lhe bizarra. Também fiquei surpreendido e tentei desvendar o enigma.

Um dos meus informantes, José, afir-

mou-me: "Nunca ouvi falar disso. O homem era bom enfermeiro e vivia no hospital porque isso fazia parte do contrato."

João, outro dos meus informantes, disse-me: "Sim, senhor, é verdade. Era um mau enfermeiro e ocupava o hospital sem autorização."

Tentei ir mais além: "Mas o José disse-me que nunca ouviu nada sobre o assunto!?" "É muito simples", replicou João. "O José disse-lhe isso porque a mulher dele era amante do enfermeiro!!"

Mais tarde, vim a saber que João, ele próprio enfermeiro, tinha sido candidato ao mesmo emprego na Misericórdia.

Este exemplo paradigmático, tal como as diferentes opiniões de Cutileiro, Clark, José, João, Clara e as minhas próprias perspectivas sobre este e outros assuntos, conduzem-me fatalmente à perplexidade, à dúvida, à angústia" (Ramos 1988: 4).

Todas estas discrepâncias trazem-me à lembrança a expressão de Campbell ao afirmar que todo o conhecimento humano é presuntivo. Associando o relativismo cultural com o carácter presuntivo do conhecimento humano, devo concluir, na linha de autores como Werner e Schoepfle que devemos atribuir o mesmo peso ao conhecimento dos nativos que atribuímos ao conhecimento dos outros antropólogos e ao nosso próprio conhecimento. Assim, "O paradoxo desta situação é que toda a descrição, com-

preensão e explicação do conhecimento cultural dos nativos é baseada fundamentalmente em dois diferentes e incompletamente transmissíveis sistemas presuntivos de conhecimento - o conhecimento do etnógrafo e o conhecimento do nativo" (Werner e Schoepfle 1987: 60).

Por outro lado, uma outra hipótese se coloca, quando nos vemos confrontados com indivíduos na prática do trabalho de campo. Ela diz-nos que existe um enviesamento sistemático que tende para o etnocentrismo, durante a recolha de informação sobre um acontecimento ocorrido em dado momento, e a posterior recordação do mesmo acontecimento. Os exemplos citados anteriormente validam esta hipótese e colocam-me numa posição delicada, porque se torna difícil e árduo reduzir contradições e, porque a minha opinião é mais uma opinião. O melhor que se pode fazer é tentar compreender as razões que motivam os procedimentos, tentar descobrir as explicações que justificam esta ou aquela atitude, este ou aquele interesse e, procurar legitimar os enviesamentos.

A situação não é nova, nem original. Nos anos 50, Akira Kurosawa, um cineasta japonês, realizou um filme cujo nome (*Rashomon*) tem vindo a ser utilizado para qualificar o problema etnográfico que estou a abordar: a reprodução de versões diferentes sobre o mesmo facto.

O filme localiza-se no Japão medieval

e descreve o encontro na floresta de um bandido com um samurai e a sua mulher. "O mistério do filme advém de quatro diferentes relatos sobre o mesmo acontecimento, (um encontro sexual que pode ter sido sedução ou violação; e a morte do samurai que pode ter sido assassinato ou suicídio). Cada relato é claramente auto-explanatório, elaborado para dar credibilidade a cada relator" (Heider 1988: 73).

De facto, em julgamento, cada contador apresenta a sua verdade: o bandido, a mulher do samurai, o espírito do samurai morto, e um lenhador que acidentalmente passava na floresta. É interessante referir que, a versão do lenhador, pareceria ser aquela que traria a chave do problema, por ser a menos interessada, a mais distanciada e objectiva. Puro engano: O lenhador foi tentado pela suposta arma do crime - um machado.

A descrição kurosawiana convence-nos da verdade de cada versão. O Efeito Rashomon, adoptado pelo discurso etnográfico, leva-nos a considerar que "nas descrições etnográficas não existe necessariamente uma descrição que seja mais verdadeira que qualquer outra" (Werner e Schoepfle 1987: 149).

Naturalmente que existem mecanismos e processos para evitar situações contraditórias em pesquisas científicas que focam o mesmo objecto de estudo, os mesmos acontecimentos ou os mesmos tópicos. Em certos casos, perguntas muito simples podem ser esclarecedoras.

De facto, há situações em que "alguém está errado", para usar a expressão de Heider. Noutras situações, pode-se estar a olhar para culturas diferentes ou para segmentos diferentes da mesma cultura ou investigando a mesma cultura em épocas diferentes. Como é o olhar do etnógrafo, o seu sistema de valores, a sua orientação teórica, a sua cultura, os seus objectivos e propósitos científicos? E quando o antropólogo muda de opinião? É irrelevante uma permanência mais prologanda no terreno? Existem condições óptimas de trabalho de campo? Há antropólogos que se relacionam melhor com os seus informantes? São irrelevantes o sexo, a idade, o estado, as preferências do antropólogo quando engajado no processo de trabalho de campo?

Neste aspecto, uma postura metodológica aberta é essencial. Torna-se absolutamente necessário eliminar reducionismos que apenas afunilam a perspectiva sobre o objecto. A esse respeito, e referindo-se à Sociologia, Bourdieu alerta-nos dizendo "que a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina - etnologia, economia, história" (Bourdieu 1989: 26). Para usar uma expressão cara a

este autor francês, precisamos de nos livrar dos "cães de guarda metodológicos".

Quer o paradigma do tempo em que vivemos, quer a nossa formação científica, quer os interesses dos intervenientes, quer os contextos em que os fenómenos acontecem, quer ainda o discurso ideológico sobre a realidade, tudo isso contribui para que o Efeito Rashomon funcione como um estigma que persegue a investigação etnográfica. Desse modo, ou os fenómenos observados pelo antropólogo/etnógrafo correspondem indubitavelmente à realidade, (e são parte e função da História), ou eles existem apenas em função da percepção do etnógrafo e dos actores sociais?

c) Metodologia da Investigação

A matriz metodológica do trabalho de campo assentou, naturalmente, na observação-participante. Vivi em Vila Velha, de finais de 1987 a meados de 1991, com as interrupções normais ou inesperadas de quem tem de se afastar do sítio que se tornou o local de trabalho habitual: férias, deslocações ao estrangeiro, congressos, curtos afastamentos intencionais, obrigações familiares, trabalho docente (muito reduzido, aliás).

Gostaria de dizer que não entendo a observação-participante como o "virar nativo". Não existe observação-participante total. A expressão observação-participante, técnica ou método, de acordo com concepções mais ou menos reducionistas, é uma bandeira "mítica" da parafernália conceptual da Antropologia pós-malinowskiana. Se se levar a observação-participante até aos últimos limites, o investigador "nativiza-se", e "transforma-se o amador na coisa amada". No meu entender, para se fazer observação-participante não é preciso ir semear batatas, conduzir um tractor, partir lenha, casar com a "informante"⁵. Numa comunidade sem vocação igualitária, proceder de tal maneira seria cair no ridículo e ser

.....

(5) A palavra informante que usarei sem complexos tem a vantagem de não se confundir com informador, de conotação pejorativa. Alguns autores, principalmente americanos, têm alguns pruridos no uso de determinada terminologia. Neste caso particular, a riqueza da nossa língua ajuda-me a ultrapassar facilmente a questão.

objecto de chacota. Noutros locais nortenhos, de vocação comunitária, talvez tivesse de ser diferente. Logicamente que participei activamente em todos os acontecimentos essenciais da vida social, comunguei da trivalidade do quotidiano, fruí a festa, acompanhei funerais, frequentei assiduamente cafés, tabernas e restaurantes, fui a bai-les, aceitei convites para jantares, participei em petiscos e convívios. Além disso, calcorreei montes e vales, palmilhei a freguesia, visitei assiduamente a sede do concelho, assisti e participei em matanças, conversei longas horas com homens e mulheres, brinquei com crianças, fotografei caçadas, touradas e procissões, fiz amigos e inimigos, escrevi cartas a analfabetos, servi de guia turístico e intérprete, tirei fotografias com gente amiga, fui um dos membros fundadores duma associação local, fui bajulado, criticado, desejado e rejeitado⁶. Esses acontecimentos e outros traduzem a essência da minha vivência quotidiana em Vila Velha, informam o meu conceito e a minha prática de observação-participante e servem de suporte à orientação metodológica do meu trabalho. A acrescentar a essa postura de investigação, efectuei longas e inúmeras entrevistas, fomentei conversas e discussões, pesquisei os arquivos, censos e documentação local (da Misericórdia, da Igreja e da Junta de)

(6) Muitos antropólogos só fazem "amigos" durante o trabalho de campo. Não são, certamente, pessoas normais. O reverso da medalha, o cúmulo da frustração antropológica, está magistralmente descrito por Nigel Barley em *The Innocent Anthropologist* (1983).

Freguesia), analisei a imprensa local e regional, gravei dezenas de *cassetes* e fiz centenas de diapositivos. Vivi em Vila Velha como um habitante da terra, sem artificiais urbanos (ou sem barreiras), dada a minha origem rural, (a minha aldeia natal encontra-se a 30 Km), mas nunca perdi a posição de residente passageiro e forasteiro que optou por Vila Velha para "escrever um livro". Realizei pesquisa bibliográfica sobre a comunidade, principalmente de cariz histórico, apesar de o objecto da minha investigação ser o quotidiano actual.

A minha integração foi um processo lento, progressivo e pacífico. Ela foi conseguida no dia em que comecei a ser solicitado para participar em actividades locais e na resolução de problemas imprevistos.

Contrariamente a alguns autores que são omissos em relação à prática no terreno, assumo perfeitamente o papel que escolhi e os papéis que me couberam ou que me atribuiram como vila-velhense temporário. Evito que os vínculos afectivos não se sobreponham à função de investigador discreto, mas não defendo intransigentemente o "apagamento" total.

Desejo ainda acrescentar alguns aspectos teóricos que fundamentaram, orientaram e deram forma à minha pesquisa etnográfica e aos seus resultados. É que também utilizei como suporte metodológico do meu trabalho o diário etnográfico: simultaneamente instrumento e re-

sultado da minha investigação; cumulativamente artefacto produzido e objecto de consumo. Por isso, se justificam as considerações seguintes.

O processo antropológico encontra-se, a partir dos anos 60 do nosso século, em permanente fermentação, para utilizar a expressão feliz de Louis Sass. Este autor sintetiza de maneira admirável as preocupações de Eric Wolf, que há vários anos combate os métodos de pesquisa e descrição da Antropologia tradicional. Para Sass, que se apoia nos trabalhos de Wolf, Renato Rosaldo, Clifford Geertz, Pierre Bourdieu e outros, "uma intensa reavaliação do tema tradicional da Antropologia Cultural - e também dos seus métodos de observação e explicação - lançou-a em profundo estado de crise" (Sass 1989: 65). Este autor acrescenta todavia que, ao lado desta dúvida generalizada, existe no interior da Antropologia um enorme amadurecimento criador e uma vertiginosa excitação.

Muitos autores põem hoje em dúvida que os métodos antropológicos tradicionais possam fazer justiça à natureza caleidoscópica da realidade social. Daí que façam apelo a desdobramentos diversos que vão da história ao feminismo, da filosofia à teoria literária e à poesia. É uma postura que assumidamente segue a máxima de Clyde Kluckhohn - a Antropologia, sendo um campo interdisciplinar e litigioso, é uma licença intelectual para invadir outras áreas.

Há quem se oponha: Marvin Harris acusa as "mentes literárias", mas cai nos processos interpretativos que condena, na sua obra bastante divulgada: *Cows, Pigs, Wars and Witches* (1978).

Contrariamente, Michel Foucault, verdadeiro filósofo das ciências sociais, ataca o carácter tradicionalista das ideias rationalistas do ensino e da pesquisa. Ele e Bourdieu "consideram a ciência social não como uma busca neutra da verdade, mas como um sintoma da perversidade da consciência moderna" (Sass 1989: 69). Por outras palavras: O observador é tão prisioneiro como o observado.

Bourdieu, ao contrário de Geertz, que dá ênfase à cegueira - o que o objectivismo não vê - analisa as ilusões que assomam perante o olhar objectivador. Quando os antropólogos descrevem o nativo que segue leis culturais abstractas, muitos deles estão a cair na armadilha da reificação: essas leis são criações intelectuais do observador.

Este processo de fermentação vivificante da prática e da reflexão antropológica não fica por aqui. Abordagens recentes consideram quase impossível descrever outros povos; algumas etnografias da década de 80 focam mais o processo de trabalho de campo que as sociedades estudadas; hoje em dia, o pesquisador de campo não é mais omnisciente: ele surge como o anti-herói, o palhaço mani-

pulado pelos informantes sagazes, como observa James Clifford (1986).

A tendência mais recente concentra-se no processo da escrita etnográfica. As etnografias, verdadeiras alegorias da subjectividade, podem ser analisadas como as obras literárias, "revelando tanto sobre o intérprete e suas suposições culturais quanto sobre a sociedade sob investigação" (Sass 1989: 71).

Assim, "Escritos recentes sugerem... que o problema do conhecimento antropológico se origina mais no processo pelo qual os dados etnográficos são constituídos como tais na redacção das etnografias, (ver especialmente James Clifford 1983, 1988; Clifford e Marcus 1986; Marcus e Cushman 1982; Boon 1980; e numa posição crítica mas simpática Strathern 1987). A acusação é que as experiências inerentes ao trabalho de campo e à escrita do texto etnográfico negam validade à postura convencional do observador deslocado - o "desaparecimento" do etnógrafo como actor explícito e como activo autor de descrições sobre os outros. O problema do conhecimento antropológico, de acordo com estas críticas, reflecte rigorosamente a dinâmica e os processos interactivos envolvidos na apresentação (ou na representação) dos dados etnográficos" (Roth 1989: 555).

Apesar de Paul Roth ser crítico em relação a algumas orientações pós-modernistas, não deixa de sintetizar com rigor o posicionamento daqueles que critica

no texto que publicou na revista *Current Anthropology*. Assim, acrescenta elucidativo: "A história da etnografia, como os novos críticos a reconstruem, é uma sucessiva constituição e dissolução de 'modos de autoridade etnográfica'. James Clifford identifica três paradigmas: o modelo científico do observador-participante de que Malinowski foi pioneiro, o modelo hermenêutico/interpretativo cujo praticante mais conhecido é Clifford Geertz e um novo modelo discursivo (dialógico) representado, entre outros por Renato Rosaldo e Paul Rabinow" (Roth 1989: 556).

Em defesa do mais recente paradigma, James Clifford afirma que, para que a autoridade dos textos etnográficos seja restaurada é preciso registar as condições da sua criação. E, para tal, é preciso procurar a autenticidade da "voz" em vez das preocupações sobre os "standards" da realidade. Assim, "o ideal do paradigma dialógico é realizado quando a voz do escritor não é (obviamente) uma procuração sobre aqueles que são estudados" (Roth 1989: 556).

De facto, para esta nova etnografia a construção dos textos é a preocupação primacial: "Não mais uma dimensão marginal, ou oculta, escrever emergiu como o acto central daquilo que os antropólogos fazem, quer no terreno, quer depois" (Clifford 1986: 2).

Tyler ajuda-nos: "Moderno, modernista

e pós-modernista possuem diferentes significados para diferentes pessoas mas, neste contexto, moderno é largamente usado no sentido 'do século XX', enquanto modernista implica um ataque ao senso comum, uma atitude positiva em relação à linguagem, uma atitude negativa em relação à tradição cultural de cada um, e uma fascinação com o exótico, quer através da distorção do mundano refractado através do misticismo ou da cultura oriental ou primitiva. Pós-modernismo implica uma rejeição do programa linguístico do positivismo, uma abertura à cultura e tradição de cada um, uma apreciação do senso comum e a recusa em reduzir todas as culturas a um simples horizonte maniqueísta" (Tyler 1984: 336).

Estritamente falando, não existem autores pós-modernistas, mas somente autores com tendências pós-modernas, uma vez que as características do pós-modernismo (em Antropologia) derivam de uma atitude em relação ao discurso.

A etnografia pós-moderna pressupõe a eliminação da distância etnográfica que tem conduzido a antropologia para uma espécie de paroquialização ou folclorização. "No momento em que for possível reduzir a distância entre o antropólogo e o outro", entre "nós" e "eles", então a meta duma verdadeira antropologia humánistica pode ser atingida" (Dauforth 1982: 5).

O diário constitui para o antropólogo um instrumento por excelência para os registos de todos

os acontecimentos, (mesmo os mais insignificantes), da vida quotidiana de uma comunidade. Constitui, por outro lado, o lugar e espaço privilegiados onde o estudioso anota os seus comentários, regista as suas opiniões, transcreve as suas ideias e pensamentos, grava as suas dúvidas, dá largas à sua fantasia e imaginação, relata as suas angústias, frustrações e crises, aponta as suas alegrias, entusiasmos e vitórias. O diário é a prova e o testemunho da prática no terreno. O diário etnográfico é um instrumento de legitimação. Por isso, surpreende-me que outros antropólogos não tenham publicado os seus diários como complemento, suplemento ou simples anexo às suas investigações. Também sei que muitas vezes a questão é puramente formal: há descrições antropológicas que são verdadeiros diários, só que não são assumidas como tal.

O antropólogo é intimista ao ponto de evitar a invasão da sua privacidade? Mas não é ele, o antropólogo, o grande devassador da intimidade dos outros? Porque se recusa ele mostrar-se? Não é o discurso antropológico o discurso àcerca de nós próprios?

Uma questão que normalmente se poderá colocar é o facto de ser discutível a publicação dum diário. Convenhamos que não é o caso, porque este não é um texto intimista e existe para ser publicado intencionalmente. Ocorre-me a polémica surgida com a descoberta dos diários de Malinowski e a sua posterior publicação. Pes-

soalmente, creio que a Antropologia pouco veio a lucrar com tal divulgação, apesar dos argumentos introdutórios de Raymond Firth. Malinowski morrera há vinte e cinco anos, o seu Diário era uma peça íntima produzida em língua polaca, (contrariamente às outras obras do autor, escritas em Inglês) e, sob o ponto de vista metodológico o texto nada acrescenta de novo ao que conhecemos do seu autor. Ficamos a conhecer, outrossim, aspectos depressivos da personalidade instável de Malinowski, e comentários menores e banais do chefe de fila do funcionalismo. Aliás, aqui se coloca a complexa problemática da construção do texto etnográfico como diário íntimo, como obra literária, ou como tradução de uma cultura.

De facto, tal como Clifford Geertz insinua, a questão crucial que se coloca em relação ao trabalho de campo oscila entre o desejo metodológico da observação-participante transformado no dilema literário descrição-participante (Geertz 1988: 83). Parafraseando Lienhardt, a questão fundamental sobre que assenta a credibilidade dos autores baseia-se menos na riqueza etnográfica, "nas minuciosas pesquisas empíricas" e na "subtileza analítica" do que poderia supor-se. O que deu aos livros de autores como Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict a sua reputação e êxito como clássicos da sua espécie, diz Geertz, tem outras raízes.

Lienhardt, ao analisar a última obra de Geertz, considera que a grande tese de *Works and Lives*

radica no facto daquele êxito requerer "estratégias literárias superiores, a marca estilística pessoal dos autores nos respectivos textos". E considera que, "embora como antropólogos excessivamente ansiosos por protegerem a condição científica dos seus temas o neguem, o melhor escrito etnográfico é, principalmente, uma forma de arte literária" (Lienhardt 1989: 61). Daí o papel ambivalente do antropólogo, simultaneamente como intermediário entre as pessoas que estuda e as pessoas para quem escreve. Nessa linha de pensamento, Geertz avança com a qualificação de "hipocondria epistemológica" para os antropólogos de hoje, híbridos da arte e da ciência.

Tal hibridez parece ser um motivo para reinventar uma ciência antropológica com a ajuda das mediações textuais. Paul Rabinow levanta algum scepticismo em relação a estas orientações pós-modernistas, mas não deixa de analisar alguns aspectos daquilo que rotula como a viragem desestrutivo-semiótica. Assim, aponta que James Clifford se orienta para a meta-antropologia textualista, enquanto que Geertz navega nas águas da antropologia interpretativa. "O tema central de Clifford tem sido a construção textual da autoridade antropológica" (Rabinow 1986: 243), seguindo uma orientação que considera que ciência e ficção não são termos opostos mas complementares. Assim, "Avanços têm sido conseguidos na nossa consciência sobre a qualidade ficcional (no sentido

de "feito", "fabricado") da escrita antropológica e na integração dos seus característicos modos de produção. A auto-consciência do estilo, a retórica e a dialética na produção de textos antropológicos deve conduzir-nos a uma mais apurada consciência do outro e a modos de escrever mais imaginativos" (Rabinow 1986: 244).

O que James Clifford e Clifford Geertz defendem e que Rabinow problematiza com brilho é que aqueles autores argumentam que, desde Malinowski, a autoridade antropológica se tem apoiado em duas muletas textuais. A primeira enfatiza o elemento experiencial, "eu estive lá", estabelece a autoridade pessoal do antropólogo; a sua supressão do texto estabelece a respectiva autoridade científica; é a segunda muleta textual. Ou seja, aquilo que Rabinow sintetiza: "Clifford apresenta a fábula apelativa de Geertz como paradigmática: o antropólogo informa que esteve lá e depois desaparece do texto" (Rabinow 1986: 244).

Geertz não é categoricamente convincente por várias razões, a mais importante das quais Vicente Crampazano refere: "... os acontecimentos referidos são subvertidos pelas histórias trancendentes que os enquadram; eles são sacrificados pela sua função retórica num discurso literário bastante distante do discurso nativo da sua ocorrência" (Crampazano 1986: 76). Caiu Geertz na sua própria armadilha construcionista?

Mas a questão não fica por aqui. A

tese fundamental de Clifford é que a escrita antropológica se tem orientado para suprimir a dimensão dialógica do trabalho de campo, oferecendo ao antropólogo o total controle do texto. A posição de Frederic Jameson é próxima. Para este autor, tal como Habermas, crítico do modernismo, o pós-modernismo chegou à Universidade (logo, à Antropologia), na década de 80. Apesar de Jameson escrever àcerca da consciência histórica, a mesma orientação está presente na escrita etnográfica: "os antropólogos interpretativistas trabalham com o problema das representações das representações dos outros; os historiadores e metacríticos da antropologia com a classificação, canonização e 'tornar disponíveis' as representações de representações de representações" (Rabinow 1986: 250).

Um outro aspecto que este autor considera conducente ao processo de consolidação na prática antropológica da escrita etnográfica é a integração da chamada "conversa de corredor": "Quando a conversa de corredor àcerca do trabalho de campo se transforma em discurso, nós aprendemos muito. Transferir as condições de produção do conhecimento antropológico do domínio do boato - onde permanece como propriedade dos auditores - para o domínio do conhecimento será um passo na direcção correcta" (Rabinow 1986: 253).

Segundo Tyler, "A Antropologia pós-modernista é relativística num novo sentido, pois ela

nega que o discurso de uma tradição cultural possa analiticamente abranger o discurso de uma outra tradição cultural. O antropólogo não pode responder por todos os povos, em todos os tempos. A Antropologia pós-modernista recusa quer a fusão hegeliana, quer a fusão científica dos horizontes, o que reduz todas as tradições à forma e aos interesses do discurso ocidental. Ela opõe a noção semiótica que as línguas e as culturas são justamente sistemas convencionais de signos, separadas da utilização e da intencionalidade humana, pois esta ideia de signos não é senão uma consequência da tecnologia da escrita, a destreza da mão pelo qual a substituição das aparências é conseguida e a ilusão do sistema criada. A Antropologia pós-modernista reduz a ideia de sistema - nas suas versões mecanicistas e organicistas - a um tropismo, um modo de falar relativo aos propósitos de um discurso. Ela considera o discurso como o seu objecto, as palavras para lá do discurso são possíveis somente se elas são implicadas por um discurso" (Tyler 1984: 328).

O etnógrafo pós-modernista não é um criador mas aquele que, parafraseando Fenellosa, "regista o que é forçado a registar pela natureza" (Tyler 1984: 330).

Uma outra posição, (a de Stanley Fish), não deixa de ser pertinente. Este autor argumenta que todos os textos são interpretações e que os factos são, eles próprios, baseados em interpretações. Para Fish

tais interpretações não são questões individuais (subjectivas) mas, acima de tudo, são domínio das comunidades. De tal modo que, "os significados estão cultural e socialmente disponíveis, eles não são inventados ex nihilo por um simples intérprete" (Rabinow 1986: 255).

Não pretendo com o diário etnográfico, parafraseando George Marcus, introduzir uma consciência literária na prática etnográfica, mas considero que existem várias formas de codificar e descodificar a escrita e o discurso etnográfico, e, o diário é, sem dúvida, uma delas. Como qualquer inovação, é uma empresa difícil, morosa e arriscada no caminho para a aceitação generalizada⁷.

A elaboração do diário levanta ainda outros problemas que se prendem justamente com o processo

(7) Em meados de 1991, terminado o trabalho no terreno e encontrando-me na fase de correções, aditamentos e redacção final do presente estudo, uma visita à França permitiu-me ter acesso a uma obra que vagamente me tinha sido referida como um diário etnográfico clássico: *L'Afrique Fantôme* de Michel Leiris. Naturalmente que a minha curiosidade foi ultrapassada por um sentimento de consolação intelectual - o autor, jovem escritor saído das atribulações surrealistas, iniciara-se na descrição etnográfica pela mão de Marcel Griaule e fizera o diário que muitos antropólogos ambicionariam fazer. *Avant la lettre*, Michel Leiris marcava uma etapa nova no domínio da etnografia, numa altura em que o diário íntimo de Malinowski ainda não tinha sido descoberto.

A obra, segundo o seu autor, consistiu "na reprodução, praticamente sem retoques, de um diário que elaborei de 1931 a 1933, no decurso da Missão Etnográfica e Linguística Dakar-Djibouti..." (Leiris 1990: 11). Publicada pela primeira vez em 1934, veio a sofrer a interdição do governo de Vichy, e conheceu novas edições em 1951, em 1981 e 1990. As reedições referidas demonstraram, afinal, o interesse por uma obra supostamente esquecida, que se enquadrou na visão de Marcel Mauss que recomendava aos investigadores a elaboração paralela de diários e inquéritos sobre o terreno.

Escritor, etnógrafo e historiador da referida missão, Michel Leiris deu às suas notas uma tripla componente que ocorre, por coincidência, no diário que elaborei: ele relata as intimidades que lhe passam pela cabeça, descreve os sentimentos que lhe enchem o coração e narra os acontecimentos que o tocam do mundo exterior - percepção directa, participação activa e informação pura.

O modelo não se divulgou sob o ponto de vista formal, mas não pode deixar de ser considerado como uma referência obrigatória, mais de cinquenta anos passados sobre a sua publicação, num momento em que as orientações textualistas trazem novas e desafiadoras perspectivas à prática e à construção da Antropologia.

de produção da obra literária versus a elaboração do trabalho científico. Por outras palavras, a oposição entre a narrativa pessoal e a descrição impessoal. Assim, há quem afirme: "Penso que é nítido que a narrativa pessoal persiste ao longo da objectivação da descrição na escrita etnográfica, porque ela mediatiza uma contradição da disciplina, que existe entre a autoridade pessoal e a autoridade científica; uma contradição que se tornou pertinente a partir do advento do trabalho de campo como uma norma metodológica" (Pratt 1986: 32). A mesma autora, ao analisar a problemática narrativa/descrição adianta: "... a etnografia formal é aquela que conta como capital profissional e como uma representação de autoridade; as narrativas pessoais são, muitas vezes calculadas, auto-indulgentes, triviais ou heréticas" (Pratt 1986: 31). Seguidamente, a mesma autora afirma: "Mas, apesar de tal disciplina, elas continuam a aparecer, continuam a ser lidas e, acima de tudo, continuam a ser ensinadas nas fronteiras da disciplina, de tal modo que devemos atribuir-lhes razões poderosas. Até mesmo na ausência de um separado volume autobiográfico, a narrativa pessoal é uma componente convencional das etnografias... Elas desempenham (as narrativas) o papel crucial de dar guarida a essa descrição intensa e geradora de autoridade da experiência pessoal do trabalho de campo. Simbólica e ideo-logicamente ricas, elas acabam por ser os segmentos mais

memoráveis de um trabalho etnográfico... Elas são sempre responsáveis pela gestação dos posicionamentos iniciais dos sujeitos no texto etnográfico: o etnógrafo, o nativo e o leitor" (Pratt 1986: 32).

Apesar da subvalorização e das diversas pressões que tentam minimizar a narrativa etnográfica considerando-a um mero veículo do conhecimento comum, a citada autora refere ainda a existência de um senso urgente que considera que a descrição etnográfica é, por si só, insuficiente.

Habermas, que considera a modernidade um projecto inacabado, vê o pós-modernismo como um fenómeno próprio dos neo-conservadores. E afirma: "Quanto aos neo-conservadores, são eles que adoptam, afinal de contas, relativamente às conquistas da modernidade, a atitude mais positiva" (Habermas 1981: 966).

Para o sociólogo americano Todd Gitlin a tendência mais relevante da orientação pós-modernista é "a repetição e a justaposição - uma mistura da cultura refinada com a vulgar" (Gitlin 1991: 13). Aqui parece ressurgir a fusão das visões émica/ética. O mesmo autor afirma ainda que o modernismo quebrou a unidade e o pós-modernismo reune os fragmentos...

O discurso pós-moderno é conceptualizado por Ihab Hassan pela definição de onze traços característicos, que não resisto a transcrever (com alguns comentários do autor), apesar de a escrita etnográfica

não ser igualmente receptiva a todos eles, como já foi aflorado.

- "1. **Indeterminação**- Esta refere-se a todas as rupturas, a todas as ambiguidades que afectam as linguagens, o conhecimento e a sociedade pós-modernos (...)
- 2. **Fragmentação**- A indeterminação e a fragmentação andam a par. O pós-modernista não faz senão des-ligar; diz só confiar em fragmentos (...)
- 3. **Descanonização**- Ou, como diz Lyotard, deslegitimização, o que se aplica a todos os "grandes códigos", a todas as convenções, instituições, autoridades (...)
- 4. **Apagamento do eu**- O pós-modernismo esvazia o eu tradicional ao mesmo tempo que se permite jogos autoreflexivos (...)
- 5. **O Inapresentável**- (...) Ela questiona radicalmente as possibilidades de apresentação, da re-presentação (...)
- 6. **Ironia**- Atingimos, com a ironia, toda uma peripécia de negações; passamos da face construtiva do pós-modernismo para o reverso da medalha, a sua face reconstrutiva (...)
- 7. **Hibridez**- (...) Por toda a cultura, uma confusão ou sincretismo de estilos.
- 8. **Carnavalização**- (...) Mas o termo traduz o ethos lúdico e anarquizante do pós-modernismo... significa ainda inversão, a lógica do avesso (...)

9. **Performance**- (...) O texto pós-moderno, seja ele social ou verbal, convida à *performance* (...)
10. **Construcciónismo**- (...) O pós-modernismo tem que construir a realidade em "ficcções" pós-kantianas (...)
11. **Imanência**- (...) Hoje o "ser da linguagem" (Foucault) tapa todas as fendas do cosmos, dos *quarks* aos *quarks*, do "inconsciente letrado" (Lacan) aos buracos negros do espaço. Tornámo-nos parte de um sistema semiótico imanente" (Hassan 1988: 57).

A posição simultaneamente pioneira e vanguardista de George Marcus merece referência: "A Etnografia, realista ou modernista⁸, permite a interpretação e a explicação por estratégias de contextualização dos fenómenos problemáticos nela focados. Logo que nós vemos como algo existe envolvido num conjunto de relações, nós compreendêmo-lo. A etnografia realista contextualiza em referência a uma totalidade na forma de uma comunidade literalmente situada e/ou a um código semiótico como estruturante cultural. Os referentes da contextualização para a etnografia modernista, que nega ela própria qualquer conceito convencional de totalidade, são fragmentos que são arranjados e ordenados textualmente pelo etnólogo".

(8) Marcus designa a Etnografia tradicional como realista e considera modernistas as Etnografias que outros apelidam de pós-modernistas. No entanto, não deixa de referir que o pós-modernismo distingue-se do modernismo na percepção de que não existem mais lugares para *avant-gardas* para as produções culturais do modernismo clássico.

grafo/*designer*. A argumentação racional para o referido *design* é, muitas vezes, a dimensão mais controversa do trabalho modernista. O todo, que é mais do que a soma das partes de tais etnografias, é sempre posto em causa, enquanto as partes são sistematicamente relacionadas umas com as outras, por uma relevada lógica de ligações" (Marcus 1990: 27).

O mesmo autor faz o balanço da postura pós-modernista: "O jogo das estratégias etnográficas actuais tem sido facilitado por uma crítica da etnografia, tipo retórico-literária, melhor representada talvez, no volume que Jim Clifford e eu editámos, *Writing Culture*. A meu ver, o principal valor desta crítica é que ela tornou possível a exploração de novos problemas e até de novos métodos em Antropologia, permitindo a possibilidade de enquadramento e termos alternativos, em que as suas áreas-problema tradicionais podem ser repensadas. Esta foi a contribuição mais importante, até ver, da chamada "viragem literária" em antropologia, a qual tem sido injustamente acusada por alguns de conduzir ao hermetismo e narcisismo, entre outras desordens académicas. O que quer que alguém possa pensar do uso da metáfora textual na actual interpretação dos materiais etnográficos, ou da reflexividade como uma estratégia analítica, o contributo da própria crítica textual da etnografia dificilmente pode ser negado" (Marcus 1990: 33).

Reflections on Fieldwork in Morocco, de Paul Rabinow, antecipa algumas questões actuais da tendência pós-modernista em Antropologia: trata-se de um verdadeiro diário etnográfico e levanta a questão da construção textual da antropologia. Assim, "Este livro é um relato das minhas experiências em Marrocos..." (Rabinow 1977: 4). Por outro lado, "A Antropologia é uma ciência interpretativa. O seu objecto de estudo, a humankindade localizada no Outro, encontra-se ao mesmo nível epistemológico" (Rabinow 1977: 151).

Vários autores afirmam que o pós-modernismo parece estar condenado a ser um intervalo, um adiamento reconstrucionista. Quanto tempo demorará este compasso de espera? Para alguns, trata-se de uma fase de transição paradigmática: "A luta pela ciência pós-moderna e pela aplicação edificante do conhecimento científico é, simultaneamente, a luta por uma sociedade que as torne possíveis e maximize a sua vigência" (Santos 1989: 185).

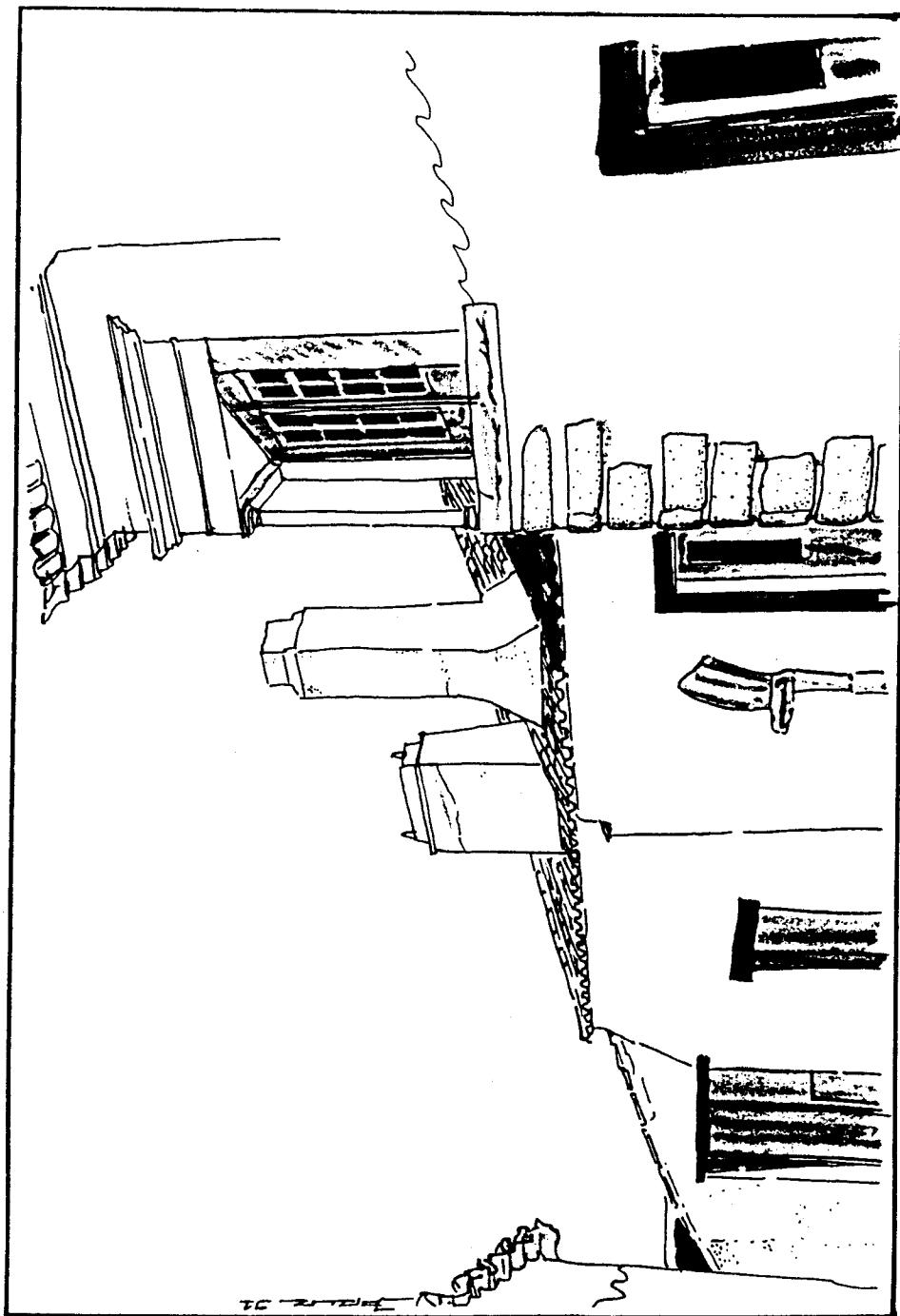


Figura 3 - Vila Velha - Rua dos Celeiros

*"Dantes, quando tinha dentes, não tinha pão;
hoje, que tenho dinheiro pr'a comprar tudo...
não tenho dentes..."*

Camponesa de Vila Velha

CAPÍTULO II - O CONTEXTO

Vila Velha é sede de uma freguesia rural do interior alentejano (distrito de Évora), que engloba cinco aldeias⁹, visíveis do alto das suas muralhas. A vila foi sede de concelho até meados do século passado, altura em que uma jovem, progressiva e laboriosa aldeia, a 16 km de distância, lhe conquistou a liderança político-administrativa. Tal povoação, de desenvolvimento célebre, foi rapidamente promovida a vila¹⁰. É Vila Nova, pseudónimo que Cutileiro também utilizou e não altero.

Vila Velha, burgo medieval sobranceiro à planície e ao rio Guadiana, que lhe desenha a fronteira com a Espanha, reduz-se hoje, na escassez da sua população envelhecida, às funções menores de cabeça de uma freguesia que, lentamente se esvazia no centro e se reduz demograficamente na periferia (as cinco aldeias).

Perdida a importância histórica, eliminada a função militar estratégica de sentinelas atenta aos atrevimentos dos Castelhanos e de posto recuado de observação da margem direita do rio, desaparecida a função político-administrativa concelhia, amputada a dinâmi-

(9) Ferrarias, Telhal, Montalto, Barranco e Montinhos (ver mapa na página seguinte).

(10) Chegou a ser sede de concelho ainda aldeia: os esquecimentos e as pressas da História e dos Homens...

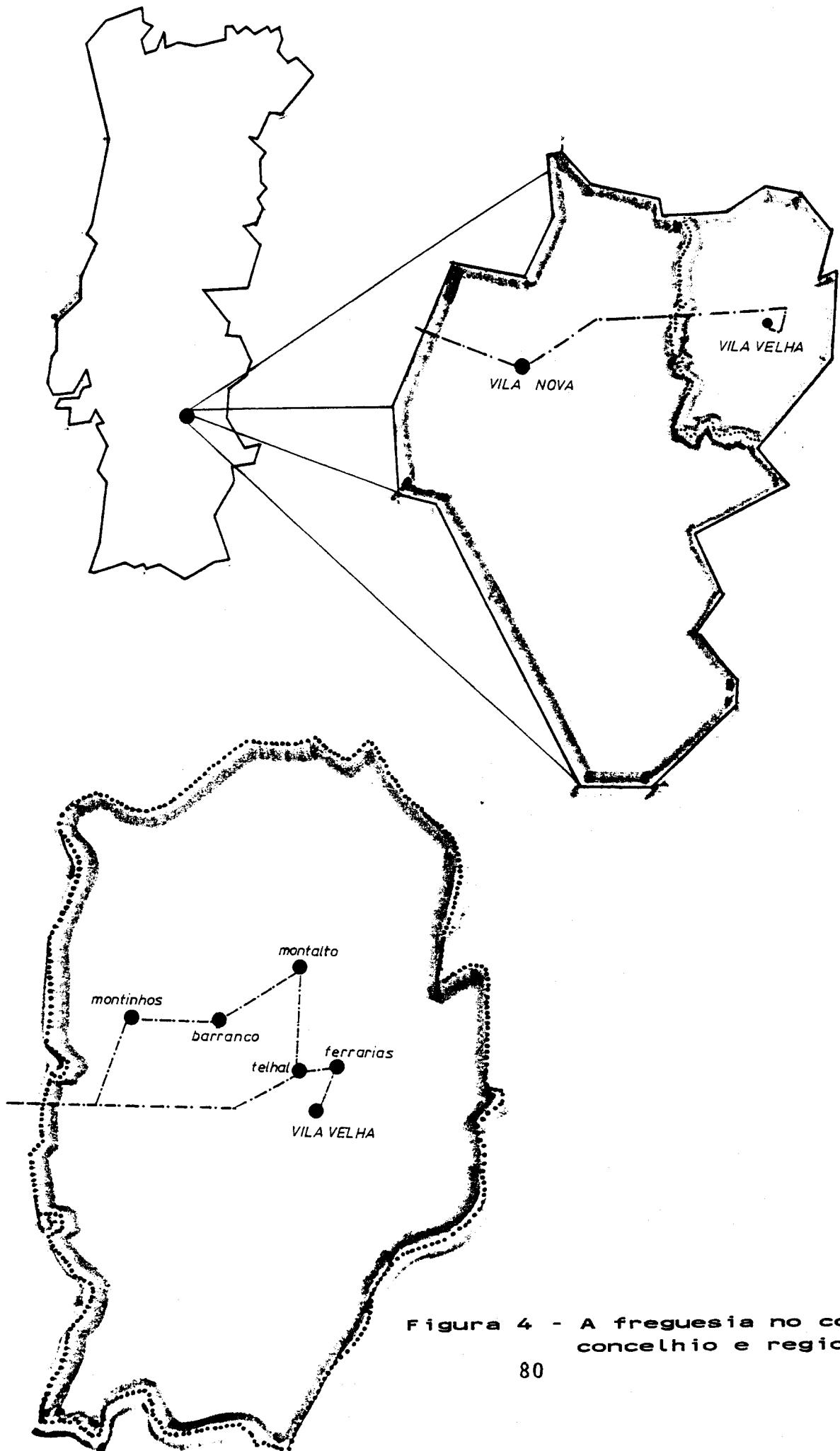


Figura 4 - A freguesia no contexto
concelhio e regional

ca sócio-económica pela fuga migratória dos seus filhos mais jovens, activos e audazes, Vila Velha tornou-se num centro ritual em vias de extinção.

A freguesia tem uma área de 95 Km², o que corresponde a um quarto da superfície que detinha quando a vila era capital concelhia. A população dedicou-se desde sempre às actividades agrícolas tradicionais do Alentejo - trigo, cereais menores, azeitonas e bolota, gado lanígero e suíno e, mais recentemente, à vinha, por influência de Vila Nova, que deve a esta actividade parte do seu crescimento inicial e da sua actual riqueza e fama¹¹.

Vila Velha é uma nave que domina a planura e as colinas vizinhas e prima por uma arquitectura anormalmente singular e bem preservada, motivo de orgulho dos seus habitantes, do concelho e da região e objecto de um movimento turístico em crescimento.

A altivez do casario branco, a policromia da paisagem suave, a dignidade de algumas casas solarengas, um conjunto rico de monumentos e locais de interesse, a preservação das fachadas, a volumetria equilibrada das teorias arquitectónicas, o passado histórico, as muralhas envolventes, a ecologia do silêncio e a hospitalidade dos seus habitantes tornam Vila Velha objecto

(11) Para outros pormenores agrícolas, climáticos, pedológicos e históricos ver a *Introdução de Ricos e Pobres no Alentejo* e quanto às questões económicas subjacentes à mudança da sede concelhia ver M^a Manuela Rocha, *Propriedade e Níveis de Riqueza: Formas de Evolução Social em Vila Velha na 1^a metade do século XIX*.

de interesses diversos: de turistas a pintores, de arquitectos a antropólogos, de fotógrafos a arqueólogos, de escritores a poetas. Como elemento comum, o interesse da gente urbana no regresso às origens...

Apesar da lenta agonia da *polis*, Vila Velha ainda é o pólo aglutinador e o centro de atracção das gentes da freguesia: por razões administrativo-burocráticas, por força dos laços de parentesco, e em momentos cruciais da vida comunitária: festas, casamentos, funerais.

Há uma identidade de referência cultural à vila, que se mantém, apesar de bairismos excessivos e despiques crescentes entre as aldeias da freguesia, vulgares entre povoações próximas, como acontece um pouco por todo o Alentejo.

A Vila divide-se em duas partes: o burgo duplamente amuralhado (em função da História: mouros e espanhóis a isso obrigaram), e o chamado arrabalde. Um total de cento e cinquenta e quatro habitantes povoam a vila (Abril de 1991). Quanto à freguesia, possui 1192 habitantes. Ambas as populações têm vindo a decrescer significativamente, como se pode observar nos quadros que a seguir se apresentam. O êxodo foi dramático nas décadas de 60 e 70, notando-se posteriormente uma certa estagnação populacional.

**QUADRO I - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE
VILA VELHA**

DATA	HABITANTES	T.c.a.m. (%) ¹²
1960	347 (a)	_____
1965	292 (b)	-0,034
1970	235 (a)	-0,043
1981	160 (a)	-0,034
1989	159 (c)	-0,001
1991	154 (a)	-0,016

FONTES: (a) INE
 (b) José Cutileiro
 (c) Autor

Este significativo decréscimo populacional, que reduziu os habitantes de Vila Velha para menos de metade, deve-se a factores cumulativos: declínio da fecundidade, migrações internas e emigração. Para além de tal decréscimo, a população envelheceu na base e no topo como se pode verificar no quadro IV. Tal como já foi dito, a referida redução fez-se sentir em toda a freguesia como constatamos no quadro seguinte.

Trata-se de uma verdadeira onda que varreu o Alentejo e que deixou esta vasta região privada do mais importante recurso de que se pode dispôr: o Homem. As consequências são visíveis quando analisamos o frágil processo de desenvolvimento do Alentejo.

(12) Taxa de crescimento anual médio, cuja fórmula de cálculo é: $\log \frac{P_n}{P_0} = n \log (1 + a)$

QUADRO II - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA FREGUESIA DE VILA VELHA

DATA	HABITANTES	T.c.a.m. (%)
1940	2526	-----
1950	2455	-0,003
1960	2161	-0,013
1970	1710	-0,023
1981	1324	-0,023
1989	1208(a)	-0,011
1991	1192	-0,007

FONTES: INE
 (a) - Autor

O último recenseamento geral da população, efectuado em 1991, fornece os seguintes elementos em relação a toda a freguesia.

QUADRO III - FREGUESIA DE VILA VELHA: POPULAÇÃO RESIDENTE (14 ABRIL 1991)

LOCAL	CASAS	FAMÍLIAS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
VILA VELHA	105	62	79	75	154
FERRARIAS	50	34	43	48	91
TELHAL	79	54	70	71	141
MONTALTO	234	164	199	219	418
BARRANCO	69	43	55	52	107
MONTINHOS	155	78	89	92	181
OUTROS ¹³	97	35	53	47	100
TOTAL	789	470	588	604	1 192

FONTE:XIII Recenseamento Geral da População, 1991 (Junta de Freguesia de Vila Velha)

 (13) População dispersa em montes e herdades

Quanto aos actuais habitantes foi possível sistematizar alguns dados, passíveis de análise, no quadro seguinte. Trata-se de um recenseamento efectuado no termo da primeira metade do trabalho de campo.

**QUADRO IV - HABITANTES DE VILA VELHA
(31 DE OUTUBRO DE 1989)**

<u>GRUPO ETÁRIO</u>	<u>SEXO</u>		<u>TOTAL</u>	<u>%</u>	<u>ESTADO</u>			<u>ANALF.</u>
	M	F			SOLT.	CAS.	VIÚV.	
0- 4	4	2	6		6	-	-	-
5- 9	4	3	7		7	-	-	-
10-14	5	5	10	22,0	10			0
15-19	6	6	12		11	1	-	0

20-24	6	7	13		6	7	0	0
25-29	4	2	6		2	4	0	0
30-34	6	7	13		4	9	0	0
35-39	7	2	9		2	7	0	0
40-44	4	4	8	47,8	0	8	0	0
45-49	3	6	9		0	8	1	2
50-54	5	5	10		1	7	2	5
55-59	4	4	8		2	4	2	4

60-64	3	5	8		0	7	1	8
65-69	4	8	12		4	6	2	8
70-74	7	6	13		0	7	6	12
75-79	6	4	10	30,2	0	4	6	10
80-84	1	2	3		0	1	2	3
85-89	1	1	2		0	1	1	2

TOTAIS	79	80	159		55	81	23	55

FONTES: - Cadernos e Documentos Eleitorais de 1989 (Junta de Freguesia)
- Censo do Autor (1989)

Considerando a população total, a taxa de analfabetismo é de 34,8%. Se considerarmos apenas a população com idade superior a dez anos, (até aos dez anos a frequência da escola local é obrigatória), a referida taxa é de 38%.

Com cerca de 22% de jovens com menos de 20 anos e com 30% de pessoas com mais de 60 anos de idade, verificamos que a população de Vila Velha é duplamente muito envelhecida.

As crianças da escola primária raramente atingem uma dezena (nos últimos anos assim foi), o que provoca um sentimento de frustração e insegurança nos adultos que não desejariam ver a escola primária encerrada. Não atingem a meia dúzia os jovens que todos os dias se deslocam a Vila Nova para frequentar a escolaridade obrigatória, a nível do ensino unificado (9º ano).

Aquelas crianças vão crescer na ilusão e no desejo de abandonar a terra: Augusto gostava de ser piloto e ir para Lisboa; Pedro deseja ser operador de máquinas em Beja; João Luís e Lino querem ser, respectivamente, engenheiro de máquinas e médico, e não indicam preferência geográfica; Narciso deseja ser futebolista em Lisboa; Lídia ambiciona ser professora de Inglês fora da vila; Florival deseja ser operário fabril, (como o pai), na Vila das Candeias; José Pedro sonha em ser paraque-

ta, na capital; Ósmia quer ser educadora de infância em Lisboa; Dália pretende vir a ser professora em Vila Nova; para Vila Nova também ambiciona ir viver Marieta, que deseja ser enfermeira. Apenas Florinda gostava de ser professora e trabalhar em Vila Velha.

Raparigas "casadoiras" são escassas em Vila Velha: no último triénio casaram-se (ou "juntaram-se") cinco jovens. Outras tantas casarão dentro em breve; de facto, o grupo etário feminino dos 15 aos 24 anos é de apenas 13 unidades.

Quando se realizam festas, bailes, "marchas" e outras manifestações há sempre falta de raparigas: é preciso obtê-las por "empréstimo" das aldeias vizinhas.

Existe um grupo sócio-profissional, reduzido actualmente, mas com algum prestígio na vila, que é o constituído pelos trabalhadores fabris. No limite da freguesia, junto ao rio Guadiana, existe uma fábrica de papel que tem sido empregadora de muita gente da vila, da freguesia e do concelho. Face aos trabalhadores rurais, os operários fabris adquiriram um certo estatuto, derivado da segurança do posto de trabalho e de salários francamente superiores.

Existem na vila cinco restaurantes, um café, três lojas de artesanato e duas mercearias (1990).

Por outro lado, há uma estalagem e quatro unidades de turismo de habitação, prevendo-se em breve a abertura de uma unidade de agro-turismo. A actividade turística implica o envolvimento laboral de meia dúzia de famílias, acrescida de mais de uma dezena de empregados permanentes ou sazonais.

Quatro famílias dedicam-se à criação de gado (vacas, ovelhas e cabras), muitas famílias criam o seu porco para a matança e praticam uma horticultura de complemento; um ou outro resistente faz agricultura à renda. Este é o panorama da vila; na freguesia a situação é diferente, com actividades agrícolas e de construção civil caracterizadas por certo dinamismo. A listagem que se apresenta em anexo faz o apanhado da população de Vila Velha, à escala individual.

Quanto à população existente em Vila Velha e à sua posição perante a vida activa, os habitantes da povoação distribuem-se pelas categorias indicadas no Quadro V.

QUADRO V- OS VILA-VELHENSES E O TRABALHO

SECTORES DE ACTIVIDADE	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	TOTAL	%
REFORMADOS	28	22	50	32
POPULAÇÃO ACTIVA	38	45	83	52
Comércio e Hotelaria	7	14	21	13
Funcionalismo Público	3	2	5	3
Operariado Fabril	10	—	10	6
Trabalho Doméstico	—	14	14	9
Agricultura	6	—	6	4
Trabalho Indiferenciado	6	11	17	11
Outros	6	4	10	6
ESTUDANTES	9	9	18	11
CRIANÇAS	4	4	8	5
TOTAL	79	80	159	100

FONTE: Censo do autor (1989)

O que ressalta do quadro é, notoriamente, o fraco peso da actividade agrícola, numa povoação ancestralmente marcada pela vocação da terra. Por outro lado, começa a ser significativo o número de pessoas en-

volvidas na actividade de hotelaria, comércio e restauração, indicador seguro da procura turística. O número de estudantes (que inclui ensino primário e secundário) é também relevante. Mais de trinta por cento das casas da vila estão desabitadas, funcionando raramente como residências secundárias.

Logicamente que estes números escondem pluriactividade e o trabalho dos reformados, como oportunamente será referido.

É num ambiente rodeado de história, marcado pelo silêncio, reduzido demograficamente e envolvido por uma paisagem agradável e multicolor durante o ano, que se processa uma vida quotidiana equilibrada, repetitiva, monótona, conformista e acomodada. O equilíbrio do silêncio e a normalidade do quotidiano são apenas quebrados por três factores: o turismo, a festa e um ou outro "escândalo" local.

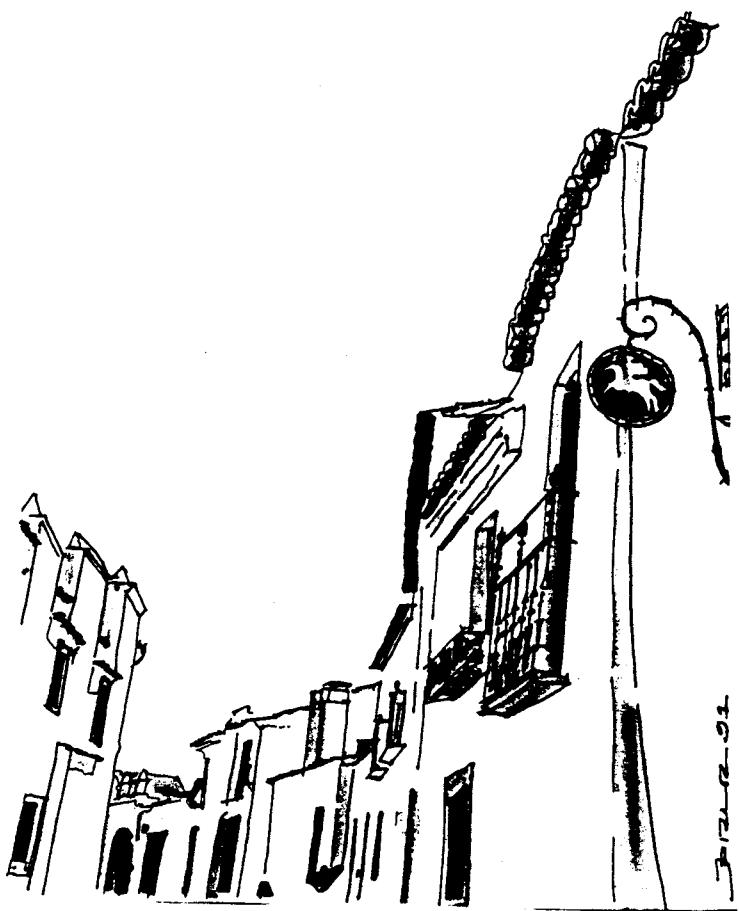


Figura 5 - Vila Velha. O casario branco e o equilíbrio da volumetria

- *José, vou deixar crescer o cabelo até acabar a tese..."*
- *"Ahn?"*
- *"Não corto o cabelo!"*
- *"E o povo vai dizer que o senhor está maluco!!"*

Diálogo do autor com um informante-chave.

CAPÍTULO III - A VIDA QUOTIDIANA EM VILA VELHA

a) Introdução

A descrição do quotidiano, "para além das delícias do subjectivismo permite pensar as diversas configurações do corpo social no que ele tem de visível, de aparente, de teatral mesmo. Exterioridade do corpo social" (Maffesoli 1987)¹⁴.

Neste estudo, o essencial concentra-se à volta da trivialidade e da importância da vivência quotidiana numa pequena comunidade. Desde o trabalho de campo intencionalmente prolongado no tempo, à tentativa de captar o conhecimento local à luz do pensamento corrente e do pensamento científico (o dualismo émico/éti-co); da introdução do diário como instrumento metodológico e testemunho de legitimação, à construção de construções edificadas pelos actores sociais, "de que o homem da ciência observa o comportamento tentando explicá-lo, respeitando as regras de procedimento da sua ciência" (Schutz 1987: 11).

De facto, "Todo o nosso conhecimento do mundo, quer ele se exprima pelo pensamento corrente,

(14) Prefácio a "Le Chercheur et le Quotidien" (Schutz)

quer pelo pensamento científico, comprehende construções, generalizações, formalizações e idealizações específicas, ao nível específico da organização do pensamento onde nos encontramos" (Schutz 1987: 9).

Interrogamo-nos, hoje em dia, sobre o direito que haverá em pôr em causa uma descrição cultural "objectiva". Tal como a verdade pode ser parcial - e são muitos os que hoje desafiam a "verdade" de Ruth Benedict, Margaret Mead, Jorge Dias ou José Cutileiro - não serão afinal todas as etnografias verdadeiros exercícios retóricos em que se torna necessário contar uma história? É possível "conciliar a ideologia e o desejo com a teoria e a observação?" (Clifford 1986: 14).

Todavia, descrever o quotidiano, ou melhor, entender o quotidiano de uma comunidade, levanta necessariamente alguns problemas a quem, mesmo que pacífica e subtilmente, tenha invadido um espaço que lhe é alheio.

Na realidade, "O etnólogo esforça-se inexoravelmente em propôr uma imagem lisongeira de si mesmo: fornecida pelo contacto humano e tornando-o apto a inserir-se num meio que normalmente não aprecia os estranhos, mas que abre uma excepção para ele. Ele beneficia sempre da confiança dos nativos. Entre ele e eles é uma ligação apaixonada que lhe dá o direito de falar não

somente sobre o seu sujeito, mas por vezes também em seu nome" (Augustins 1989: 7).

Esta procuraçāo, esta delegaçāo de poderes, quando interiorizada pelas duas partes e real, inscreve-se numa lógica do quotidiano: de facto, os objectos conceptuais construídos pelo antropólogo, (e pelos outros cientistas sociais), fundamentam-se nos objectos de pensamento construídos pelo homem comum que vive o seu quotidiano entre os seus semelhantes, funcionando tais objectos como referentes vivenciais.

Para o entendimento do quotidiano em Vila Velha necessário foi observar e intervir na relação entre os agentes sociais e o contexto social da prática local; parafraseando Michel Bozon, participar no jogo entre os *habitus* e as situações sociais. Para o autor de *O Poder Simbólico*¹⁵ o *habitus* "é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento, como uma matriz de percepções, de apreciações e de acções" (Bourdieu 1972: 178). Por outras palavras, o *habitus* é a força geradora das condutas individuais e grupais.

Justamente que o quotidiano assenta no complexo jogo da sociabilidade, considerada esta no sentido

(15) Única obra de Pierre Bourdieu publicada em Português, para além de pequenos artigos.

tido amplo das formas de contacto entre indivíduos: a nível da família e das famílias, a nível das gerações, das relações sociais, da ocupação dos espaços, do contacto com visitantes e forasteiros, a nível associativo e de competição, no campo das esferas masculina e feminina, na pertença à comunidade, na rejeição ou aceitação do mundo exterior. A sociabilidade traduz, codifica, sintetiza e define sociologicamente os meandros do quotidiano. "A angústia encontra-se no coração do quotidiano e não é talvez por acaso que hoje, a intenção sartriana duma filosofia do quotidiano se não se inspira, pelo menos representa implicitamente a referência de todo um conjunto de trabalhos que rejeitam tanto as interpretações teológicas como as construções das teorias sociológicas. É por isso que as práticas quotidianas se vêem cada vez mais estudadas, quer seja por elas próprias, quer seja em referência explícita a uma filosofia da pessoa ou a uma psicologia do homem em sociedade" (Ion 1982: 5).

É uma facto que "as relações que um determinado conjunto de pessoas estabelece com as outras pessoas e com determinadas classes de objectos surgem universalmente sujeitas a regras fundamentais de natureza restritiva e permissiva. Quando as pessoas se envolvem em relações mútuas regulares, elas empregam práticas sociais correntes, ou seja modelos adaptados às regras, que

incluem a conformação, o evitamento, os desvios secretos, as infracções desculpáveis, as violações flagrantes, etc." (Goffman 1990: 12). Tudo isso constitui uma certa ordem, a ordem do quotidiano.

Todo o tipo de contactos formais e informais (encontros, reuniões, redes de amigos e parentes, vizinhança, festas, associações, funerais, jogos e convites, conversas e cumprimentos, etc.) constituem, em geral, manifestações de sociabilidade. E convenhamos, "a sociabilidade não é um jogo da sociedade, mas um capítulo das relações sociais (Bozon 1984: 13)

As condutas da sociabilidade traduzem as práticas sociais individuais e grupais e formam um sistema que pode ser analisado para a descoberta última das matrizes dos estilos quotidianos da vida duma comunidade, desde a cultura política, às práticas alimentares, dos modelos de tratamento, aos modos de consumo. Elas "interpretam-se em referência e em oposição às práticas sociais (aos estilos) doutros grupos" (Bozon 1984: 13).

O quotidiano apoia-se na matriz do tempo breve e escasso, é feito à escala do indivíduo, baseia-se "nos mediocres acidentes da vida ordinária... É, pois, evidente que existe um tempo breve de todas as formas de vida: tanto económico, social, literário, institucional, religioso e inclusivamente geográfico (um ven-

daval, uma tempestade), como político" (Braudel 1986: 18).

Apesar de o grande mestre francês preferir a longa duração, não é inócuo e irrelevante que a Antropologia (que não a História) se debruce sobre o episódico, o efêmero, o fugaz que o quotidiano constrói.

Braudel critica as restrições temporais dos cientistas sociais e afirma: "A posição dos etnógrafos e dos etnólogos não é, nem tão clara, nem tão alarmante. É bem verdade que alguns deles sublinharam a impossibilidade (mas ao impossível estão submetidos todos os intelectuais) e a inutilidade da história, no interior do seu ofício. Esta rejeição autoritária da história apenas serviu para diminuir a contribuição de Malinowski e dos seus discípulos. De facto, é impossível que a antropologia, sendo - como Claude Lévi-Strauss costuma dizer - a própria aventura do espírito, se desinteresse da história" (Braudel 1986: 19).

Nem Braudel nega a importância das outras Ciências Sociais, nem Lévi-Strauss nega a importância da História; mas que ambos são reducionistas a ponto de elegerem as respectivas áreas científicas como "madres de todas as ciências", parece não restarem dúvidas.

O historiador do Mediterrâneo escreve ainda: "É inútil também discutir muito sobre os conceitos

de sincronia e diacronia; definem-se por si mesmos, ainda que a sua função, num estudo concreto do essencial, seja menos fácil de observar do que aparenta" (Braudel 1986: 23).

Se para a "história" de Braudel não pode haver sincronia perfeita, por ser de todo impossível e artificioso deter todas as durações, não é por se estudar o tempo breve, o quotidiano (na óptica antropológica) que os acontecimentos deixam de ser passíveis de diacronia. O quotidiano é um fenómeno à escala e ao ritmo do indivíduo integrado numa comunidade. A longa duração é para a história que Braudel defende e tem perfeito cabimento em estudos antropológicos de outra espécie.

O que descrevo seguidamente é o painel selectivo das manifestações essenciais do mundo da sociabilidade local, que dá vida à rotina e brilho à vivacidade do quotidiano de Vila Velha.

Mas atenção, " o quotidiano não é a resignação, eu iria mais longe dizendo que ele não é o privatismo, é acima de tudo uma afirmação da existência. O quotidiano não é a negação da história, ele é primordialmente a história vivida dia a dia..." (Maffesoli 1983: 19).

O quotidiano fala a linguagem da vida e da morte, é o espaço que nos liga aos outros e nos confronta com os outros. A suposta menoridade dos aconteci-

mentos de cada dia constitui a matéria prima e o *hard core* dos factos maiores da vida social comunitária.

Os *flashes* com maior ou menor índice de focagem e/ou a manta de retalhos que elaborei, pretendem traduzir de maneira global a construção do *puzzle* social que Vila Velha constitui. Mas Vila Velha nem sequer é um enigma a descobrir. Os tópicos foram escolhidos pelo autor, por óbvios, por desconhecidos, por característicos e singulares. Sem pretensões totalizantes, perdõe-se-me mais uma vez a metáfora, uma manta de retalhos é um artefacto de grande utilidade. Mesmo no mundo rural invadido pelas referências da cultura urbana.

b) A equilíbrio do silêncio

Um dia normal em Vila Velha traduz uma ordem quase mecânica e aparentemente determinista das coisas e das pessoas.

Os mais velhos, um terço da população, levantam-se ao romper da aurora, mesmo em dias invernosos. Reformados legalmente ou diminuidos pelo peso dos anos e esforços antigos de assalariados sem terra; idosas, raínhas nos templos domésticos; operários de mil obras, os velhos da vila constituem uma enorme força de trabalho que as estatísticas não captam. Os idosos e as idosas de Vila Velha são uma energia potencial que fazem questão em trabalhar; só não trabalham os doentes e incapazes.

De facto, a "passagem da situação de activo à de reformado é difícil sobretudo se o trabalho anterior foi interessante e intenso e se a transição de uma categoria para outra foi feita abruptamente. Tem-se falado muitas vezes na existência de uma sobremortalidade nos primeiros anos da reforma mas, apesar do interesse desta afirmação, nenhum trabalho válido sobre o assunto foi feito até ao presente... Nas sociedades complexas contemporâneas as possibilidades de participação útil são

numerosas e merecem uma exploração sistemática...

Se a terceira idade evoca em geral a ideia de tempo livre e descanso, a realidade pode ser bem diferente" (Nazareth 1979: 8).

Ela é efectivamente diferente em Vila Velha, apesar da dureza e precariedade que caracterizaram a vida activa...

... Carlos Sá antes do sol nascer vai ceifar a sua pequena seara de cevada, se for verão; se for inverno, põe fundos em cadeiras. Joaquim Sá detesta o verão porque não sabe como matar o tempo: a Porta da Vila é o seu local de estadia preferido. Mas, antes das seis e meia da manhã já carregou às costas dois cãntaros de água da fonte da Coutada. O Inverno é o tempo da sua realização: durante doze horas calcorreia montes, fragas e terras ásperas, no fito de colher espargos que venderá mais tarde, a preço baixo, a um espanhol com quem fez um contrato; José Garçôa, antigo emigrante mal sucedido, guia turístico falhado, inventa histórias sobre a História, "pantomineiro" de vocação, de vez em quando faz de pastor de circunstância, e, aqui e além "colhe" umas uvas, laranjas ou azeitonas; António Branco, homem simples mas honesto e respeitado, vai dar de comer a uns bacorinhos, ajuda o genro numa loja de artesanato, planta alfaces e couves e tem ainda tempo para contar histórias

interessantes; Inácio João distribui garrafas de gás, vai acidentalmente aos espargos e aprecia ver televisão. António Soares leva o verão a acarretar lenha para o Inverno, vai com o seu burro buscar água a uma fonte distante, cuida dos seus gatos (já foram uma dúzia) e, quando não tem nada que fazer, muda o burro de um local para o outro. Intervala as suas ocupações com um copo de vinho tinto na roda dos amigos; João Seguro faz tarefas agrícolas por contrato, trabalha em obras e repara botas e sapatos; Joaquim Vela, reformado da fábrica de papel, gasta o tempo a tratar de dois porcos, acidentalmente uma cabra e eventualmente duas ovelhas: primeiro vai dar-lhes de comer, depois vai dar-lhes de beber e finalmente observa os animais com demorada atenção. Gosta de olhar o horizonte, uma vez por outra vai aos espargos, realiza tarefas agrícolas e de construção civil. Embebedar-se é para ele um ritual semanal obrigatório. Carolino Cardão há-de fazer barbas e cortar cabelos até ao fim dos seus dias. Manuel Semana abandonou definitivamente o trabalho quotidiano em 1990 porque a doença lhe tolhe os braços e pernas; Guilhermina Caro gere a sua mercearia e apesar de não saber ler não lhe falta um centavo; Carolina Guerra é polivalente: dona de casa, empregada de improviso, pastora por empréstimo e trabalhadora incansável. A viúva Guilhermina trata da casa, cuida dos quatro filhos já crescidos e ainda tem tempo para ser cozinheira num res-

taurante. As duas irmãs Barroso cuidam da igreja, cozinharam num restaurante e costuraram. A tia Vicêncio já mal se mexe, mas continuará a fazer renda até à morte. Dona Teresinha deixou o negócio da pensão e casa de pasto, mas continua a trabalhar em turismo de habitação.

Estes exemplos significativos são uma amostra de como, no quotidiano da regularidade, cada um desempenha tarefas e funções, fatal e sistematicamente organizadas e calendarizadas. Os idosos de Vila Velha constituem uma reserva de energia que não suporíamos existir, mas que é possível justificar.

Porque trabalham os velhos? Será que a vida lhes foi tão madrasta que os força a lutar pela subsistência até ao dia da morte? Em meu entender, existem várias razões que "obrigam" os velhos e reformados a trabalhar, até ao limite das suas capacidades físicas.

Em primeiro lugar, a razão da obsessão (real ou pretensa) pelo trabalho é de ordem psicológica. Em meu entender, é mais uma preocupação pela imagem do que uma obsessão pelo trabalho que Georges Augustins verificou nos Pirinéus¹⁶. É um mecanismo de afirmação pessoal face à colectividade atenta: "Trabalho porque ainda valho alguma coisa... trabalho porque sempre o fiz

(16) Augustins, informação verbal (1990).

em toda a minha vida...». Em suma, os(as) velhos(as) de Vila Velha trabalham (ou fazem que trabalham, o que é fazer alguma coisa) como demonstração das suas capacidades e da sua vitalidade.

Em segundo lugar, os idosos de Vila Velha trabalham por razões de segurança e de precaução contra o risco e o imprevisto: "A reforma pode faltar... a lenha pode acabar-se... podem cortar a água... nunca se sabe o dia de amanhã...». Perpetuação da precariedade doutros tempos, sem dúvida.

A terceira razão parece-me óbvia: Trabalha-se para ocupar o tempo. Matar o tempo sem fazer nada cria impaciência, angústia e "parece mal".

Finalmente, penso que esta obsessão se baseia no facto de eles reproduzirem, real ou simbolicamente, o seu passado de trabalhadores de prestígio, tentando perpetuar a respectiva capacidade laboral.

Os reformados de Vila Velha não trabalham, em geral, de sol a sol, (nem as suas condições físicas o permitiriam), mas têm perfeitamente programado e calendarizado um tempo para o trabalho "social". É preciso mostrar aos outros que estão vivos, capazes e úteis. É um sentimento agonístico ao qual só escapam os estigmatizados: "Fulano nunca fez nada na vida, como há-de fazer agora?! Beltrano já não pode mexer-se, anda do-

ente, mas que grande trabalhador ele foi enquanto podia!..."

São várias as consequências do envelhecimento (culturais, económicas, sociais, políticas e morais). Mas, "Sem desprezar a importância dos outros tipos de consequências, é incontestável que as consequências económicas são as mais visíveis porque mensuráveis, apesar de estarem ainda muito mal estudadas.

Como todas as pessoas inactivas, o velho consome bastante mais do que produz. Não se trata de uma crítica, mas de uma simples constatação: as pessoas idosas vivem graças a uma transferência da população activa para a população inactiva" (Nazareth 1979: 204). Ora, devido à actividade da maioria dos reformados, as consequências económicas do envelhecimento em Vila Velha, não são significativas, como anteriormente tinha sido sugerido.

A restante população tem também, e naturalmente, a vida orientada à volta do trabalho. Aliás em Vila Velha, um dos principais labéus que pode ser atribuído a um indivíduo (homem ou mulher) é ser malandro(a). O outro é ser "pantomineiro(a)"¹⁷.

.....

(17) Aldabão; de pantomina, farsa, mentira.

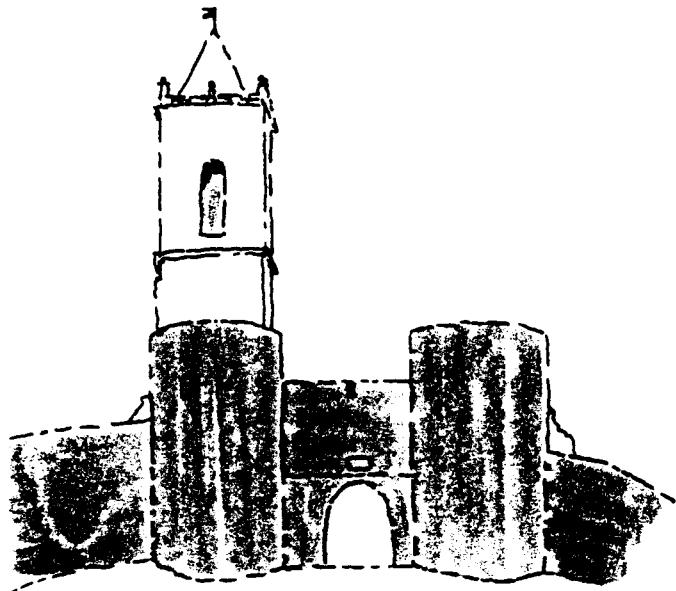


Figura 6 - Porta da Vila, o senado masculino

c) Espaços privilegiados e momentos essenciais

Apesar de influências múltiplas e prolongadas no tempo, existem ainda em Vila Velha duas esferas perfeitamente demarcadas: a dos homens e a das mulheres. O homem é o cavaleiro e peregrino da rua; a casa é o santuário da mulher. A esfera masculina abarca a rua, a taberna/cafê, a praça pública e nomeadamente a Porta da Vila. A esfera feminina afirma-se no espaço doméstico e, acidentalmente, na igreja. Naturalmente que as mulheres saem à rua (mas ainda o fazem apressadamente, como há trinta anos). Um mecanismo que as mulheres usam inteligentemente é a porta (ou a janela). Uma mulher à porta (ou à janela) não abandona a casa e domina a rua. Numa terra sem lavadouro público, falta às mulheres esse instrumento utilitário de convívio, controle social e escape. As mercearias desempenham mal essa função, porque são sítios de passagem fugaz.

Porém, logo que a mulher se "liberta", isto é, trabalha fora de casa, surgem as exceções: Às escassas funcionárias públicas, mulheres a dias e cozinheiras é-lhes mais fácil invadir o espaço masculino da rua sem que isso crie comentários negativos ou críticas. A regra ancestral do espaço masculino/feminino é, assim,

contrariada e prevertida. Um outro factor a ter em conta relaciona-se com os diversos estratos geracionais: ninguém critica uma mulher idosa por passar muito tempo na rua, pouca gente criticará uma mulher casada que trabalha fora de casa e toda a gente criticará uma jovem solteira por passar muito tempo na rua.

Uma meia dúzia de casais relativamente jovens vai tomar uma "bica" ao café mais próximo, sem que isso seja mal visto pela maioria. Os mais velhos murmurão palavras indecifráveis, por isso, e por verem uma mulher fumar.

Hoje em dia, muitos homens já passam mais tempo em casa, por via dessa força atractiva que é a televisão. Mas a rua é ainda o espaço privilegiado dos homens, apesar de a circulação das mulheres se fazer sem grandes condicionalismos e constrangimentos, a não ser os das regras domésticas. Logicamente que uma mulher será sempre criticada por passar muito tempo na rua ou na casa das vizinhas. Também um homem válido será objecto de comentários se não quiser trabalhar. Num agregado como o de Vila Velha, em que quinze por cento da população total é constituída por homens reformados, eles passarão a maior parte do seu tempo fora de casa: na rua, no "trabalho" e na taberna. Mas, quer a rua, quer a taberna foram objecto de evolução - a rua transforma-se em avenida de forasteiros, a taberna tradicional evolui para café e restaur-

rante. É interessante notar que as duas mudanças referidas se devem ao mesmo fenómeno, o turismo.

Vila Velha já não possui as tradicionais tabernas mas, alguns cafés/restaurantes ainda possuem o espaço vital que corresponde à antiga adega, venda ou taberna: a casa de entrada é o espaço preferido da clientela local que faz do vinho um instrumento excepcionalmente rico da sociabilidade.

Os grandes momentos da vida comunitária actual consubstanciam-se em três acontecimentos referenciais: o nascimento, a morte e a festa. Qualquer deles é, naturalmente, um grande momento social em qualquer comunidade, se bem que possam não ser os únicos. Há sociedades que se referenciam de outro modo: a guerra, a competição, a violência, o casamento, as sementeiras, as colheitas, o gado, a inovação, a ostentação, etc.

Uma sociedade envelhecida e amputada demograficamente, como é o caso de Vila Velha, dá ao nascimento de uma criança uma importância nitidamente sobrevalorizada. Trata-se efectivamente da continuidade da comunidade que está em causa. Os velhos viram já partir, ao longo dos anos, os seus filhos, netos, parentes e amigos, à aventura das cidades, na procura de melhores dias, à descoberta de novos espaços, quer fiquem nas fronteiras de Lisboa, quer nos caminhos tortuosos das Franças. Uma

criança que nasce é, para os velhos, morrer mais devagar. Quando nasce uma criança em Vila Velha nascem uma alma e um fôlego novos à comunidade.

Mas, dada a reduzida população e o consequente duplo envelhecimento, obviamente que morre mais gente do que nasce em Vila Velha. Durante cerca de quatro anos foram a enterrar no cemitério da vila mais de três dezenas de pessoas (da vila e da freguesia) e apenas nasceram 6 crianças.

A morte e o funeral marcam profundamente o cenário social da povoação. Ao enterro as mulheres vão de negro e, os homens vestem no mínimo, um blusão e põem boina. As mulheres juntam-se na Igreja da Misericórdia e os homens cavaqueiam no largo principal. O pranto dos familiares é quase ininterrupto e atinge momentos de raro dramatismo quando chegam parentes ausentes, quando os sinos dobram, quando o cortejo silencioso atinge o cemitério e ao fechar da urna. No cemitério dominante da planura (alguém me disse que era um cemitério bom para se repousar), os gritos lancinantes das mulheres cortam o silêncio da planície e os acompanhantes aproveitam para chorar os seus mortos.

O ritual da morte constitui, com o nascimento e a festa, a trilogia essencial mais profunda e importante da vida da comunidade. Numa população en-

velhecida, a cerimónia fúnebre tende a perpetuar-se numa repetição sistemática, regular e mecânica, que acontece todos os meses. A acomodação perante a morte, que pareceria ser a lógica do envelhecimento populacional é uma ilusão do quotidiano: os gritos lancinantes das mulheres são afirmação vital e são a rejeição da morte como destino certo.

A festa é a ruptura total com a prática quotidiana. Momento de escape institucionalizado, ela corta e ultrapassa as barreiras formais e rígidas do controle social, nega o peso estrutural das coisas organizadas na óptica do dever ser, permite o desvio da norma e mete no bolso os interditos habituais. Os comportamentos festivos, diversificados na forma, e espaçados no tempo, (Baile do Cortiço, Festas da Vila, Natal, Páscoa, casamentos, aniversários, baptizados, a matança do porco, (antigamente o Entrudo e a Festa da Santa Cruz), pulverizam a afirmação grupal e paradoxalmente funcionam como instrumento de coesão social. Apesar da atomização dos acontecimentos festivos, derivada das modalidades festivas indicadas, a festa une os habitantes da vila e até da freguesia (parentes, vizinhos, amigos e conhecidos) como um elemento aglutinador que faz esquecer quesílias, diferenças e distâncias. Tal é o caso extremo das Festas da Vila, as tradicionais. A comunidade revê-se na

festa e elege-a como o momento mais alto da sua identidade colectiva.

Para Wunenburger não é essencial definir a festa através de um simples quantum numérico e estatístico. Para este autor, "a qualidade, a própria natureza da festa provém do facto de ela ser um acontecimento que envolve todos sem excepção, que ela se insinua até aos menores sectores da vida humana, que ela é, portanto, uma provocação global à ruptura com o quotidiano. A festa tradicional opõe-se, assim, a uma epifania fechada, delimitada num e por um sub-conjunto social, uma classe, um grupo que concentraria apenas nele o *friktion* visualizado do *numineux*. O jogo sagrado da festa não é expurgado de um dado a ver, de uma encenação estética. Ele é a inversão total, que põe fim a uma dicotomia de jogadores e espectadores e, faz de cada um, um actor de corpo inteiro" (Wunenburger 1977: 48).

A actividade festiva, caracterizada pelo excesso, pelo ceremonialismo (no sentido de celebração) e pela justaposição (como contraste com as práticas quotidianas), é um fenómeno totalizante. Os próprios "festeiros" de Vila Velha não são actores especializados. Uma vez ou mais na vida, um homem de Vila Velha poderá ser festeiro, sem que isso seja um privilégio especial, mas apenas um instrumento e uma delegação de todo o corpo social.

O ciclo da vida anual, em Vila Velha, tem como ponto de referência os dias da festa. Nos meses e semanas que antecedem a festa tudo se processa num crescendo que atinge o climax num dia certo. A planificação individual e familiar da festa passa pela realização de tarefas duplamente significativas: comprar roupa nova, fazer vestidos, pagar dívidas, celebrar contratos, arranjar o cabelo, fazer as limpezas exaustivas do espaço doméstico e caiar as casas, convidar parentes ausentes, armazenar alimentos, fazer bolos.

Nos dias de festa abandonam-se as actividades laborais habituais. É uma paragem no tempo que tudo encobre e desculpa. É um hiato temporal, ponto de chegada e ponto de partida, até para o ano. "O espírito da festa torna-se o símbolo de toda a crise, o paradigma em forma de sortilégio de toda a solução, o "abrete Sésamo" de todas as soluções" (Wunenburger 1977: 10).

A festa é o momento do excesso: a todos, homens e mulheres, velhos e novos, é permitido quebrar as regras da normalidade e abusar. Abuso no consumo de alimentos e bebidas, excesso nos comportamentos de ostentação, incontenção da palavra, abuso do ruído, gastos anormais, etc., num mecanismo de *potlatch* comportamental que permite o desvio e reduz tensões e se exterioriza na

alegria barulhenta, no canto, na música, na dança, nos foguetes, nos gritos...

Na verdade, "Os acontecimentos festivos surgem como momentos extremos de sociabilidade, exprimindo de maneira concentrada as tendências sociais profundas que se manifestam doutras formas na vida quotidiana..." (Bozon 1984: 169). Desse modo "A festa aparece então como um fenómeno-límite excepcional, ao mesmo tempo instituição social legitimada no interior de um espaço e de um tempo, e a experiência colectiva da negação institucional onde se dá livre curso aos fantasmas individuais, à procura do que transcende a ordem da sociedade imanente e a que se pode chamar, por comodidade provisória, de sagrado" (Wunenburger 1977: 11).

Todavia, para a festa moderna (actual) o sagrado não é um fim, é uma eventualidade; a festa de hoje insurge-se contra o divino do jogo ritual ancestral e não se preocupa em inserir melhor o homem no quotidiano; a festa actual, justamente com antigas raízes residuais visíveis, é a inversão e a ruptura com a linearidade do quotidiano. "A festa é uma forma humana de jogo através do qual o homem adiciona à sua própria experiência, um largo espaço de vida, incluindo o passado" (Cox 1971: 19).

Assim, "...para as classes populares, os grandes e bons momentos parecem ser aqueles que con-

centram e levam ao paradoxo aquilo que as classes populares valorizam já, na sua sociabilidade de todos os dias. A abundância alimentar; a ausência de maneiras, de formas, de separações marcadas e de relações de autoridade; a possibilidade de reencontrar pessoas que se conhecem, com as quais se possa rir, falar a mesma linguagem, exteriorizar os sentimentos, chacotear, beber; uma dispensa física livremente consentida. Todos estes elementos entram na definição de um ideal festivo popular que se pode qualificar de igualitário e materialista" (Bozon 1984: 169).

A festa, em si, é a inversão da norma e do equilíbrio do dia a dia, mas as gentes de Vila Velha não manifestam uma consciência de inversão; o que elas desejam ardente mente é transformar em realidade, apesar de fugazmente, o seu sonho de "boa vida", que não é mais que o prolongamento de um modelo de sociabilidade quotidiana. É assim em Vila Velha, tal como em Villefranche-sur-Saône¹⁸.

Para alguns autores "a festa é o fenômeno cultural que se encontra permanentemente ameaçado na sua forma institucional por uma experiência de excesso que constitui simultaneamente a sua condição de estrutura.....

(18) Localidade estudada por Michel Bozon, que coloca em destaque os mecanismos de sociabilidade que a festa gera.

ração e o elemento desestruturante. É um ponto alto onde se fazem e desfazem, com rara violência, as necessidades e as aspirações dos homens" (Wunenburger 1977: 249).

Todavia, a festa actual, sujeita às pressões do progresso, alterada por força da mudança ou desaparecimento de um certo tipo de necessidades, reinventada por artificialismos lúdicos e/ou políticos, não corresponde às características que autores como Wunenburger, Lévi-Strauss, Mircea Eliade e Fox atribuiram à chamada festa arcaica. Assim, "O homem moderno projecta na técnica da festa uma vontade demiúrgica de metamorfose da vida, de aceleração da história, e de tomada de posse do imaginário que até então lhe escapava, à excepção do tempo momentanizado da festa. Esta torna-se, assim, a ocasião de fazer do ideal o real, e apresenta-se ao mesmo tempo como o instrumento da sua incarnação. O espectáculo total, a economia da abundância, a prática revolucionária, o reagrupamento de comunidades marginais convergem, assim, para uma nova convicção: a utopia não está para lá de algures, mas é o imaginário que toma forma através do jogo colectivo e pode ser mantido na ordem do real por esta mesma prática lúdica. Fazer da vida um jogo e uma festa, é pôr fim aos mundos atrasados... é coexistir com o paraíso perdido como fora do tempo e fora do espaço" (Wunenburger 1977: 214).

É socialmente aceite que, na festa, o homem se embriague, ritual alentejano da masculinidade. O vestuário feminino, atrevadamente cativante, num mar de sedas e cetins, é tolerado neste momento especial em que o olhar dos homens vagueia por espaços de fantasia impensáveis no quotidiano.

* * * * *

Como alentejanos que somos, todos os dias comemos uma açorda. A "família" da cidade vai ficar espantada, mas nestas coisas (e noutras), eles são ignorantes. Com efeito, e segundo a etimologia e a prática árabes, uma açorda era uma qualquer sopa de pão. Migava-se o dito no caldo e saía uma açorda, quer ela fosse sopa de peixe, açorda d'alho, sopa de beldroegas, açorda de coentros, sopa de cação, etc.

As inovações urbanas, com algumas deturpações pelo meio, criaram a ideia, (que pegou é certo), de que a açorda alentejana é a açorda d'alho com ovos e bacalhau. Este amigo fiel, não é, todavia, sulista; entrou na dieta transtagana, por via dos hábitos nortenhos, durante o povoamento tardio do Alentejo.

De facto, a açorda tradicional era acompanhada de carne, carne de porco, como não podia deixar de ser. É certo que nem toda a gente matava "bácoro". Mas um fio de azeite de Moura, as sopas de pão, água a

ferver quanto baste, os coentros e um dente d'alho pisados e uma mão cheia d'azeitonias, mataram a fome a muitas gerações. Quando calhava, a açorda também casava com sardinhas assadas, carapaus fritos, um naco de toucinho ou paio e peixe da ribeira, que é como quem diz, do rio Guadiana. Uma esgalhinha d'uvas, sempre à mão de semear, fazia as delícias do prato.

Mas voltemos ao princípio: Todos os dias comemos uma açorda. Tal açorda, (agora que está explicada a etimologia e a prática gastronómica popular), pode ser uma sopa de tomate, uma sopa da panela, uma sopa ou caldo de queijo com beldroegas, um calducho de peixe, uma sopa de espinafres, uma poejada de bacalhau. Até o gazpacho (ou caspacho), que passou a raia a salto, oriundo de "nuestros hermanos", poderia ser uma açorda, por razões agora óbvias, que se prendem com a utilização essencial das sopas de pão.

O discurso miserabilista da açorda depende do conduto, dai que ninguém se queixe da açorda de marisco urbana. O mesmo não dirá qualquer velho trabalhador de Vila Velha, confrontado que sempre foi com a penúria das açordas cegas¹⁹. Para uma açorda cega não havia engenho e imaginação que valessem...

.....

(19) Sem conduto, acompanhamento.

Estas coisas dos comes e bebes são como a arte abstracta. Cada artista, (verdadeiro ou falso), dá-lhe a pincelada que pode, sabe e quer. Se a coisa pega, ou seja, se sabe bem, dá origem a uma obra de arte. Calculo que, quando a gastronomia ainda se chamava cozinha e os "maitres" eram domésticas e cozinheiras enrascadas com falta de recursos, calculo dizia eu, que muita obra prima se produziu para benefício e gáudio do nosso exigente paladar.

Dizendo de outro ângulo: a gastronomia é como os mitos, as lendas ou as ideologias: não tem autores identificáveis, transmite-se de geração em geração, pertence ao património colectivo que o mundo da cultura consolidou e difundiu. Os seus autores, que os teve, são, no geral, indivíduos anónimos que, por força da intuição, do recurso, da imaginação e/ou do improviso, choraram muita lágrima de fumo, queimaram dedos e estragaram potenciais manjares, o que não deu para ficar na História.

Voltando à açorda: a sua prima afastada, à mingua de conteúdo, recebeu, na cidade, o nome de sopa alentejana. Em qualquer baiúca urbana, é sempre possível servir uma sopa alentejana, que muito esfomeado noctívago saboreia como o melhor manjar do mundo, tecendo encómios à terra transtagana das anedotas: Uma "lembrança" de azeite, umas verdurinhas que dão pelo nome de coentros

(ou será salsa?), uma litrada de água a escaldar, um ovo entornado intencionalmente por acaso e uns nacos esponjosos de papo-seco afogadiço e aí temos uma sopa alentejana. Como diria um camponês bem humorado da margem esquerda do Guadiana - "nem p'ra lavar os pés!!"

Bem, esta apologia (!) da verdadeira açorda alentejana só é possível por força de um ingrediente essencial da cozinha do Alentejo: o pão. De facto, a açorda é o destino glorioso do pão.

As gastronomias regionais andam agora muito em voga. Este revivalismo tem a sua lógica natural, e aceitável, por força da procura das raízes sócio-culturais a nível local, em que o artesanato, a música, a gastronomia, a literatura oral, são os pratos fortes dos etnógrafos de ocasião.

Os velhos de Vila Velha todos os dias comem uma açorda. Frugal, saborosa, única. Mas nos dias de hoje, "em que a vidinha já não é o que era dantes", há sempre um bacorinho ou dois que se matam quando o rio vai cheio, há sempre um cabrito pascal que se compra menino e, hoje, ninguém passa fome em Vila Velha, "como nos tempos da miséria". Apesar dos pratos especiais dos dias de festa, é a açorda que domina o quotidiano gastronómico da freguesia.



Figura 7 - Vila Velha. Vista parcial junto às muralhas do lado noroeste

- "Tal é o barulho que este sacaio dum filha da puta fez!!
- O quê ?
- Foi esse estrangeiro que arrotou."

Diálogo com um informante

CAPÍTULO IV – MECANISMOS DA SOCIALIZAÇÃO

a) A dinâmica das alcunhas

Não tenho conhecimento de estudos aprofundados sobre alcunhas. Na realidade, existem autores que têm abordado esta temática, mas de um modo periférico em relação às suas investigações principais. Tais são os exemplos de antropólogos como Pitt-Rivers (1971, 1983) e Stanley Brandes (1975), no terreno espanhol, e Luís Polanah (1981, 1984, 1986) em Portugal.

Antes de abordar a dinâmica das alcunhas em Vila Velha, gostaria de alinhavar alguns comentários sobre a formação e funções das alcunhas, elas que são verdadeiros instrumentos linguísticos e simbólicos do fenómeno da comunicação oral. Com efeito, a linguagem oral é a expressão preferencial dos locutores das comunidades rurais, uma vez que "a escrita é uma actividade que liga uma pessoa ao mundo da formalidade" (Pitt-Rivers 1971: 162). De facto, a comunicação interpessoal do mundo rural - o contacto face a face - privilegia a palavra oral como um objecto maleável, que pode ser explorado, manipulado, acarinhado, reduzido, empolado e dominado.

O discurso das alcunhas é um discurso de rigor, exactamente porque toda a língua é apropriada

para exprimir as necessidades da sua cultura. Parafraseando Roland Barthes, quando ele se refere à frase, eu diria que o prazer da alcunha é muito cultural - este arte-facto criado pelos locutores anónimos "é imitado de uma maneira mais ou menos lúdica; joga-se com um objecto excepcional cujo paradoxo foi sublinhado pelos linguistas: imutavelmente estruturado e todavia infinitamente renovável; qualquer coisa como o jogo do xadrez" (Barthes 1981: 96).

Foi a organização social que permitiu o reconhecimento da identidade dos indivíduos e dos grupos, como refere Lévi-Strauss. A marca da identidade desenvolveu-se, exprimindo-se em termos de parentesco, de tratamento ou referência e, alargando-se, fez corresponder os indivíduos a uma família, linhagem, clã, totem ou grupo, a um local geográfico, a uma categoria física, a uma actividade, profissão ou a um antepassado. Daí surge a existência dos nomes, sobrenomes e alcunhas como fórmulas simples e universais de identificação. (Lévi-Strauss 1986).

A metáfora lúdica coloca o indivíduo no centro do palco social e atribui-lhe papéis: a matrona respeitada, o patriarca, o tio tutelar, a companheira de iniciação, o amigo fiel, a noiva preferencial, o adversário, o parente interdito, o inimigo, etc.. A sociabilidade quotidiana dos grupos humanos pontua-se por um

duplo mecanismo experiencial: lógico e afectivo. "Da lógica relevam os signos que indicam o lugar do indivíduo e do grupo na hierarquia e na organização política, económica, institucional. Da afectividade, aqueles que exprimem as emoções e os sentimentos que o indivíduo ou o grupo experimentam em relação a outros indivíduos e a outros grupos" (Guiraud 1982: 2). Nas sociedades ocidentais do nosso tempo, perdido ou desaparecido o grande peso do parentesco, o sistema de signos é revitalizado, como afirma Lévi-Strauss, pelas alcunhas, verdadeiras taxinomias sociais. "Totemismo da sociedade urbana ou o canto do cisne do ruralismo?" (Ramos 1985a: 2).

Alcunhar e utilizar uma alcunha não podem ser considerados elementos isolados no contexto de cada comunidade. Eles são a ponta de uma intrincada e complexa rede sócio-cultural de que podemos destacar comportamentos, processos intelectuais, conceptualizações, leituras de índole variada: a nível do poder económico, no respeitante à prática política, no âmbito das classes sociais, no cerne do sistema de parentesco, a nível da xenofobia, de ordem estética e moral, na base do revivalismo, no processo de adopção de inovações, nas ligações à terra e à natureza, na afirmação da rede de amizades, etc.. Por esse facto, podemos encontrar na linguagem totalizante das alcunhas, (encaradas na perspectiva de cada

comunidade), a síntese semiológica e paradigmática do fenômeno da comunicação como facto social total.

Os princípios que governam a atribuição de uma alcunha são, em primeiro lugar, os que identificam o indivíduo aos olhos da opinião pública - lugar de nascimento ou residência, profissão, marcas físicas ou excentridades do comportamento. Assim, a alcunha "pelo seu lado descritivo, ela serve para identificar, numa comunidade onde os nomes de família não são utilizados por ninguém, excepto nas comunicações oficiais, e não são conhecidos pela maior parte das pessoas, salvo os parentes próximos. Mas, se por um lado, a alcunha distingue um indivíduo dos outros, ela também o caracteriza" (Pitt-Rivers 1983: 136).

Algumas questões pertinentes devem ser colocadas: Para que servem as alcunhas? Elas têm funções precisas, desempenham um papel funcional importante, ou são simplesmente a resultante de um espírito crítico desenvolvido e de um poder de observação treinado que conduzem a exercícios de estilo "desinteressados", inocentes, puramente estéticos e lúdicos?

A primeira função das alcunhas é a identificação. Mas uma identificação específica, isto é, rápida e eficaz. Esta função identificadora articula-se com a economia do processo linguístico, como mecanismo referencial, como instrumento de sociabilidade.

Os substitutos fictícios dos nomes nascem por diversas razões, (sanção, prazer, competição, inveja, paródia, discriminação, etc.), mas consolidam-se pela necessidade de identificar um actor na teia complexa das relações sociais. Esta necessidade fundamenta-se no facto de que, nas pequenas comunidades, existe um número reduzido de apelidos familiares para muitos utilizadores. O parentesco conduz naturalmente a uma sobreutilização dos mesmos nomes de família. Daí que, em qualquer aldeia ou vila alentejana, quando se fala, por exemplo, do Manuel Silva, a questão que se lhe segue seja:

-Qual Silva?

Seguidamente, surge o instrumento de simplificação do processo identificador:

- O Silva, O Passarinho Enlameado, ou
- O Silva, o filho da Chibinha sem Mãe, ou
- O Silva, o irmão do Ovinho Estrelado.

Esta saturação dos mesmos apelidos familiares, semanticamente vazios na maior parte dos casos, conduz à atribuição da marca distintiva, esta sim possuidora de significado afectivo e/ou simbólico. Repare-se:

- O Ferreira, O Vai Depressa, mandou os filhos estudar para a vila;
- O Ramalho, filho da Mula Pelada, vendeu as casas

ao Carvalho, O Juiz do Ranho;
- O Padre Mudo, casado com a filha do Ramalho Eanes,
guerreou com o neto do Português Suave.

Uma outra função das nomeadas é reforçar as marcas discriminatórias, logo a distância social, quando são utilizadas para referenciar os indivíduos colocados (real ou ficticiamente) em posições inferiores da escala social. É o caso de algumas alcunhas colectivas, familiares, ou até individuais. Exemplos? Penico dos Ricos, Cagadinhos, Açordas, Sem Pão, Sacaio, Piolhas, Tendeiros, Batata, etc..

As diferenças sociais que as designações onomásticas marcam e aprofundam, não se dirigem apenas aos que ocupam posições inferiores na hierarquia social. Assim, também encontramos designações como: Conde, Barão, Rico, Menina da Moda, Barão da Rua de Baixo, Conde da Avenida, Caga Milhões, etc..

Verificamos ainda, num exercício de verdadeira camuflagem, a existência de designações mentirosas ou por antítese, que significam exactamente o contrário do que dizem ou, são inadequadas ao receptor. Com efeito, ser chamado Rei da Póvoa, Rotchiles (do multimilionário Rothshilde), Salazar, República, Champalimaud, Paródias, Vida Alegre, Gordo, Gigante Rasteiro, Fraquezas, etc., não é mais do que uma crítica a quem procura estatuto, prestígio ou riqueza, ou poderá significar que

alguém herdou uma alcunha que não se lhe adequa.

A proliferação dos alcunhos demonstra, por outro lado, uma outra função: eles servem para reduzir diferenças sócio-económicas, eliminando privilégios e igualizando todos os membros da comunidade. De facto "as alcunhas ultrapassam as barreiras sociais: metem no mesmo saco pobres e ricos, velhos e novos, homens e mulheres, bons e maus" (Ramos 1985b: 23).

Deve-se ainda notar que as alcunhas não pejorativas ou obscenas podem, ao longo dos tempos, passar a apelidos. É que se algumas são inócuas ou indiferentes, há alcunhas de prestígio que são convenientes. Notem-se alguns exemplos, com passagem ou não a apelidos: Rico, Caçador, Galego, Lisboa, Espanhol, Uva, Poeta, Sandokan, Tarzan, Organista,etc.

Uma outra função que pode ser descoberta na utilização das alcunhas é a demarcação dos campos entre nós e os outros. Com efeito, algumas vezes, um acirrado bairrismo ou os sentimentos xenófobos de algumas povoações ou regiões produzem denominações bastante agressivas dirigidas aos estranhos, aos citadinos, aos habitantes doutros bairros, às famílias rivais. Estas alcunhas não referem simplesmente a proveniência dos visados, mas afirmam categoricamente que "eles não são dos nossos". Exemplos: Algarvios, Aldianos (de aldeia), Ra-

**tinhos, Galegos, Povenhos, Sacaios, Cabrões de Moura,
Paneleiros, Ferros de Charrua, Orelhudos, Assopras, etc.**

A alcunha pode, ainda, reforçar os laços da amizade. Nalguns locais, como Aldeia Amarela e Vila Velha, verifica-se uma tendência para a utilização do "mau nome" como termo de tratamento. Os interlocutores podem pertencer a grupos etários diferentes mas são, em geral, amigos. Esta autorização mútua para o tratamento pela alcunha fundamenta-se no conceito: "Ninguém me trata pela alcunha, mas tu podes fazê-lo porque te considero amigo".

Ao mesmo tempo, evitar o tratamento pela alcunha, (entre parentes, amigos e vizinhos) serve para intensificar os elos da amizade. De facto, "eu respeito o meu compadre, como quero que ele me respeite a mim".

Existe também uma estética da alcunha. As alcunhas dum agregado populacional são uma obra colectiva, misto de rendilhado e prazer lúdico, labirinto de gozo e riso, discurso sério e picaresco, reflexo duma capacidade inigualável de referenciar o outro com as palavras suficientes e essenciais. Todavia, o exercício da outorga da alcunha, acto necessariamente individual, mas de sancionamento colectivo, tem um horizonte lúdico limitado ao conhecimento inicial da designação. Por outras palavras, o prazer da alcunha é passageiro para os locu-

tores que dela se servem, é o prazer efêmero do acto da criação e do primeiro conhecimento. A alcunha não é um fim, é um meio. A vocação essencial da alcunha não é, para os seus utilizadores, a reprodução consciente de uma estética, nem a alimentação decidida de um jogo, se bem que também seja isso. As palavras das alcunhas valem essencialmente pelas funções que desempenham e pela vocação prática de que se revestem, e não são uma produção intelectual e artística desinteressada. A alcunha é um artefacto utilitário, não é uma obra de arte. Há, naturalmente, uma estética da alcunha. Mas a beleza do discurso existe para nós, como existe para os utilizadores das alcunhas?

A alcunha é um instrumento rural. Com efeito, a vida urbana encoraja relações impessoais, destrói os laços do parentesco, pulveriza os elos tradicionais e reduz as relações de vizinhança. No Alentejo, os grandes centros populacionais não deixam de ser comunidades rurais, posto de parte o critério demográfico e tendo em linha de conta hábitos, costumes, modos de vida, tradições, fluxos migratórios internos, etc. Por essa razão, a alcunha circula sem constrangimentos de ordem demográfica. Mesmo nas pequenas comunidades não existem limites demográficos mínimos, ao contrário da sugestão de Stanley Brandes no que diz respeito às aldeias espanho-

las. Este autor afirma existir um limite demográfico mínimo, a partir do qual a alcunha não circula, porque isso iria ferir as fronteiras do parentesco, da amizade, da vizinhança, da solidariedade social. (Brandes 1975).

No Alentejo, as alcunhas circulam mesmo em povoações de escassas dezenas de habitantes, como é o caso de Vila Velha e das aldeias da freguesia. Os dados etnográficos recolhidos demonstram que aqueles laços ou sentimentos não são limitações ao livre circuito das nomeadas criptonímicas.

Os alcunhos "pertencem a uma categoria da nomenclatura espacial local, como signos que circulam no processo intercomunicativo da comunidade enquanto grupo fechado" (Polanah 1981: 102). Verifica-se, entretanto, em várias localidades, uma ruptura com este carácter endogrupal: a comunidade defende-se da abertura ao exterior, criando alcunhas colectivas para os habitantes doutros lugares e, o forasteiro é, rapidamente, crismado com uma alcunha.

Em Vila Velha (e no Alentejo), devemos distinguir designações individuais e nomeadas colectivas. "A alcunha é sempre, na sua origem, destinada ao indivíduo" (Pitt-Rivers 1983: 136). Mas, um indivíduo pode receber duas alcunhas: a colectiva, que recebeu da sua família e a individual que ele próprio adquiriu.

A recolha etnográfica das alcunhas

conduz-nos justamente a uma tentativa de arrumação e sistematização, para benefício de posteriores análises. Assim, é possível tipificar as designações em dois grandes pares de categorias: Alcunhas individuais/colectivas, alcunhas herdadas/adquiridas. Quer umas, quer outras, podem ser sistematizadas em quatro sub-grupos: Anatómicas, Geográficas, Profissionais e Comportamentais. Repare-se nalguns exemplos alentejanos:

Anatómicas:

Boca Torta
Fininho
Cabecinha de Rola

Gigante Rasteiro
Maneta
Cabeça de Tractor

Geográficas:

Alemão
Amareleja
Madragoa

Bicho das Áfricas
João da Azinheira
Luís da Fazenda

Profissionais:

Acalca Barro
Capitão
Pastilhas

Pedro da Pastinha
Sacristão
Xico do Pincel

Comportamentais:

Espenica Toucinho
Comunista de Inverno
Messias da Agricultura

Mija Mansinho
Tranca Ruas
Vento Suão

As alcunhas constituem uma verdadeira instituição social e podem ser consideradas como uma "fatalidade" que funciona como um instrumento de evidente utilidade no processo de comunicação e no sistema das relações sociais em Vila Velha.

Aquele que não possui uma alcunha individual, terá certamente um nome fictício familiar.

Para melhor compreender o fenómeno, convirá dar uma perspectiva geral das alcunhas mais usadas ou conhecidas na localidade e na freguesia.

Ás de Copas	Camioneta
Alavancas	Candola
Alface	Cantigas
Atafona	Careca
Balsinha(s)	Carneirinho
Besta(s)	Catacus
Bicha Feroz	Caternita
Boca Torta	Caturra(s)
Bocage	Chibato
Boneco Teimoso	Chico Rapaz
Bréque	Ciéтика (de ciática)
Brinco	Coelha
Bunda	Cordeiro
Burricalho Rabito	Cortiço
Cabeça de Ferro	Cu Sem Pés
Cabecinha Torta	Enxola
Cacharampa	Espeta Chouriços
Cagadinho	Esquitos
Caldeirão	Estrelinhas
Camafeus	Fala Forte

Feijão	Mestre Até Ver
Feitora	Milho
Figo	Morrion
Fininho	Munênga
Fraca	Nabo
Gaginhas	Nókli
Garrafanito	O Homem Mata a Vaca
Governanta	Padreca
Guarda Cágados	Pai do Céu
Holandeses	Paixão
Janota	Pápa Agulhas
Juiz da Fome	Pára Quietos
Laginha	Patanita
Laróia	Pato Marreco
Latoeiro	Pavão
Loba	Páxixa
Lua	Pé-Leve
Lumumba (Labumba)	Peidinhos
Machão	Peixeiro
Malveira	Pêlo d'Arame
Mangueira	Pintassilgo
Marneco	Pulga
Matarana	Purga
Melro	Puto
Menino Jesus	Quatro Rodas

Ratopêro	Sexta-Feira
Registro Civil	Sargento
Rela	Sobral
Repolho	Sol
Rodas Baixas	Tira-Olhos
Rôlo	Três Mil e Cem
Sacristões	Troucha
Sagui	Verdemã
Salta Charcos	Viola
Sapo	Zarolho
Segunda Vereadora	Zorro

Para além da outorga individual de alcunhas, o processo de transmissão das nomeadas constitui o suporte de uma dinâmica muito especial que alimenta a manutenção e circulação dos substitutos fictícios dos nomes em Vila Velha. Os exemplos etnográficos recolhidos permitem-nos ordenar vários tipos de transmissão de alcunhas:

1. Alcunha transmitida do pai para filhos(as), independentemente do sexo destes.
2. Passagem da alcunha da mãe para filhos(as), independentemente do sexo destes.
3. Transmissão do cognome do pai para os filhos e do da mãe para as filhas.

4. Passagem da alcunha de pais para filhos(as) e netos(as).
5. Transmissão directa da alcunha dos avós para netos(as).
6. Passagem da nomeada de tios(as) para sobrinhos(as).
7. Alcunhas transmitidas pelo casamento (nos dois sentidos).
8. Outras situações (de padrinhos/madrinhas, amas de peito, padrastos/madrastas, de estranhos até).

Os grandes geradores de alcunhas são os homens, mas tal não significa que, em cerca de 15% das situações não sejam as mulheres as dadoras dos cognomes.

Uma situação singular ocorre ainda na freguesia. Trata-se de um tipo de alcunhas que classificaria como adquiridas, mas que estão intrinsecamente ligadas às alcunhas dos progenitores ou parentes. O humor, singularidade e capacidade criativa que traduzem são evidentes. A situação não é única, mas é rara. Vejamos os exemplos:

Pai - Sol
Mãe - Lua
Filhas - Estrelinhas

Avó - Pai do Céu
Neto - Menino Jesus

Marido - Cavalo de Pau

Mulher - Égua de Madeira

**Avô - Cagado
Netos - Cagadinhos**

**Marido (mulher) - Sorte Grande
Mulher (marido) - Aproximação**

Em Vila Velha verifica-se que 90% dos seus habitantes são detentores de alcunhas, individuais ou familiares. Aqueles que não são receptores de alcunhas possuem apelidos ou nomes invulgares. Esta particularidade reforça a posição defendida de que a alcunha é essencialmente um instrumento de identificação e diferenciação.

Algumas interrogações se levantam sobre a complexidade do sistema de transmissão dos sobrenomes.

- Porque é que há pessoas que não herdam, nem adquirem alcunhas?
- Que razões justificam que uns, para além da alcunha familiar, adquiram simultaneamente uma nova alcunha, e outros não?
- O que leva um homem a receber a alcunha de sua mulher, quando a tendência é exactamente a oposta?

Creio que, responder categoricamente a tais questões, seria possuir a chave para a compreensão das matrizes do pensamento humano. No entanto, algumas

explicações aproximadas podem ser adiantadas.

- a) A força reprodutora de uma alcunha assenta nas características dos dadores: riqueza, status, prestígio, caracteres anatómicos, comportamentos, etc. A alcunha de um homem rico e de prestígio tem tendência a crismar todos os seus parentes, mesmo aqueles que o são por aliança.
- b) O contrário também é verdade. Uma família colocada nos limites inferiores da escala social ver-se-á confrontada com a reprodução da mesma alcunha familiar e colectiva. Só a subida na escala social poderá significar, a nível individual, a libertação do estigma, e a aquisição de uma nova alcunha.
- c) Um indivíduo, (homem ou mulher), poderá, para além da sua alcunha familiar, adquirir uma nova, desde que o seu comportamento, características físicas, atitudes morais ou a referida mobilidade social mereçam ser sancionadas.
- d) Há indivíduos que nunca herdam ou adquirem uma alcunha. Uma justificação poderá ser o facto de possuirem nomes ou apelidos pouco usuais. Outra razão poderá ser a sua postura discreta na vida social. No entanto, se um indivíduo não adquirir uma alcunha própria, raramente esca-

pará, nos meios mais pequenos, à fatalidade da alcunha da sua família.

- e) Um homem poderá receber a alcunha da sua mulher, pelo menos em duas situações: se ela ocupar uma posição mais importante na escala social e, se ele, forasteiro, seguir a regra residencial da matrilocalidade.

O discurso totalizante das alcunhas de uma comunidade é um texto que se lê, um livro aberto que reflecte elementos da ordem do económico, moral, estético, psicológico, sentimental, lúdico e ideológico. A inocuidade das alcunhas é apenas aparente: elas cobrem, encobrem, disfarçam ou descobrem as matrizes da coesão/competição, a luta entre nós/outros, o jogo das representações no palco social, o fio condutor da sociabilidade e o sancionamento e controle social.

Penso que a modernização da sociedade tradicional alentejana - processo há muito na forja - não irá asfixiar a dinâmica das alcunhas do Alentejo, nomeadamente em povoações pouco populosas como Vila Velha. A meu ver, somente um galopante crescimento demográfico (não previsto, aliás) poderia fazer diluir a importância dos substitutos fictícios dos nomes e apelidos.

b) A Caça: Instrumento da Sociabilidade Masculina

A actividade cinegética é tão antiga como a espécie humana. É sabido que a passagem da Natureza à Cultura, ou do mundo animal para o da organização social foi um processo moroso de milhões de anos, que se concretizou através de três tipos de trocas: a troca de mulheres, a troca de palavras e a troca de bens económicos. Que bens económicos? Naturalmente aqueles que a Natureza, pródiga e rica, colocou à disposição dos nossos antepassados. As presas da caça tiveram, justamente, a primazia nesse "processo de produção natural."

O que interessa realçar é que nessa dicotomia Natureza/Cultura, o Homem, para se afirmar culturalmente, fá-lo através da Natureza. A caça representa, pois, o elo e o vínculo de uma relação que se vai eternizar e perseguir o destino do Homem. Teoriza-se e especula-se afirmando-se que a caça é a alternativa à guerra. Pois que seja; só temos a lucrar com isso.

Entretanto, o Homem aprendeu que a Natureza não é inesgotável. Observando o voo das aves, coabitando com o ciclo da Natureza, descobrindo as casas dos animais, estudando os seus hábitos e instintos, o

Homem concluiu que era preciso manter o equilíbrio, proteger certas espécies, ajudar os animais indefesos, servir-se da Natureza sem a destruir. Isto, o Homem fez sem legislação.

A complexidade da organização social, as invenções, o progresso tecnológico, a delimitação das fronteiras, o domínio cultural ou militar, tudo isso e a ambição humana enredaram o Homem e a sua relação com os sistemas ecológicos com que se tratava por tu.

A evolução das sociedades, sem esquecer o ambiente biológico que as enquadra, gerou pois, processos de caça compatíveis com os instrumentos tecnológicos disponíveis e massificou o mecanismo de procura das espécies cinegéticas. A popularização da caça como instrumento fácil de sobrevivência, ou como factor de lazer, não afectaram, porém, o equilíbrio das populações animais, a não ser quando a tecnologia se sofisticou e a espingarda caçadeira se afirmou.

Note-se que "a caça, além de uma necessidade da vida nómada, desenvolveu-se como uma forma de guerra defensiva e tornou-se um passatempo aristocrático quando as classes guerreiras se acharam sem destino na concorrência social" (Braga 1985: 75). O arco e a flecha, a armadilha artesanal, o varapau, as redes e os dardos, apesar da ajuda de animais especializados (cães,

furões, cavalos ou falcões), foram ultrapassados pela "caçadeira".

Em Portugal, país de matos e florestas, a prática cinegética acompanha as investidas cristãs para a formação do território pátrio nascente. Segundo Oliveira Marques, o Portugal medievo era um país de coutadas e baldios. "A caça incluia-se entre as principais distracções do nobre e representava para o vilão fonte importante de subsistência" (Marques 1974: 8). Por um período de largas centenas de anos, que se prolongou até aos nossos dias, ser caçador era ser privilegiado e nobre; não era qualquer um que tinha posses para adquirir os instrumentos tecnológicos da caça. Naturalmente que não nos esquecemos de uma mão cheia de homens do povo que em cada aldeia ou vila, tinham o engenho e o talento para complementarem as suas tarefas de assalariados sem terra ou de pequenos agricultores, com a actividade artesanal de caçadores.

Para ficarmos com uma ideia da diversidade de animais que eram produto da actividade venatória note-se que nos mercados medievais portugueses se tabelavam "as carnes de gamo, zebro, cervo, corço, lebre e até urso, entre as gordas; ao lado de uma variedade assombrosa de aves: perdiz, abetarda, gru, pato bravo, cerceta, garça, maçarico, fuselo, sisão, galeirão, ca-

lhandra e muitas outras" (Marques 1974: 8).

Os safões, tão peculiares e tão caros aos Alentejanos de extracção genuinamente rural, eram recomendados para a caça por D. João I. Nesses tempos "as luvas tinham particular utilidade na caça e vendiam-se próprias para a arte de cetraria, consoante se quisesse caçar com açor ou com gavião" (Marques 1974: 34).

A cetraria era uma das duas modalidades de caça durante a Idade Média; consistia em caçar com a ajuda de aves de rapina previamente domesticadas. A outra modalidade era a montaria que consistia em caçar perseguindo violentamente os animais.

As grandes áreas de reserva venatória localizavam-se, tal como hoje, no sul do País, "riba d'Odiana". Aqui se caçavam animais extremamente corpulentos tais como o javali, o lobo, o gamo e o urso. Este animal ainda abundava em meados do século XIV, quer no Alentejo, quer na Beira Interior. Oliveira Marques dá-nos conta que os infantes D. Duarte e D. Henrique caçaram um corpulento urso, em 1414, junto a Portel. Todavia, em finais do século XV a espécie estava extinta em Portugal.

Apesar da actividade venatória ser privilégio de nobres e do clero, alargava-se naturalmente a burgueses e vilões, mas com objectivos essencialmente económicos e não como "desporto". De facto, o autor que temos citado refere que "a importância económica que a

caça devia ter na vida quotidiana levava a tolerâncias por parte dos defensores da arte venatória" (Marques 1974: 189). Assim, os moradores de Évora e seu termo foram autorizados, em 1435, a caçar perdizes, perdigões e lebres. O facto é digno de nota porque a região era oficialmente coutada. Tal tolerância verificou-se também, em diversas épocas, no que diz respeito aos lobos e águias. Nobres e plebeus foram convidados a realizar batidas sistemáticas.

A proliferação de toda a espécie de caça em vastas florestas e matagais fomentou a prática venatória, principalmente na Idade Média, a ponto de se elaborarem tratados sobre a arte. Tal é o caso do *Livro da Montaria*.

Os excessos da actividade cinegética e a extensão das coutadas foram, por outro lado, motivo de preocupações e queixas por parte das populações menos favorecidas. Tais queixas caíam normalmente em saco roto. Houve efectivamente, a partir do século XVI, uma diminuição das reservas de caça, mas tal facto deveu-se à necessidade de agriculturar novas courelas e ao aumento demográfico.

Cunha Rivara refere o facto de as coutadas reais em Portugal terem perdido a sua importância e uso a partir do domínio filipino, uma vez que os monarcas

espanhóis não tinham ocasião de caçar nas coutadas portuguesas. Por isso, mandaram descutar muitas coutadas entre as quais se incluiu a da vila alentejana de Arraiolos (Rivara 1979: 159).

Até ao último quartel do século XVIII vigora em Portugal a tradição romanista no que diz respeito à caça, ou seja, ela é susceptível de ocupação independentemente da propriedade. "Mas no Alvará de 1 de Julho de 1776, expedido pelo Marquês de Pombal, o direito de propriedade afirma-se com vincada nitidez. Não se proíbe apenas que se entre nos terrenos murados e valados; rotula-se de invasor o que, contra a vontade do dono ou dos seus propostos, penetre na fazenda alheia, e para o qual se instituem pesadas penas" (Garcez 1962: 7).

Teófilo Braga alude a formas populares de caça em diversas regiões portuguesas, em recolha etnográfica que peca, infelizmente, por breve. No que diz respeito ao Minho refira-se a existência de engenhosas armadilhas com que os jovens apanhavam pássaros: armelos com visco, alçapões, caniços ou naças. Dos Açores refere as cestilhas e da Sortelha (Beira Baixa) indica as costelas. O político-etnógrafo comenta: "Assim como a caça serviu para as populações sedentárias como um exercício de guerra, também se tornou um desenvolvimento do ardil" (Braga 1985: 79). A descrição da caça das cabras-montesas no Soajo, no final do século XVII, feita pelo Padre Tor-

quato de Azevedo, conclui com outras informações úteis: "...o gosto da carne é semelhante à do veado, e o couro é mui útil para o calçado da gente do campo" (Braga 1985: 79).

Foi a revolução industrial que popularizou a caçadeira e criou hordas de caçadores ávidos de matar espécies prejudiciais às lavouras. Apesar disso, ser caçador não perdeu estatuto face à "democratização" da espingarda. Com o devido respeito pelos amantes da cinegética, não é caçador quem quer. É preciso ter qualidades físicas, atributos intelectuais e predicados morais. O caçador, no verdadeiro sentido do termo, é um profundo sabedor das coisas da Natureza: da fauna e da flora, dos montes e vales, dos cursos de água, da chuva e do bom tempo. O caçador é um profundo conhedor de animais; mais do que isso: ele deve conhecer os outros homens.

No mundo rural que nos cerca, existem três ambições que sempre povoaram o universo e o imaginário dos alentejanos pobres:

- ter trabalho permanente;
- ter um porco para a matança;
- possuir uma espingarda para caçar.

Nesse jogo de papéis sociais que cada um representa no palco da vida, ser caçador no Alentejo,

ainda concede estatuto. Vila Velha possui duas dezenas de "espingardas", que se multiplicam por um número indeterminado na freguesia. São poucos os adultos que não são, ou não foram algum dia, caçadores.

Todos os anos a partir de Janeiro se realizam, sob controle oficial, as batidas às raposas e aos javalis. Além disso, durante a época venatória, os caçadores de Vila Velha organizam caçadas a outras espécies locais: coelhos, lebres, perdizes, tordos e patos. Tal facto não significa que durante a época da caça, um homem só, não pegue na espingarda e não dê um salto às fragas do Guadiana ou à "serra" do Barranco para fazer o gosto ao dedo e melhorar a dieta familiar. Mas, cada vez há menos caçadores solitários; forasteiros nortenhos invadem sistematicamente o concelho de Vila Nova.

Há esperança entre os caçadores da freguesia que a nova legislação cinegética lhes preserve a zona e lhes permita ter espécies em abundância para a prática do seu "desporto" preferido.

A organização das batidas obedece a regras e rituais próprios que vão da escolha das "portas", ao jantar de convívio e ao leilão das peças abatidas.

Falar, discutir e analisar os sucessos e insucessos cinegéticos ocupa muito tempo dos caçadores

vila-velhenses, estreita laços de amizade e alarga a rede da sociabilidade.

Nos caminhos tortuosos da masculinidade, para não falar do machismo, o homem afirma-se socialmente pelas suas qualidades de perspicácia cinegética e prova-o com o número maior ou menor de peças abatidas. Apanhar um "chibato" é uma quasi-humilhação que precisa de ser reparada, quanto mais depressa melhor.

Se a caça é para os habitantes do mundo rural "um vou ali já volto", que culmina na agradável surpresa da presa abatida, para o homem urbano a caça é uma aventura e um regresso às origens. A massificação da caça e a invasão nortenha dos montados alentejanos cria justamente nos agricultores e nos caçadores do Alentejo ressentimentos culturais antigos (e modernos), sentimentos territoriais hibernados e quesílias que importará reduzir.

Nalguns casos é a caça a única oportunidade para o cidadão tomar contacto com o campo, para o urbano regressar às origens, para se poderem contemplar montes e vales, sentir-se o peso dos elementos naturais ou a força dos deuses. Será que o homem da cidade tem tempo para contemplar a Lua, sofrer o Sol e sentir o equilíbrio de um mundo sem pressas e fruir o silêncio? Mas a caça é, também, o momento do escape selvagem que

possibilita destruição, violência sanguinária e morte.

Efectivamente, não é necessário argumentar com as modernas teorias psicológicas e psiquiátricas da compensação do *stress* urbano para encontrarmos a justificação da prática venatória; torna-se mais simples fazer o apelo à teoria da sublimação dos instintos do homem-fera. Duma forma ou doutra, todavia, a caça aí está, como fenómeno social total e, mais do que isso, como geradora de problemas sociais.

Teria sido um caçador ou foi o Senhor de La Palice quem afirmou que um bom governo é aquele que consegue fazer uma boa lei da caça? De facto, desde sempre que a legislação venatória é matéria delicada dada a diversidade e complexidade dos interesses envolvidos; principalmente quando os interesses individuais brigam com o bem comum, a protecção da Natureza e a defesa das espécies.

Estatísticas oficiais informam que em 1958 se emitiram em Portugal 142400 licenças de caça, em finais da década de setenta; esse número subiu para 270000 e, nos dias que correm somos confrontados com um "exército" de cerca de 380000 caçadores: aqui está representada, na frieza dos números, a perspectiva que já anteriormente tínhamos aflorado - metade desses Portugueses pretenderia subir na escala social. Logicamente que a ironia deste comentário precisaria de ser demonstrada

factualmente e não engloba os caçadores conscientes que afirmam: "eu sou caçador, não sou matador".

Relatos de caçadas utópicas, descrições de feitos heróicos, "estórias" para ouvir à lareira nas longas noites de inverno ou à tardinha, à Porta da Vila, povoam o imaginário e alimentam os sonhos e a mística dos caçadores, eles próprios alvo de chacota e motivo de saudável humor. Na pobreza e ingenuidade decorativas de algumas tabernas alentejanas, ainda verdadeiramente genuinas, há sempre um distico discreto que reza: "Neste sítio se reunem pescadores, caçadores e outros mentirosos...".

A caça está intimamente associada ao património gastronómico da região. Nos momentos altos da vida social, justamente consubstanciados nas manifestações festivas, um prato de caça é um desejo nem sempre realizado e uma ambição a que a bolsa ou as artimanhas do pobre raramente conseguem chegar. Um ensopado de lebre com nabos (o sonho cinegético permanente de José Vila), uma favada real de caça, o coelho à caçadora e as perdizes estufadas, apenas para referir os que me ocorrem, são alguns dos manjares que fazem crescer água na boca a caçadores sonhadores e a consumidores sempre atentos aos resultados venatórios, cujo destino preferencial é o petisco de eleição.

A descrição literária e etnográfica da caça e da figura do caçador permitiram o aparecimento de páginas brilhantes da nossa literatura, em quadros coloridos em que, à mistura com sentimentos e posturas, habilidades e esforços, se descrevem os hábitos e defesas dos animais, quer se localizem nas penedias de Riba-Côa, nos matagais do Gerez, nas fragas do Guadiana, ou nos penhascos beirões tão caros à pena de Aquilino.

Um dia de caça representa um percurso humano e social inigualável. Participar numa caçada é reviver a aventura humana da sobrevivência e é retratar a necessidade ancestral da organização social do homem, pela via da descoberta cultural, em oposição ao mundo da natureza. Na caçada, repete-se o acto primeiro da gestão da economia de partilha, caminha-se para os mecanismos económicos da troca, que desembocam natural e progressivamente na actual orientação comercial. A caça sintetiza os mais nobres sentimentos de entreajuda, solidariedade e fraternidade. Ao mesmo tempo, o homem reafirma-se como o animal predador por excelência, é bom que o não esqueçamos.

Numa sociedade e numa época que conseguiu, apesar do tempo perdido, reconsiderar o diálogo com o equilíbrio da Natureza e com a noção da precariedade e da não exauribilidade dos recursos existentes, caçar é, acima de tudo, um acto de inteligência.

Actualmente, todas as quintas-feiras e domingos, há sempre um grupo de vila-velhenses que se junta para, de madrugada, iniciar o périplo da freguesia, percorrer as fragas do Guadiana ou calcorrear a serra do Barranco, na esperança de encontrar alternativas à dieta alimentar usual. Por outro lado, há ainda habitantes da vila que preferem, solitários, fazer um percurso mais curto e, antes do meio-dia, atravessar a Porta da Vila, altaneiros, com uma perdiz, lebre ou tordo pendurados à cintura.

Todavia, como foi referido, a grande manifestação venatória da freguesia é a batida às raposas ou a caça aos javalis. Dezenas de "espingardas" fazem-se ouvir à distância, em dias grandes de afirmação da masculinidade rural, em torneios rigidamente regulamentados, combinados e desejados pelos caçadores da terra.

Face a certa legislação orientada para um turismo venatório extremamente oneroso, os caçadores de Vila Velha tornar-se-ão, eles próprios, uma espécie em vias de extinção?

c) "O Vinho do Trabalho"

Confesso a minha dificuldade em distinguir as delícias de um "José de Sousa", dos aromas inebriantes de um "Esporão" ou de um vinho da Cooperativa de Vila Nova. Quando cheguei a Vila Velha não havia lugar para mim nas adegas do conhecimento vinícola.

A vivência quotidiana em Vila Velha deu-me, porém, a dimensão exacta do peso e importância do vinho como veículo essencial no estabelecimento das relações sociais entre a população masculina da terra.

Por paradoxal que pareça, foi o vinho que traçou o caminho da decadência de Vila Velha. De facto, há cento e cinquenta anos foi a vinha que proporcionou um "boom" económico em Vila Nova, possibilitando assim, cumulativamente com outros factores, a transferência da sede concelhia, de Vila Velha para a próspera e liberal Vila Nova.

Não valerá a pena esmiuçar um *slogan* que ficou famoso - "Beber vinho é dar de comer a um milhão de Portugueses" - mas a frase tem muito que se lhe diga e faz certamente corar de vergonha muitos especialistas em marketing. Não caio também na armadilha fácil

de dizer que, em perspectiva terceiro-mundista e balôfa, foram os Europeus que levaram no farnel colonial as bebidas alcoólicas para os outros continentes. Rir-se-ão disso os bebedores africanos do malawo ou marufo (vinho de palmeira), os apreciadores de sura (vinho oriental, de arroz), do vinho judeu ou do vinho de dendém.

Está já dito, por quem sabe, que beber vinho é um acto de cultura. Mas eu direi que é um acto de cultura popular, dando à palavra cultura o seu significado antropológico original e não a utilizando na sua acepção vulgar. Parafraseando Roland Barthes, podemos afirmar que, também para os Portugueses, o vinho é uma bebida totémica, correspondente ao leite dos Holandeses, ao chá britânico e à cerveja germânica. Como tal, ele "é o suporte de uma mitologia variada, que não se embaraça com as contradições... antes de mais é uma substância de conversão capaz de voltar do avesso as situações e os estados, e de extraír dos objectos o seu contrário; de fazer, por exemplo, de um fraco um valente, de um silencioso um fala barato" (Barthes 1978: 66).

A domesticação da vinha, a selecção e apuramento das castas, o domínio dos processos de fermentação, a adequação da planta aos solos mais convenientes e aos climas mais favoráveis, tudo isso constitui a síntese emblemática que opõe dois mundos que se completam: A Natureza e a Cultura.

Em Vila Velha, e naturalmente por todo o Alentejo, são imensos os motivos para se beber vinho: ter sede, estar calor, fazer frio, ter fome (ou ter o estômago vazio), estar cansado, acompanhar a comida, etc., além de outras manobras sociais, como adiante se verá. Sangue da terra (o tinto), manjar dos deuses, (qualquer um), suco do sol, "o vinho detém poderes aparentemente maleáveis: tanto pode servir de alibi ao sonho como à realidade, tudo dependendo dos utilizadores do mito" (Barthes 1978: 66), ou seja, dos bebedores.

O recurso ao vinho é das soluções mais universais do Homem, porque se bebe por tudo: quando se está triste, quando se está contente, porque se está só, porque se está com os amigos, no abuso da festa ou em momentos essenciais da vivência quotidiana, porque estamos zangados, porque fizemos as pazes, porque estamos apaixonados, porque celebramos a vida e, até, quando acompanhamos a morte. Em terra de gente envelhecida, sem riscos e sem projectos, não é o sonho que comanda a vida, é o vinho, diria o Senhor de La Palice ou pensará qualquer cidadão comum de Vila Velha. Na verdade, o "néctar divino" é um elemento referencial que pontua a postura social dos habitantes da comunidade.

O vinho é simultaneamente sagrado e profano, norma e desvio, equilíbrio e ruptura, banal e

ritual. Consome-se pela mais pequena trivialidade e saboreia-se nos momentos de eleição da prática grupal.

Mesmo entre a gente pobre, quem não tem religiosamente guardada uma garrafa de vinho da colheita de mil novecentos e tal, para abrir e consumir ritualmente nos dias de festa? Ele é o reencontro de amigos e parentes, o sêlo de uma aliança, a marca de um contrato que se firmou ou cumpriu, a celebração dos ausentes, a recordação de uma data, a ilustração do *potlatch* de ostentação, o instrumento de coesão e solidariedade.

Limitemo-nos ao Alentejo, a Vila Velha e a Vila Nova: aqui, uma causa nortenha do insucesso escolar não existe - as criancinhas não tomam de manhã, antes de irem para a escola, não tomam "sopas de cavalo cansado".

Humaniza-se o vinho: se alguém se sente mal é porque "lhe caiu o vinho no corpo". Por outro lado, "fulano tem bom vinho", ou seja, bebe com prudência e parcimónia ou, quando embriagado não faz disparates. Nalgumas povoações do concelho, ir ao café e à taberna ao fim do dia e beber seja o que for (cerveja, vinho, aguardente, ginja ou amêndoas amarga), é beber "o vinho do trabalho". A simplicidade da expressão é apenas aparente: o homem que trabalhou merece beber vinho e só o vinho é referido como compensação ao esforço dispendido.

A ingestão do líquido cria riqueza e prodigalidade não apenas comportamental; que o digam os linguistas, face à diversidade semântica da terminologia vinícola. Bebedeira é: piela, torcida, bezana, tosga, carraspana, ursa, camada, cardina, açorda, bêbada, borra-cheira, grossura, tachada, gatosa, pifo, pifão, perua, turca, e que mais?

Estar bêbado é estar tratado, é estar alegre, ter o rei na barriga, estar farto, estar com ela ou, já estar...

Numa perspectiva rural e popular, falar do vinho é trazer à memória a tradicional taberna. Vila Velha possuía três tabernas típicas, que foram evoluindo para espaços híbridos de casas de pasto, cafés-restaurantes, face à crescente procura turística, nas duas últimas dezenas de anos. Os cafés-restaurantes da vila possuem todavia, ainda, um espaço menor, correspondente à casa da entrada, que é a expressão residual da antiga taberna.

As tabernas mais antigas estavam associadas às carvoarias, por razões que talvez não fossem meramente comerciais. O garrafão e o pedaço de carvão pendurados às portas eram cartazes publicitários, mas transportavam em si uma outra simbologia. "Para além da questão funcional da venda dos dois produtos, descobre-se

o significado ritual que faz associar os dois elementos: o carvão provoca o fogo que aquece o corpo; o vinho produz a chama que aquece o espírito" (Ramos 1980).

Esta associação duplamente justificada do vinho e do carvão foi sempre mais frequente em vilas de vocação urbana. De facto, em Vila Velha nunca houve necessidade da venda de carvão ao público, dada a prodigalidade da existência de lenha nos campos envolventes.

Taberna é tasca ou adega. Nalgumas localidades é apenas nomeada pela última designação. Naturalmente que a adega pressupõe a produção própria ou, pelo menos, a armazenagem. O vinho é, na taberna, o centro à volta do qual gira um vasto número de elementos: o petisco, o mobiliário, a decoração, o vasilhame, a clientela, etc. Note-se que, quando outras bebidas invadem o espaço do vinho, a taberna genuína torna-se híbrida e caminha para café, restaurante ou bar.

Na freguesia, a taberna mais primitiva só vende vinho (e aguardente), não fornece petisco, não possui frigorífico, a vasilha por excelência é o garrafão ou serve-se directamente do pote, a decoração é exígua e o local é frequentado pelos grupos sociais mais pobres. A taberna urbana, frequentada por caçadores, empregados bancários e funcionários públicos, (grandes amantes do "vinho do trabalho"), tem tendência a evoluir para café: surge o balcão frigorífico, o jornal, a televisão, a

coca-cola, o petisco diversificado, etc.

O petisco, esse ceremonial colectivo, tão do agrado das classes populares, (e das outras), parece-me ser simplesmente uma desculpa para se beber vinho; é um mecanismo de fachada. Então não se costuma dizer que o petisco é só para enganar o estômago?

Beber um copo parece-me também uma deliciosa mentira inofensiva. Quem diz que vai beber um copo, bebe apenas um? O vinho, ou melhor, a vinha, é um indicador sócio-económico ao qual se devia prestar mais atenção. Que o digam o grupo alargado de "novos-ricos" de Vila Nova que ao longo do último século se foram progressivamente afirmando social e economicamente. É vulgar comentar-se: Fulano vive bem, tem trinta hectares de boa vinha... Mais, alguns homens não se medem socialmente aos palmos: medem-se pelo volume das suas garrafeiras.

Os bons bebedores de Vila Velha fazem questão em beber o vinho de um copo sem interrupções. Bebem, no entanto, devagar, prolongando o prazer do saboreio e olhando o vinho decrescente. Deixam uma pinga no fundo do copo, atirando-a normalmente para a parede do balcão. Limpam a boca com a manga e cospem de seguida. Tal acto simbólico de purificação pode acontecer, nalguns casos, antes de se levar o copo à boca. "Os homens que misturam vinho com gasosa são considerados fracos bebe-

dores, sendo por isso alvo de chacota" (Ramos 1980). As tabernas-adegas mais tradicionais do concelho possuem ainda talhas centenárias fabricadas no Redondo, S. Pedro do Corval e Beringel.

Beber um copo de vinho, que é beber o vinho de um copo, já foi "vai um copo de três" e, nos dias que correm pode ser: "vá lá mais um", "queria um balde", "quero um penalti", "dá-me uma saquinha de carvão", "serve-me um chá", "dá-me um dos grandes", "aponta aí mais um", "vá lá o último". Mas este jogo de metáforas não cria problemas de comunicação; os interlocutores entendem-se perfeitamente, tão perfeitamente que podem passar da linguagem oral à gestual.

Em Vila Velha, o vinho é o tónico duplamente fortificante que a tudo ajuda: é preciso beber uns copos antes da declaração de amor, antes de abrir o baile, antes de contar um segredo há muito guardado, antes de descrever uma história interdita, antes de enfrentar os cornos de uma vaca ou os punhos do rival. O vinho é, na festa popular, a armadura ideal para a ruptura com a norma. Por outro lado, se a comunidade critica o comportamento de um indivíduo que se embriagou, há sempre uma voz de contrição que, misericordiosa, atalha: "Coitado, estava bêbado, não sabia o que fazia..."

Em certo lugar do concelho, minimizava-se o acto brutal de um homicida com uma interrogação

acusatória: "Quem lhe teria dado o vinho a beber?!"

O bêbado é uma figura acima e fora da regra, não é homem e não é deus, não está no seu juízo perfeito e não é louco; é outro. É um réu condenado a ser condenado a pena suspensa. Como insinua com imaginação Lobo Antunes, teria sido uma bebedeira tipificada nalgum marinheiro famoso que nos terá levado ao Cabo das Tormentas e às Índias. Sem o vinho, a aguardente ou o absinto que Fernando Pessoa bebeu, comemoraríamos o maior poeta universal do nosso século?

Nos meandros e nos delírios das paixões obsessivas do mundo rural há sempre uma desculpa mítica veiculada por mãos femininas: "Ela deu-lhe qualquer coisa a beber" - diz o povo²⁰. Depois de investigação aprofundada sobre o tema, posso garantir-vos uma coisa - dessa veniaga amorosa não consta o famoso vinho do concelho de Vila Nova.

Saber beber requer técnica, sabedoria, postura, sensibilidade, atributos que não se compadecem com os "Dez Mandamentos do Abade de Baçal" ou com o ideário do "Grupo Excursionista - Os 24 Amigos do Tinto".

Não quero deixar de referir uma actualizada característica do vinho: a sua vocação insuspeita-----

(20) Existe uma insinuação implícita ao sangue menstrual, mas ninguém assume categoricamente o facto, pelo carácter "perigoso" que a poluição menstrual parece representar.

damente democrática. Na realidade, em bilha tosca ele vai à mesa do pobre e, em lampejos prateados de cristal senta-se à mesa do rei. No mundo urbano, porém, o vinho abandona, várias vezes, e por razões fundamentalmente económicas, o seu destino democrático: estabelece diferenças, marca distâncias, identifica classes, é factor de ostentação, coesão e/ou competição. O urbanismo não tolera enganos - vinho branco com peixe, vinho tinto com carne, o branco fresco, o tinto natural. Em jantar de cerimónia o ritual da prova é essencial; rejeitar um vinho publicamente e com fundamento é uma consagração a poucos devida, é sinal de conhecimento inquestionável, concede estatuto e aumenta o prestígio. Beber vinho da mesma marca que monarcas, soberanos, presidentes e papas é uma benesse concedida a um punhado de eleitos, de sabedoria vinícola conceituada e de bolsa larga.

Todos sabemos que as tapas foram inventadas para acompanhar o vinho. Em Vila Velha, as tapas são a variedade gastronómica da pequenez, em crescente ascensão; no mundo urbano, as tapas são a camuflagem da refeição opípara.

Há uma questão vinícola que me preocupa e espanta: a obsessão com que alguns amantes do néctar da terra colecionam e guardam religiosamente garrafas de colheitas famosas. A questão fundamental que coloco é esta: Um bom vinho deve ser guardado ou deve ser saboreado?

Leigo na matéria, todavia, não tenho dúvidas em responder que prefiro consumir um vinho e fruí-lo com prazer, do que guardá-lo para mostrar aos amigos. Guardar uma garrafa de bom vinho é um bom investimento? Eu entendo o dilema. Na realidade, não se pode simultaneamente ter uma garrafa de bom vinho e bebê-lo. Ou se guarda, ou se bebe. Os grandes amantes do vinho devem ter, a este respeito, alguns problemas de consciência...

Em Vila Velha, quase todos os dias há pelo menos, um homem que se embebeda. A vivência quotidiana, a monotonia, a habituação, o convívio prolongado na taberna, os atributos do petisco ou as contrariedades da vida a isso obrigam. Mas a Vila está habituada. Faz parte do ritual do quotidiano e é a marca frequentemente abusiva da sociabilidade de grupos necessariamente restritos.



Figura 8 - Vila Velha. Igreja da Misericórdia

d) Sociabilidade e Dádiva

A rede da sociabilidade pode apertar-se através da dádiva. Há, efectivamente, formas peculiares de dádiva no mundo rural. Vários autores abordaram já, ao longo dos tempos, e no que diz respeito às chamadas sociedades primitivas, modalidades especiais de ofertas ou dádivas, sem valor necessariamente comercial. Todos eles realçaram a função social de tais trocas. Citem-se a título elucidativo Malinowski, Fortune, Mauss e Benedict. Sem intenção de o reduzir aos mesmos esquemas polinésios, oeste-americanos ou africanos, o fenómeno social dádiva tem todavia suficiente importância no meio rural alentejano para que a ele se faça referência. Penso que, não sendo o ponto fulcral da vida pública das pequenas comunidades alentejanas, os princípios que lhe dão origem e a filosofia subjacente ao fenómeno da troca de presentes são análogos nas duas situações, salvaguardadas as devidas distâncias, a vários níveis.

Foi possível detectar em Vila Velha, na freguesia e nas freguesias limítrofes, formas peculiares de dádiva, que aliás ocorrerão um pouco por toda a região ou país, e que não se devem confundir, com actividades comunitárias de cooperação ou solidariedade.

É fácil identificar em Vila Velha dois tipos de dádiva: as que ocorrem tendo forasteiros como receptores, e as que se dão no interior da comunidade. Analisemos o primeiro tipo.

Trata-se de ofertas que se dão a indivíduos que não pertencem à comunidade, indivíduos esses que ocupam, suposta ou realmente, um lugar superior na escala social. São, parafraseando Marcel Mauss, dádivas de natureza e orientação aristocrática. São ofertas que simbolizam respeito, admiração, cortesia, hospitalidade. Não são *kulas* ou *potlatchs* de objectos quantificáveis - são gestos, deferências, atitudes, símbolos, "objectos qualitativos". Não terão grande valor comercial, na maior parte dos casos, mas sendo da iniciativa do "devedor", estabelecem um vínculo entre o dador e o receptor, que aquele não se cansará de referir. O receptor é, normalmente, o padre, o professor, o médico, ou o forasteiro de prestígio instalado na comunidade. Dádivas deste tipo consubstanciam-se em pequenas ofertas de produtos agrícolas, (alfaces, batatas, couves, melões, laranjas, espargos, lenha, amêndoas, etc.), pequenos artefactos (utensílios caseiros, isqueiros, peças artesanais, lembranças) ou, podem revestir ainda a forma de prestação de serviços, ofertas de petiscos, um copo ao balcão da taberna ou um convite para jantar. O que interessa salientar é que tais ofertas não sendo solicitadas ou sugeridas

das, são da iniciativa do que mais precisa. A sua função, na intrincada rede das relações sociais, orienta-se para a afirmação grupal ("nós" oferecemos ao "outro") e, os exemplos etnográficos de Vila Velha permitem-me discernir aquilo a que podemos chamar "a ideologia da dependência" a que farei referência. Na realidade, tais ofertas circulam, regular e normalmente, num único sentido, de baixo para cima, já que o receptor, tal como foi dito, se encontra, real ou ficticiamente, em posição social hierarquicamente superior. Não sendo uma dádiva a retribuir, e não sendo também um pagamento de favores (isso é outra questão, a não esquecer), só se pode considerar como uma oferta não reciprocada (desinteressada?) que, a ser retribuída, só o poderá ser diferida no tempo. É um crédito prolongado no tempo? É uma forma elementar de sujeição potencial ao patrocinato *à la longue*? O patrocinato pela sua natureza, exigiria favores, contrapartidas e, quanto mais depressa melhor. Desconfio de um comportamento de dependência camouflado em prendas "desinteressadas e puras", que pretendem expressar simpatia, apreço, deferência. Mas também um mecanismo de procura de segurança, protecção e um meio de alargamento da teia das amizades. Ninguém em Vila Velha vive na miséria ou passa fome, nos dias que correm. Isso elimina a necessidade do patrocinato de raiz económica, tão caro a Cutileiro, e

tão contraditoriamente defendido por este autor, ao considerar o trabalhador rural alentejano moralmente independente e simultaneamente sedento das benesses dos patrões, não se coibindo em comprometer e hipotecar a honra da sua própria mulher²¹.

Raramente o receptor retribuirá ou, se o fizer, nunca através dos mesmos instrumentos de troca. Logo, se ela existir é uma troca desigual, pelo menos em espécie. O receptor, como retribuidor, oferecerá um cumprimento, amizade, simpatia, mas sem objectos mediadores.

A dádiva no interior do grupo possui outras características e reveste dois aspectos. Primeiro: É oferta insignificante, casual e espontânea, que cimenta os elos do parentesco, da amizade e da vizinhança. Ela está difundida no interior do grupo, é interesseira e deve ser reciprocada em tempo breve e útil. É materialmente irrelevante, mas a retribuição é obrigatória em artefactos, produtos, objectos e serviços da mesma espécie. Não é "aristocrática" e o tempo de retribuição não fica em aberto. Contribui justamente para a coesão social, reforça os laços comunitários, é veículo de sociabilidade e, quando não retribuída pode provocar conflitos. Nesta situação, o valor da dádiva é empolado materialmente. Um molho de espargos, o empréstimo de um

(21) Ver "Ricos e Pobres no Alentejo", especialmente as páginas 29 e 192.

burro ou a oferta de dois copos de vinho acabam por ser excepcionalmente sobrevalorizados.

O segundo aspecto prende-se com as ofertas de ostentação. Elas ocorrem no interior do grupo, nos momentos essenciais da vida social: casamentos, baptizados, funerais, leilões e festas. O fluxo normal destas ofertas (prendas) seria de cima para baixo, mas uma observação atenta demonstra-nos que não existe regra rígida para as dádivas de afirmação. A circulação destas prendas não rompe com os esquemas do parentesco, da amizade ou da vizinhança, mas elas são essencialmente ofertas de afirmação social que associam o seu valor simbólico a um certo valor pecuniário, pretendendo demonstrar, real ou pretensamente, o poder económico do dador. Sendo elos de uma cadeia, elas marcam diferenças. São *potlatchs* pacíficos cuja concretização atinge toda a comunidade. O dador ganha eventualmente prestígio, respeito económico ou é objecto de crítica, conforme a dádiva é consentânea com as suas posses ou está acima do poder económico que a comunidade lhe outorga. Alguns comportamentos de emigrantes retornados servem maravilhosamente de exemplo a este tipo de oferta no interior das comunidades rurais. Quem fica empenhado por fazer uma festa de casamento aos filhos é objecto de chacota pública ou de admiração misericordiosa.

Nos anos 70, numa freguesia próxima de Vila Velha, ficou famoso o caso de duas famílias que não se entenderam para fazer a boda aos filhos. A solução foi organizar duas festas de casamento, qual delas a mais ostentatória e rica de manjares. Os convidados dividiram-se conforme a origem dos convites e os noivos, confusos e comprometidos, saltitaram entre uma festa e outra.

A teoria da dádiva no meio rural alentejano não deve ser confundida com outra prática que dá pelo nome de pagamento de favores, sob a forma de patrocinato ou não. Uma benesse, uma cunha, um favor, um jeito, uma facilidade, tudo tem o seu preço, antecipado ou diferido. O pagamento é diversificado: dinheiro, um cabrito, uma decâa de azeite, um saco de laranjas, um alforge de melões. Em Vila Velha um favor é sempre pago: em géneros, na mesma moeda ou com o trabalho.

Os funcionários públicos e os envolvidos no mundo da política local poderiam, se quisessem, ajudar-nos bastante nesta matéria do pagamento de favores feito por devedores que estão distantes e ignoram o mundo da formalidade, da escrita e da burocracia. Desde funcionários das Finanças e do Tribunal, aos da Câmara e Juntas de Freguesia quem é que não fez já um favor excessivamente recompensado? O paradoxo é que muitas vezes "o favor" não seria mais do que o simples dever profissional.

e) Política Local: A Regeneração do Patrocínio

Sem pretender propor generalizações, as questões políticas em Vila Velha (e Vila Nova), reflectem, em geral, os grandes problemas surgidos na região Alentejo, justamente após 1974. Não vou focar a questão da Reforma Agrária porque outros o fizeram em profundidade e bem. Alguns foram menos felizes e o exemplo de Cutileiro é conhecido: o posfácio à sua edição de *Ricos e Pobres no Alentejo* é, no mínimo, gerador de controvérsia.

Todavia, gostaria de enfatizar um aspecto que, hoje, me parece bastante claro. No que diz respeito às raízes históricas das lutas sociais envolvendo os trabalhadores rurais do Alentejo, Pacheco Pereira (1982) já demonstrou de maneira convincente que a maior aspiração dos camponeses sem terra do Alentejo foi o desejo do trabalho certo e nunca "a fome da terra".

No seu estudo, Cutileiro embarca numa armadilha romântica: a terra prometida para os trabalhadores. Ele menciona mesmo "o grande sonho milenar alentejano" e "o entusiasmo milenar dos trabalhadores orientado para destruir a estrutura existente" (Clark e O'Neill

1980: 61). Quando lemos o referido posfácio verificamos que Cutileiro mudou de opinião.

Gostaria de acrescentar uma outra contradição que me parece óbvia nos argumentos de Cutileiro. Este autor defende fortemente o conceito de patrocinato mas, por outro lado, enfatiza a independência moral dos trabalhadores alentejanos (pg. 29). Para complicar a questão considera o adultério uma quasi-instituição, referindo que alguns anos antes do seu trabalho, e em várias ocasiões, o adultério feminino era fomentado por instigação dos próprios maridos (pg. 192). Em que ficamos? Onde está a independência moral dos trabalhadores?

Na linha de pensamento de Sandra Clark e Brian O'Neill, defendendo também que Vila Velha não pode ser considerada como exemplo de uma comunidade alentejana típica, como Cutileiro sugere. Isto refere-se a diversos aspectos da vida social ao longo dos tempos e, principalmente, aos desenvolvimentos políticos depois de 1974. Tal atipicidade tem raízes e razões profundas, algumas já identificadas, outras que eu gostaria de recordar. "É verdade que as relações de patrocinato (sem os excessos de Cutileiro) foram responsáveis pela redução de uma potencialmente radical luta de classes. Cutileiro rejeita esta explicação, que me parece evidente e a outros também. Mas esta razão não é única. A natureza clientelista

da política do Partido Socialista, como Vilaverde Cabral defende, foi outra razão que contribuiu para o evitamento de radicalizações em algumas áreas do Alentejo e particularmente no concelho de Vila Nova. De facto, em 1975/77, o Partido Socialista funcionou no Alentejo como um largo guarda-chuva protector para aqueles que se opunham ao Partido Comunista" (Ramos 1989a: 7).

Mas gostaria de acrescentar algo mais: Vila Velha detém uma indiscutível tradição aristocrática e conservadora que remonta às Guerras Liberais e recua até ao século XIV quando o Condestável aqui veio admoestar os nobres locais hesitantes entre Castela e o Mestre de Aviz. Não é por acidente que, no século XIX, Vila Velha apoiou D. Miguel e Vila Nova seguiu os Liberais, o que lhe viria, para além doutros factores, a hipotecar a liderança concelhia. Também não é acidental que, após 1974, "Vila Velha, de facto, seguiu um padrão de votação consideravelmente mais à direita que as outras freguesias vizinhas do concelho" (Clark and O'Neill 1980: 68).

Além disso, a ausência de líderes locais, activos e credíveis, não pode ser minimizada. A este respeito estou de acordo com Cutileiro. Penso ainda num outro importante factor que é fortemente responsável pela ausência de conflitos sociais sérios em Vila Velha. Trata-se do facto de a população da vila ter sofrido um

processo contínuo de redução devido ao fluxo migratório crescente a partir dos primeiros anos da década de 60. Isso significa que Vila Velha tinha perdido a maioria dos seus habitantes mais jovens, activos e dinâmicos. Em 1974/5 Vila Velha estava já transformada num centro ritual em vias de extinção, habitado por um conjunto populacional bastante envelhecido. Populações envelhecidas são, obviamente, contrárias à inovação e avessas a mudanças radicais. Os ventos da mudança política haveriam de soprar de Vila Nova e de Évora.

Também é verdade que, tendo Vila Velha perdido a sua importância administrativa, estratégica e económica face a Vila Nova, foi esta que, a partir de 1975, ditou as regras do jogo político-social. Vila Velha limitou-se a seguir o modelo concelhio. Acontece que Vila Nova foi sempre um local com uma classe média forte - constituída por pequenos e médios agricultores, artesãos independentes, pequenos e médios comerciantes, oficiais e artistas - ou seja, um significativo segmento populacional que nunca se envolveu em posicionamentos políticos extremos. Apesar da existência de uma dúzia de latifundiários e grandes proprietários, as suas principais referências localizavam-se em Lisboa, Badajoz ou Madrid. Uma espécie de fidalgos a passar férias rurais, como diria Miguel Torga.

A vanguarda revolucionária que Cuti-

leiro consideraria necessária para liderar o processo político em Vila Velha é um argumento tão romântico como as movimentações espontâneas dos trabalhadores, criadas pela imaginação de Sandra Clark.

As Juntas de Freguesia, como órgãos do governo local (agora como anteriormente), não desempenham grande papel na esfera administrativa, excepto em questões burocráticas. É o caso da de Vila Velha, que depende da Câmara de Vila Nova, quer em matérias orçamentais, quer no campo das decisões políticas. É óbvio que muitas coisas mudaram em Portugal depois de 1974 no que diz respeito às estruturas políticas locais. Os organismos corporativos foram eliminados e/ou substituídos, desactivados ou transformados (Grémios da Lavoura, Casas do Povo e quejandos). As Juntas de Freguesia e as Câmaras Municipais mantiveram-se como parte integrante das estruturas políticas locais. Todavia, com a emergência dos partidos políticos todo o sistema se transformou. O Presidente da Câmara, em vez de ser escolhido pelo Governador de Distrito (por seu lado nomeado pelo Governo), passou, desde então, a ser escolhido pelos votos dos eleitores através de listas partidárias. Antes de 1974, o Presidente da Câmara costumava ser um rico proprietário ou um profissional necessariamente relacionado com uma qualquer família detentora de terra, como lembra Cutileiro. Com a insti-

tucionalização de um sistema democrático multipartidário, a origem de classe deixou de ser associada à seleção de candidatos aos órgãos autárquicos. O golpe de estado de 1974 permitiu a eleição de alguém vindo da banda dos pobres, simples e humildes. Por esse Alentejo fora e no caso particular das Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, alguns dos eleitos - pessoas respeitáveis, sem dúvida - eram verdadeiros analfabetos políticos.

A democracia não é posta em causa mas, com o decorrer dos anos, o cidadão comum de Vila Velha e Vila Nova acomodou-se numa espécie de letargia e não participação que apenas são alteradas nos curtos momentos das campanhas eleitorais.

As expectativas dos primeiros dias da revolução transformaram-se em frustração e ficaram pelo caminho. Os velhos de Vila Velha relembram os tempos de Marcelo Caetano, quando adquiriram os primeiros benefícios sociais, e consideram as suas reformas actuais como suficientes, porque se habituaram a gerir a escassez ou a miséria.

Acontece que, um dos mais activos membros da Câmara de Vila Nova é uma mulher: a vereadora socialista responsável pelo sector cultural da autarquia (até 1989). Dadas as características históricas, arquitectónicas e paisagísticas de Vila Velha, foi aqui que

ela desenvolveu a sua maior actividade. Organizou iniciativas turísticas e culturais e estabeleceu uma rede de colaboradores (correlegionários ou não) e simpatizantes.

Esta rede e o sistema estabelecido traduzem uma ligação e uma espécie de cordão umbilical entre Vila Nova e Vila Velha, através do qual a informação e as decisões fluem: desde as mais importantes decisões políticas a todas as outras questões - acompanhamento de visitas, recepções, almoços e jantares, organização de festas, visitas guiadas, recrutamento de pessoal para limpezas e "caianças", selecção de candidatos para empregos temporários, trabalhos públicos, campanhas eleitorais, reuniões com os moradores, inquéritos, construção ou reparação de casas, matanças, excursões, etc.

Os não envolvidos no processo comentam: «São sempre os mesmos!»; «antigamente também era assim, só que não havia partidos»; «para se conseguir alguma coisa é preciso meter uma cunha à Dona Francisca»; «ela é que sabe, parece o dr. David há 40 anos!»

Por exemplo, uma associação de orientação religiosa, formada na paróquia, é praticamente dominada pela vereadora e seus acólitos, sob as bençãos generosas e sagradas do padre local, cooperante ideal e flexível.

A fundação, em 1988, de uma associação sócio-cultural sem fins lucrativos (para a qual a vereadora não foi formalmente convidada) foi olhada pela activa senhora como uma iniciativa ao arrepio do poder²² e do *establishment*. O resultado foi que os seguidores da Vereadora primaram pela não inscrição. Mas a desconfiança inicial atingiu também o Presidente da Câmara de Vila Nova, o então Presidente da Junta de Freguesia de Vila Velha e outros habitantes.

Um conflito entre o Presidente da Câmara e a Vereadora, que acabou por ser afastada da re-candidatura autárquica em finais de 1989, permitiu que, indirectamente, quer o Presidente, quer outros elementos da vila aderissem como associados.

A ausência de radicalismos permite que hoje o Provedor da Misericórdia seja um grande proprietário, pessoa respeitável e considerada, mas latifundiário nas categorias de Cutileiro e fascista na terminologia revolucionária de 75.

Há cerca de três anos, um forasteiro endinheirado decidiu viver na freguesia, comprou um "monte", remodelou-o e adquiriu alguns hectares de terra. Muito preocupado com a morte, comprou já "terra" no ce-

(22) Em muitas autarquias os detentores do poder não reconhecem à sociedade civil o direito de ter ideias, tudo tem de nascer de "cima para baixo".

mitério da vila. Um destes dias referiu-me que aquele cemitério é um lugar bonito e calmo para se ser sepultado. Não deixa de ter razão porque o cemitério domina a planície e é um espaço bem organizado. "Há alguns meses ele sugeriu-me que participasse numa reunião numa das aldeias da freguesia, a fim de que os residentes decidissem àcerca da construção de uma igreja nova no Telhal. Como tivesse notado a minha surpresa, acrescentou firmemente: "Não é preciso a sua presença porque a decisão já está tomada - Eu vou mandar construir a igreja!". A situação é realmente interessante quando me lembro que na data do aniversário do nascimento de Salazar este homem ofereceu whiskies à memória do ditador a todos os que se encontravam num restaurante em Évora; por outro lado, ele contratou o mais esquerdista advogado de Vila Nova para lhe tratar dos seus assuntos legais!" (Ramos 1989a: 19).

Os dados etnográficos recolhidos em Vila Velha, em Vila Nova e noutras freguesias e concelhos vizinhos ajudam-me a defender um argumento em que encontro analogias com o sistema anterior a 1974. A questão é muito simples - As comunidades, principalmente as pequenas vilas e aldeias, estão divididas em dois grupos ou metades facilmente identificáveis: De um lado, encontramos os detentores do poder, apoiados pelos seus seguidores. Na outra metade estão localizados os oponentes e os indiferentes. No primeiro grupo detectamos os líderes lo-

cais eleitos e os seus apoiantes, os detentores do poder e prestígio (real ou fictício) e os que lhes estão próximos. Este é o grupo alargado que alimenta e gera o patrocinato político. De facto, o patrocinato baseado na estrutura de classes e no poder económico foi sendo reduzido através dos anos e tornou-se especializado sob os mecanismos partidários. É alimentado por uma rede de clientelas que tem como referências obrigatórias o compadrio político e a amizade, a pertença partidária ou a simpatia, hoje democraticamente legitimadas. Os outros, os oponentes e os indiferentes, criticam, protestam, lançam boatos, mentem ou dizem a verdade, inventam ou encolhem os ombros.

Sinto-me inclinado a dizer que as mudanças políticas a nível do comportamento quotidiano foram presuntivas. De facto, os mecanismos que suportam a estrutura ideológica das comunidades continuam inalteráveis. Na realidade, a ideologia da dependência é a mesma: o que é novo é o sistema, são os processos políticos e alguns novos actores e principalmente os líderes. Sob a cobertura democrática cresce, subtil, mas eficiente e corrosivo, uma espécie de "caciquismo". Não me surpreendo se, em outras áreas do Alentejo e de Portugal a mesma situação ocorrer, independentemente dos partidos políticos envolvidos.

Como no resto, a política local em Vila Velha está reduzida à sua expressão mais pobre: o poder de decisão escapa-se-lhe, os ocupantes dos lugares políticos são tolerados porque a comunidade não se identifica com eles, ou são impotentes, a freguesia não tem poder reivindicativo, a liderança é nominal, o espírito associativo escasseia, a acomodação impera. Vila Velha é uma terra amputada a vários níveis e por isso não é senhora do seu destino. Transformou-se num sítio.

- "Primo, ouve lá!"
- Só me chamas primo quando precisas de mim!"

Diálogo entre dois habitantes

CAPÍTULO V - A FAMÍLIA

a) Introdução

A família tem sido objecto de estudo privilegiado, nas últimas três décadas, por parte de diversos cientistas sociais: historiadores, demógrafos, sociólogos. Neste campo, as abordagens antropológicas foram pioneiras, dado o interesse pelas questões do parentesco, que constituiu, desde sempre, a área mais complexa, controversa e representativa do trabalho dos antropólogos. Estudar a família como unidade fundamental da organização, funcionamento e estrutura das sociedades tornou-se crucial para o entendimento e compreensão do modo como as relações sociais (económicas, culturais, religiosas, políticas) se processam.

Segundo Raymond Firth, as pequenas sociedades não podem funcionar de maneira organizada a não ser que ordenem as relações entre as pessoas de modo que todos e cada um saibam os seus direitos e o que podem esperar dos outros. "Os princípios de filiação e descendência não são os únicos que regulam a organização social. As regras de residência, tal como as sociedades que se baseiam nas classes de idade e no sexo, são outras importantes fontes de formação de grupos... O princípio da exogamia e as formas relacionadas de alianças matri-

moniais são os mecanismos horizontais que estabelecem relações de solidariedade e complementaridade expressas através das trocas económicas e matrimoniais... Nas sociedades modernas o sistema clânico foi substituído pelo princípio de agrumento social chamado "classe social" e por critérios impessoais de ordem económica e política... Nas sociedades modernas os laços de parentesco são menos importantes em termos de larga escala do que os de tipo económico e político" (Firth 1977: 294).

George Murdock e Floyd Loungsbury defendem que a família nuclear composta pelo marido, mulher e seus filhos, se encontra em todas as culturas. A ausência do papel do pai-marido na família Nayar é uma excepção apontada por Claude Lévi-Strauss à noção de universalidade da família nuclear.

Os estudos de Eric Wolf sobre as sociedades camponesas são de relevante importância para a compreensão dos processos de mudança que afectam a divisão do trabalho, os papéis sociais, o controle dos recursos, que se têm verificado no interior das unidades familiares. Segundo este autor, existem quatro circunstâncias que fomentam a manutenção de famílias nucleares nas sociedades camponesas. Em primeiro lugar, como fenómeno temporário , "quando a terra supera a produção e oferece oportunidades aos jovens casais que desejam quebrar os elos familiares" (Wolf 1977: 311). Em segundo lugar, em situações em que a terra se torna escassa, tais como

quando a propriedade familiar foi subdividida várias vezes, em processo de herança, de modo que não permite alimentar sequer o núcleo familiar. O mesmo autor considera ainda uma situação em que a escassez da terra provoca a fragmentação da família extensa, acentuando tendências centrífugas que só são impedidas enquanto houver terra suficiente e outros recursos. Para Eric Wolf "a prevalência do trabalho assalariado individual é uma terceira razão para a emergência da família nuclear, exceptuando situações em que o empregador ou patrão contrata unidades familiares" (Wolf 1977: 311). A introdução de novas tecnologias na agricultura é considerado pelo autor americano como o quarto conjunto de condições que favorece a família nuclear em sistemas de exploração intensivos geridos pela própria família.

Jack Goody publicou em 1983 a obra *The Development of the Family and Marriage in Europe*, na qual analisa as mudanças radicais ocorridas nos padrões de casamento e parentesco na Europa, a partir do ano 300 da nossa era. No seu original e profundo trabalho, Jack Goody argumenta que o papel da Igreja foi fundamental para a interdição do casamento com um parente próximo e da prática da adopção (casamento de um homem com a viúva do seu irmão). A Igreja, tendo-se tornado a reguladora dos princípios do casamento, acabou por se transformar na "herdeira" de grandes bens económicos e terras, através

da alienação de direitos familiares.

Os argumentos de Jack Goody são essenciais para a compreensão da actual construção familiar da Europa e fornecem tópicos interessantes e inovadores para futuros estudos sobre a família europeia, as estruturas de parentesco e os padrões de casamento.

Uma outra obra surgida recentemente (1986), por coincidência prefaciada por Jack Goody, trouxe novas perspectivas para a compreensão do fenômeno social total Família. Trata-se de *Sociologie de la Famille*, da autoria de Martine Segalen, cuja versão inglesa recebeu o título de *Historical Anthropology of the Family*. Nem a coincidência do nome do prefaciador acontece por acaso, nem o título inglês é meramente acidental.

Martine Segalen fomenta e defende a aproximação entre a História e a Antropologia na análise do objecto Família, aborda na primeira parte a área do parentesco, analisa na segunda parte a constituição do grupo doméstico e reserva para a terceira parte as actividades e os papéis domésticos. A autora revê e sintetiza algum material desconhecido sobre a família europeia e norte-americana e defende o argumento, contrariamente aos que afirmam o declínio da instituição familiar, que a família actual se mostra dinâmica e resistente, apesar da mudança de papéis sociais no âmbito dos membros do casal e do grupo doméstico. Tal como Martine Segalen sintetiza, devemos ter em consideração quatro grandes abordagens que

antecederam a perspectiva histórico-antropológica no que diz respeito ao estudo da temática familiar.

O modelo de Parsons que enfatiza a separação dos papéis sexuais - o homem é "instrumental" e a mulher "expressiva" - tem vindo a ser duramente criticado, até porque não corresponde actualmente às práticas familiares.

A teoria da rede, defendida por Elizabeth Bott, associa a separação dos papéis sexuais à densidade das redes que as esposas mantêm fora do agregado doméstico.

O modelo da carreira dualista, seguido por Robert e Rhona Rapoport, defende a articulação dos papéis familiares em vez da sua separação e considera não só a esfera doméstica como a profissional.

Gary Becker e B. Lemmenecier defendem o princípio de que cada membro do casal tem alguma coisa a ganhar através da sua associação mútua e neste modelo as actividades masculina e feminina são complementares. Trata-se da teoria dos papéis económicos.

A perspectiva histórico-antropológica seguida por Segalen pode ser resumida de maneira breve: "Reflectindo sobre a família no seu enquadramento histórico verificamos que não existe um único tipo de família ou de organização familiar no espectro do tempo e do espaço. Assim, percebendo a natureza relativa do objecto de

estudo, o historiador descobre a variedade de padrões que a antropologia social observa. Este encontro com a antropologia social ensina os historiadores e os sociólogos a olhar de modo diferente para o corpo de conhecimentos e para o conjunto de teorias que construímos sobre a família, e mostra-nos que apesar da sua característica de fenômeno universal, as várias formas que ela assume diferem substancialmente em sociedades específicas... O modo como a família está actualmente organizada nas sociedades ocidentais é apenas um dos caminhos possíveis proporcionados pelo leque alargado das culturas. A História permite-nos recriar a família no fluxo do tempo e a Antropologia Social mostra-nos como ela é relativa no que diz respeito a outros tipos de culturas". (Segalen 1986: 5)

Segundo John Davis, a zona geográfica do Mediterrâneo apresenta uma grande variedade de tipos de agregados familiares nucleares e extensos. Davis analisa e compara dados fornecidos por antropólogos que trabalharam em zonas tão distantes como a Turquia e o sul de Portugal, o Minho, os Balcãs e as costas berberes, desde a família temporariamente extensa, à fascinante instituição balcânica *zadruga*.

No que diz respeito às relações familiares, a situação é multifacetada e a descrição de Davis, modelar pelos exemplos, é significativa: "Em Nicuport quando uma noiva se desloca para a vizinhança do

seu marido isso significa que ela tem dificuldade em separar o marido da sua mãe. Em Los Olivos (Price e Price 1966) a noiva é convidada a quebrar relações com a sua mãe, e o mesmo parece ocorrer em Peyrane (Wylie 1964). Em Hal Farrug, Boissemain afirma que não existirão problemas onde quer que o novo casal vá viver (1965 e 1969), e esta afirmação deve ser lida em conjunto com o relato de Burton (1921) sobre a transmissão das alcunhas: em Malta a mulher recebe o nome do seu marido; em Gozo o marido recebe o da sua mulher. Lison-Tolosana dá-nos bons pormenores sobre o tipo de acusação e contra-acusação feitas em Belmonte de Los Caballeros, mas não informa sobre quem proporciona o novo lar (1966; ver também Pitt-Rivers 1961; Gower Chapman 1973; Cutileiro 1971: 112-13). As vizinhanças também são afectadas: não existe regra de residência em Vila Velha, mas por "inclinação" os recém-casados tendem a viver junto dos pais da noiva, criando um complexo (*cluster*) de parentes matrilineares²³. Restringidas como são às mães, filhas e irmãs, estas redes (de visitas e ajudas mútuas) formam os únicos grupos operativos baseados no parentesco que se encontram nesta sociedade (Cutileiro 1971: 126)" (Davis 1977: 178).

Piergiorgio Solinas também enfatiza as diferenças de estrutura e forma da família mediterrânica, a nível das regras do casamento e das relações de parentesco.

(23) Actualmente não se verifica tal tendência.

tesco: "Estas diferenças parecem irredutíveis - os nómadas do deserto organizam as suas relações de parentesco segundo esquemas que se não podem comparar com os de uma família de seareiros da Emilia. Também não existe comparação possível entre a grande família servo-croata, a *zadruga*, e a família fechada, rigidamente cimentada, da Sardenha tradicional. Deste modo, é necessário renunciar a pensar numa raiz comum, numa matriz única das modalidades culturais e sociais da família" (Solinas 1987: 59).

Nesta linha de pensamento vão as palavras de Michael Anderson: "O Ocidente sempre se caracterizou pela diversidade das formas da família, das funções da família e das atitudes para com as relações familiares, não só ao longo dos tempos, mas em pontos precisos do tempo. Excepto ao nível mais trivial, não existe um tipo de família europeu" (Anderson 1984: 10).

Uma autora pioneira do estudo do parentesco e da família em Portugal foi a antropóloga francesa Colette Callier-Boisvert (1966). Esta investigadora fez trabalho de campo no Alto Minho (Soajo), tendo publicado alguns artigos que consubstanciam o essencial da sua pesquisa, não apenas limitada ao norte do país, mas abrangendo todo o território nacional. Tal é o caso do texto *Remarques sur le Système de Parenté et sur la Famille au Portugal*, obra publicada em 1968.

Para além de abordar questões de nomenclatura, o tipo descritivo do sistema de denominações e as regras de residência, filiação e aliança, Callier-Boisvert não deixa de referir, em termos de relações familiares, a dicotomia família nuclear/família extensa. E escreve: "Ao sul do Tejo, o tipo dominante é a família nuclear; ao norte do Tejo, a família extensa. No sul, as alterações da família extensa tradicional teriam sido devidas à invasão árabe e às guerras da reconquista que teriam destruído as estruturas pré-existentes, para instituir um novo regime de ocupação do solo. O Alentejo, terra de latifúndios com um proletariado numeroso, não apresenta uma grande coesão humana. A população tende a individualizar-se em famílias nucleares" (Callier-Boisvert 1968: 96).

A autora em causa cita Silva Picão para colocar em destaque o papel preponderante da mulher nos meios rurais do sul, em que imperavam a matrilineariedade e a matrilocalidade. Tal situação não é hoje tão clara, pelo menos a nível das regras de residência.

Callier-Boisvert foca ainda o parentesco ritual ou espiritual, que Cutileiro também não deixou de analisar, com profundidade, na sociedade vila-velhense.

Segundo a autora, a originalidade do sistema de parentesco português é tripla: a indiferença na nomenclatura entre a linha paterna e a linha ma-

terna é acompanhada de traços de bilinearidade na transmissão de nomes e bens; tendência matrilocal; abundância de termos classificatórios, resíduos presumíveis de um sistema anterior ao descriptivo.

A família vila-velhense actual é tendencialmente nuclear e reduzida ao nível dos elementos do agregado familiar. Os mais idosos de Vila Velha recordam o número elevado de irmãos nas suas próprias casas e de primos nas casas de seus tios, mas acrescentam o número exíguo de netos que possuem. A redução dos grupos domésticos deve-se, segundo eles, a dificuldades económicas. É o factor económico o grande responsável pela decadência da terra, na opinião dos vila-velhenses mais velhos; daí a necessidade de emigrar para ter trabalho certo; a vontade de partir para evitar a fome e a dependência; a consciência de que ter muitos filhos cria dificuldades acrescidas.

A industrialização que se verificou em Portugal, (apesar de em pequena escala quando comparada com a de outros países europeus), deu início à mecanização da agricultura que, por sua vez, apressou um processo migratório forte, que se fez sentir em Vila Velha a partir dos anos 60, contribuindo de maneira determinante para a nuclearização familiar da freguesia, que ficou reduzida a uma população incapaz de substituir as suas perdas demográficas.

b) "Somos Todos Primos"

Numa colectividade de população reduzida como Vila Velha, as relações de parentesco marcam fatalmente o quotidiano, definem as redes da sociabilidade e influenciam as relações sociais.

A expressão "somos todos primos" traduz, embora algumas vezes ficticiamente, um certo espírito de coesão e pertença face aos "outros".

Chamar primo a alguém é uma estratégia de aproximação entre as pessoas, mesmo que tal termo de tratamento (ou referência) não traduza uma relação real; é a expressão de um desejo ou, reflecte o estreitamento da distância social.

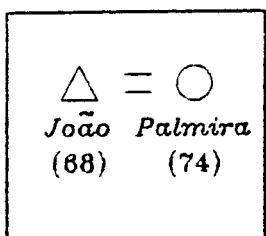
Em Vila Velha, a família é nitidamente nuclear; as excepções são raras e só ocorrem por força de factores inesperados: viuvez de um parente, incapacidade e/ou doença de um familiar, par recém-casado que aguarda temporariamente residência neo-local, casamento por "ajuntamento".

As casas da vila²⁴, tomando como referência o seu centro geográfico intra-muros, são assim constituídas.

(24) Utilizo casa na acepção de grupo doméstico ou agregado familiar. Para os habitantes de Vila Velha a casa não é apenas a estrutura física onde se habita. Entre parênteses indica-se a idade das pessoas, com referência a Outubro de 1991.

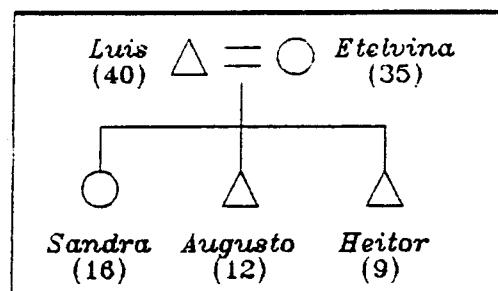
Figura 9 - Diagramas das Casas (28 diagramas)

CASA 1

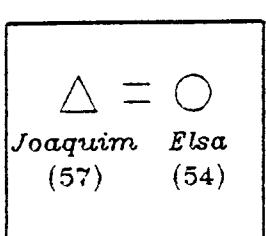


2 filhos casados, a residir fora da vila

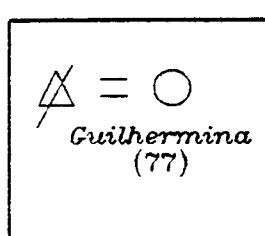
CASA 2



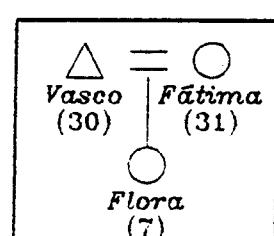
CASA 3



CASA 4

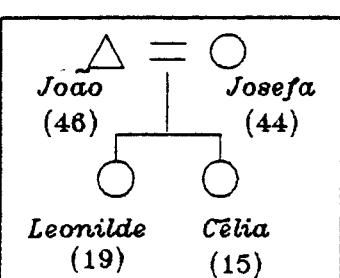


CASA 5



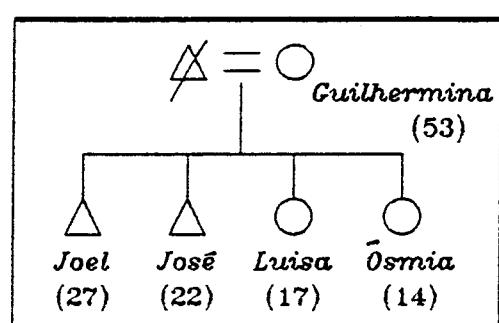
Passaram a viver na casa 4 em 1991
Elsa e afilhada de Guilhermina

CASA 6

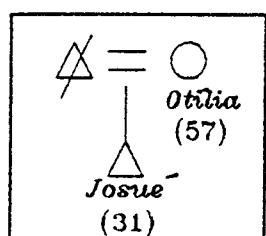


Um filho casou em 1988 e vive na freguesia

CASA 7

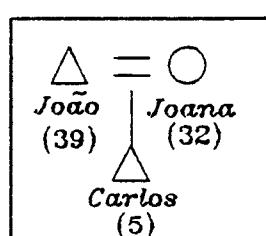


CASA 8

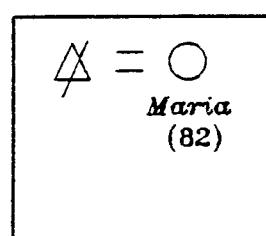


Uma filha solteira vive fora da freguesia

CASA 9

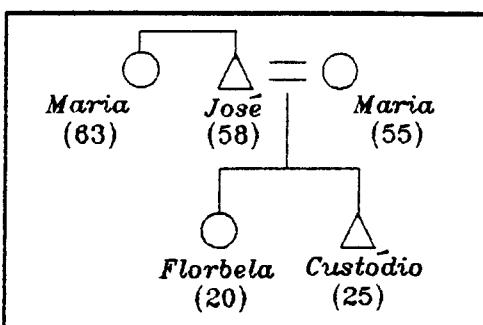


CASA 10



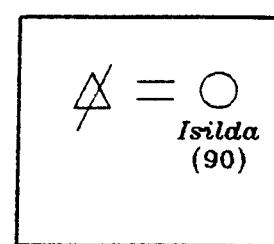
Apenas passa o Verão e Outono na vila; o resto do ano vai para casa do filho, em freguesia próxima

CASA 11



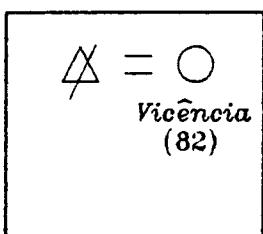
Florbela casou em 1990, trabalha na vila e reside na freguesia. Um filho de Jose e Maria, casado, vive noutra freguesia

CASA 12



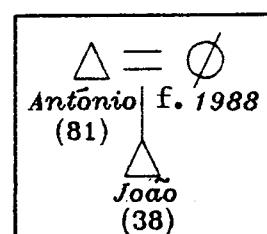
Um filho casado reside na vila, casa 4

CASA 13



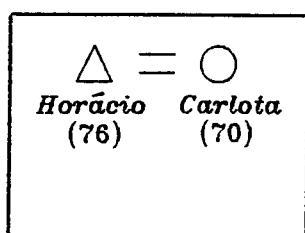
Uma filha casada reside na vila

CASA 14



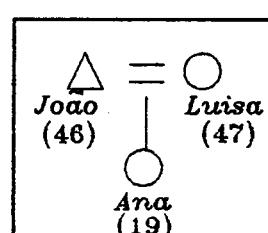
*Uma filha casada na vila
Um filho casado na freguesia
Uma filha casada noutra freguesia
Um filho solteiro noutro concelho*

CASA 15



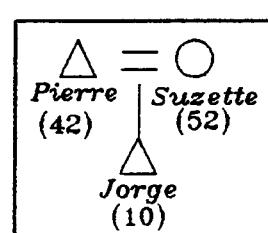
Uma filha casada emigrou

CASA 16

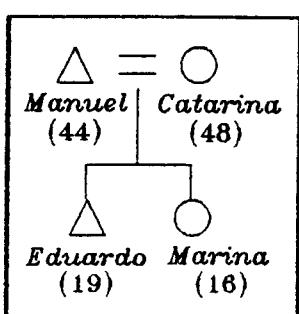


Uma filha casada residente na freguesia

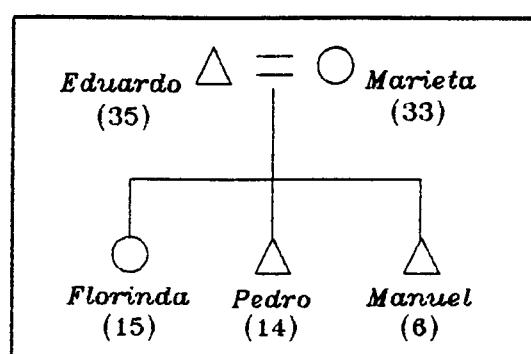
CASA 17



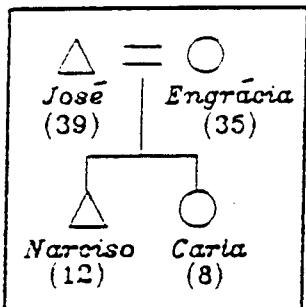
CASA 18



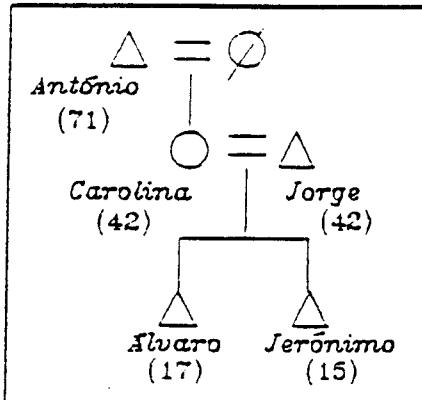
CASA 19



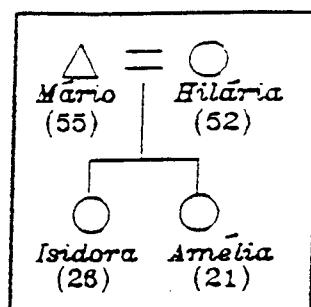
CASA 20



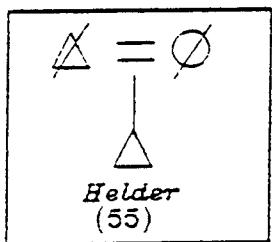
CASA 21



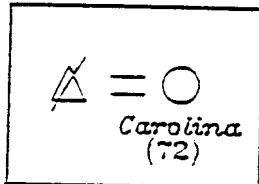
CASA 22



CASA 23

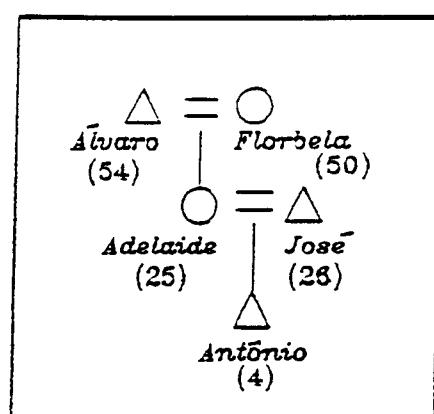


CASA 24



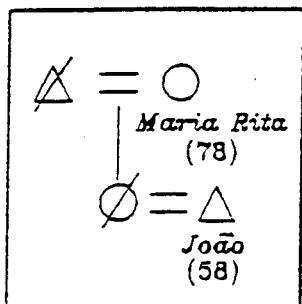
Um filho casado na vila, casa 5

CASA 25



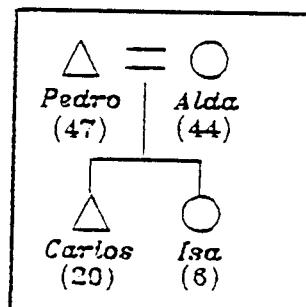
Um filho casado reside na freguesia. Um filho casado reside fora da freguesia

CASA 26

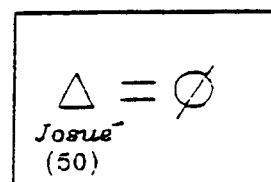


João tem 2 filhos e uma filha casada fora da freguesia

CASA 27



CASA 28



Um filho solteiro, fora da vila

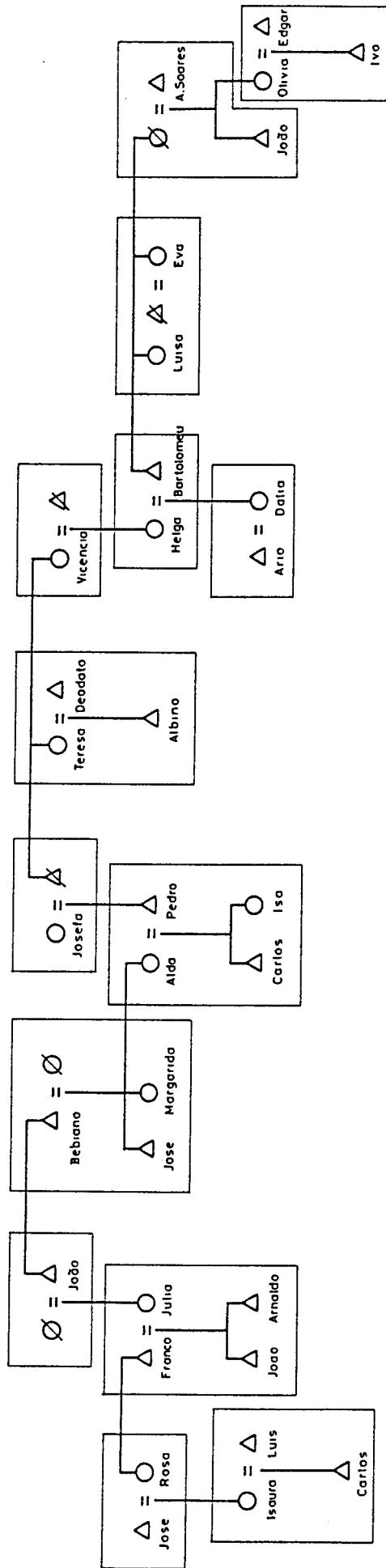
Nos restantes agregados familiares, localizados quer no interior, quer fora das muralhas (arrabalde), a tendência para a nuclearização das famílias é a mesma.

Porque é que "somos todos primos"? Os esquemas das páginas seguintes são disso demonstração cabal.

De facto, tendo em consideração os limites tradicionais do mercado matrimonial, verificou-se, ao longo dos anos, a tendência para os casamentos se efectuarem entre pessoas aparentadas entre si. Daí que as relações de aliança conduzam à expressão usual "somos todos primos". No entanto, não se verificam, nas gerações actuais, casamentos entre primos cruzados ou paralelos, para desespero de quem busque endogamias próximas.

DIAGRAMA 1

Figura 10 - "SOMOS TODOS PRIMOS" (3 Diagramas)



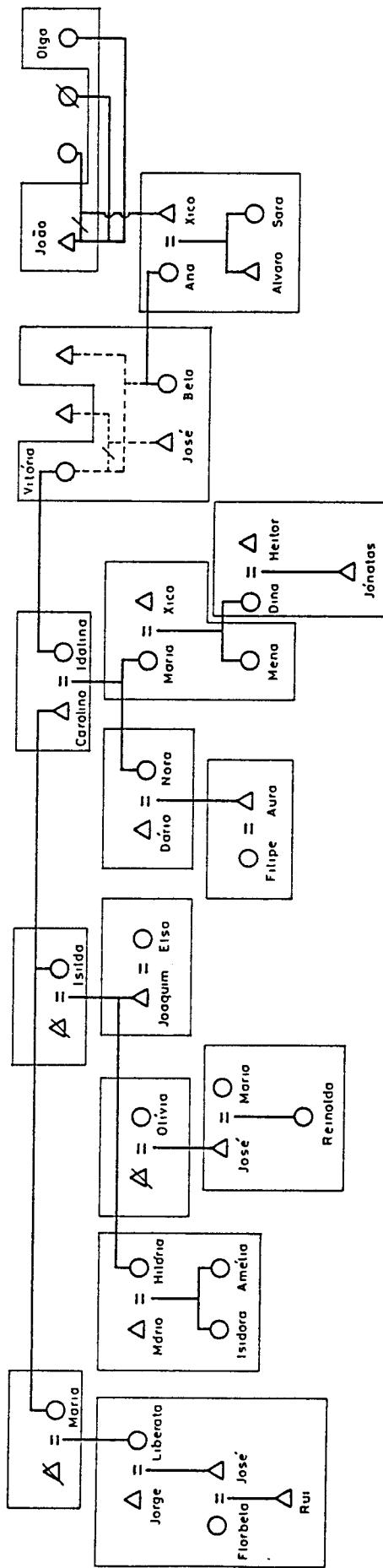
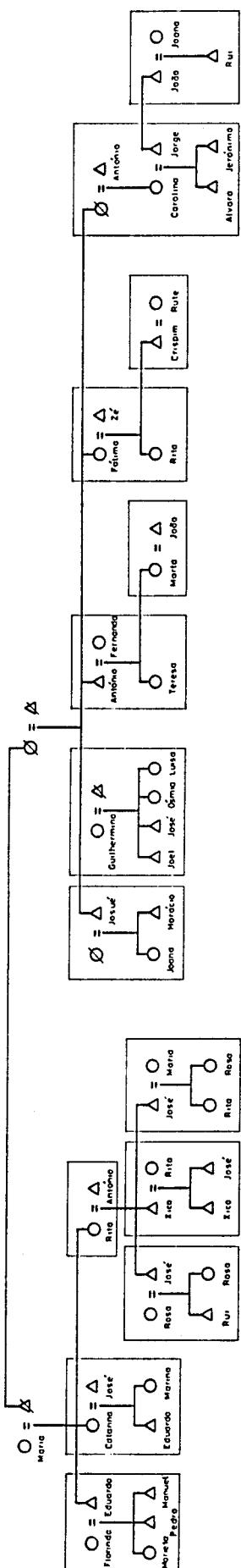


DIAGRAMA 2

DIAGRAMA 3



Apesar da estratificação social se ter reduzido, cada homem ou mulher tende a casar dentro do respectivo grupo social, que é como quem diz, com gente aparentada entre si, de posses semelhantes, de estatuto próximo, de profissão afim. Os dados etnográficos mostram-nos que eram pouco frequentes, na vila, os casamentos com forasteiros(as) como o quadro VI demonstra, verificando-se outrrossim, endogamias à escala da freguesia. Isto significa que o mercado matrimonial tinha as suas fronteiras bem delimitadas, apesar de recentes alterações. O quadro seguinte é elucidativo²⁵.

QUADRO VI - O MERCADO MATRIMONIAL NA FREGUESIA DE VILA VELHA (1968-1991)

PERÍODO	CASAMENTOS ENDOGÂMICOS		CASAMENTOS NOIVOS		EXOGÂMICOS		TOTAL
	Nº	%	FORASTEIROS	FORASTEIRAS	%		
1968-71	38	73	11	3	27	52	
1972-76	29	58	11	10	42	50	
1977-81	23	49	14	10	51	47	
1982-86	16	47	6	12	53	34	
1987-91 (Out.)	10	26	14	14	74	38	
TOTAL	116	52	56	49	48	221	

FONTE: Livros de Registos de Casamentos da Freguesia de Vila Velha (1968-1991)

(25) Agradeço a prestimosa colaboração de Paula Cartaxo na recolha de alguns dados sobre os casamentos na freguesia.

De facto, o mercado matrimonial da freguesia tinha os seus limites perfeitamente definidos. Assim, mais de metade dos casamentos efectuados nos últimos vinte e três anos realizaram-se entre noivos naturais da freguesia. Mesmo quando um dos elementos é forasteiro, na maior parte das situações, trata-se de um natural de freguesia ou concelho próximos. Note-se que utilizo o conceito de endogamia ao nível de alianças consumadas no interior da freguesia, entre pessoas não necessariamente parentadas entre si.

Para além de uma diminuição significativa do número de casamentos para os períodos considerados, verifica-se uma inversão total da tendência endogâmica principalmente a partir da década de 80. Note-se, a título de curiosidade que, se no período de 1968-71 os casamentos endogâmicos representavam 73% do número total de casamentos na freguesia, para o período de 1987-91 a percentagem dos casamentos exogâmicos atingiu precisamente 74%. Repare-se ainda na tendência para o aumento do número de noivas forasteiras.

Em Vila Velha, na actualidade, verifica-se a tendência para "sermos todos iguais". Tal expressão, necessariamente enganadora, qual camuflagem, não traduzindo uma utópica sociedade igualitária²⁶, quer si-

(26) Brian O'Neill desmontou brilhantemente a tese de que "as pequenas comunidades isoladas das montanhas do Norte de Portugal não são necessariamente igualitárias em termos de estrutura social, embora seja esta a imagem criada pelos principais etnógrafos que têm trabalhado na região durante as últimas décadas". (O'Neill 1984: 21)

gnificar que as diferenças e hierarquias se esbateram e que já não existem pessoas que passam fome, se bem que a quantidade de dinheiro que cada um tem no banco, guarda numa "taléga" ou esconde debaixo do colchão varie significativamente.

O namoro é, obviamente, o estádio que antecede o casamento. O período de namoro é muito variável e modernamente tende a tornar-se mais curto. Nas duas últimas décadas, a idade média de casamento foi de 25 anos para os homens e de 22 anos para as mulheres.

Os contrangimentos e condicionamentos ao namoro referidos por José Cutileiro desapareceram e, as oportunidades para o seu inicio multiplicaram-se. Apesar de os bailes públicos continuarem a ser prova do sancionamento social e familiar para o início e desenvolvimento do namoro, eles já não são os únicos locais onde os jovens se encontram e se relacionam.

Qualquer espectáculo público ou festa, o café, o restaurante ou a pastelaria, as "marchas" de Santo António, aulas em Vila Nova, a camioneta para a sede do concelho, a discoteca ou os *pubs* de Vila Nova, são oportunidades ou locais utilizados que dispensam, na maioria dos casos, a presença de familiares da jovem, tal como acontecia antigamente.

Se, por qualquer razão o namoro terminar, a rapariga não ficará estigmatizada, apesar de isso

ser motivo de comentários críticos, proporcionais ao tempo de namoro.

A virgindade é, hoje em dia, "um tres-solho no olho do diabo". Por outras palavras, as noivas raramente vão virgens para o casamento, essencialmente porque existem condições para o estabelecimento de relações sexuais com o futuro marido.

Uma estratégia muito utilizada na freguesia (e em vários pontos do Alentejo) é a fuga antes do casamento. A novidade corre célere e avassaladora numa qualquer manhã: "Fulano fugiu com Beltrana" ou "o João e a Maria juntaram-se". Tal mecanismo, que funciona muitas vezes como antídoto à recusa dos pais (geralmente da noiva) em aceitar o casamento, é um quasi-ritual que apressa o noivado e derruba as barreiras familiares. Dois ou três dias depois, ou numa semana no máximo, o jovem casal é recebido de braços abertos. Nalguns casos, o casamento pode ainda demorar uns meses, mas o passo está dado e o compasso de espera reveste soluções diversas: residência neo-local, natolocal ou em casa dos avós do noivo ou da noiva. Contam-se actualmente em Vila Velha catorze casais em que se verificou o "rapto da noiva".

Ainda hoje, "o homem só atinge a plena maturidade quando casa". (Cutileiro 1977: 131). Porém, as relações entre marido e mulher, têm-se modificado em muitos aspectos. Apesar de a mulher passar mais tempo em

casa e naturalmente o homem na rua e na taberna, a mulher não é mais a esposa submissa e inferior. Refiro-me justamente aos casais mais novos, em que a mulher também trabalha fora de casa, acompanha o marido a festas, cerimónias e convívios e em que a sua opinião é escutada. Melhor dizendo: não mais "a posição da mulher deverá, ostensiva e publicamente ser subalterna". (Cutileiro 1977: 131). Naturalmente que esta situação de pouco mais de meia dúzia de jovens casais da vila confunde os mais velhos de ambos os sexos que murmuram verdadeiras pragas aos comportamentos modernos.

Para uma jovem de Vila Velha o casamento representa sempre uma libertação, real ou fictícia. Florinda referiu-me, antes de casar: "Estou farta da canga em casa dos meus pais". Há vinte e cinco anos já era assim: "De uma posição relativamente apagada no lar paterno, ela (a mulher) passa a ocupar, no seu próprio lar, um lugar proeminente" (Cutileiro 1977: 137).

Hoje, numa sociedade mais aberta, com tantas solicitações e desejos inatingidos, sair de casa dos pais é a solução para um potencial conflito de gerações, é a esperança da afirmação pessoal, é a ambição da independência. Por isso, em Vila Velha as jovens casam cedo. Engravidam, juntam-se. Em qualquer dos casos, a solução é o casamento.

O adultério, tão caro à obsessão investigadora de Cutileiro, parece reduzido face à diluição

das relações de patrocinato, que aparentemente o faziam proliferar. Hoje, apontam-se a dedo as relações extra-conjugais, se bem que a memória da colectividade refira situações de escândalo público, drama e paixão. Um dos instrumentos de competição entre as aldeias da freguesia ainda é a acusação mútua da devassidão das suas mulheres e do número de adultérios que se podem contabilizar.

Sem me arvorar em defensor da honra das mulheres de Vila Velha, existe uma descrição de Cutileiro que há muito me impressionou negativamente: trata-se da referência ao adultério praticado pelas mulheres das famílias mais pobres.

"Ainda que as mulheres dos trabalhadores rurais, em especial daquelas que trabalham permanentemente nas grandes herdades, possam também cometer adultério, a sua transgressão não implica geralmente a dissolução da família e acabou por se institucionalizar como um meio de assegurar benefícios de patrocinato. Os maridos fingem ignorar, nestes casos, que as mulheres cometem adultério, se bem que na maior parte das vezes tenham conhecimento da situação. Estas ligações, hoje em dia menos frequentes, foram prática corrente até há cerca de quinze ou vinte anos. Os latifundiários, proprietários, feitores das grandes herdades, alguns dos logistas mais prósperos e os

membros das profissões liberais sempre encontraram amantes entre as suas criadas, empregadas e mulheres de empregados ou de clientes mais pobres.

Em certos casos, estas relações iniciavam-se quando as mulheres eram ainda solteiras e trabalhavam para os patrões como criadas. Segundo se crê, não há um único homem nos grupos supracitados que não tenha tido uma ligação deste tipo ou, na maior parte das vezes, várias. Os maridos colhem benefícios materiais desta situação, aumentando a segurança dos seus empregos ou desfrutando das recompensas materiais trazidas para casa pelas mulheres. Num reduzido número de casos foram até eles que precipitaram os acontecimentos...

As ligações desta natureza não eram, contudo, promiscuamente casuais". (Cutileiro 1977: 192)

Todavia, o pensamento de Cutileiro é contraditório; este autor afirmara antes que, "crê-se igualmente que, de uma maneira geral, o trabalhador alentejano é moralmente mais independente em relação ao seu patrão do que os trabalhadores e camponeses de outras províncias". (Cutileiro 1977: 29) Quando se trata do

adultério feminino Cutileiro deita a moralidade às urtigas, como se depreende²⁷.

No universo familiar de Vila Velha existem dois modelos que se defrontam e confrontam: os valores, comportamentos, princípios, a filosofia da sociedade tradicional e rural dos velhos, versus as atitudes de ruptura, os princípios inovadores, as posturas e desafios dos jovens, mediatizados pelo contacto e influências urbanas e pelos meios de comunicação de massas.

Para uns, é a inversão dos velhos valores da honra e da vergonha, é a destruição do *stock* das tradições, é a negação de uma vida de normas rígidas, sufocantes e imutáveis. Para outros, é a rebeldia e a agressividade, a destruição dos interditos, que não são apenas resultantes da generosidade, jactância e paixão da juventude, mas pertencem a um processo mais alargado e profundo de mudança global. E se há hoje em Vila Velha um verdadeiro evitamento entre avós e netos²⁸, tal facto deve-se a um conflito permanente não apenas de gerações, mas de valores de sinal contrário.

Por isso, nas últimas três décadas se alteraram progressivamente as regras do namoro, as

(27) Apesar de ser, aqui e além, tentado a utilizar Cutileiro como referência irrecusável, gostaria de lembrar novamente que o reestudo que efectuei não é uma tarefa "clássica"; trata-se de um registo diferente realizado na mesma localidade (e só isso) onde Cutileiro investigou.

(28) A partir da adolescência destes

grilhetas do controle social, as referências morais da maioria das famílias.

A revolução, a ruptura e a mudança são totais para as novas gerações, porque uma série de mecanismos e instituições mudaram ou falharam: o sistema político, o patrocinato e a dependência económica, a escola, a igreja.

Porque e como conseguiria a família resistir?

*"Nós aqui no campo somos mais felizes
que vocês lá em Lisboa!!"*

Florinda, 10 anos

CAPÍTULO VI — TRADIÇÃO, MUDANÇA E TURISMO

A temática da mudança social tem vindo a ser abordada, principalmente por sociólogos e antropólogos, de que me ocorre citar - Egbert De Vries, Henri Mendras, Wilbert Moore, Collin Turnbull, Laurence Wylie, Julian Steward, Maurice Godelier, Fialho Pinto - pelo que me abstengo de aprofundar o processo de mudança, suas componentes e instrumentos, em perspectiva teórica.

Interessa todavia referir a abrangência múltipla do conceito de mudança social. De facto, falamos em mudança quando os comportamentos, atitudes e mentalidades se alteram - a mudança de valores, de papéis, de normas, hábitos e costumes da comunidade; mas não deixam de ser mudança os aspectos que se consubstanciam em realizações físicas ou artefactos materiais: a estrada nova, a introdução da televisão, a alteração do espaço doméstico.

Apesar de, ao longo dos tempos, o processo de mudança nas sociedades rurais se caracterizar pela lentidão, na actualidade há factores novos que impõem ou apressam alterações: os meios de comunicação de massas, cujo expoente é a televisão, e o contacto urbano, de que o corolário é o fenómeno turístico.

O calendário diário, semanal e anual

das actividades humanas demonstra uma considerável consistência e constância, que se alarga dos comportamentos à vida espiritual e aos valores. Mas apesar disso, a mudança é uma "fatalidade" que atinge as comunidades, mesmo aquelas que se encontram fechadas sobre si próprias. De facto, o processo de domesticação das novidades pode ser mais ou menos moroso, mas acabará por ocorrer.

Assim, "dentro da experiência individual, a mudança mais certa e universal está associada ao ciclo da vida das pessoas" (Moore 1965: 12). Mas não é apenas a mudança dos actores (por via da emigração, do crescimento, do envelhecimento e da morte) que é responsável pela mudança social.

"A utilidade funcional e o compromisso ideológico com certas "tradições", paralelamente com as tendências e as decisões explícitas, as quais produzem variações, são parte de uma necessidade sentida pelos membros de um sistema sócio-cultural para ligar o passado, o presente e o futuro" (Smith 1982: 130). É assim que os habitantes de Vila Velha actuam, de modo que assumem ou conscientemente decidem apoiar a continuação daquilo que valorizam, num processo que podemos classificar de auto-perpetuação. Os sistemas sócio-culturais²⁹ de todas as comunidades, não sendo mecanismos perfeitos de adap-

(29) Segundo Estelle Smith "sociedades humanas cujas relações sociais são ligadas por crenças, normas e objectivos compartilhados"

tação, incluem estratégias de sobrevivência (rejeição de certos indivíduos, perpetuação da linguagem agrícola tradicional mesmo que já não trabalhem a terra, defesa intransigente da festa "à moda d'antigamente", chacota de comportamentos urbanos, etc). "Essas estratégias funcionam no sentido de sustarem a continuidade pelo uso do conhecimento existente e pela gestão das inovações, através de sucessivas fases de assimilação, adopção, adaptação, transmutação e, finalmente, integração do novo com o velho" (Smith 1982: 130).

Uma comunidade semi-isolada durante mais de um século - a partir da perda do estatuto concelhio - pode perfeitamente gerar a perpetuação da sua identidade sócio-cultural, desde que os novos membros se vinculem à continuidade (apesar de pequenas variações). A questão em Vila Velha é que a fraca reprodução populacional (e a migração posteriormente) foi incapaz de gerar uma "massa crítica" que desse preferência ao estilo de vida ancestral da sua terra natal e não se deixasse influenciar por formas exteriores: a televisão, a estrada nova, o contacto urbano com Vila Nova (bem nova por si-signal) e o turismo tiveram e têm mais força que os possíveis "defensores" da continuidade sócio-cultural local.

De facto, "Que as inovações técnicas, assim como toda a mudança social, tomada dentro do siste-

ma de competição social da aldeia, se tornem um risco importante para aqueles que não podem beneficiar-se de suas vantagens está provado por todos os estudos. Progresso técnico e mudança social geralmente enriquecem os ricos e reforçam o poder dos poderosos, empobrecem os pobres e enfraquecem os fracos" (Mendras 1978: 209)

Com efeito, não se trata aqui de inventar a tradição, como certas sociedades complexas o fazem, mas de manter a tradição, apesar de ligeiras alterações; não é isso que interessa, mas um ou outro mecenazgo reinventou a tradição em Vila Velha: a introdução de ferros forjados supostamente centenários, batentes de portas estrategicamente colocados, a mentira do "circo romano" do castelo, que não é mais do que uma pequena praça de armas semi-soterrada, a calçada medieval introduzida no princípio do século, o cromeleque "artificial" do Xerez, são elementos mais que suficientes para provar a falsidade de uma tradição inventada, organizada, alindada.

Inventar a tradição constitui "um conjunto de práticas, regidas por regras tácitas, de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, as quais implicam continuidade com o passado" (Hobsbawm 1988: 1). Em Vila Velha inventa-se a tradição e também se inventa (mal) a História. Mas enfim, fossem esses os pecados capitais das sociedades!...

Por essas e por outras razões, muitos turistas (analfabetos em História, tradições, arte e quejandos), ficam boquiabertos com a "paragem do tempo" em Vila Velha e visitam-na como se fossem a um jardim zoológico de espécies raras e/ou únicas.

É óbvio que as alterações políticas geram mudanças sociais, culturais e económicas de que, no caso português e na situação de Vila Velha, a revolução de Abril de 1974 é paradigmática.

As sementes da mudança tinham sido lançadas no início das guerras coloniais, foram influenciadas pela mecanização da agricultura e pela escassa industrialização nacional e proliferaram posteriormente: massificação dos meios de comunicação (rádio, imprensa, televisão), o contacto urbano, a emigração e o retorno, a alfabetização e o aumento da frequência escolar. Estes são alguns dos factores, para não dizer a maioria, responsáveis por novas ideias, novas atitudes, novos valores e posturas diferentes. Em Vila Velha tudo isso se tem vindo a reflectir nos últimos vinte e cinco anos, em processo lento e progressivo, o que não espantará certamente Cutileiro. A rigidez das diferenças entre grupos sociais diluiu-se, o patrocinato adaptou-se a novas situações, a mulher ganhou alguma emancipação, alguns valores familiares e grupais esboroaram-se.

Não posso todavia, deixar de referir

um fenómeno recente que tem deixado marcas no quotidiano da vila e contribuido para alterações significativas, se exceptuarmos a população mais envelhecida, naturalmente avessa a mudanças e inovações. Trata-se do turismo.

O turismo é um fenómeno social total, pelas implicações, relações, influências e impactos que tem na vida das comunidades, regiões e até países.

Em Vila Velha ele é singular desde a sua origem. Não se poderão apelidar de turistas os primeiros que se interessaram pela preservação e protecção de Vila Velha. Tratou-se efectivamente de um grupo de intelectuais urbanos e homens endinheirados que se renderam às características da vila: burgo medieval relativamente preservado (a perda da sede concelhia foi benéfica no sentido em que a povoação não foi devassada - há males que vêm por bem!); a paisagem agradável; a arquitectura singular; o equilíbrio do silêncio; a hospitalidade e humildade das gentes, etc., etc.

Ainda Cutileiro realizava trabalho de campo e já a terra começava a ser divulgada: "uma jóia esquecida", "uma pérola perdida", "aqui o mundo parou", "voltamos à idade média", são expressões que fizeram época nas décadas de 60 e 70 e que se prolongam até aos nossos dias.

A referida invasão urbana foi ainda alimentada pela venda de habitações: por um lado, gente

empobrecida lutando pela sobrevivência, impotente para reparar as suas casas envelhecidas e aliciada pela miragem efêmera de alguns contos de réis; por outro lado, migrantes potenciais decididos a "dar o salto", embarcaram no negócio fácil da venda das casas. Assim, uma vintena de urbanos adquiriu "casas de fim de semana" na vila e umas dezenas de naturais foram à aventura de melhores dias e de pão menos azedo. A questão teve foros de polémica nacional, quando em 1972, um corajoso homem da terra, líder por natureza e democrata por vocação, teve voz na televisão e em jornais nacionais para denunciar uma situação considerada injusta para as gentes da vila. Teodoro Perdigão ganhou ainda mais popularidade local, mas perdeu a batalha nacional da legalidade: qualquer cidadão é livre de comprar uma casa onde quiser.

Minguada a terra dos seus filhos mais jovens e corajosos, a onda turística começou a crescer, subtil e sistemática, avassaladora e corrosiva a partir de meados de 70. Primeiro, turistas isolados, portugueses ou estrangeiros, que iam passando palavra a amigos e conhecidos; depois, grupos excursionistas amantes do garrafão e farnel; a seguir, operadores com grupos estrangeiros e, finalmente, as pretensas visitas de estudo, que são, na maioria, tão excursões como as outras.

De Maio a Setembro tornou-se o tempo ideal para as visitas dos forasteiros e o mesmo acontece

actualmente com uma estação turística alta perfeitamente definida.

Como é óbvio, há vinte ou vinte cinco anos, não existiam infraestruturas de acolhimento para um fluxo turístico regular, nem os equipamentos e iniciativas que o fenómeno turístico gera.

Construída na década de 60, uma estalagem de traça arquitectónica interessante e decoração típica (aproveitando um edifício existente) era o refúgio dos mais endinheirados. Mas o tempo e a má gestão foram degradando esse espaço...

Dormia-se em casa de um amigo e Dona Teresinha tinha três ou quatro quartos, imaculadamente brancos, que alugava de vez em quando a um forasteiro perdido ou a qualquer oportunista de ocasião, especialista em negócios fáceis... fora isso, albergava um ou outro funcionário público em serviço oficial e caçadores regulares habituados à terra e às gentes.

Duas casas de artesanato abriram cerca de 1980 e uma terceira em 1989. Iniciativas de turismo de habitação surgiram nos últimos cinco anos, o que permite à vila oferecer aos turistas e forasteiros cerca de trinta quartos. Potenciou-se assim, na década de 80, por força da pressão da procura, a "vocação" turística da vila. Espontânea e naturalmente, sem estratégia, sem plano ou horizonte.

Sendo o turismo uma actividade económica instável e delicada, dependente de factores exógenos, não é de admirar que os próprios habitantes de Vila Velha se interroguem face à ambiguidade do fenómeno turístico. Os representantes dos moradores de Vila Velha, em seminário organizado pela Associação local, exprimiram-se do modo como consta no Anexo 2.

A síntese aí apresentada, simultaneamente dramática e inocente, lógica e ambiciosa, traduz, de maneira magistral, a ancestral oposição entre o passado e o presente, a tradição e o progresso, a dualidade nós/outros, que todo o processo de mudança consubstancia e coloca a descoberto. Essa é, *naif* mas categórica, a voz dos "nativos".

Porque Vila Velha é uma *polis* moribunda, porque não possui o *hard core* institucional que funcione como advogado de defesa ou escudo protector, porque o processo de tomada das decisões que lhe dizem respeito é oriundo e concretiza-se em Vila Nova, porque a autarquia local não tem poder, nem capital, porque o envelhecimento populacional é galopante... Vila Velha é um centro ritual em vias de extinção, cujo destino vai depender, em parte, do bom senso, da sensibilidade e da inteligência e do poder de decisão dos homens de Vila Nova. Que o mesmo é dizer: Vila Velha já não é senhora do seu destino e depende cada vez mais de forças exteriores,

que tanto a podem transformar num museu vivo, como num centro ceremonial. Como os vila-velhenses, penso que os habitantes da vila querem continuar a ser pessoas, olhar os campos verdes e as amendoeiras em flor que lhes bordam a fronteira do horizonte e ter acesso ao bem estar que o progresso gera e que é, normalmente, pertença dos outros. Como foi, infelizmente, durante muitos anos.

SEGUNDA PARTE

OS PROPRIETÁRIOS DA SOMBRA
(fotografias I a VIII)



IV



III





VI

VIII

V

VII

*"Se o senhor fosse doutor em medicina,
mesmo agora lhe pedia para me tratar duma
dor que tenho aqui nas partes."*

Comentário dum habitante

Introdução

O diário etnográfico , este diário que se segue, estabelece a ponte e o suporte entre o engajamento necessário do trabalho no terreno e uma descrição etnográfica formal. Na pior das hipóteses reduz o carácter penoso da descrição, introduzindo no texto antropológico a autoridade da experiência pessoal que é, em última análise, aquilo que gera a etnografia. Por essa ordem de razões, defendo, na linha de pensamento de Marie Louise Pratt, que as narrativas não matam a ciência. Pelo contrário, podem vivificá-la: "A textualização encontra-se no coração da empresa etnográfica, quer no terreno, quer no espaço universitário. Num sentido relevante, o trabalho de campo é sinónimo da actividade de inscrição de diversos contextos do discurso oral através das notas e apontamentos de campo" (Marcus 1986: 264).

Dos actuais habitantes de Vila Velha, uma meia dúzia deles saberá o que é uma tese de doutoramento; para a maioria dos residentes eu estou a escrever um livro; para outros, eu estou a continuar o romance do doutor Cutileiro. Esta sabedoria local; esta perspicácia essencial que julgamos arredada das populações iletradas e avessas ao mundo da formalidade, que é o espaço da escrita; esta capacidade inimaginável de definir com as palavras essenciais e suficientes a obscura tarefa de um

estrano que vai escrever coisas que outros irão ler, abriu-me as avenidas do pensamento para uma reflexão prolongada sobre o processo ambivalente do antropólogo actor/autor. Aqui e lá. No terreno e no gabinete universitário. Não hesitei, portanto, em dar ao presente diário, uma posição de relevo no contexto da descrição etnográfica. Colocá-lo em anexo seria atribuir-lhe menoridade.

George Marcus considera que a dissertação antropológica, usualmente um reforçado documento analítico e descriptivo baseado no trabalho de campo, é a etnografia que os antropólogos devem escrever. Uma vez que a outorga de credenciais académicas depende da sua avaliação, ela tenderá a ser um exercício conservador. Sem abandonar questões formais e tradicionais da prática antropológica, assumo o risco calculado de introduzir este diário, sem todavia perder de vista o desejado equilíbrio. Será esta prudência um dos sintomas da chamada "hipocondria epistemológica"?

Assim, "O que quer que seja que a Etnografia faça, ela transfere a experiência para um texto. Existem várias maneiras de efectuar esta transferência (tradução), maneiras que comportam significativas consequências éticas e políticas. Qualquer um pode "escrever" os resultados de uma experiência individual de pesquisa. Isto pode gerar um relato realístico de uma

experiência não escrita de um outro grupo ou pessoa. Pode apresentar-se esta textualização como resultado da observação, da interpretação, do diálogo. Pode construir-se uma etnografia composta por diálogos. Alguém pode considerar múltiplas vozes ou uma simples voz. Pode retratar-se o outro como um todo essencial e estável, ou pode-se representá-lo como o produto de uma narrativa de descoberta, em circunstâncias históricas específicas... O que é irredutível, em todos os exemplos dados, é a assumpção de que a etnografia transporta experiência e discurso para o interior da escrita" (Clifford 1986: 115).

Para George Marcus existe uma tendência complexa na pesquisa antropológica contemporânea, "a qual tenta sintetizar, através do actual jogo de estratégias pelas quais as etnografias são construídas, interesses teóricos relevantes na descrição da cultura, ao nível da experiência, ou categorias partilhadas de experiência (a proeminência de estudos do "eu"). Esta tendência também demonstra equivalentes preocupações às dos estudos etnográficos convencionais sobre o modo como locais, regiões, comunidades e povos diversos se encaixam na formação de uma história económica e política à escala mundial, (nomeadamente o relevante escrito antropológico de Eric Wolf, 1982, sobre a influente metanarrativa à cerca da história económica e política introduzida por

Wallerstein, depois de Braudel, no princípio da década de 70)" (Marcus 1990: 4).

Apesar do conceito de localidade (aqui e agora) se basear essencialmente no de individualidade (no sentido da percepção, conhecimentos e saberes individuais) Marcus não nega uma perspectiva de enquadramento: "Em meados dos anos 80, estes interesses cruzados sobre cultura, como a experiência local vivida e a sua compreensão numa perspectiva global, tornaram-se especificamente no modo como as identidades colectivas e individuais são negociadas nos diversos lugares em que os antropólogos têm conduzido de maneira tradicional, (agora não tão tradicionalmente), o trabalho de campo". (Marcus 1990: 4)

O enfoque do meu trabalho privilegia assumidamente o local e o individual, sem todavia descartar relações de amplitude mais vasta, ao nível da freguesia, do concelho e dos ventos exógenos da mudança. Apesar das críticas a Oscar Lewis por consubstanciar o seu trabalho em quatro histórias de vida cruzadas, a obra *Os Filhos de Sanchez* não caiu no esquecimento.

Que melhor documento existe para legitimar a vivência quotidiana? Eu vivi em Vila Velha e as coisas passaram-se assim.

DIÁRIO ETHNOGRÁFICO

7 de Setembro de 1987

Cheguei a Vila Velha às onze e meia da manhã. Está um dia quente de Verão, a planície sonolenta está inerte no dourado dos restolhos ressequidos, ponteada aqui e ali por oliveiras alinhadas e vinhas carregadas de uvas que aguardam a azáfama alegre das vindimas. Durante o percurso, passei em revista mental a enorme lista de questões que qualquer manual coloca a quem se dispõe a fazer trabalho de campo. Quando algumas preocupações e hesitações me paralisavam o curso dos pensamentos, argumentava em monólogo silencioso que tudo correria bem; a minha consolação advinha do facto de pensar que tudo é mais fácil para o antropólogo que estuda a sua própria sociedade. Será?

A povoação domina a planície, qual sentinela atenta a Espanha, nas fragas do Guadiana. Como é natural, já conheço a vila e, como é lógico, fizera no mês passado uma visita de reconhecimento, corolário de mais de uma dúzia de deslocações despreocupadas que, ao longo dos anos já tinha feito a Vila Velha. Mas conhecer a terra fisicamente não é conhecer as suas gentes... Os deuses foram pródigos e a Universidade de Évora tem uma residência que vou utilizar. Tal facto é extremamente positivo, em termos de instalação. E também em termos de

independência de accão, privacidade, recolhimento. O senhor Luís, responsável pela manutenção da casa, franqueou-me a porta, deu-me algumas indicações úteis enquanto arranjava uma torneira da casa de banho e pôs-se à minha disposição "para aquilo que for preciso". Acrescentou ainda: "Há quinze anos que estava à sua espera; quer dizer, de alguém que pr'á qui viesse". Não poderia ser melhor a minha instalação; felizmente nem todos passam pelas dificuldades de um Brian O'Neill quando chegou a Fontelas: quando o antropólogo americano pronunciou em galego algumas palavras, associaram-no a um roubo fronteiriço de vacas que ocorrera na véspera, o que dificultou sobremaneira a sua instalação e posterior integração na aldeia³⁰.

Arrumei malas, roupas e livros e fui apresentar cumprimentos ao Presidente da Junta de Freguesia. O Presidente não estava, trabalha numa fábrica de papel junto do rio, segundo me informaram, mas fui gentilmente recebido por um funcionário da Junta, de seu nome José Vila.

Hoje é segunda-feira, dia em que o único restaurante da vila, digno desse nome, encerra. Por isso, fui almoçar à vila mais próxima, Vila das Candeias.
.....

(30) O paradigma da infelicidade antropológica é representado, e foi vivido por Nigel Barley, a quem, na sua primeira experiência de trabalho de campo entre os Dowayo de África, tudo foi adverso: doença, aborrecimentos, acidentes e hostilidade. A sua obra, *The Innocent Anthropologist. Notes from a Mud Hut* (1986) é uma referência obrigatória para os "iniciados" do trabalho de campo.

De regresso, pela hora de maior calor, procurei o senhor Seguro, conhecido há algumas semanas, num dia de festa. Interrompida a sua sesta, trocou comigo algumas impressões sobre o tempo, a festa próxima, o turismo crescente na terra e a sua experiência como emigrante em França. Passei pela loja de artesanato, à entrada da vila, e comprei um cinzeiro de barro, manufacturado na Aldeia de S. João, sede de freguesia próxima e centro oleiro de crescente movimento. Fui ainda à mercaria em frente de minha casa e, entre a compra de sabonetes, água mineral e pasta de dentes, a proprietária fez-me algumas perguntas curiosas e inesperadas, que me levam a pensar que manterei com ela uma boa relação de vizinhança. Chama-se Guilhermina e é conhecida pela alcunha de "Careca", que herdou do marido.

Às sete da tarde, pelo postigo da porta vi passar um funeral. Cerca de seis dezenas de homens e mulheres acompanhavam o enterro de um velho do Montalto. O caixão veio num carro funerário até à entrada da vila. A partir daí é levado aos ombros dos homens, por razões de inoperacionalidade das viaturas nas ruas tortuosas da vila.

Está uma noite de Lua Cheia. À meia-noite vagueio pelos desenhos xistosos das calçadas e não se vê vivalma. Ouvem-se cães ladrar ao longe e a sinfonia do canto dos grilos serve de música de fundo às minhas

dúvidas, hesitações e ansiedades. Apesar de tudo, o meu primeiro dia em Vila Velha foi um dia de esperança.

12 de Setembro de 1987

Um amigo da cidade, que aqui viveu e tem família, apresentou-me a alguns homens da vila, o que possivelmente me vai facilitar a integração e o estabelecimento de uma rede de contactos e a escolha de informantes. Mas hoje é um dia especial: é dia de festa em honra do Senhor Jesus dos Passos. Aliás, a festa prolonga-se por três dias.

Os termómetros marcam 37°, mas a vila recebe uma multidão de visitantes: aldeões da freguesia, emigrantes, gente dos concelhos limítrofes e turistas. "Gente de toda a parte", oíço dizer.

À tarde, com a praça cheia, no interior do castelo, realiza-se a tourada tradicional: umas vacas esqueléticas e assustadiças, para gáudio dos jovens atrevidos e, como corolário "o touro da festa", laçado e morto ali na praça, por mãos hábeis que sabem manejar um facalhão.

À noite houve fogo preso na praça da vila, contígua à igreja. Grande multidão: "Nunca Vila Velha viu tanta gente". Principalmente gente jovem, que aproveitou o baile no castelo para dançar até altas horas da madrugada, sob os olhares sonolentos de mães suposta-

mente atentas às deambulações das filhas casadoiras.

13 de Setembro de 1987

No domingo de festa é dia de procissão; à noite, espectáculo folclórico e baile. Foi um dia importante para conhecer gente da terra. A receptividade melhora sempre, quando os meus interlocutores se apercebem que sou alentejano e que o meu local de nascimento é uma aldeia conhecida, a pouco mais de 30 quilómetros de distância.

14 de Setembro de 1987

Último dia de festa. "É o dia da vila", dizem alguns. À tarde, petisca-se depois de uma sesta reconfortante, há uma "brincadeira" com as mesmas vacas e à noite, ranchos e baile. Os velhos gostam dos ranchos folclóricos.

Travei conhecimento com o tio Rocha, misto de filósofo e negociante azarado, que entre duas cervejas pretas vai tecendo comentários conservadores sobre os comportamentos femininos no baile.

21 de Setembro de 1987

Fui à sede do concelho apresentar cumprimentos ao Presidente da Câmara. Expus-lhe as razões e objectivos do meu trabalho, pedi-lhe e ofereci-lhe colla-

boração e falei entusiasmado durante meia hora. No final, pediu a minha opinião sobre a Barragem de Alqueva. E mais não disse. Vim a saber depois que é "homem de poucas falações" e que "é mais esperto do que se julga".

Li José Pires Gonçalves, médico da região que fez incursões na área da história e produziu uma monografia sobre Vila Velha.

26 de Setembro de 1987

Hoje, além de ter mudado a hora, casou a filha do Sr. João Santiago, proprietário do restaurante da vila. Pelo número de convidados que vi desfilar, trata-se de um casamento de verdadeira afirmação social: cerca de 300 convivas. Ou seja, o dobro da população da vila.

28 de Setembro de 1987

Fui a uma missa por alma de um homem da freguesia, falecido há um mês. Presentes dezassete mulheres, maioritariamente velhas e viúvas. Comigo e o padre, um outro homem. "Esse negócio da Igreja é para as mulheres", dizem os homens da vila. Missa rápida, pretendemente pedagógica, mecânica. O padre tem mais que fazer noutras sítios, dizem.

Li Robert Redfield.

11 de Outubro de 1987

Chegou o tempo invernoso. Os homens reunem-se no café e, aos domingos, como hoje, há sempre alguém que se embebeda. Quando embriagados, os homens da vila tratam-me em voz alta, com pública deferência e oferecem-me bebidas com insistência. Por cortesia, vou aceitando com parcimónia e entro em conversas sinuosas e infinitas.

Gravei uma conversa com o Sr. Joaquim Sá, que aceitou bem a intromissão do gravador.

Li Brian O'Neill.

13 de Outubro de 1987

Reunião na Junta de Freguesia convocada pela Câmara de Vila Nova. Tema: Construção e reconstrução de casas na localidade.

Presentes cerca de trinta pessoas, incluindo meia dúzia de mulheres. A Senhora Vereadora da Câmara de Vila Velha liderou a reunião, com palavra fácil e fluente, utilizando expressões que a maioria não entendeu.

24 de Outubro de 1987

O vizinho João Fogaça bateu-me à porta e trouxe um petisco de inveja: paio, pão e azeitonas. Depois, convidou-me para jantar. Toldado pelo álcool, van-

gloriou-se de ser o primeiro na vila a convidar-me para jantar, como prova de verdadeira amizade. Numa casa exígua, com televisão a cores e toalha imaculada, ainda pude comer um saboroso caldo verde, na companhia da mulher e dos filhos.

De tarde, fora com o José Vila a uma aldeia próxima, o Campinho, tirar as medidas para um par de botas. O Vicente Figueira, entretanto, trouxe-me uma carrada de lenha para a lareira. Quando lhe quis pagar replicou: "Olhe, sr. engenheiro, pague-me uma mini!!"

Um forasteiro letrado é, no mínimo, engenheiro.

31 de Outubro de 1987

O Presidente da República visitou Vila Velha. Pouca gente e entusiasmo escasso. Visita apressada, mecânica, a chuva a prejudicar, talvez. À Porta da Vila o Presidente descerrou, nitidamente constrangido, uma lápide comemorativa que, (jogos ínvios do poder), destrói o equilíbrio estético da entrada principal do burgo. Aqui e além, um par de botas novas, um pelico estreado, segurança de olho atento a nada, o Sr. Joaquim Sá ostentava um charuto tão do seu agrado... A visita foi mais vivida pelos de fora, pela comitiva, do que sentida pelos da vila. Está visto, o poder não se deve deixar

tutar. O senhor Palma convidou-me para almoçar. Que bom que estava o "cozido"!

9 de Novembro de 1987

Dia frio e ventoso. Pela primeira vez acendi a lareira. Trabalhei na comunicação para o Congresso de Antropologia de Chicago. À meia-noite, o Vicente Figueira veio conversar comigo e ao lume desvendou-me os seus planos e as suas angústias de jovem agricultor, de solteiro sem namorada, de trabalhador e conversador incansável.

Li Caroline Brettell.

18 de Novembro a 1 de Dezembro de 1987

Deslocação aos Estados Unidos. No Congresso Anual da Associação Antropológica Americana apresentei uma comunicação sobre Vila Velha. Brian O'Neill, Denise Lawrence e Anthony Reed estavam presentes. Discutimos a problemática do reestudo de comunidades, a questão da reificação e planeámos uma sessão sobre Portugal para o próximo Congresso.

3 de Dezembro de 1987

Regresso a Vila Velha. Trouxe uma caixa de charutos para o "meu amigo" Joaquim, por alcunha o

Caldeirão ou Caldeiranito. Ele virá a ser o informante preferencial?

Li Jorge Dias.

9 de Dezembro de 1987

A vila tem dois cafés. Antigas tabernas (a povoação chegou a ter três tabernas), evoluíram lentamente para casas de pasto e restaurantes híbridos. Não perderam todavia algumas das características tradicionais das tabernas alentejanas e são, na vila, os centros de convívio masculino por excelência.

Vasco Braga, filho de um respeitado taberneiro já falecido, vai trespassar a sua "tasca". Prefere dedicar-se à agricultura do que "estar atrás do balcão a aviar copos de vinho e a aguentar as bebedeiras dos outros". A população local, na generalidade, critica-o, afirmando que teria ali um rendoso negócio, quando comparado com o trabalho agrícola. Mas Vasco Braga está decidido, comprou um tractor, tem 20 ovelhas, 10 cabras e um burro. Entende-se a posição dos críticos: a vida agrícola é madrasta, penosa e incerta; são os reflexos dos tempos difíceis da miséria, em que trabalhar por conta de outrem era uma vida sem horizontes. Vasco Braga não hesita, tem 27 anos, uma filha de 4 e quer ser agricultor por conta própria.

A tasca do Braga, como sempre foi

conhecida, vai fechar para pequenas obras. Os homens da vila e aldeias limítrofes vão frequentar com mais assiduidade o café de João Santiago, por alcunha assumida Lumumba, na boca do povo Labumba. O estabelecimento, na sua hibridez, possui dois espaços distintos: o restaurante para turistas e forasteiros, e o café, que corresponde à antiga taberna e é local de encontro dos homens da terra.

21 de Dezembro de 1987

Dia de sol resplandecente. Morreu a Senhora Maria, tia por afinidade do José Vila.

Reli a versão inglesa do livro de Cuitileiro.

23 de Dezembro de 1987

Começaram a chegar da zona de Lisboa alguns emigrantes que vêm festejar o Natal com as famílias. O fluxo de turistas espanhóis está a aumentar nesta quadra festiva.

Conversei longamente com o Sr. Joaquim Sá. Recordou antigos Natais de escassez e dificuldades. Mas atalhou, categórico: "Na minha casa nunca se passou fome. Eu era o único filho, o meu pai teve sempre trabalho como ganadeiro e maioral e eu andava sempre arrimado a ele. Trabalho também nunca me faltou durante tempos

muito prolongados. Mas houve muita família que passou mal. A pontos de quererem comer e não terem com que enganar o estômago!"

Obviamente, vou passar o Natal com a família.

28 de Dezembro de 1987

A antiga taberna do Braga abriu às 3 da tarde, foi arrendada pelos filhos de Álvaro Migueis. António Branco criticou o facto, como continua a criticar Vasco Braga.

Um homem de Barranco procurou-me para saber se eu era "doutor de medicina". Por causa dumas dores. Os meus companheiros de conversa explicaram que estava a continuar o trabalho do dr. Cutileiro que "não desfazendo, também era boa pessoa, cantava com a gente à alentejana e o que ele gostava de histórias...". Na vila, consta que estou a escrever um livro. Outros, menos informados, ou mais imaginativos, afirmam que estou a escrever um romance.

Manuel Semana falou-me longamente da família, da morte da mulher há oito anos e meio, da zanga com o genro, João Fogaça.

Reli Cutileiro, versão portuguesa.

31 de Dezembro de 1987

Porta da Vila, sol de inverno, uma dúzia de homens, conversa-se.

Antigamente, no Natal e no Ano Novo, comia-se caldo de galão e coelho. Não se comia carne de porco nem bacalhau. Quem o diz é Joaquim Sá. Dos presentes, nem todos estão de acordo. Defendem que a carne de porco nunca faltava nessas festas.

Um grupo de rapazes da freguesia embarca na virilidade da cerveja na tasca do Braga.

4 de Janeiro de 1988

O Sr. Luís convidou-me para jantar. Um cozido de grão, pródigo em carne, de sabor incomparável. Um ritual familiar com pompa e circunstância, para gáudio do convidado. Uma garrafa de reserva de Vila Nova, que se bebeu até à última gota, intercalada com conversa de circunstância e um programa da televisão espanhola.

9 a 19 de Janeiro de 1988

Deslocação a Frankfurt. Nos labirintos urbanos da Europa, senti, pela primeira vez, saudades de Vila Velha.

21 de Janeiro de 1988

José Garçôa, antigo emigrante em França (creio que mal sucedido), pediu-me que lhe escrevesse uma carta em francês, por causa da reforma. No final, sentiu-se na obrigação de me fazer um canudo de ferro (assoprador) para a lareira e ofereceu-me um molho de espargos.

Li e traduzi, para os meus alunos, Marvin Harris.

1 de Fevereiro de 1988

Chuva, vento e frio. Fui com o José Vila à tourada da Vila das Candeias. À noite, fomos petiscar ao clube, "que já não é dos ricos, mas da classe média".

Reli Redford. Ultrapassado.

8 de Fevereiro de 1988

Dia de sol. Aparentemente, hoje não aconteceu nada.

Reli, com atenção, os últimos números do *American Anthropologist* e escrevi a Marvin Harris sobre a possibilidade de publicação em Português de algumas obras suas.

9 de Fevereiro de 1988

Morreu ontem a mulher do tio Soares. A velha senhora tinha 72 anos, estava doente há um mês e entrara em coma há três dias. Por isso, se pode dizer que a sua morte já era esperada. Apesar disso, o pranto e o pesar na vila foram impressionantes. Ainda tinha vários irmãos, espalhados pela freguesia, daí que a vila, o arrabalde e até mesmo o Telhal e as Ferrarias estivessem em peso no funeral. Para uma população que não atinge as cento e sessenta pessoas, o funeral foi impressionante com cerca de três centenas de acompanhantes. Velhas viúvas e amigas estiveram, com os seus lenços negros, presentes.

15 de Fevereiro de 1988

Fui ao Campinho buscar as botas. Em Vila Velha, os meus interlocutores comentaram a perícia de sapateiros afamados, a qualidade do cabedal e a delicadeza e fragilidade dos pés urbanos.

Li Pacheco Pereira e Vilaverde Cabral.

22 de Fevereiro de 1988

José Garçôa veio convidar-me para ir ver a telenovela em sua casa e beber um café. Assim foi, com um cálice de aguardente, religiosamente guardada.

23 de Fevereiro de 1988

Manuel Semana bebeu comigo uns copos de vinho, (eu, vinho com gasosa), passou em revista a sua mocidade, as profissões que teve, a viúvez que o destrói há oito anos, seis meses e poucos dias e a certa altura comentou: " Naquele ano, na casa daquele homem, foi o ano do dois. A égua pariu duas bestas, a vaca pariu dois bezerros, a cabra teve duas chibas e a mulher teve dois gémeos, um rapaz e uma rapariga."

A partir daí teceu considerações sobre a fatalidade das coisas, "o que tem que ser, o destino que está escrito no livro que cada um carrega".

27 de Fevereiro de 1988

João Fogaça apareceu com uma linguiça e aqui petiscámos em casa. Trabalhei até às três da madrugada, como é costume. À meia-noite, o Vicente Figueira apareceu mais uma vez, sentou-se à lareira e aqui esteve uma meia hora a dar-me conta dum petisco próximo e a relatar-me as suas preocupações com o ano agrícola. Há sempre um petisco no horizonte próximo dos planos dos habitantes da vila. (O homem que não tem uma navalha adequada ao petisco não é homem...)

2 de Março de 1988

José Garçôa veio mostrar-me correspon-

dência vinda de França relacionada com a sua pretensão à reforma.

Li Clifford Geertz.

7 de Março de 1988

Ontem à noite tive um sonho estranho:
Sonhei que era mendigo em Vila Velha... Vivia andrajoso e pedinte, deambulando pelas ruas desertas da vila.

Barba comprida, cabelos desgrenhados ao vento, velho e cansado, tinha medo de me aproximar das pessoas. Ninguém se aproximava de mim e era tratado como um leproso ou como um cão vadio a escorraçar. Tolerava-se a minha presença sombria, discreta e rápida, mas era preciso que eu me mantivesse à distância, isolado, silencioso e longínquo.

De dia, percorria as fragas do Guadiana, à procura de alimentos, de fruta selvagem, de restos dos caçadores, de água e peixes. Dormia "ao Deus dará" em abrigos inventados nos "fortes"³¹ da vila. Nas noites de inverno fazia lumes para me aquecer. Quem passava junto dos meus poucos temporários evitava-me sempre. As mulheres fugiam de mim temerosas, as crianças apedrejavam-me em algazara tonitroante e os homens olhavam-me de sos-

(31) O povo chama fortés aos torreões fortificados que coroam pontos estratégicos das muralhas e das entradas do burgo, de construção medieval e/ou seiscentista.

laio, com raiva e murmurários.

Nos dias de verão, a natureza era minha companheira preferida: sabia adivinhar o voo das aves, os trilhos das raposas e a presença de javalis; fruia a sombra dos canaviais e o luar prateado das noites estivais de recordações indeléveis.

O interesse do sonho reside no facto de apenas três indivíduos se acercarem, clandestinamente, de mim. De tempos a tempos, eles preocupavam-se com a minha alimentação e conforto de maltês estigmatizado. São exactamente três homens da freguesia, misto de atrasados mentais e simplórios, considerados "parvos", com quem mantenho fora do sonho, relações de algum convívio e até amizade.

Traziam-me agasalhos, conforto, comida, cigarros e palavras amigas de circunstância.

Este sonho marcou profundamente a minha perspectiva sobre a integração do antropólogo na comunidade que estuda. Sem grandes congeminações freudianas, está à vista uma preocupação latente no meu espírito, que se prende com a necessidade de me sentir integrado, a angústia da insegurança, a hibridez "de ser de fora e querer ser da terra", a neutralidade do espaço que percorro, o medo de não ser aceite pela população "normal". De facto um "marginal" (forasteiro) como eu, só era aceite (no sonho) pelos "marginais" do interior da comu-

nidade. Tinha com eles uma relação positiva, porque seres da mesma espécie e com a população "normal" tinha uma relação negativa.

Será que os outros antropólogos terão experimentado as mesmas incertezas, angústias e frustrações, neste labirinto da dúvida que é o trabalho de campo do engajamento absoluto?

A coincidência de o sonho me atribuir o papel de mendigo traz-me à ideia os comentários de Julian Pitt-Rivers sobre a receptividade ao "estranho" na Andaluzia dos anos 50. Segundo o autor inglês, os Alcalarenhos da classe alta nunca lhe permitiram que retribuisse as ofertas de copos de vinho na taberna (Pitt-Rivers 1973). Ou seja, insistiram em que o antropólogo se mantivesse como convidado³².

12 de Março de 1988

Hoje à noite realiza-se o "Baile do Cortiço". De dia, aparentemente não aconteceu nada.

Li Fialho Pinto e Brian O'Neill.

13 de Março de 1988

A Festa do Cortiço, ou melhor, o Baile

(32) Em Vila Velha, senti-me habitante da terra a partir do momento em que me foi permitida tal retribuição. Na prática, eu teria perdido o estatuto (e o anátema) de estranho.

do Cortiço tem características *sui-generis*, que passo a referir. Em primeiro lugar, é uma festa que se realiza na Quaresma e é uma variante dos chamados bailes da pinha ou pinhata; como tal, representa uma verdadeira ruptura com o espírito que, em princípio, preside a essa quadra religiosa. É uma festa integralmente profana, nada tem de religioso e o facto de se realizar no local onde existiu uma igreja, antiga sede de uma freguesia da vila, é puramente acidental. Um certo ritual, que descreverei, antecede um baile, como tantos outros bailes camponeses.

Há catorze pares (já foram trinta e quarenta, dizem-me), constituídos por rapazes e raparigas solteiras, não só de Vila Velha mas de algumas aldeias limítrofes, por força da carência de gente jovem.

No centro da sala coloca-se pendurado um contentor de cortiça, (daí o nome), onde se guarda antecipadamente uma ou outra garrafa de bebida. É à volta do cortiço que os dançarinos fazem as mais diversas marcações e deambulações ao som de uma peça de acordeão, monótona e repetitiva, que faz lembrar as baladas irlandesas. Os pares evoluem de maneira muito interessante, em termos de marcações previamente ensaiadas, partindo de esquemas muito simples para figuras complexas e intrincadas. Desenham figuras geométricas, dão as mãos - o que faz lembrar os tradicionais bailes de roda - saudam-se e têm posturas que recordam danças de salão dos séculos

XVIII e XIX, dançam lado a lado, cumprimentam-se e evitam-se. Mas a componente erudita não é única. Existem diversos passos, em crescendo, em que os pares se tocam, e se tocam muito e, por outro lado algumas das marcações fazem lembrar *tatoos* militares. Toda a movimentação é comandada por um mestre-sala. Existe aqui uma mistura de vários elementos culturais, de que se realça a possível influência da presença dos Franceses durante as invasões, porque o mestre de cerimónias dá ordens utilizando palavras francesas adulteradas.

Depois de cerca de quinze a vinte minutos em que se desenham várias configurações numa perspectiva que se complica lenta e progressivamente, a música acaba repentinamente a um sinal do mestre de cerimónias e um elemento masculino do grupo canta uma quadra cujos versos finais são repetidos em coro por todo o grupo. A passagem das marcações desenhando figuras cada vez mais complexas em direcção ao emaranhado total traz-me à ideia os jogos de espelhos, referidos por Lévi-Strauss como elementos universais, desde as culturas ditas primitivas às complexas. O espaço cénico transforma-se, assim, num verdadeiro labirinto.

As raparigas vestem geralmente de branco, ou de cores claras, o que faz lembrar o baile urbano das debutantes, e ostentam um laço de tule branco na cabeça; os rapazes vestindo, em regra, casaco e grava-

ta, têm na aba esquerda do casaco uma fita azul.

Depois de uma repetição morosa dos exercícios desenhados em cena, por um sistema de rifa são sorteados o rei e a rainha, que começam por ser aplaudidos pelos assistentes, parentes e amigos que observam atentamente as circunvoluções desde o início do baile. Os reis sorteados tomam lugar num trono singelamente decorado e ostentam as respectivas coroas.

Para terminar, cada par dança uma valsa e, de acordo com a perícia, ritmo e habilidade de cada casal executante, assim variam os aplausos da assistência entusiasmada. Após a valsa, os reis serram simbolicamente o cortiço, donde extraem a prenda-mistério. Nesta altura, os rapazes e raparigas vêm oferecer aos presentes bolos (bolo de mel, bolo podre, bolo de chocolate, etc.) e pequenos cálices de vinho do Porto, aguardante, anis ou brande. Todos fazem questão para que partilhem da sua bandeja e bebam da sua garrafa, como sinal de amizade, cortesia e consideração. Seguidamente, terminado o espetáculo, inicia-se um baile normal, ao som de uma pequena orquestra urbana, motivo para alguns pares do "cortiço" iniciarem um namoro que, de embrionário nos ensaios, se expõe agora ao sancionamento da comunidade. A festa termina de madrugada, apesar do descontentamento de mães e avós sonolentas e contrariadoras.

Apesar de algumas semelhanças com os

chamados bailes da Pinha, verificam-se aqui confluências culturais dignas de nota, num misto de camponês e urbano, de alentejano e estrangeiro, de actual e passado, numa postura popular e erudita, que consubstancia a festa como momento essencial da vida comunitária.

18 de Março de 1988

Ontem, às três da madrugada, o relógio da torre deu dezasseis badaladas. Hoje, esse foi o facto mais comentado pelos velhos, que a partir dai descreveram a história da torre, a oferta do relógio há mais de cinquenta anos, o rigor dos mecanismos, e situações anedóticas.

27 de Março de 1988

Está anunciada para amanhã uma greve geral. Os velhos e reformados reagem mal e fazem analogias com as ocupações de 1974/75: "Derrotaram a terra..."

O relógio da torre continua avariado.

31 de Março de 1988

O calor excessivo e a falta de chuva preocupam os agricultores e os camponeses sem terra. Os velhos aproveitam para lembrar anos maus e tempos dificeis.

Hoje houve uma exposição de pintura em

Vila Nova. Os pintores, artistas e negociantes de arte vieram jantar a Vila Velha e realizou-se um leilão. Da terra, apenas estava o grupo coral, convidado para o efeito. Estas injecções culturais não têm nada que ver com os vila-velhenses...

A vizinha Guilhermina convidou-me e à minha mulher, para irmos ver a telenovela brasileira. Como alternativa cultural resisti, mas por deferência aceitei.

3 de Abril de 1988

Domingo de Páscoa. Vacada no Castelo. Muito vento, alguns forasteiros, gente da freguesia e emigrados de visita. Vinho, petiscos, cantigas, a oferta de um leitão para um lanche a combinar.

José Garcôa e Joaquim Sá oferecerem-me dois isqueiros espanhóis, daqueles com mecha, que os pastores usavam. Eu tinha, em tempos, manifestado gosto em ter um, e eles competiram na oferta.

9 de Abril de 1988

O relógio da torre já trabalha. O Senhor António Branco ofereceu-me alfaces.

Li Malinowski.

11 de Abril de 1988

O tempo primaveril convida turistas e visitantes. Estudantes liceais, verdadeiras hordas abandonadas pelos professores, enxameiam as ruas da vila e vão comentando, urbanos e ignorantes, a paisagem, a história, as gentes.

12 de Abril de 1988

Nas terras dóceis por onde passa o rio,
construímos nós o labirinto do castelo encantado
que nos conduz fatalmente
ao abraço ancestral
dos que se amam e dos que sonham o sonho...

Está descoberta a arqueologia
do nosso desejo,
no zénite do meio-dia afogueado,
no verde da planura suave.

Voltaremos a alta velocidade
para a terra dos outros,
mas saberemos guardar
o segredo da ternura
em qualquer castelo encantado,
triste e inacessível.

17 de Abril de 1988

Vila Nova comemora os 150 anos do concelho. Os caminhos da História não são seguros, porque a usurpação foi conflituosa e demorada. Vila Velha, que não quer ter memória, assiste constrangida aos aproveitamentos políticos de hoje, como se tudo tivesse sido natural. Nos arredores da vila, sinal dos tempos, motociclistas disputam um campeonato, que atrai visitantes e é passatempo de circo para os vila-velhenses.

Reli J. Pires Gonçalves.

20 de Abril de 1988

José Garçôa veio oferecer-me dois queijos: a resposta sobre a sua reforma francesa foi positiva. António Branco trouxe-me uma couve monumental.

25 de Abril de 1988

Tínhamos combinado uma caldeirada de peixe do rio, mas os pescadores não tiveram sorte. Alguns feriados são desculpa para o encontro gastronómico, rural e masculino.

28 de Abril de 1988

O tio Soares comentou que ontem à noite eu saíra da vila. Perante a minha estupefacção

atalhou: "Sabe, quando à noitinha vinha da casa da minha filha, do arrabalde, o seu carro tinha o focinho virado p'rá Espanha... quando hoje de manhã passei com o meu burro, o carro estava virado ao contrário..."

Na realidade eu fora jantar a Vila Nova e estava longe de mim pensar que o controle social que me persegue seria tão apertado...

Li João Pina Cabral.

2 de Maio de 1988

Chove e o vento sopra com força acompanhando trovoadas que são habituais nesta época do ano. Petisquei com Luís Castelos numa taberna de Ferrarias. Luís falou-me da sua vida militar na Guiné.

4 de Maio de 1988

Excursões de toda a parte enxameiam as ruas da vila. Autocarros iguais despejam novos e velhos, num bulício anormal, de vozes urbanas e transistores estridentes. O turista é um animal esquisito para as gentes da vila. Faz perguntas irracionais, tira fotografias em excesso, julga-se descobridor de tesouros e mistérios inexistentes e considera a vila como um jardim zoológico em que os velhos são espécimens raros. O paternalismo balôfo dos turistas ignorantes irrita a pacatez e o bom senso dos vila-velhenses. Um turista de calções será

sempre um homem em cuecas... foi mais ou menos assim que António Soares se lhes referiu.

7 de Maio de 1988

Vamos constituir em Vila Velha uma associação sócio-cultural, que pretende defender os interesses da Freguesia. A ideia nasceu, espontânea, de uma série de conversas com Francisco Cordeiro, João Santiago, José Pato e outros. Esperemos que não haja motivações políticas e interesses pessoais por detrás dum projecto que poderá ser útil e interessante.

Li Denise Lawrence.

9 de Maio de 1988

José Garçôa veio informar-me que recebeu hoje, pela primeira vez, a sua reforma "francesa". Ganhei crédito, sem dúvida, se bem que José Garçôa ocupe na escala social a posição de "pantomineiro". Chamar pantomineiro a alguém é mais ofensivo que muitas obscenidades.

12 de Maio de 1988

Ofereci um casaco velho ao Pádinha, simplório e atrasado mental, ladrão inofensivo nas horas vagas e trabalhador de biscates leves que ninguém rejeita. O Pádinha fez parte do meu sonho e tenho com ele uma

relação especial de entendimento e compreensão, que só não é mais profunda porque fala atabalhoadamente e nem sempre o entendo. O Pádinha oferece-me cigarros, de vez em quando, gosta de ser fotografado, cumprimenta-me regularmente de aperto de mão, tomamos café juntos, e interessa-se pela minha estadia, lamentando o dia em que me for embora. Reformado por invalidez, tem 66 anos e vive sozinho com a mãe, no arrabalde.

16 de Maio de 1988

Hoje fui a Barrancos, na companhia de alguns amigos de Vila Velha. Entre um petisco apetecível e uns copos de vinho e cerveja comprámos dois presuntos. O dialecto barranquenho e os presuntos são os dois *ex-libris* desta vila raiana.

18 de Maio de 1988

A burocracia para a constituição da Associação continua.

25 a 29 de Maio de 1988

Os meandros de um Programa Comunitário levaram-me a Bruxelas. Um salto a Bruges e à enorme máquina turística de fazer dinheiro. Apesar da tentação, espero que Vila Velha nunca venha a ser este exemplo impersonal e anónimo do turismo de massas.

30 de Maio de 1988

Regressei ao silêncio e ao equilíbrio de Vila Velha. João Santiago e mais três vila-velhenses tinham regressado de Estrasburgo onde foram ver jogar o Benfica. As peripécias da longa viagem de autocarro e a derrota do clube português são objecto de conversas prolongadas e de chacota por parte dos amigos mais chegados. As descrições do urbanismo europeu e civilizado encantam os que nunca saíram da vila.

31 de Maio de 1988

Quatro brasileiros à procura das raízes lusitanas foram meus companheiros de jornada na visita aos monumentos megalíticos da freguesia e aos locais de maior interesse da vila.

3 de Junho de 1988

Passei grande parte do dia à Porta da Vila. Este local é dos mais utilizados pelos homens, reformados ou não. Sendo a única entrada que permite a passagem das viaturas, é um ponto estratégico para se saber quem entra e quem sai. Por outro lado, sendo um local de exposição ao sol, permite o calor procurado nas manhãs de inverno e a sombra apetecida nas tardes de verão. Com a vantagem de a brisa soprar regularmente nas tardes e noites estivais. Mas não é, naturalmente, o úni-

co ponto estratégico procurado por aqueles que querem fugir aos rigores do clima. É possível uma mapificação rigorosa dos locais utilizados, tendo em vista o movimento do Sol, que é como quem diz, o movimento da Terra. Hoje em dia, nas noites insuportáveis de Verão, há sempre alguém que adormece nas lajes mornas dos muros da Porta da Vila. Dizem-me que há alguns anos "a rapaziada nova pegava numa manta e iam dormir para a porta da Igreja", adro espaçoso de xisto. Nos dias que correm, os grandes utilizadores da Porta da Vila são Joaquim Sá, José Garçôa, Carlos Sá, Joaquim Vela, Tio Soares, Horácio João, António Branco e, temporariamente, o carteiro sacaio e os condutores da "carreira".

A Porta da Vila é, ainda, o grande senado masculino. Ali se discutem as questões mais cruciais da vida comunitária, desde as agruras do mau tempo, ao comportamento dos turistas, da precariedade da produção agrícola, às carências da vila abandonada. Assembleia ao ar livre onde todos têm assento, ali desfilam recordações, saudades, e lembranças de tempos maus, patrões exigentes ou gente generosa; ali se critica o oportunismo, o carácter e a postura dos políticos locais e regionais; se segredam histórias antigas, se murmuram adultérios, se recordam ou inventam alcunhas, se discutem datas, se recordam festas, tristezas, fomes, injustiças e alegrias.

7 de Junho de 1988

O calor não me permitiu trabalhar de dia. Dormi uma sesta prolongada, que os meus interlocutores criticaram. De facto, a sesta é para eles, na maioria reformados, uma exiguidade que não deve ultrapassar uma hora. Trabalhei até às cinco da manhã. Os mais madrugadores notaram a luz acesa em minha casa e perdoaram-me o excesso da sesta.

Reli Cutileiro.

9 de Junho de 1988

Um amigo de Évora veio convidar-me para um almoço na Aldeia da Luz. Caldo de peixe da ribeira, incomparável, obra de arte de um cozinheiro anónimo. A ribeira é o rio Guadiana. O rio só é rio no Inverno, quando é forte e ameaçador.

12 de Junho de 1988

A sede de concelho está em festa. Os vila-velhenses esquecem bairrismos e quesílias e rendem-se ao carácter urbano, recente e artificial das festas de Vila Nova.

13 de Junho de 1988

Feriado municipal: Neste dia houve mais bebedeiras em Vila Velha.

15 de Junho de 1988

Falei com a professora da terra.
Forneceu-me, solicita, algumas informações sobre os seus alunos.

16 de Junho de 1988

ESTRADA DE SANTIAGO

Eu vou cantar d'improvviso
a Santiago Maior
minha boquinha de riso
tu é que és o meu amor

Sou Sacaio por natureza
p'la natureza de Deus
sinto bem o que é tristeza
ao deixar os olhos teus

Contrabandista do rio
trago e levo o teu amor
não há maior desafio
em Santiago Maior

Em Casas Novas dos Mares
vou deixar a minha amada
vou ali a Montes Juntos
eu não me demoro nada

21 de Junho de 1988

Fiz, com José Vila, o périplo da freguesia. Um copo no Montalto, um petisco apetitoso de presunto e paio no Barranco, um café nos Montinhos e um digestivo nas Ferrarias. Uma trovoadas soberba e ameaçadora fez recolher os homens a suas casas.

25 de Junho de 1988

Uma garraiada nocturna no Castelo atraiu pouca gente, mas serviu para amealhar algum dinheiro para a Festa do Senhor dos Passos.

26 de Junho de 1988

Centenas de cicloturistas invadiram Vila Velha, fizeram barulho e deixaram lixo. Trabalhei até às 4 da manhã.

5 de Julho de 1988

O tempo continua instável e o pessoal queixa-se. Fui almoçar à Vila das Candeias. Tirei algumas fotografias à paisagem e fiz gravações na roda de amigos para testar a reacção dos mais tímidos e renitentes.

Tomei café no Telhal: Tio Rocha, Sr. Coimbra (negociante de gado, nortenho) e José Vila. Fiz recolha de alcunhas de Vila Velha. Deitei-me às três da manhã.

Li James Fernandez.

6 de Julho de 1988

Levantei-me tarde. Uma brigada de mulheres anda a caiar as ruas: a Câmara quer brancura para a "feira de artesanato", que se aproxima. Continuei a recolha de alcunhas. A mulher de José Garçôa foi, de ambulância, para o hospital. Trouxeram-na depois, tinha sido apenas uma pequena queda de tensão.

Desapareceu a cadelinha de Luís Castelos. Chamava-se Boneca.

9 de Julho de 1988

Iniciou-se "Vila Velha, Museu Aberto" a que o povo chama "feira do artesanato". De facto, é mais do que isso. Trata-se de um certame da responsabilidade da Câmara de Vila Nova que engloba várias iniciativas, com o propósito de divulgar turisticamente o velho burgo: exposições de pintura, escultura, fotografia, artesanato, espectáculos de música (ligeira, popular, clásica, rock, jazz, etc.) e uma ou outra palestra.

Dizem os velhos que chegou o calor do verão. Vila Velha viu-se invadida por mais de um milhar de visitantes.

Li Horace Miner.

12 de Julho de 1988

Um espectáculo por um grupo de rock muito em voga atraiu cerca de três milhares de forasteiros, principalmente gente jovem. Os adultos das aldeias vieram certamente "enganados". "Desconfio que esta música é para gente que não trabalha; vamos embora Maria", ou "vamos pr'a casa que isto não é pr'á gente", foram alguns dos comentários negativos que me chegaram aos ouvidos.

De um modo geral, a população da terra não aprecia muito manifestações de orientação urbana: jazz, mimica, certo teatro, música clássica, pintura e escultura abstractas. "O povo gosta é de bandas, ranchos, foguetes, fado, música ligeira e popular" dizia-me um "crítico" local.

15 de Julho de 1988

O Tio Carlos Sá prometeu-me melancias.

Falei com o padre de Vila Velha sobre a necessidade que tenho de utilizar os arquivos paroquiais. O pastor manifestou-se disposto a colaborar, mas manteve uma certa distância e formalismo, que terei de seguir no requerimento a preencher.

18 de Julho de 1988

Acabou a festa. Faz um calor intenso

que só a Porta da Vila consegue compensar, à noite. Até às duas da manhã, ali ficámos, três ou quatro, a comentar as inclinações sexuais de José Garçôa, João Barros e Teodoro Perdigão.

À tarde, dera um salto a Évora devido a obrigações docentes.

23 de Julho de 1988

A antiga tasca do Braga abriu finalmente como restaurante, durante a semana passada. A divisão do espaço segue o modelo local: à entrada, o balcão e o resíduo de taberna, para a população local; no interior, o restaurante com pretensões urbanas de plástico e flores de papel. Boa comida da região e ambiente acolhedor. Vila Velha, a partir de agora possui três restaurantes para os turistas, que englobam cada um deles o espaço da antiga taberna, servindo esta, essencialmente, as gentes da terra. Como ponto de encontro temos ainda o café de Luís Castelos, espaço híbrido entre a pastelaria e a tasca.

25 a 31 de Julho de 1988

Compromissos com o Programa Comunitário LEDA levaram-me a Marvão, Chaves e Porto.

3 de Agosto de 1988

Cheguei à vila às 11.45 horas. Alguma admiração pela minha ausência não anunciada. Os mais chegados disseram mesmo que tinha ido de férias e não me tinha despedido. Fui almoçar, solitário, ao restaurante de João Santiago. António Jorge, um jovem da freguesia, veio pedir-me, constrangido, que lhe traduzisse uma carta em inglês, resíduo terminal de uma aventura de verão. Acabou por me contar as delícias e os conflitos estranhos da ligação com uma estrangeira, num amor estival e clandestino, pelos caminhos secretos do Guadiana.

5 de Agosto de 1988

Bateram-me à porta a avisar que poderia mudar o carro para a sombra. A obsessão da procura da sombra é contagiente. Não é, aliás, a primeira vez, que me recomendam uma sombra ideal.

Continua a avalanche de turistas, principalmente franceses. Aproveitei a tarde quente para ir passear ao rio, a pé. No regresso, a minha vizinha Guilhermina perguntou-me sobre umas fotografias que em tempos lhe tirara. Aproveitou para me interrogar sobre os estudos dos meus filhos, ela que é analfabeta...

À noite fui ao Montalto com José Vila. Cumpriu-se o desejo de José: atropelámos uma lebre dis-

traída e gorda. O meu companheiro fez um discurso às delícias de uma lebre com nabos, que João Santiago há-de preparar com sabedoria.

6 de Agosto de 1988

O Tio Soares continua a azáfama de acumular lenha para o Inverno. Hoje trouxe o burro carregado três vezes e posou, tenso ele, e o burro nervoso, para a minha máquina fotográfica. Afirma que lhe posso tirar as fotografias que eu desejar, comentando que, junto ao castelo há um casal que nem sequer pode ver uma máquina fotográfica.

9 de Agosto de 1988

Levantei-me às sete horas para usufruir das delícias matinais, no ambiente acolhedor da sombra dos locais estratégicos da vila: À entrada e à saída da Porta da Vila e nas arcadas do antigo edifício da Câmara. De tarde, dormi uma sesta prolongada, em dia de canícula abrasadora e de cães vadios.

À noite, ao jantar, foi o manjar sonhado por José Vila. João Santiago preparara a lebre com nabos que deu para uma refeição alargada: José Vila, João Santiago, minha mulher e minha filha, eu, Sr. Magalhães e filha. O Sr. Magalhães é um homem das Beiras que casou com a filha de Horácio João e que agora é, com a família,

emigrante em França. Emigrantes de sucesso alicerçado em trabalho duro ao longo de vinte e cinco anos, aqui vêm, todos os anos, de férias. Estão verdadeiramente desenraizados, sobrevalorizam a sociedade francesa e não vivem na obsessão do regresso.

11 de Agosto de 1988

Conversa interessante com um grupo de ceramistas americanos e novaiorquinos que me invejam a solidão mística, face à megalópolis desumanizada.

Hoje houve sessão plenária no "senado" da Porta da Vila. Uma dúzia de presenças, pouco menos que dez por cento da população, deu para alegrar a tarde, contando anedotas, recordando estórias, criticando comportamentos, enquanto se fruía a brisa vindia de Espanha. Comentou-se o roubo de alguns documentos e de vestuário, do interior de um carro estacionado próximo da Igreja. Os velhos estão preocupados e ofendidos porque é a primeira vez que tal acontece na vila. Falam da imagem negativa que isso pode trazer à terra, garantindo que foi alguém de fora.

Os mais aficionados combinam a ida à corrida de touros em Vila Nova.

15 de Agosto de 1988

Feira em Vila Nova com corrida de touros que arrastou uma mão cheia de vila-velhenses. Amanhã parto para o bulício de quinze dias de férias.

4 de Setembro de 1988

Cheguei a Vila Velha às três da tarde e, de caminho, esbarrei com a festa do Telhal. Foi só o tempo de voltar para assitir à corrida de touros, colorida e animada. O jantar foi ao ar livre, em noite acolhedora, em mesa de gente endinheirada ou de prestígio. Comeu-se carne do touro, oferecido à população pelo coração magnânimo e pela bolsa larga do mecenazgo (ou cacique?) local. As aldeias brancas e singelas do Alentejo possuem escondida esta capacidade de atrair, de quando em vez, o olhar benévolos e o gesto misericordioso de um forasteiro urbano que, em momentos cruciais e dramáticos, abre os cordões à bolsa e em gestos largos de prodigalidade impensável se afirma aos olhos dos simples. "Então um homem que oferece o touro, que faz a festa que não se fazia há anos e que manda dizer missa todos os domingos na ermida de S. Sebastião não há-de ser boa pessoa?"

À noite, em largo engalanado, baile concorrido.

Os velhos de Vila Velha afirmam que a festa do Telhal foi boa, de certeza: "Só os foguetes que eles estoiraram!!"

7 de Setembro de 1988

Trabalhei nos arquivos da Misericórdia e tirei fotografias a mais uma assembleia que apanhava o fresco à Porta de Vila. Carlos Sá veio, de saco às costas e meio clandestino para ninguém o ver, trazer-me a oferta prometida: seis melancias e dois melões.

Troquei impressões com Arnaldo Santos, operário fabril emigrado nas Beiras, agora de férias, sobre o 25 de Abril, Marcelo Caetano, Angola e a Reforma Agrária.

A reforma francesa de José Garçôa foi aumentada; veio, por isso, ontem à tarde, oferecer-me uma garrafa de licor espanhol.

À noite, sentei-me à porta do tio Soares, serão de amigos em que os temas variaram desde os malefícios dos mosquitos, às ceifas nocturnas de antigamente e às suas preocupações em dar de comer a uma meia dúzia de gatos que protege.

Faz hoje um ano que cheguei a Vila Velha.

10 a 12 de Setembro de 1988

A festa da festa!!

Posso agora analisar um ou outro por-menor que me escapou da primeira vez, participar activa e naturalmente, contrariamente ao ano passado, forasteiro recém-chegado que era. Migrantes retornados temporariamente, o encontro dos amigos e parentes, a competição dos foguetes, fato novo uma vez por ano, o branco dos vestidos das jovens, o calor, os excessos do costume na inversão da norma, touradas e o sangue do touro, a obsessão dos bailes onde o contacto atrevido dos corpos vai passar a prova do sancionamento social, o vinho, a procissão, turistas e mais vinho... Bebedeiras risonhas e geradoras de toureiros espontâneos. Almoços e jantares pantagruélicos: sopa, borrego assado no forno, salada de alface, bolo rançoso e vinho da "comprativa".

O mesmo percurso festivo do ano passado: Bandas de música, a procissão que é o grande cenário da afirmação social, o fogo preso e todos aqueles pormenores rurais e óbvios que alimentam o imaginário urbano e consomem filme em vídeos citadinos.

Fico sempre para o fim. Quando regresso a casa já raia a aurora, ouvem-se cantar os pássaros madrugadores e em esquinas inesperadas há murmúrios infinitos de bêbados esquecidos de si próprios.

14 de Setembro de 1988

O equilíbrio do silêncio, a pacatez do sossego reconfortante, o quotidiano sem sobressaltos, o regresso à normalidade.

17 de Setembro de 1988

O périplo das festas da freguesia vai continuar. Hoje e amanhã, Montinhos. A reprodução geométrica do modelo de Vila Velha, a uma escala reduzida. Mas não deixo de ir, intruso já aceite, para me encontrar com amigos da freguesia e alargar a rede semi-espontânea da sociabilidade local.

18 de Setembro de 1988

RURAL

As amoras cadentes
do teu olhar sobre mim
jogam com os corações
que numa ternura sem fim
baloiçam nos meus dedos
cada vez que te toco
suavemente, afinal,
à sombra da ternura desta paz,
tão calma e tão rural.

20 de Setembro de 1988

A temperatura começa, progressivamente, a diminuir e os locais soalheiros começam a ser privilegiados. Fui a Vila Nova tratar da documentação para a escritura da associação local. De regresso, jantei com gente urbana, adeptos do "girismo" rural: "Deve ser giro viver aqui, trabalhar aqui, mais isto giro, mais aquilo giro, etc.". O "girismo" é a expressão preferencial dos defensores da mediocridade em ciência social.

25 de Setembro de 1988

Ontem, hoje e amanhã são as festas do Montalto, a aldeia mais populosa e dinâmica da freguesia. A procissão é de ostentação e os bailes da ruralidade fazem inveja à vila.

26 de Setembro de 1988

Nasceu hoje, por escritura pública, a Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha (ADIVV). Nasce marcada pela desconfiança dos mais cépticos, que se interrogam sobre as motivações do grupo fundador.

1 de Outubro de 1988

Trouxe hoje o computador e Luís Caste-

los comenta que deverá ser um bom vídeo. João Santiago convidou-me para jantar na taberna do Telhal. Cabeça de bezerra.

2 de Outubro de 1988

Computador.

3 de Outubro de 1988

A febre do computador.

José Garçôa ofereceu-me uma garrafa de whisky.

7 de Outubro de 1988

Arrefece o tempo, caem as folhas, os velhos aparecem menos, presos ao calor da lareira acolhedora. Fui com José Vila buscar lenha para a minha chaminé fumosa, objecto de comentários dos vizinhos possuidores de chaminés semelhantes. "É do sítio ventoso", dizem categóricos.

Li Edgar Morin.

13 de Outubro de 1988

Trabalhei num *paper* sobre a caça. Fiz recolhas de alcunhas da freguesia e do concelho.

17 de Outubro de 1988

Tempo invernoso e agreste. Aparentemente, hoje não aconteceu nada. As pessoas evitam sair de casa e a vila é um fantasma de solidão.

Li Cutileiro, Leite de Vasconcellos e Jorge Freitas Branco.

23 de Outubro de 1988

Realizou-se, em minha casa, a primeira reunião da direcção da Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha. Presentes Carlos Luís, arquitecto e presidente, João Santiago, José Pato, Josué Raminho. Tratámos de problemas organizativos e vincámos o carácter não partidário da nossa intervenção futura, a fim de evitar equívocos desnecessários.

25 de Outubro de 1988

Simpósio de Vitivinicultura do Alentejo. Apresentei uma comunicação sobre as funções sociais do vinho.

1 de Novembro de 1988

Évora: Dia da Universidade, com pompa e circunstância. Como membro do Senado fui convidado.

3 de Novembro de 1988

Joaquim Sá ofereceu-me um molho de espargos. Jantei na taberna das Ferrarias.

6 de Novembro de 1988

Primeira Assembleia Geral da ADIVV. Presentes os onze sócios fundadores; a reunião teve lugar na sala de sessões da Santa Casa da Misericórdia. Consenso geral sobre os objectivos e estratégia da associação. Helder Seguro ofereceu o jantar comemorativo.

Trabalhei até às quatro horas da manhã. Está em causa uma comunicação ao Congresso da Associação Antropológica Americana.

9 de Novembro de 1988

O Tio Soares veio pedir-me "um empurrão" para o exame de condução do filho. Acredita nos meus conhecimentos urbanos.

Uma pescaria substancial de Luís Castelos deu para um jantar especial de achegas: José Vila, João Santiago e eu.

José Vila tem uma secreta paixão: a jovem professora recém colocada na vila.

12 de Novembro de 1988

Trabalhei com Carlos Luís no regulamento interno da Associação e no plano de actividades para o ano que se aproxima.

6 de Novembro a 4 de Dezembro de 1988

Deslocação a Phoenix, Arizona, ao Congresso da Associação Antropológica Americana. Reencontro com amigos e colegas: Brian O'Neill, Robert Reed, Denise Lawrence, Cristiana Bastos, Fátima Ferreira. Tema da sessão sobre Portugal: *Anthropology Meets History in Portugal*. Apresentei uma comunicação em que abordei a temática do trabalho de campo em Vila Velha e a problemática do "Efeito Rashomon". Conversas com Napoleon Chagnon, Eric Wolf e Marvin Harris.

Uma saltada a Madison, Wisconsin, para matar saudades e comprar livros em segunda mão.

5 de Dezembro de 1988

A obsessão do regresso a Vila Velha e a procura do equilíbrio. Muito frio e alguns cumprimentos mais expressivos por força da ausência notada.

7 de Dezembro de 1988

O conforto da lareira, do trabalho

produtivo, da música que enche o ar quando fazemos aquilo que queremos e gostamos. Olhar o fogo, de madrugada, é um exercício reconfortante. "O lume faz boa companhia", dizem os escassos amigos que encontro, esporadicamente, ao sol de inverno.

22 de Dezembro de 1988

A hibernação à lareira permitiu actualização de leituras, alguma produção nocturna, recolha de contos e provérbios.

Hoje vou regressar a Évora para passar o Natal com a família. Reencontro com alguns vila-velhenses que vieram à terra passar o Natal.

26 de Dezembro de 1988

Cheguei a Vila Velha às 15.30 horas. Um grupo de perseguidores do Sol animou a tarde.

Depois de jantar no restaurante de João Santiago, o dr. João Bastos, provedor da Misericórdia e proprietário, convidou-me para beber um copo em sua casa. Foi uma conversa variada, útil e interminável sobre Cutileiro, o meu trabalho, a Reforma Agrária, a ADIVV, a vida quotidiana em Vila Velha, o Convento da Orada, a Câmara de Vila Nova, etc. Encontro com interesse, principalmente porque a iniciativa não foi minha.

28 de Dezembro de 1988

Tarde soalheira no interior da Porta da Vila. Os velhos queixam-se, porque há mais de vinte dias que não chove.

Li Balabian.

30 de Dezembro de 1988

Alguns turistas urbanos aqui passam a quadra festiva.

José Vila veio passar o serão a minha casa e usufruir do braseiro da lareira. Falámos do Natal, dos comes e bebes das festas e da passagem do ano.

Amanhã vou para Évora.

4 de Janeiro de 1989

Os amigos mais chegados perguntam-me sobre o meu Natal e sobre a família.

Reunião da direcção da ADIVV, em minha casa. Discutido o plano de actividades.

5 de Janeiro de 1989

Hoje houve uma caçada às raposas, extremamente concorrida. Os caçadores e acompanhantes regressaram à tardinha, ostentando, com orgulho e bulício, quinze raposas que vão ser leiloadas.

Assisti ao leilão no restaurante de João Santiago. É o acontecimento do dia. Depois de um jantar ruidoso, cheio de piadas, insinuações e excessos, procede-se ao leilão, cujos lucros reverterão para instituições de solidariedade social. O leilão é o corolário e o ponto alto das representações sociais da jornada. Com pompa, circunstância, regras e ostentação. Dizem-me que há dez anos que não se fazem leilões, daí a expectativa.

A teatralidade do leilão permite-me a identificação de "grupos sociais" perfeitamente hierarquizados e de contornos nítidos e visíveis, mesmo para um observador pouco atento. Interrogo-me, esfrego os olhos, estarei a sonhar com a década de sessenta? Não, isto é tudo verdade. O quotidiano da banalidade aldeã é que camuflava as diferenças, que aqui estão, tronisoantes.

Acima de todos, "os aristocratas", senhores da terra, nobres, gente de prestígio, palavra fácil, desejos satisfeitos, hiper-lisongeados por uma corte de seguidores. Depois, "os endinheirados", gente de trabalho que subiu e amealhou fazendas e capital. Não estão à vontade porque pouco percebem da representação social. A seguir, a "classe média", silenciosa e observadora, de notas contadas e impotente em participar no "jogo". Finalmente "os outros", pobres, criados, proletários, batedores, assistentes mudos. É o revivalismo dos

grupos sociais de Cutileiro, tipificados há vinte e tal anos, em hibernação desde 1974.

Do vinho passa-se ao whisky, para crédito dos operadores, que tecendo encómos à beleza argêntea das peles das raposas, vão alimentando o historial venatório com descrições de caçadas imaginárias e anedotas a propósito.

O leilão é um espaço masculino por excelência. Duas presenças femininas, que cedo abandonam o local, constrangem a verborreia erótica das insinuações e das referências sexuais. Quando o grupo é só masculino impera a obscenidade.

Um corno envolvido por uma caixa vazia de whisky atinge vinte e três contos. O leilão dá um lucro de cerca de duas centenas de contos, oferecidos a instituições concelhias e locais. Os mais noctívagos ficam para a açorda da madrugada, conduto substancial para travar os efeitos alcoólicos do vinho bebido a rodos.

Amanhã tudo volta à normalidade, como se nada tivesse acontecido e fossemos todos irmãos e iguais.

7 de Janeiro de 1989

Partida para Frankfurt.

22 de Janeiro de 1989

Cheguei a Vila Velha às quinze horas. Francisco Cordeiro veio dizer-me da existência de uma morada de casas que estão à venda. Fuivê-las, ao arrabalde, com um dos vendedores, Marcos Cristo, operário da fábrica de papel. Aproveitei para visitar a Estalagem, espaço arquitectónico singular e bem adaptado, mas em decadência.

25 de Janeiro de 1989

Fui com José Vila buscar lenha a um monte próximo, depois de Vicente Figueira me ter dado luz verde para trazer a que quisesse. A lareira acesa é fundamental nestas tardes e noites de Inverno, em que chove, faz frio e se ouve o assobio do vento.

Elaborei esquemas de parentesco na procura de endogamias desejáveis.

29 de Janeiro de 1989

Cheguei a Vila Velha às quinze horas. Nos cafés, hoje, por ser domingo, abunda o ruído associado às bebedeiras habituais. Neste dia há sempre visitantes certos: jovens da freguesia que aqui vêm passear com as namoradas e um ou outro turista português ou espanhol que não teme o vento desagradável e o frio do Inverno.

31 de Janeiro de 1989

Os proprietários da sombra transformam-se, no Inverno, em perseguidores do Sol. A Porta da Vila é local privilegiado, porque hoje não faz vento.

À noite, reunimos a Direcção da Associação, em minha casa, até se arranjar uma sede.

1 de Fevereiro de 1989

Fui com José Vila e Joaquim Vela à festa da Vila das Candeias. Corrida de touros urbanizada, um petisco e o fogo de artifício que atrai muitos forasteiros.

2 de Fevereiro de 1989

Integrado no Seminário "Terrenos Portugueses", apresentei, no ISCTE, uma comunicação intitulada "A Dinâmica das Alcunhas em Vila Velha"

5 a 12 de Fevereiro de 1989

Visita à Irlanda. Os campos verdes, a divisão da propriedade com muros de xisto, alguma pobreza e a vocação rural lembram-me o Alentejo. Mas não me fazem esquecer o urbanismo europeu das cidades, os projectos dos parques tecnológicos (à americana) e o sonho de emi-

grar, de preferência para o outro lado do Atlântico. O síndroma ilhéu: a obsessão dos irlandeses é ter bons aeroportos, mas esquecem as estradas e caminhos...

Aqui não há Carnaval, mas em Vila Velha também já não...

15 de Fevereiro de 1989

Hoje abriu, no centro da Rua Direita, uma loja de artesanato. O proprietário foi mostrar-ma. É um espaço interessante, bem localizado e com grande diversidade de artigos. É a terceira loja de artesanato da vila. De facto, já existiam antes dois estabelecimentos orientados para o fluxo turístico que invade regularmente a vila: uma loja de mantas regionais e produtos afins, propriedade de um casal holandês aqui instalado há uma dúzia de anos e uma loja de produtos artesanais, propriedade de Jorge Cardão, onde se encontram desde galos de Barcelos a rolos fotográficos. O aumento da procura turística deverá ser suficiente para evitar concorrências embaraçosas, num meio tão pequeno.

Consta na vila que o Posto Médico irá fechar. Helder Seguro veio a minha casa dar-me conta das preocupações da população e sugerir-me que a Associação tome uma posição sobre o assunto.

21 de Fevereiro de 1989

Deslocação a Valênci a de Alcântara por
força do Programa LEDA, das Comunidades Europeias.

23 de Fevereiro de 1989

Trabalhei todo o dia na elaboração do Relatório sobre a visita à Irlanda. À noite, li Pierre Bourdieu.

27 de Fevereiro de 1989

Reuniu em minha casa a Direcção da Associação. Sobre o assunto do Posto Médico decidimos enviar uma carta à Direcção Regional de Saúde.

Regressei a Évora à meia-noite.

5 de Março de 1989

Apesar de ser domingo, fui à mercearia da vizinha Guilhermina fazer mercas. De um modo geral, faço compras nesta mercearia, mas de vez em quando vou à outra que existe na terra e que é pertença do actual Presidente da Junta de Freguesia. A mercearia da vizinha Guilhermina tem a particularidade de ter a porta sempre fechada. Os clientes batem à porta, a qualquer hora. São sempre atendidos apesar de a proprietária amaldiçoar os fregueses que batem à porta com muita insistência ou com

muita violência. Eu e a Senhora Guilhermina usamos o tratamento de vizinho(a).

7 de Março de 1989

Desloquei-me a Évora para participar numa sessão do Senado Universitário. De caminho, dei boleia a João Fogaça e mulher que foram ao hospital ver o neto que nasceu a semana passada.

Regressei à hora de jantar e trabalhei até de madrugada.

8 de Março de 1989

Sol e bom tempo, muitos turistas e conversas à Porta da Vila. Helder Seguro criticou duramente os padres, ele que foi seminarista. Quando lho lembrei, replicou: "Exactamente por isso!".

9 de Março de 1989

Regressei a Évora cerca do meio-dia. Antes, António Branco ofereceu-me dois molhos de espargos e José Garçôa quis, naturalmente, "pagar-me" a boleia que lhe dei, com uma oferta de couves, alfaces, carne de borrego e toucinho.

12 de Março de 1989

Trouxe José Garçôa de regresso. Chegámos a Vila Velha às dezasseis horas.

O tio Manuel Semana caiu duma amendoa e ficou maltratado nos seus setenta e seis anos. É o tema da conversa da semana, já que todos são unânimis em criticar que, com aquela idade, já não tinha necessidade de subir às árvores.

À noite trabalhei com José Augusto na burocracia da Associação.

15 de Março de 1989

Fui ao funeral da mãe de Abel Couto, manifestação de pesar mecânica, para quem tinha 80 anos. Chuviscou.

19 de Março de 1989

Longa conversa com Joaquim Sá, que não via há mais de quinze dias, recolhido que andava na apanha dos espargos.

Ao jantar, retribuí o convite ao Dr. Barros.

21 de Março de 1989

Dia soalheiro e ventoso. Um petisco

apreciado: pèzinhos de coentrada. Tirei fotografias no repasto.

A Direcção da Associação reuniu em minha casa.

24 de Março de 1989

Feriado, Sexta-Feira Santa. O tempo melhorou, o vento deixou de soprar e eles aí estão, turistas portugueses aos magotes, aproveitando o fim de semana prolongado.

27 de Março de 1989

Cheguei a Vila Velha às dezasseis horas, em Segunda-Feira de Páscoa chuvosa. Não se vai ao campo comer o borrego porque está mau tempo, mas toda a gente está contente porque chove com intensidade.

José Garçôa convidou-me para ajudar a comer o borrego, com salada de alface, batatas acerejadas e vinho da região. Minha filha e uma amiga, turistas por dois dias, tiraram fotografias.

Trabalhei em alcunhas e li Polanah.

3 de Abril de 1989

Arrefeceu, continua a chover e acendi o lume na lareira. A Direcção da Associação foi apresentar cumprimentos ao Presidente da Câmara de Vila Nova,

que nos recebeu com simpatia, tornando-se associado.

4 de Abril de 1989

A chuva continua e o pessoal da lavou-
ra está contente. Trabalhei no Programa LEDA e nas al-
cunhas.

9 de Abril de 1989

O Senhor João Seguro veio convidar-me para um petisco de cogumelos selvagens. As cilarcas são um produto muito apreciado pelos homens que frequentam as tabernas e apesar de se contarem histórias antigas de envenenamentos fulminantes, acredita-se na perícia e ex-
periência dos que colhem os cogumelos.

A frontaria da Igreja da Misericórdia está a ser reparada e caiada.

À noite, li Peristiany.

11 de Abril de 1989

Chuva e frio. Acendi a lareira e tra-
balhei, vagarosamente, em esquemas de parentesco.

14 de Abril de 1989

Um homem da freguesia veio mostrar-me correspondência de França.

Trabalhadores da Câmara estão a arranjar os esgotos e a conduta da água.

Fui a Évora participar numa Assembleia Geral da Universidade. De caminho, dei boleia a Carlos Sá. Regressei a Vila Velha às 19 horas.

Li Pierre Clastres.

18 de Abril de 1989

A mulher de João Santiago falou-me das invejas na vila e da educação das filhas. Referiu as dificuldades económicas e os trabalhos que tiveram para ter a vida desafogada de hoje. Teceu considerações sobre os namoros das filhas: uma delas já casou e à mais nova o pai não a quer na vila a estudar, visto que lhe perdem o controle.

22 de Abril de 1989

Reunião da Direcção da Associação.

Carlos Sá veio dizer-me versos e pedir-me que lhe fizesse uma gravação.

28 e 29 de Abril de 1989

Largas centenas de visitantes atraídos por um campeonato nacional de motociclismo (enduro), que aproveita as belezas da terra para se promover e divulgar a vila. Os residentes apreciam o passatempo do espectá-

culo e as peripécias das quedas dos concorrentes.

1 de Maio de 1989

Sopa de peixe do rio nas margens do Guadiana. Um manjar delicioso preparado por José Vila, cozinheiro hábil, habituado às soluções gastronómicas da caça e da pesca.

António Jorge teve um acidente de automóvel, no regresso da festa de Montes Juntos, aldeia de freguesia vizinha.

O fim de semana prolongado pelo feriado fomentou o aparecimento desusado de turistas sequiosos de sol e natureza.

2 de Maio de 1989

O tema das conversas é o desastre do António Jorge, a influência do vinho, a recordação de desastres memoráveis, a falta de juízo da gente nova.

6 de Maio de 1989

Assembleia Geral da Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha. Reunião interessante mas pouco concorrida. Presente o Presidente da Câmara de Vila Nova, recém-associado, o que parece constituir uma pequena vitória no sentido de sensibilizar os detentores

do poder local para os objectivos e filosofia da Associação.

Joaquim Sá veio oferecer-me um molho de espargos, afirmando que é o último da temporada.

8 de Maio de 1989

Etelvina, mulher de Luís Castelos ofereceu-me um paio.

À noite, houve cinema na antiga Igreja de Santiago, semi-adaptada a centro de convívio. Presentes trinta pessoas.

Trabalhei até às quatro horas da manhã no Programa Leda.

9 de Maio de 1989

Levantei-me tarde. Helder Seguro veio-me pedir para irmos mostrar os menhires e antas da zona a uma turista americana que pernoitou em sua casa. À noite, convidou-me para jantar, tendo primado em apresentar uma refeição "francesa", com pompa e circunstância, resíduos da sua experiência em França, como profissional de hotelaria.

10 de Maio de 1989

Almocei com José Vila e Joaquim Gancho

(amigo eborense). Depois de almoço deixei-me dormir; os velhos aprovaram a minha sesta porque já começou a época delas.

Parto amanhã para Cáceres.

14 de Maio de 1989

Chegou hoje a Évora Georges Augustins.

Partimos para Vila Velha às 15 horas.

No átrio da Matriz assistimos a um concerto pela banda de Vila Nova. Fomos a Cabeça de Carneiro, à festa dos sacaios, tentar ouvir décimas e cantigas à desgarrada.

15 de Maio de 1989

Conversa com Georges Augustins sobre o quotidiano de Vila Velha, comparações com a sua experiência dos Pirinéus e hipóteses sobre temas a tratar durante a sua próxima deslocação a Portugal.

18 de Maio de 1989

Deslocação a Cáceres e conferência de imprensa sobre as iniciativas do Programa Comunitário LEDA.

23 de Maio de 1989

Trovoadas e chuva intensa. Fui a Vila Nova com Georges Augustins. No regresso, informaram-me que Helder Seguro está a ensaiar uma marcha popular para as festas de Santo António que se realizam em Vila Nova.

À tardinha, num intervalo da chuva, conversámos com o tio Manuel Semana. Disse-nos, não sei a que propósito, que, as mulheres quando não estão "boas" não podem fazer tratamentos ou curativos. Exemplificou dizendo que, quando era novo, a namorada tratou-o duma ferida e esta piorava cada vez mais porque a rapariga estava menstruada. Adiantou depois alguns tabus menstruais locais, conhecidos uns, novidade outros: encher carne, caiar as casas, curar as feridas, comer gaspachos, sopas de peixe da ribeira e comidas com vinagre. Quanto aos enchidos "até se muda a data das matanças por causa disso".

Informou-nos ainda, de sua iniciativa, que a água de malvas cozidas e os galafitos são bons para curar feridas. Ele curou assim a ferida que fez na perna, quando caiu da amendoeira. Os galafitos (ervas) são bons para tratar dos olhos.

Depois do jantar fomos assistir ao ensaio do grupo coral de Vila Velha. Georges ficou encantado com as modas alentejanas.

24 de Maio de 1989

Voltou o bom tempo e aproveitámos para passear nos arredores da vila. Cruzámo-nos com Carlos Sá que me trazia, discreto, um saco de plástico com batatas da sua "se-ara".

João Fogaça veio pedir-me ajuda para a elaboração de um requerimento.

25 de Maio de 1989

Georges partiu com a promessa de voltar em Setembro ou Outubro para fazer uma pequena investigação sobre um destes temas: o turismo, a literatura oral local, os sacaios, espaço masculino.

Hoje é dia de Corpo de Deus, feriado, e, os turistas e as bebedeiras aumentam.

27 a 30 de Maio de 1989

Projecto colaborativo do Programa LEDA em Cáceres: O Turismo, veículo cultural.

31 de Maio de 1989

Cheguei a Vila Velha às doze horas. Vim, com urgência, trabalhar no computador. Não almocei nem jantei; trabalhei de seguida, com dois intervalos para petiscar. À meia-noite regressei a Évora.

4 de Junho de 1989

Domingo soalheiro à Porta da Vila. Temas das divagações: A política local, os interesses eleitoralistas, e os comícios, onde, como me informam, se dizem coisas ininteligíveis e onde se fazem, regularmente, irrealizáveis.

À noite, trabalhei até às duas horas.

Li Bourdieu.

5 de Junho de 1989

A freguesia concorre com uma marcha no concurso da festas de Santo António em Vila Nova. É a invenção da tradição. Fui ver o ensaio: os jovens não respeitam o ensaiador Helder Seguro, homem dado a questões teatrais e outras manifestações festivas.

10 de Junho de 1989

Denise Lawrence veio retomar a pesquisa na "sua" Vila Branca e aproveitou para me visitar.

Trocámos impressões sobre a temática do trabalho de campo. Denise confessou-me com alguma frustração as dificuldades que teve em entrar no mundo dos homens. Eu acrescentei as minhas dificuldades em entrar no mundo das mulheres.

Chegámos à conclusão que a solução ideal é o trabalho de campo feito por um casal de antropólogos. Ou, como alternativa, o antropólogo casar com a sua informante, como aliás já tem acontecido... (ironizámos sobre Eugene Mendoza)

13 a 18 de Junho de 1989

Londres. Escola de Economia e Ciência Política. Peter Loizos deve ser muito importante para não me ter recebido. Estava atarefado com as avaliações, disse-me ao telefone.

Convent Garden é uma festa.

21 de Junho de 1989

Cheguei a Vila Velha às 11 horas. Alguma admiração pela minha ausência não anunciada.

Novidades: terminaram as obras no restaurante de João Santiago; a marcha da vila ficou em terceiro lugar no concurso concelhio; dois casais suecos estão cá a passar férias e no dia 24 casa a filha do Senhor Lamas, rico de nascença, fidalgo por natureza e convicção, e mecenaz quando interessa.

Espera-se pompa e circunstância, aguardam-se quinhentos convidados e o calor tende a aumentar. Dizem que "o trânsito vai ser interrompido pela

Guarda, por causa do cortejo que mete cavalos e tudo", que são as bestas da aristocracia.

3 de Julho de 1989

Levantei-me às 8 e meia, o que é raro, dadas as minhas divagações e trabalhos nocturnos.

Manhã fresca à Porta da Vila. Boa companhia: António Branco, tio Soares, Joaquim e Carlos Sá, José Garçôa. Falámos do calor e do fresco e de navalhas. Histórias de navalhas quase humanizadas. As espanholas não prestam; as que tinham a marca corneta eram boas. Não se pode oferecer uma navalha sem se receber em troca uma importância simbólica, cinco, dez tostões; caso contrário, corta-se a amizade.

4 a 10 de Julho de 1989

Londres, novamente. Pérriplo pelas livrarias, museus e locais turísticos. Este calor sem brisa faz-me saudades do fresco à Porta da Vila.

12 de Julho de 1989

Cheguei à vila e os termómetros marcavam quase 40°. Mulheres caiam as casas, à tardinha: aproximam-se as festas.

13 de Julho de 1989

Os Bombeiros de Vila Nova vieram encher a piscina da Estalagem. Aproveitei a frescura da água em dia de calor abrasador.

Fraca utilização pelos turistas dos quartos disponíveis da terra.

17 de Julho de 1989

Morreu ontem, nos arredores de Lisboa, o pai de Helder Seguro. Por desavenças antigas o filho não pôs luto, o que provoca o mal estar e a crítica dos habitantes da vila.

Está uma noite de lua cheia e um bando de noctívagos aproveita a frescura da noite para contar histórias inacabáveis à Porta da Vila.

18 de Julho de 1989

Continuam os preparativos para a "Feira de Artesanato": Exposições, tendas de artesanato, limpezas, holofotes, trânsito condicionado, crianças.

22 de Julho de 1989

A festa começou hoje: Bandas, grupos corais alentejanos, variedades, fogo de artifício. Exposições de artesanato, pintura, escultura, fotografia. A

freguesia cai em peso nos espectáculos, porque não se paga nada.

30 de Julho de 1989

A festa terminou em apoteose: um grupo de rock, popularucho e festivaleiro arrastou a Vila Velha cerca de cinco mil pessoas.

Em pouco mais de uma semana, houve es-pectáculos de revista, fados, mais bandas, teatro, comes e bebes e, pasme-se, raios laser.

Turistas, poucos; essencialmente gente da freguesia e do concelho.

31 de Julho de 1989

O regresso ao sossego. O funeral duma mulher do Montalto sob um calor abrasador, não me desper-tou interesse.

Continuei a trabalhar nos arquivos da Junta.

7 de Agosto de 1989

O calor insuportável continua e só a frescura da brisa vespertina ou nocturna empurra as pessoas para a rua. Um vila-velhense emigrado para Lisboa e antigo companheiro de liceu veio contar-me as histórias

da sua meninice em Vila Velha. Ouço-o, apesar de tudo, porque já a sei de cor e porque respeito o facto de lhe ter morrido a mãe, no sábado passado. A senhora era sócia da nossa Associação e estava há três meses hospitalizada. Trabalhava no Posto Médico e por força do prestígio local atingido pelo marido (homem sério, da oposição à ditadura), era funcionária da Casa do Povo. Gozava de simpatias, assim como toda a família.

Trabalhei, da meia noite às cinco horas da manhã.

8 de Agosto de 1989

Avalanche de turistas franceses. Morreu uma mulher no Montalto; amanhã será enterrada em Vila Velha.

Vasco Figueira não passou no exame de condução. O padre Mário emprestou-me os livros de casamentos e analisei as fichas de recenseamento na Junta de Freguesia.

João Seguro veio pedir-me conselhos sobre a compra de uma habitação numa cooperativa.

Trabalhei até às quatro horas da manhã. A temperatura baixou ligeiramente.

14 de Agosto de 1989

Arrumações, papéis, fichas, folhas,
computador. Intervalo para férias.

1 de Setembro de 1989

Trovoadas.

2 de Setembro de 1989

Festas do Telhal. Tourada, jantar na
taberna de José Alves, baile, fogo de artifício.

3 de Setembro de 1989

Lá em baixo, na planura,
essa música suave
que é o canto das cigarras
misturado com a harmonia caleidoscópica
dos chocalhos de mil sons.

No alto desta montanha
à escala dos homens,
ouvem-se as conversas e sons
do arrebalde: mães gritam aos filhos,
a brisa acaricia as penedias
de xisto
e o tropel dos muares
é o ritmo contra natura
desta paisagem de ouro
e verde azeitona.

Os sinos dobraram a morte
de um homem velho da freguesia,
num crepúsculo ideal
para se morrer.

4 de Setembro de 1989

Entrevista com o Presidente da Câmara
de Vila Nova. Combinámos jantar, amanhã, em Vila Velha.

O tempo aqueceu e os velhos ainda dormem sestas. José Garçôa veio convidar-me para um petisco especial: cabeça de borrego. Reunião da direcção da Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha. Trovoada.

5 de Setembro de 1989

Dia de sol radiosso. Jantei, conforme combinado, com o Presidente da Câmara de Vila Nova. Conversa prolongada sobre política local, solidariedade e conflitos, temática a abordar numa comunicação a apresentar em Durham, Estados Unidos, na reunião do *International Conference Group on Portugal*.

8 a 11 de Setembro de 1989

Início das Festas da Vila, este ano marcadas por alguns imprevistos e imponderáveis. Vento e frio, o pirotécnico não forneceu a tempo e horas o fogo de artifício para a noite de sábado, um toureiro extremeno anunciado temeu a corpulência do touro da festa e ausentou-se subrepticiamente.

Georges Augustins chegou no domingo à hora do almoço, contente e desejoso em participar na festa. Segunda feira foi o nosso grande dia: um convite para uma sopa de peixe do rio, cantares alentejanos de im-

proviso, e de novo o bom tempo e a vacada brincalhona com as habituais bezerras esqueléticas e assustadiças.

15 de Setembro de 1989

Discuti com Georges o meu trabalho em Vila Velha e as hipóteses de um *paper* conjunto.

20 de Setembro a 4 de Outubro de 1989

Estados Unidos: Boston, Durham e Madison. Livrarias: livros velhos e livros novos, a sede da novidade. Em Durham, congresso sobre temática portuguesa; reencontro com alguns amigos: Robert Reed, Denise Lawrence, Brian O'Neill (como não podia deixar de ser - encontrámo-nos pela primeira vez em Chicago em 1985), Maria Beatriz Rocha-Trindade e José Manuel Sobral.

Comprei, finalmente, *Rites of Passage*, versão inglesa.

6 de Outubro de 1989

Congresso sobre o Alentejo em Elvas. Organização desastrosa, provinciana, ineficaz e controlada partidariamente, como de costume. A minha comunicação fez bocejar ferroviários e sindicalistas prontos a levantar o punho, numa sessão que de cultural só tinha o nome.

8 de Outubro de 1989

Uma dor de cabeça permitiu-me, ainda assim, ler Clifford Geertz até às 3 da manhã.

9 de Outubro de 1989

Ofereci dois charutos que comprara nos Estados Unidos a Joaquim Sá. José Vila relatou-me as peripécias do processo que levou à inauguração da Casa Paroquial como unidade de turismo de habitação e à abertura do Museu de Arte Sacra.

Pouca gente da terra ou nenhuma participou, porque não concorda com o destino dado à Casa Paroquial. O sentimento da população é que este turismo de habitação (sem pessoas a viver nas casas) não serve a população local mas a forasteira - "a casa podia ser arrendada a gente da terra". De facto, isto não é turismo de habitação... Na realidade, este padre não tem as simpatias da população. É visto como um funcionário.

Continuei a ler Clifford Geertz.

11 de Outubro de 1989

Trabalhei nos dados do recenseamento eleitoral.

Morreu o pai de Álvaro Migueis, velho-te simpático que me vinha sempre cumprimentar, com deferência e amizade.

Trabalhei cinco horas a alinhavar os fundamentos teóricos justificativos deste diário.

Verão de S. Martinho.

12 de Outubro de 1989

Depois do funeral de António Migueis regressei a Évora.

15 de Outubro de 1989

Chegou a chuva e baixou a temperatura. Li fragmentos de *Writing Culture*. Amanhã há reunião de pais porque a escola continua sem professora. Como já começou a campanha eleitoral para as autárquicas, os políticos locais vão eventualmente confrontar-se.

19 de Outubro de 1989

Orada by nigth

É o vento das promessas
a galgar esta planura de ideias
em corpos de falsos anjos
neste desejo incontido
de amenizar o mistério da transmigração dos espíritos.

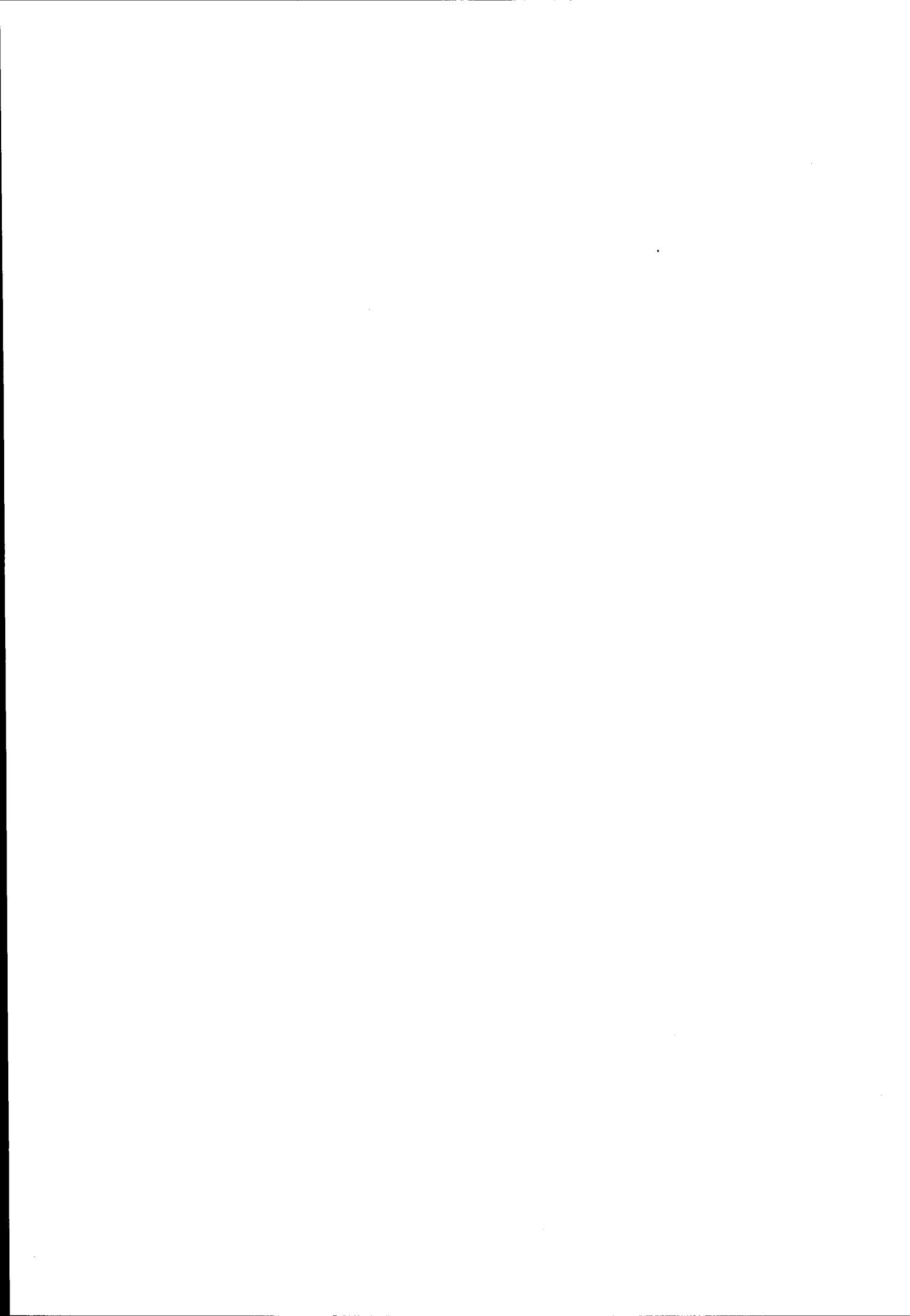
Raparigas vestem-se de seda garrida
poem malmequeres nas searas de seus cabelos compridos
e vão passear ao poço grande da estrada velha...
Lá em cima,
a nossa prima lua
dá-se ares de desconfiada
e espreita-nos.

A natureza das nossas ideias
esta muito bem feita e amadurecerá, certamente,
e sentamo-nos confiantes (talvez nervosos)
à porta destes caminhos por descobrir.

25 de Outubro de 1989

Trabalhei no meu recenseamento local.

Ao jantar, no Restaurante de João Santiago, um convite inesperado de um colega universitário para uma reunião: um político do SPD alemão defendeu a impossibilidade da reunificação das duas Alemanhas.



26 de Outubro de 1989

A minha ignorância informática fez-me perder umas dezenas de páginas. Como compensação, reli *Writing Culture*.

5 de Novembro de 1989

Os benfiquistas de Vila Velha ficaram eufóricos com a vitória sobre o Sporting: José Vila e eu ouvimos as piadas do costume.

7 de Novembro de 1989

Fui ver o açude do Guadiana a transbordar de água. A ribeira estival transforma-se em rio todo poderoso e masculino.

8 de Novembro de 1989

O tio Soares trouxe às costas duas "feixinas"³³ monumentais que me veio oferecer, desenvolto nos seus oitenta anos.

13 de Novembro de 1989

Cheguei a Vila Velha ao meio dia. Com-

³³ Feixes de estevas, para acender a lareira.

prei pão quente, fiz um petisco de improviso e almocei em casa.

O tio Soares está constipado, a vizinha Guilhermina tem dores de cabeça (dei-lhe um *aspirin*, mas não deu resultado) e José Vila e Luís Castelos estão de ressaca.

João Santiago tem um carro novo, que me mostrou, orgulhoso.

Fui jantar a Vila Nova. Trabalhei até às duas e meia.

17 e 18 de Novembro de 1989

Trabalhei em comunicações a apresentar em França.

21 de Novembro de 1989

Regressei a Évora. Meu filho foi operado ao apêndice.

26 de Novembro de 1989

Chovia quando cheguei a Vila Velha. Continuei a trabalhar nos *papers* para França. Deitei-me às 4 horas.

27 de Novembro de 1989

A Câmara de Vila Nova convidou-me para dar algumas aulas de Etnografia, num curso de formação profissional sobre turismo.

28 de Novembro de 1989

Consultei actas da Junta de Freguesia do século passado.

À tarde, conversa na parte soalheira da Porta da Vila: António Branco, José Garçôa, Tio Soares e o pai de Zé Vila: Lésbicas na freguesia, "há 30 ou 40 anos". Uma certa mulher de Montalto "que encavava as outras com um "coiso" de pau, coberto de veludo e com uma camisa de vénus". A descrição é de José Garçôa. Diz que as observou várias vezes, na altura das ceifas. António Branco confessa, com honestidade, que as espreitou "a fazerem festas uma à outra". Tio Soares não viu nada, não sabe de nada e insinua que nunca espreitou ninguém. Depois, a conversa descambou para os tempos de hoje, as poucas vergonhas que já se fazem à luz do dia, etc. José Garçôa é o grande *voyeur* e como é pantomineiro tem histórias infindáveis.

A obsessão sobre o mundo da sexualidade pode sintetizar-se nesta quadra popular (adaptada),

que vários homens me referiram:

Querida, tu não te esqueças
das nossas noites de verão:
tu olhavas as estrelas do céu
e eu as pedrinhas do chão.

Li *O Poder Simbólico* de Pierre Bourdieu.

29 de Novembro de 1989

O Senhor Horácio João vai a França passar o Natal com a filha, o genro e a neta.

1 de Dezembro de 1989

Parti para Paris

2 a 13 de Dezembro de 1989

Apresentei duas comunicações sobre Vila Velha, no Centro de Estudos Portugueses. Mesa Redonda em Nanterre. Encontro com George Augustins, Brian O'Neill, Collette Callier-Boisvert e Virginie Lafont.

Quando em Paris, não me canso de ir ao Museu do Homem para reviver as preocupações museográficas da Antropologia do princípio do século e tentar descobrir alguma exposição temporária. Desta vez tive sorte: Lévi-Strauss e os Índios do Brasil! É significativo o contras-

te entre este tipo de mostras de técnicas museológicas actuais e o resto do museu que cheira a môfo intelectual.

Corrida aos livros na FNAC, onde se pode usar o cartão de crédito: Bourdieu, Bozon, Clastres, etc.

17 de Dezembro de 1989

Eleições autárquicas. Na freguesia e no concelho ganhou o Partido Socialista, como habitualmente.

Os campos estão alagados e ruiram muros e terras.

18 de Dezembro de 1989

Frio, vento e chuva. Vila Velha é um fantasma triste e solitário.

Li Michel Bozon.

19 de Dezembro de 1989

Apareceu algum sol e não chove. No interior da Porta da Vila, junto à muralha evita-se o vento e apanha-se o sol passageiro: somos meia dúzia.

José Garçôa ofereceu-me lenha, um saco de laranjas e azeitonas. Vicente Figueira trouxe-me, num tractor, uma carrada de lenha. José Vila fez questão em pagar-me o jantar.

20 de Dezembro de 1989

Mote do dia: o tremor de terra de ontem à noite. A partir daí, a conversa não acabava com descrições de cataclismos impressionantes, verdadeiros uns, míticos outros.

Noite reconfortante à lareira. Amanhã regresso a Évora - Natal com a família.

26 de Dezembro de 1989

As chuvas torrenciais fazem esquecer as tradicionais perguntas sobre o Natal. Campos alagados, pontes destruídas e caminhos interrompidos. Dizem os mais velhos e de memória mais fiel que só em 1947 é que choveu tanto.

Carlos Sá ofereceu-me uma bica e um bagaço no fim do jantar e informou-me que no Natal ceou couve e carne.

José Garçôa está doente.

29 de Dezembro de 1989

Trabalhei na revisão dos papers franceses. Li *Works and Lives* de Clifford Geertz. Sol, mas frio. Aparece pouca gente. Fruí do lume até às cinco horas da manhã.

2 de Janeiro de 1990

Continua a chuva e o frio. As chaminés fumam ao desafio e sente-se o cheiro agradável da seiva das estevas. Deitei-me tarde, como de costume.

3 de Janeiro de 1990

Levantei-me tarde e almocei em casa.

A minha vizinha Guilhermina fez-me a descrição detalhada da morte do marido, há nove anos. Tentou chorar, mas não conseguiu.

José Vila deu-me as novidades dos últimos dias: A filha mais velha de João Santiago deu à luz um bebé morto, o Álvaro da Estalagem teve um acidente de automóvel, o Pádinha foi doente para o Hospital de Vila Nova e houve um desastre no cruzamento para a Vila das Candeias.

José Vila contou-me que o funeral do "anjinho" acabou por ser uma manifestação dramática de choro e pesar.

Trabalhei com elementos da Associação no plano de actividades para 1990.

Li passagens de *The Diary in its strict sense* de Malinowski, o que me obrigou a reflectir longamente sobre este mesmo diário e respectiva justifi-

cação, o que se opõe certamente aos argumentos algo falaciosos de Raymond Firth.

4 de Janeiro de 1990

Num dia como este, de chuviscos, sol e frio, somos todos perseguidores do sol. O Pádinha foi hospitalizado.

Escrevi "A açorda do nosso contentamento".

7 de Janeiro de 1990

Deixou de chover, aumentou o frio e fiquei quase todo o dia à lareira. Claustrofobia: parti para Évora.

8 de Janeiro de 1990

Regressei a Vila Velha depois do almoço. À noite, reunião da Direcção da ADIVV, em minha casa. Aprovado o plano de actividades para este ano.

10 de Janeiro de 1990

Dia de sol resplandecente e céu azul.
Tirei fotografias.

11 de Janeiro de 1990

Assisti ao leilão da caçada às raposas. Vinte peles leiloadas. Hierarquias mais diluídas que no ano passado. Fotografei os excessos gastronómicos que antecederam o leilão, masculino, obsceno e barulhento.

16 de Janeiro de 1990

Convite da Universidade de Plattsburgh (New York) para escrever um artigo sobre impressões do quotidiano norte-americano.

O Tio Soares está muito engripado, José Garçôa também. Pádinha já regressou do hospital.

20 de Janeiro de 1990

Os homens de Vila Velha andam muito preocupados com a dureza das geadas. Joaquim Sá veio oferecer-me um molho de espargos.

Comecei a trabalhar no artigo americano. João Santiago, convidou-me para a próxima batida às raposas.

Li Schutz.

21 de Janeiro de 1990

Nevoeiro e geadas. Acendi a lareira com os restos da lenha.

Trabalhei na burocracia da Associação, na companhia de Josué Raminho, funcionário da antiga Casa do Povo e pintor autodidacta.

As amendoeiras que rodeiam Vila Velha estão alvas.

25 de Janeiro de 1990

Batida às raposas. Encontro às 8 horas da manhã no quintal de Tonico Correia. Acendem-se fogueras por causa do frio e sorteiam-se as "portas" da batida. Vinte e seis espingardas. Dia cinzento a contrastar com o verde quase eléctrico dos campos húmidos. Fiz *slices* numa batida frutuosa: 12 raposas e um saca-rabos.

Almoço no campo, com as delícias gastronómicas trazidas de casa: pão, queijo, vinho, azeitanas, linguiça, costeletas panadas, pastéis de bacalhau, etc.

Regresso a Vila Velha, banho, jantar, leilão, acorda, três horas da manhã.

28 de Janeiro de 1990

Continuei a trabalhar no artigo americano.

3 de Fevereiro de 1990

Assembleia Geral da Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha. Trinta presenças, uma vitória.

Aprovado o Relatório e Contas de 1989 e ratificado o Plano de Actividades para 1990.

5 de Fevereiro de 1990

O sogro de Luís Perdigão contou-me a seguinte história, que faria as delícias dos estudiosos militantes da "honra e vergonha" mediterrânicas:

"Um dia, a água, o vento e a vergonha encontraram-se e iniciaram uma viagem. Ao fim de uma longa caminhada decidiram separar-se e cada uma escolheu o seu caminho. A água escolheu uma estrada e disse:

- Eu vou por esta estrada e se me quiserem encontrar procurem-me junto à raiz da junça (porque junto à junça há sempre água - esclareceu o narrador)

O vento disse:

- Eu vou por este caminho e se me quiserem encontrar procurem junto das folhas da faia, (porque quando há vento nota-se logo - explicou o contador)

A vergonha afirmou:

- Eu vou por aqui e se me perderem já não me encontram mais", (porque quem perde a vergonha já não a recupera - atalhou o narrador).

Penso que a questão da honra e da vergonha, independentemente do sexo, se dilui bastante na actual sociedade vila-velhense, onde eventualmente constitui um valor referencial. No entanto, resíduos orais como este constituem uma lembrança de tempos passados, em que o equilíbrio valorativo era, todavia, sistematicamente posto em causa: adultério feminino, "casamento por rapto", dependência moral dos trabalhadores rurais (segundo Cutileiro), roubo de frutos pendentes, etc.

6 de Fevereiro de 1990

Petisco com cilarcas (cogumelos) no café de João Santiago.

João Fogaça convidou-me para ir comer umas febras a sua casa, mas não pude aceitar por força do petisco anterior.

Continuei a ler Bourdieu.

10 de Fevereiro de 1990

Terminei o artigo americano; chamar-se-à *My American Glasses*³⁴.

13 de Fevereiro de 1990

Frio e muita gente engripada: José

(34) "Os meus óculos americanos"

Garçôa e Manuel Semana, estão doentes, em casa de família, na zona de Lisboa.

Houve um acidente de automóvel, no passado fim de semana, com gente da terra, e isso é motivo de conversas e críticas sobre os excessos alcoólicos, os abusos da velocidade e a "falta de tacto".

16 de Fevereiro de 1990

Peixe do rio apanhado e oferecido por Luís Castelos e um petisco delicioso que termina em atitudes de ostentação numa competição de "estramelos"³⁵.

20 de Fevereiro de 1990

Revi e enviei o artigo americano. Dia primaveril. Fiz arrumações.

Cilarcas e passarinhos fritos: petisco no restaurante de João Santiago. Pádinha trouxe-me lenha e eu ofereci-lhe um sobretudo.

Li *Honra e Vergonha*, coordenado por Peristiany, prefácio de Cutileiro.

Noite fria que deu para fazer lume.
Deitei-me às três horas.

(35) Designação local para whisky

21 de Fevereiro de 1990

Levantei-me cedo acordado pelo chilrear dos pássaros no quintal - sinal do bom tempo dos últimos dias. Conversa com alguns amigos que criticam o facto de três homens da freguesia apanharem "beatas"³⁶ do chão. Não é a atitude em si que é condenável, mas o facto de não terem dificuldades económicas que os levem a "rebaixar-se".

Mostrei *slides* e encheu-se-me a casa.

Reunião da Direcção da ADIVV, às 21 horas.

24 a 28 de Fevereiro de 1990

Carnaval inexistente. Os velhos falam-me de partidas e festas do Entrudo de antigamente. Na quarta-feira de cinzas algumas crianças da freguesia, vêm à vila pedir dinheiro.

João Fogaça veio, bêbado, convidar-me para ir beber um "martini" a sua casa: Agradece-me assim os requerimentos que lhe tenho processado no computador.

O Entrudo provoca um aumento de consumo do vinho e em casa fazem-se fritos e bolos tradicionais.

.....
(36) Restos de cigarros fumados

Iniciei uma comunicação a apresentar na Irlanda.

5 de Março de 1990

Pitt-Rivers no Museu de Etnologia de Lisboa. Ao defender que a corrida de touros espanhola é a recrucificação de Cristo, o autor de *The People of the Sierra* parece-me definitivamente senil e acabado.

7, 8 e 9 de Março de 1990

Deslocação a Castelo de Vide, Crato e Marvão: Programa LEDA.

12 de Março de 1990

No sábado houve baile da Pinha, com muitas semelhanças ao do Cortiço. Este ano não haverá baile do Cortiço; falta de gente jovem disponível; ausência de ensaiador credível.

Regressei a Évora inesperadamente: minha mãe foi hospitalizada.

14 de Março de 1990

Trabalhei no *paper* para a Irlanda, cujo texto processei.

16 de Março de 1990

Aproxima-se a primavera. Algumas horas no computador e lá fora um sol convidativo...

20 a 23 de Março de 1990

Dublin, cidade razoavelmente organizada, sem problemas de trânsito, com inúmeros espaços verdes e com gente semelhante à portuguesa, no trajar e nalguns comportamentos.

25 de Março de 1990

Vila Velha resplandece e há centenas de turistas regionais. Benfica-Sporting em futebol e as rivalidades locais.

José Vila fez um bom negócio e para celebrar convidou-me para jantar. Falou-me nas contradições da vida: os seus amores falhados e os bem sucedidos, a sua origem de classe e postura de esquerda e o seu gosto pelas coisas boas da vida.

Reunião da Direcção da Associação que prepara um encontro sobre turismo; houve trabalho até depois da meia-noite.

Faleceu um homem no Telhal.

27 de Março de 1990

Hordas de estudantes em excursões ba-

rulhentas invadem a vila.

Assisti ao funeral vindo do Telhal e tirei fotografias às chaminés.

2 de Abril de 1990

A Associação conseguiu um espaço para a sua sede social.

Trata-se de um acordo conseguido com a Misericórdia local que põe à nossa disposição duas salas, que concretizam uma legítima aspiração da ADIVV.

Travei conhecimento com o director da fábrica de papel do Guadiana, empregadora por excelência na freguesia nos últimos trinta anos. Deu-me luz verde para solicitar dados sobre o pessoal de Vila Velha que lá trabalhou ou trabalha.

A direcção da Associação continuou a trabalhar na preparação do encontro sobre turismo.

Georges Augustins enviou-me um livro de sua autoria, juntamente com uma grande saudade por Vila Velha. Que desse um abraço a Horácio João, Dona Teresinha, Luís Castelos, Joaquim Sá, António Soares, João Fogaca e outros.

Li João Pina-Cabral.

5 de Abril de 1990

Muito vento e aguaceiros. À noite vi

televisão, contra os meus hábitos.

9 de Abril de 1990

Começo dos preparativos para a habitual competição de motociclismo que provoca uma invasão de curiosos, uma multidão barulhenta, dezenas de máquinas ruidosas e desequilibra o silêncio e afecta a vida normal da povoação.

14 de Abril de 1990

"Enduro" e passagem dos ciclistas da Volta ao Alentejo. Utilização desnecessária das ruas da vila pelos motociclistas. Amanhã é domingo de Páscoa e a Comissão de Festas organiza uma vacada para conseguir fundos.

16 de Abril de 1990

Périplo da freguesia para testar vinhos e provar petiscos: Tio Soares, Joaquim Sá, Marcos Cristo, Jorge Cardão, João Seguro.

Depois de tanto repasto, Joaquim Sá falhou a feitura de três cigarros de onça. Brilhavam-lhe os olhos e falámos de pássaros e cabras.

Trabalhei até às quatro da manhã. O relógio da torre emudeceu.

17 de Abril de 1990

Xerez Road

Primeiro, a travessia do deserto.

Sem miragens fantasmagóricas
salpicado aqui e além de oásis coloridos
à luz das estrelas e do sorriso complacente e
maternal da lua

ou ao calor do fogo, na verde promessa de ouro;
assim, a fuga aos que nos espreitam
e que não nos entendem, a fuga de nós.

Passamos a fronteira da ambiguidade
e desembocamos em Xerez Road.

As pedras, o branco, a geometria
e a sensação de pisarmos calçadas já percorridas
de matarmos a sede nas fontes da simplicidade
de atravessarmos largos singelos
de gente irmã todos os dias.

Viajantes sem destino certo
eis a aventura planificada
de viver sentimentos não mais camuflados
longe do artifício do olhar e da voz da cidade.

Xerez Road: o xisto da nossa convicção,
o branco da nossa transparência,
a geometria do equilíbrio que procuramos.

As cegonhas desta primavera permanente
são gaivotas de bonança
no mar infinito da planície sufocante.

18 de Abril de 1990

Brilha o sol e aproveito para tirar fotografias. Turistas das mais diversas origens e com as mais estranhas motivações continuam a afluir.

Florinda, aluna da escola primária local, em disputa com um jovem visitante lisboeta, clama com sabedoria inesperada: "Nós aqui no campo somos mais felizes que vocês lá em Lisboa!!"

22 de Abril de 1990

Petisquei ao balcão de João Santiago para fruir o espaço da taberna.

Nos últimos dias tenho conversado longamente com Joaquim Sá, Horácio João, António Branco e António Soares sobre ovelhas, cabras, gado, pássaros e plantas.

Joaquim Sá, a quem a memória já falha, falou-me dos imensos rebanhos de cabras que guardou durante toda a vida. Apenas se lembrou dos seguintes nomes, apesar de todas elas terem nome:

Campainha - "porque era bonita, jeitosa"

Carvoeira - "era negra"

Calçada - "tinha três patas cinzentas e uma preta"

Baioneta - "só tinha um chavelho". Ainda se lembra que foi comida por um lobo.

Estrela - "por ser muito clara"; foi mordida por um lobo
Lôba - "porque era grande e o pêlo era como o dos lobos"

Lamenta a memória frágil e atalhou:
"Agora já há habilidades novas para as cabras parirem
mais!"

23 de Abril de 1990

As memórias de António Branco, Joaquim
Sá e Horácio João conseguem fornecer-me nomes de passá-
ros, (uns ainda ainda existentes, outros que foram desa-
parecendo), juntamente com alguns comentários interessan-
tes:

águaia - "agora raramente lá se vê uma"

papa-figos - "aparecem em Junho, Julho"

pica-peixe - "na ribeira há muitos"

francelho - "também chamado peneireiro"

garça - "no rio"

picança real - "é maior e cinzenta"

picança amarela - "já não aparece há uns poucos d'anos"

cartaxo - "dá carne à festa"

solitária - "pássaro azulado; anda sempre sozinha, aí
pelas muralhas"

tarambolas - "não criam cá"

algrevêoes - "andam só nas terras bravas, não arrimam aos

povos; todos os trabalhadores lhes tinham zanga porque começam a cantar muito cedo.
Criam em Julho"

parvoíno - "é o pássaro mais parvo, qualquer um o engana e deixa-se apanhar com facilidade"

arvelas - "emigram"

calhandras - "há duas qualidades, mas já aparecem pouco"

noitibós - "só aparecem de noite, costumam poiar no adro do arrabalde. Os de Vila das Candeias chamam-lhes "papa-cagalhões"

sezões - "são grandes, do feitio dos patos"

carraceiras - "são novas, apareceram há vinte anos, picam muito"

cegonhas - "dantes havia quem lhes comesse a carne"

corujas - "na torre do relógio costuma haver três"

andorinhas - "das verdadeiras já há poucas, as que vemos aí são papalvos"

trigueirões - "aparecem menos porque os matam"

corvos - "agora já há poucos por estas bandas"

cucos e melharucos - "emigram"

Caçadores furtivos, utilização de pesticidas, mudanças no tempo e nas culturas são as razões que os meus informantes invocam para o decréscimo ornitológico.

25 de Abril de 1990

Feriado, chuviscos e trovoadas. Muitos turistas portugueses.

30 de Abril de 1990

Trabalhei com Carlos Luís na preparação duma iniciativa da Associação - "Encontro Vila Velha e o Turismo": Convites, logística, correspondência.

À noite li Bozon e Manuel Inácio Pestana.

1 de Maio de 1990

Trovoadas imponentes. Pérriplo pelas tabernas da freguesia com Luís Sá, Joaquim Sá e Joaquim Vela.

Li James Clifford e George Marcus. Amanhã temos reunião da ADIVV sobre o "Encontro" que se avizinha.

7 de Maio de 1990

Dia de sol abrasador. No fim de semana houve um desastre na ponte do Guadiana que é motivo de todas as conversas. José Vila e eu fomos ver os destroços no rio. Aproveitámos para ir buscar as peles de raposa

que tínhamos mandado curtir a um artesão que vive junto do rio.

Crespúsculo calmo e quente, convidativo e bucólico, no lugar ideal que é a Porta da Vila.

Turistas e mais turistas, principalmente idosos. Ali ficámos ao fresco da noite o tio Manuel Semana (que já fez as pazes com o genro), Joaquim Sá, Carlos Sá, Vicente Pato e Ivo Soares.

9 de Maio de 1990

Continuam os preparativos para o Encontro sobre Turismo. Juntámo-nos ontem os sócios fundadores da Associação para tomarmos decisões e dividirmos tarefas.

Deslocação ao Crato por entre um labirinto de trovoadas cintilantes que faziam da noite dia.

12 de Maio de 1990

Dia quente, com sol e sem vento. Excursões de escolas secundárias.

Mandei, a pedido, o *paper* de Durham, a Douglass Wheeler e a Caroline Brettell.

Crespúsculo agradável.

17 de Maio de 1990

Morreu, afogada, a cadela de António Branco. Fez-me a descrição pormenorizada e continuámos a conversa a falar de animais e ceifas.

20 de Maio de 1990

Almoço na Cooperativa de Vila Nova: Diluição da diferença de classes por força do poder económico do vinho. Homens engravatados e trabalhadores tisnados pelo sol e de mãos calejadas beberam com a sofrer guidão da posse o "seu" vinho, ao som dos Beatles e dos Pink Floyd...

24 de Maio de 1990

Eduardo Ramos e Jocelim ensaiam uma marcha de Santo António para concurso concelhio. Mais uma invenção da tradição, que neste caso particular funciona como afirmação pública de cada freguesia. Como se as marchas dos Santos Populares tivessem alguma coisa que ver com esta gente!...

De facto, Vila Nova é uma terra sem história que apenas se revê em iniciativas deste tipo.

26 e 27 de Maio de 1990

Encontro "Vila Velha e o Turismo".

Quarenta e cinco participantes, visita guiada, inauguração da sede da Associação de Defesa dos Interesses de Vila Velha, temática turística abordada por quatro grupos de trabalho, almoço de convívio e sessão de encerramento.

Os habitantes de Vila Velha também estiveram representados em dois grupos de trabalho e puderam expressar sem complexos as suas opiniões.

30 de Maio a 3 de Junho de 1990

Vidago (Chaves). Seminário LEDA sobre "As novas tecnologias e o meio rural". Regressei adoentado.

5 de Junho de 1990

Etelvina e D. Engrácia prepararam-me um chá para as minhas dores de estômago: A integração consumada na esfera feminina, graças aos deuses, aliás à doença.

6 de Junho de 1990

Alguma preocupação local pela minha doença. À Porta da Vila conversa sobre contrabandos antigos e o salto da fronteira pela calada da noite.

Fiz *slides* e gravei quadras populares.

José Vila relatou-me durante horas, as

suas aventuras amorosas durante os últimos dez anos. Eram quatro da manhã quando bebeu o último cálice de amêndoam-amarga e regressou a casa.

9 de Junho de 1990

Um caspacho na roda de amigos.

Conversa à Porta da Cisterna, fruindo o fresco e falando de lobos, medos, lobisomens e fantasmas - as desculpas antigas para aventuras sexuais.

12 de Junho de 1990

A vila despovoou-se para ir ver as Festas de Santo António em Vila Nova. Marchas, bailes, comes e bebes.

De madrugada, li George Marcus e passei pelas ruas desertas do burgo.

13 a 30 de Junho de 1990

Stress, instabilidade, insegurança e angústia.

14 a 22 de Julho de 1990

Vila Velha, Museu Aberto: O costume. Espectáculos populares e eruditos, milhares de visitantes alternando com sessões vazias, o bom e mau, ou seja

aquilo de que o povo gosta e aquilo que não entende. Não assisti a todas as manifestações, mas recebi testemunhos diversos.

19 a 22 de Julho de 1990

Deslocação a Buis-Les-Baronnies (França). Encontro preparatório de um colóquio europeu sobre turismo rural. É à distância que confirmo como é genuína a nossa ruralidade!

24 de Julho de 1990

Telefonaram-me de Vila Velha convocando-me para uma reunião de urgência na sede da Associação a fim de discutir uma decisão camarária sobre o trânsito local.

Reunião útil com interesses contraditórios em jogo. Decidido apresentar à Câmara de Vila Nova uma sugestão alternativa, através de um abaixo-assinado.

25 de Julho de 1990

Nova reunião, desta vez convocada pela Câmara de Vila Nova, e na Igreja de Santiago, sobre o tema do dia anterior.

Aceite, na generalidade, o abaixo as-

sinado e criticada a decisão unilateral da Câmara.
Tempestade num copo de água.

Normalmente, quem detém o poder não assume erros.

29 de Julho de 1990

O arquitecto Regalo ofereceu à Associação um frigorífico, uma televisão e vídeo, uma máquina de escrever e uma calculadora. A sede compõe-se, vai certamente tornar-se atractiva, ser frequentada.

Calor intensíssimo que se prolonga há vários dias. De dia as ruas desertas são atravessadas por turistas estrangeiros, curiosos em saber quantas pessoas aqui vivem.

Só à tardinha as pessoas se juntam nos locais do costume, prolongando as noites, sentadas às portas, os jovens beberricando cerveja.

31 de Julho de 1990

Reuniu a Direcção da ADIVV.

Muitos segredos da esfera feminina:
conversas com D. Luísa, Florbela, D. Engrácia e Maria
Luísa.

3 de Agosto de 1990

Hoje madruguei para aproveitar a frescura da manhã. Levantei-me às sete horas, fruí o ar húmido da manhã. À tarde, dormi uma sesta curta e acabei o dia à Porta da Vila, já o pessoal regressava a suas casas para cear antes do sol se pôr.

4 de Agosto de 1990

Segredo

Nesta fornalha estival da paixão
João ama Maria, Maria ama João.

Todos os recantos obscuros das ruelas,
becos, largos e muralhas
já foram por eles imaginados
para a loucura passageira que lhes
consome os corpos.

Na armadilha fugaz do adultério
obrigatório,
há uma seara úbere e protectora
que lhes ensina as artes e manhas
do amor absoluto.

Por isso, João e Maria, cada
vez se amam mais neste quotidiano
de impossibilidade, de explosão e desejo.

11 de Agosto de 1990

Uma corrida de touros que encheu o castelo. Fiz as despedidas para férias, onde umas traduções para o Programa LEDA me vão ocupar algum tempo.

28 de Agosto de 1990

O motivo de todas as conversas é a gravidez da Florbela, que casará apressadamente em Outubro.

Reunião da Direcção da Associação.

8, 9 e 10 de Setembro de 1990

A festa. Desta vez a festa angustiou-me. A repetição e a monotonia(!) fizeram-me sentir sozinho no meio da multidão. Apesar de vários convites de cortesia (?), que recusei, a solidão marcou-me nestes dias em que duas corridas de touros, três bailes, fogo preso, a procissão, foguetes, bandas e ranchos não me despertaram desta letargia inexplicável.

Três anos de trabalho de campo estarão a exigir distanciamento?

18 de Setembro de 1990

Matou-se um homem que trabalhava na fronteira. Todas as justificações que as conversas abor-

dam desembocam no adultério da mulher.

O relógio da torre está avariado.

1 de Outubro de 1990

Recebi carta de Brian O'Neill, que me escreve, profético: "Caro Francisco, paciência com a fase final do trabalho de campo! É um "choque" muito pior que a imersão inicial. Para mim, foi o pior...". Brian adivinha as minhas angústias.

10 de Outubro de 1990

A sede da Associação abre regularmente à noite e junta com facilidade 15 a 20 pessoas.

José Garcôa ofereceu-me dois melões.

13 de Outubro de 1990

Vim com a família ao casamento da Florbela. Pompa e circunstância, mesa farta, convívio. O meu primeiro e último casamento em Vila Velha?

19 de Outubro de 1990

Angústia, ansiedade, solidão.

A minha família espera-me em Évora para celebrarmos o meu aniversário

11 de Novembro de 1990

S. Martinho: castanhas e vinho em casa
de D. Engrácia, com amigos da cidade.

20 de Novembro de 1990

Verão de S. Martinho. Insónias.
Existem várias grávidas na vila e há
algum tempo que não morre ninguém.

7 de Dezembro de 1990

Frio e vento. Solidão.

22 de Dezembro de 1990

Assembleia Geral da Associação.
Lançamento em Vila Velha do boletim
Porta da Vila e do meu livro *Alcunhas Alentejanas*.

31 de Dezembro de 1990

Vou regressar a Évora para o ritual do
Fim de Ano.
Antropologia com lágrimas.

*"Depois, quando se for embora, sabê-lo quando é que
se lembra da gente?!"*

Desabafo de um informante

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente estudo, descriptivo e explanatório, etnografia que tenta fazer a ponte entre a monografia etnográfica e um diário de campo de vocação pós-modernista, foram colocados em relevo os aspectos essenciais do quotidiano da sociabilidade numa pequena e singular vila alentejana.

Nas malhas que a sociabilidade tece, enredei-me nos caminhos do quotidiano, aparentemente moribundos e inócuos. O meu objectivo fundamental foi, rejeitando a ambição desmedida da visão totalizante, percorrer o labirinto e transpor os obstáculos do engajamento da integração, (ser um vila-velhense e não o ser), e juntar as peças desordenadas do *puzzle* social para construir um "todo" coerente que a permanência e a visão temporal de mais de três anos e meio na comunidade me permitiram. Certamente que a minha visão é fragmentária, mas desafia-se o mais ambicioso dos antropólogos a evitar a fatalidade do conhecimento fragmentário.

O estudo do quotidiano pressupõe uma redução da escala dos acontecimentos sociais observados, mas não significa necessariamente uma limitação ao nível da preocupação em compreender, descrever e explicar os aspectos vivenciais (os fenómenos sociais) das pequenas

comunidades como Vila Velha. O quotidiano é feito de pequenos acontecimentos, de factos breves e de fenómenos episódicos. A Etnografia, que não é a História da longa duração, não rejeita a fugacidade dos acontecimentos breves e simples do dia a dia. Por outro lado, apesar da escala reduzida, não há sincronia que resista a três anos e meio no terreno. Salvaguardadas as devidas proporções, necessariamente.

* * * * *

Alguns aspectos mais relevantes devem ser postos em destaque: Em primeiro lugar o risco assumido dos instrumentos metodológicos utilizados, em especial o uso atrevido (pioneiro?)³⁷ do diário etnográfico - produto e sistema de produção - numa área em ebulação como é a Antropologia actual, hesitante entre a ortodoxia dos intocáveis representantes clássicos e o progresso conceptual dos inovadores da textualização etnográfica. Rejeitei a monotonia da reprodução da monografia clássica destinada ao estudo e ao discurso comparativista, velhos e repetidos.

Mas não caí na armadilha construccionista de elaborar uma ficção: nego envolver-me com as

(37) Ver na página 70 comentário sobre o "Diário" de Michel Leiris

dúvidas que recaem sobre *Shabono* e *Teachings of D. Juan*³⁸. Se o pós-modernismo é uma moda passageira e efêmera, o tempo o dirá. O estruturalismo de Lévi-Strauss surgiu como uma inovação herética mas, na década de 60 (e até na de 70) quem não o citasse, aplaudisse ou criticasse não tinha estatuto de antropólogo.

É um facto que a "ciência pós-moderna" criou um novo paradigma: o de que todo o conhecimento é auto-conhecimento, reduzindo-se assim a distância sujeito-objecto; por outro lado ela opera uma fragmentação temática, que não disciplinar, através da transgressão metodológica. O ovo de Colombo da Ciência pós-moderna é a reabilitação do senso comum, nomeadamente no que ele tem de retórico.

Se o pós-modernismo atingiu tantas áreas do conhecimento (filosofia, artes, arquitectura, literatura) que imunidade especial teria a Antropologia para não ser influenciada por ele? Mas atenção, no processo actual de amadurecimento e de fermentação da Antropologia, o meu trabalho é apenas um incursão hesitante no percurso tendencial dos pós-modernistas. Acima de tudo, o que defendo é que é possível conciliar tendências diversas: as orientações clássicas com posturas inovadoras.

.....

(38) Qualquer das duas obras, da autoria respectivamente de Elisabeth Donner e de Carlos Castaneda têm sido consideradas mistificações, plágio ou invenção.

Tal como Paul Friedrich afirmou com rara oportunidade e perspicácia: "O mundo é metaforizado unicamente pela linguagem... e a linguagem é permeavelmente poética... A cultura é, até certo grau, um trabalho de arte" (Friedrich 1982: 2).

Também me parece que "os antropólogos são vítimas de uma espécie de doença mental que provém do sentimento de culpa gerado por pretenderm fazer o que sabem que não pode ser feito" (Tyler 1984: 335). E continua este autor: "Esta é a crise da Antropologia contemporânea. É a crise do discurso, uma crise da poética, e é por isso que nos viramos para a poesia, para encontrar nela alguma solução para os dilemas criados por um modo de discurso cujo tropismo e a ideologia principais nos condenam para sempre ao falhanço, à hipocrisia, à neurose. Isto não quer dizer que nos tornemos todos poetas, mas que devemos pensar novamente àcerca das possibilidades da integração figurativa e na procura de novos meios de discurso, dedicado mais à honestidade do que à verdade" (Tyler 1984:335).

Para Pat Caplan, agora o nome do jogo é: estética, pastiche, colagem, justaposição, enquadramento, hetereglossia, polifonia/polifocalidade ou, no mínimo, diálogo. E acrescenta: "Sendo assim, para quem representamos nós esta cultura? Qual é a nossa audiência? Os outros antropólogos? Os admiradores? Os leigos?..."

Para quem escrevemos nós?... Os antropólogos que escrevem monografias estandardizadas são hoje criticados não sómente por falharem a inclusão do "eu", mas também pela sua representação do "outro", isto é, os sujeitos, e particularmente os seus informantes" (Caplan 1988: 8).

Assim, "Se os antropólogos não podem pensar como nativos, como é possível o conhecimento de como eles pensam, percebem e actuam?" (Geertz 1977). A questão agora não é simplesmente o que é que algo significa mas acima de tudo "como é que nós sabemos o que é que isto significa para eles" (Caplan 1988: 9).

O diário etnográfico, exercício dialógico por excelência, pretende dar resposta a algumas destas interrogações.

* * * *

Recuso à partida, qualquer adjectivação de sincronia uma vez que o que está em causa é o processo dinâmico da vivência quotidiana perspectivado temporalmente durante uma estadia anormalmente prolongada.

Convenhamos que o quotidiano de Vila Velha reflecte (privilegia mesmo) a esfera da masculinidade, processo residual de um tempo não muito longínquo, que José Cutileiro soube magistralmente descrever. Mas nem Cutileiro reifica esse fenómeno do peso masculino, nem eu vou contrariá-lo. São factos e evidências histó-

ricas que chegam até aos nossos dias.

Vila Velha é um centro ritual em vias de extinção, afirmei algures, e mantenho. Os equilíbrios frágeis e instáveis do processo de auto-reprodução da comunidade estão afectados negativamente por vários fenómenos, já identificados noutras sociedades: fluxo migratório em direcção a centros urbanos próximos e do litoral (reduzido para o exterior), declínio da fecundidade, duplo envelhecimento, (fenómenos nacionais com grande peso no Alentejo) falta de espaço físico fatalmente conducente à neolocalidade³⁹, por parte dos raros recém-casados, aquisição de residências secundárias por utilizadores que raramente aparecem. Se a tudo isso associarmos um percurso histórico de perda de importância estratégica, administrativa, demográfica e política, não há motivos para grandes surpresas.

Quais os acontecimentos sociais em Vila Velha que atingem as raias da banalidade? O funeral de um idoso, um homem embriagado e, mais recentemente, um turista em calções.

Desaparecidos os rendeiros e seareiros, a gente jovem reduzida, falhada revolucionária e legalmente uma reforma agrária, mecanizada a agricultura, o trabalho no campo é geralmente detestado pelos mais novos

(39) Verificam-se situações temporárias de natolocalidade e patrilocalidade.

e naturalmente odiado pelos mais velhos ("pela miséria que passámos"). É preferível "ser artista" (ter um ofício) a ser trabalhador rural. Quando a revolução chamou operários agrícolas aos trabalhadores rurais estava hipocritamente a igualá-los com os operários fabris. Mas só isso.

Quando é que Vila Velha transgride as regras do quotidiano e amplia a rede da sociabilidade? Na festa. Singular, mas múltipla em espécie. Com motivações diversas, a matança, o casamento, o baile, o Natal são festas. Mas como referi anteriormente a festa da festa, a verdadeira - é, para Vila Velha, o segundo fim de semana de Setembro. Nela não é preciso inventar a tradição porque ela é a reprodução da tradição.

Todavia, a festa primitiva perdeu a função ontológica para se transformar num jogo tornado divertimento, lazer, celebração, espectáculo e resíduo episódico.

As gentes de Vila Velha agarram-se à festa como o momento da coesão, da identidade da comunidade, da solidariedade sem diferenças, como o climax da utopia; por muitos esforços que façam, elas apenas se agarram ao nada da nostalgia perdida.

Mudanças? Naturalmente que sim, e ainda bem (?). Laurence Wylie não conseguiu encontrar a sua Peyrane de 1954, nem Cutileiro encontrará a Vila

Velha dos anos sessenta. Eu próprio tenho algumas saudades de 1987.

A frequência turística caminha para a massificação, a vila já tem cinco restaurantes, três casas de artesanato e já dá dormida a muito forasteiro. O turismo traz dinheiro, "mas acaba com o sossego e já trouxe haxixe, outras coisas, e poucas vergonhas que só conhecemos da televisão". Por isso, para os mais velhos, ter filhas ou netas, é um risco demasiado grande que expõe toda a família ao comentário jocoso e a suspeições comprometedoras. A inversão dos valores ancestrais é, para os idosos, o grande desafio desequilibrador duma velhice sossegada.

Outras mudanças não comportamentais, são naturalmente olhadas com admiração, incredulidade ou indiferença: inovações tecnológicas, equipamentos sofisticados e novos produtos - televisão, vídeo, computadores, máquinas.

A melhoria dos meios de transporte e comunicação, a televisão, a rádio, o contacto urbano (nos dois sentidos), o contexto municipal, o turismo, não permitiram a cristalização do isolamento e Vila Velha já não é uma ilha. Óbvio, natural, fatal. Desejável? Creio bem que sim.

O quotidiano da sociabilidade em Vila

Velha expressa-se através de várias linguagens, códigos, comportamentos e mecanismos, sempre em referência a um universo ancestralmente dualista, residualmente dualista nos dias que correm, mas visível: rua/casa. Por outras palavras, masculino/feminino. Esta ainda é a norma: a rua é o espaço da realização do homem (rua= taberna, rua, campos, locais estratégicos); a casa é o horizonte da afirmação feminina (casa= igreja, lareira, cozinha, janela).

Numa comunidade como Vila Velha, com mais de um terço de analfabetos é a prática oral que domina. O conto, o provérbio, a adivinha, a anedota, a estória, a cantiga, a quadra, a décima, a alcunha são os instrumentos de comunicação privilegiados. Tal facto conduz-nos a considerar "a oralidade como uma esfera relativamente separada e autónoma em relação à cultura letrada, e da memória colectiva como "fonte" de relações sociais" (O'Neill e Brito 1991: 22). E nesse "terreno" textual, a alcunha assume funções inesperadas, por se supor inocua e cristalizada. Vila Velha, tal como estes autores referem ao citar Raul Iturra, será uma sociedade marcadamente textual na prática da sua oralidade. O processo onomástico da circulação, reprodução e perpetuação das alcunhas vinga com punjança na vila e na freguesia (como por todo o Alentejo) como prova cabal do pragmatismo.

mo simultaneamente funcional e criativo de um utensílio verbal categoricamente lúdico, ostensivamente penalizador e essencialmente útil. A simplificação do processo sínico que a alcunha traduz, reflecte ainda a capacidade de utilizar as palavras suficientes e exactas que captem aspectos essenciais da rede da sociabilidade: amizade, vizinhança, coesão, competição, controle social, violência verbal e simbólica. Ou seja, os instrumentos da paz e da "guerra" no interior de pequenas comunidades como Vila Velha. As armas da sociabilidade.

Um erudito vila-novense costumava afirmar, quando já toldado pelos efeitos do álcool: "O vinho foi a desgraça de Vila Velha!!". O paradoxo da situação é que o nosso ébrio letrado tinha razão: a vinha e outros factores que conduziram ao desenvolvimento económico e social de Vila Nova levaram à transferência da sede concelhia, como notei oportunamente. Mas talvez o intelectual/bebedor não tenha tido consciência da importância do "néctar divino" no sistema da sociabilidade vilavelhense. Na esfera masculina, naturalmente. A mulher da vila queda-se pelo licor anisado, pelo porto adocicado, pelo abafado e outros similares de vocação e sinal nitidamente femininos. As histórias de mulheres bebedoras são antigas e caem no âmbito da ficção: "Dizem que a avó de fulano bebia tanto como o marido...". As comparações actuais são elucidativas e discriminatórias: "Essas es-

trangeiras que por aí aparecem bebem mais do que eles... e só ficam encarnadas...".

* * * *

Todos os dados parecem indicar que o destino e o horizonte de Vila Velha se vão consubstanciar no turismo. Este, apesar de actividade económica delicada e instável, quando equilibrado e não avassalador é, na actualidade, o fenómeno por excelência do contacto de culturas. O turismo rural, que se adequa à situação de Vila Velha e da freguesia, parece vir a ser, por outro lado, "a especialização" da comunidade em referência. Mas uma redução drástica da actividade agrícola pode ser catastrófica para o futuro do turismo rural.

Porque existe cada vez mais uma fragmentação dos lazares, o desafio que se coloca ao turismo rural é o da gestão e organização do tempo. Sendo o turismo rural, por outro lado, uma actividade de matriz essencialmente cultural, o turismo que se deseja para Vila Velha deverá possuir algumas características fundamentais (e traduzo o sentir de muitos dos seus habitantes): turismo inteligente, integrado na agricultura, articulado no tecido social, auto-suficiente e autenticamente cultural. O turismo rural deverá ser pedagógico, realista, "turismo do ganha pouco", e turismo virado para todos os azimutes (gastronomia, folclore, história, pa-

sagem, etc.). Apesar de existirem dificuldades demográficas para instalar os turistas nas zonas onde existe pouca gente ou, como afirma Xavier Greffe, "nas zonas de turismo rural não há grande criação de emprego"⁴⁰, as novas tendências do turismo passam por uma tríplice síntese da economia, da ecologia e da cultura. Dadas porém as circunstâncias e os condicionalismos apontados (partida lenta e "corrosiva" dos mais jovens, reduzida taxa de fecundidade, aquisição de casas por forasteiros absentistas, envelhecimento da população residente), Vila Velha tenderá para a descaracterização humana e cultural e perda de singularidade a que só as pedras resistirão.

* * * * *

Há um vínculo afectivo que prende e marca os antropólogos nos primeiros tempos de pesquisa, apesar da "cegueira" do investigador que só diminui conforme se avança no trabalho de campo. Mas não deixa de ser um "estado de graça", diria melhor um "tempo de graça" extremamente importante, no desenrolar subsequente da investigação. É que, mesmo para o olhar mais objectivo do antropólogo, os fenómenos não são coisas, os comportamentos não são assépticos, os factos estão ligados a cores,

(40) Informação oral, Buis-Les-Baronnies, 1990.

afectos, cheiros, sentimentos e emoções. Não há neutralidade antropológica.

Durante algum tempo vários constrangimentos me preocuparam: Não ganhar a condição de vila-velhense, não conseguir a integração na esfera feminina, não ter acesso ao mundo murmurado da sexualidade, ser rejeitado por algum grupo... O decorrer da pesquisa, o tempo, o convívio, permitiram ir reduzindo distâncias, alargar a rede de amizade e da vizinhança, ser cidadão do burgo, companheiro e participante indispensável, de ausências sentidas e apontadas.

Se o desaparecimento das preocupações referidas, e outras, serviram narcisisticamente para satisfação do meu ego, não me julgo privilegiado por ter ultrapassado barreiras, nem vítima da inversão da condição: passei, natural e alternadamente de observador a observado. Mas, nos limites em que me movi, não fui nem inquisidor, nem prisioneiro do grupo. Pude assim mover-me, algumas vezes, num espaço neutro, que oscilou entre ser forasteiro e não deixar de ser da vila. Por isso, me foram tolerados erros e desculpadas inocências. Terei feito inimigos? Como devassador subtil da privacidade alheia, concerteza que sim. Há antropólogos que se costumam referir às comunidade estudadas como "a minha aldeia", "a minha tribo" e aos seus habitantes como "os meus amigos". Essas designações, afinal auto-elogiosas e

encomiásticas, escondem alguma inocência e demonstram certa superficialidade. Certamente que há exceções e não desdenharia ser uma delas.

* * * * *

Os proprietários da sombra são, com uma ou outra exceção, homens reformados. Eles tratam religiosamente de, no Verão ou nos dias quentes de Primavera e Outono, gerir a sombra. Apesar de localizada no cimo de uma colina que domina a planície com os seus 289 metros de altitude, Vila Velha é assolada por calor intenso e seco que torna o ambiente irrespirável e afugenta as pessoas para a frescura interior das casas. Mas a brisa de certos locais estratégicos ou a sombra doutros sítios convidativos, "cá fora", atraem os homens da vila, antes e depois da sesta estival, curta mas reconfortante. De modo que se torna necessário gerir as sombras, por força do "movimento" do sol, bola incandescente e mortífera. Assim sendo, mesmo os homens mais pobres de Vila Velha são proprietários de alguma coisa. De Verão, a gestão da sombra obriga a um périplo conhecido e programado porque, para além de se gozar da sombra é preciso, "apanhar o fresco", fruir a benesse de brisas regulares e quase imperceptíveis que só alguns conhecem. Desde a praça grande da terra, perto da Junta de Freguesia ou nas

arcadas do antigo paço concelhio, é preciso circular pela Porta da Cisterna e chegar ao local de eleição: a Porta da Vila.

O circuito da apropriação do espaço vazio é uma forma estratégica de afirmação pessoal e grupal, é o mecanismo tradutor do domínio sobre a natureza e é um artifício habilidoso de representar o saber e a antecipação de uns perante outros.

Além disso, a distribuição organizada das pessoas no espaço, mesmo público, é uma forma de minimizar os potenciais conflitos da vida quotidiana. Todos sabem que o lugar de cada um, por ser efêmero, pode ser ocupado por qualquer outro e não é de ninguém. Mas não é inócuo ocupar um lugar e não outro. Dominar a sombra tanto pode ser um acto de partilha, como uma atitude de competição no cenário das exterioridades assumidas.

A Porta da Vila com o seu patamar exterior é o verdadeiro senado masculino. Mas, ponto de encontro por excelência, ela detém outras vantagens, qual delas a mais rica, interessante e útil. Miradouro natural, permite espraiar e descansar o olhar extasiado ou meticoloso pelo horizonte largo da planície, a que o outeiro de S. Brissos, a "serra" do Barranco ou a colina de S. Jorge não fazem mossa. Dali se avista Vila Nova, se contam as aldeias da freguesia e, na extensão do

olhar, sobrevoa-se a terra dos "sacaios"⁴¹ até às elevações de Elvas. Em direcção ao sul, encoberto, regressa-se dos matos de Espanha, passando por vilas e aldeias, à serpente imaginada do Guadiana próximo, que corre entre fragas de xisto e terras ásperas, que não se vê, mas que se sabe que vai ali, morno, estreito e lento, ribeira em tempo de Verão.

A Porta da Vila é local de entrada e saída obrigatório, logo, ponto de observação e controle para quem entra e quem sai. E não há forasteiro ou estranho que escape ao olhar atento e disfarçado dos proprietários da sombra.

Local de convívio, barulhento ou silencioso, conforme o humor e a disposição dos detentores dos lugares estratégicos, a Porta da Vila reflecte, a nível da esfera masculina, a sociedade que vive no interior das muralhas. Porque é aqui que se tece a verdadeira teia da sociabilidade: recordam-se acontecimentos, nomeiam-se parentes e amigos, inventam-se histórias, criticam-se opiniões e atitudes, discute-se, sonha-se, canta-se, conversa-se, curtem-se bebedeiras ao fresco e até se dorme nas longas noites luarentas de estio. A Porta da Vila é a rua no sentido mais correcto do termo, porque longe do olhar e controle feminino, porque espaço mascu-

(41) Corruptela de Santiago, referida à freguesia de Santiago Maior

lino por excelência, porque negação da esfera doméstica.

Apesar da diversidade dos temas das conversas, aqui acaba-se por se falar, fatalmente, sobre questões do mundo feminino. Ou porque uma jovem da freguesia fugiu com o namorado ("que ainda por cima é saoçao"), ou porque a viúva Antonieta foi encontrada com um homem de Vila Nova, ou porque a mulher de Abel chumbou no exame de condução, ou porque as pernas das turistas nórdicas são muito brancas e têm muitas sardas, o certo é que o corolário destas descrições, aparentemente desinteressadas, porque segredadas e murmuradas, acaba por ser o mundo da sexualidade.

As questões da sexualidade só muito recentemente (1990/91) tive acesso, por iniciativa dos próprios informantes. É a lógica do trabalho de campo prolongado a funcionar, e que, agora, me submerge de informação. As notícias mais dispareces e variadas surgiram em catadupa nos últimos meses: existem três homossexuais na vila; fulano cuja mulher se "portava mal" teve de deixar a freguesia; o engenheiro Almeida era parecido com um tratante da telenovela que persegue as "rapariguinhas"; o arquitecto Melchior todos os anos aparecia com uma mulher; o americano, uma, vez enfrentou o touro da festa só porque a mulher lhe tinha fugido com o pintor ("se não o tivessem acareado o touro matava-o!"). Depois há a história quasi mítica e interdita, que se conta entre den-

tes, das duas lésbicas assumidas que há cerca de quarenta anos, nos trabalhos das ceifas, para além de "fazerem figuras sem vergonha", tentavam namoriscar algumas companheiras de trabalho para as "desgraçarem".

Face à minha inesperada e espontânea curiosidade por esta história impensável na Vila Velha dos anos 40 e que supus falsa, José Garçôa "viu tudo e estava lá", António Branco conhece o caso e confirma, Horácio João ouviu falar mas não se lembra e António Soares não ouviu falar e nunca viu nada...

Os proprietários da sombra tornam-se, no Inverno, os perseguidores do Sol. E aí, mais uma vez a Porta da Vila é pólo de atracção: no patamar exterior ou no interior da muralha, conforme a hora do dia e a rudeza do vento.

A invasão turística recente tem vindo a afectar o espírito e a função da Porta da Vila⁴². Para os velhos do senado improvisado, os turistas são, cada vez mais, sombras estranhas que passam. E, um turista em calções é sempre um "homem em cuecas". Esta é a tradução do pudor antigo e aldeão: os velhos de Vila Velha usam ceroulas todo o ano.

Daqui a vinte anos, quem serão os proprietários da sombra?

(42) Não é por acaso que a Associação de Vila Velha lançou um boletim que aproveitou o simbolismo do nome.

ANEXO I

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

Nº.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
1	José Vila	Vila Velha	32	solteiro
2	Carlos Sá	Vila Velha	67	solteiro
3	João Cardão	Vila Velha	37	casado
4	Eva Barroso	Vila Velha	61	viúva
5	Luisa Santa	Vila Velha	70	solteira
6	José Garçôa	Vila Velha	66	casado
7	José Manuel	Vila Velha	47	casado
8	Palmira Garçôa	Conc ^a próximo	72	casada
9	Rita Matos	Freg ^a próxima	64	casada
10	Lina Santa	Conc ^a próximo	84	viúva
11	Luís Castelos	Vila Velha	38	casado
12	Maria Sedas	Vila Velha	78	viúva
13	João Fogaça	Vila Velha	44	casado
14	Josué Raminho	Vila Velha	29	solteiro
15	Carla Barroso	Vila Velha	68	casada
16	Horácio João	Vila Velha	74	casado
17	Guilhermina Caro	Vila Velha	75	viúva
18	António Soares	Vila Velha	80	viúvo
19	Manuel Semana	Vila Velha	78	viúvo
20	Edgar Marta	Vila Velha	51	casado
21	Bartolomeu Pêso	Vila Velha	65	casado
22	Helga Maria	Vila Velha	56	casada
23	Vicência Parra	Vila Velha	80	viúva

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

NO.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
24	João Soares	Vila Velha	37	solteiro
25	Carolina Guerra	Vila Velha	70	viúva
26	Víctor Bandeira	Vila Velha	72	viúvo
27	Romualdo Bandeira	Vila Velha	35	casado
28	Isilda Cardão	Vila Velha	85	viúva
29	Joana Bandeira	Vila Velha	41	casada
30	Margarida Vila	Vila Velha	40	solteira
31	Crispim Cristo	Vila Velha	33	casado
32	Albano Festas	Vila Velha	76	casado
33	Teresa Parra	Vila Velha	70	casada
34	Luísa João	Vila Nova	45	casada
35	Bebiano Bandeira	Vila Velha	81	viúvo
36	José Pato	Ferrarias	37	casado
37	Josefa Mata	Vila Velha	42	casada
38	João Seguro	Vila Velha	57	viúvo
39	Pedro Festas	Vila Velha	45	casado
40	Alda Bandeira	Vila Velha	42	casada
41	Carolina Cardão	Vila Velha	40	casada
42	Deodato Luís	Montalto	80	casado
43	Albino Luís	Freg ^a distante	29	solteiro
44	Catarina Ramos	Vila Velha	46	casada
45	Elsa Barros	Conc ^a próximo	52	casada
46	Joaquim Vela	Vila Velha	55	casado

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

NO.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
47	Antónia Mação	Vila Velha	66	casada
48	Joana Lúcio	Conc ^a distante	30	casada
49	Vicêncio Cardão	Vila Velha	76	viúva
50	Ildefonso Maçãs	Vila Velha	74	casado
51	Eduardo Ramos	Vila Velha	33	casado
52	Otilia Bandeira	Vila Velha	55	viúva
53	Olívia Soares	Vila Velha	47	casada
54	João Barroso	Vila Velha	74	viúvo
55	Carolina Cardão	Vila Velha	76	casado
56	Angelina Patrício	Vila Velha	74	casada
57	Francisco Martins	Vila Velha	50	casado
58	Maria Cardão	Vila Velha	49	casada
59	João Santiago	Freg ^a próxima	44	casado
60	Joaquina Sá	Vila Velha	56	viúva
61	Aldonça Cardão	Vila Velha	59	solteira
62	Catarina Festas	Vila Velha	77	viúva
63	Maria Pêso	Vila Velha	61	solteira
64	José Barroso	Vila Velha	56	casado
65	Maria Teresa Rosa	Ferrarias	54	casada
66	Emanuel Pêso	Vila Velha	58	casado
67	Florbelo Carlos	Vila Velha	52	casada
68	Maurício Sá	Vila Velha	74	casado
69	Isa Maçãs	Vila Velha	31	casada

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

Nº.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
70	Luís Sá	Vila Velha	34	casado
71	Florbela Festas	Vila Velha	49	casada
72	Álvaro Migueis	Vila Velha	52	casado
73	Jónatas Sá	Vila Velha	65	casado
74	Bernardo Maçãs	Vila Velha	63	casado
75	Teodolinda Marques	Vila Velha	71	casada
76	Jerónimo Maio	Montalto	77	casado
77	António Branco	Vila Velha	69	viúvo
78	Hilária Vela	Vila Velha	50	casada
79	Mário Bandeira	Vila Velha	53	casado
80	Manuel Borja	Ferrarias	42	casado
81	Maria Rita Soares	Vila Velha	75	viúva
82	Luís Primavera	Vila Velha	73	casado
83	José Pêso	Vila Velha	62	casado
84	Filipe Cristo	Vila Velha	60	casada
85	Rosete Jardim	Montinhos	63	casada
86	Josué Cristo	Vila Velha	48	viúvo
87	Graça Barroso	Vila Velha	85	casada
88	Marieta Ramos	Telhal	31	casada
89	Graça Cardão	Vila Velha	68	casada
90	Olívia Velas	Vila Velha	61	casada
91	Marcos Cristo	Vila Velha	36	casado
92	Fernanda Cristo	Vila Velha	34	casada

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

Nº.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
93	Mário Cristo	Vila Velha	87	casado
94	Etelvina Castelos	Barranco	33	casada
95	José Mota	Telhal	74	viúvo
96	Rosa Câmara	Outro país	31	solteira
97	Guilhermina Cristo	Vila Velha	51	viúva
98	Jorge Cardão	Ferrarias	40	casado
99	Vasco Braga	Vila Velha	28	casado
100	Lúcio Caro	Freg ^a próxima	25	casado
101	Idalina Cardão	Vila Velha	68	casada
102	Joel Festas	Vila Velha	23	solteiro
103	Helder Seguro	Vila Velha	53	solteiro
104	Isidora Madeira	Vila Velha	23	solteira
105	Dália Cruz	Vila Velha	23	casada
106	Dionísia Pêso	Vila Velha	23	solteira
107	Adelaide Migueis	Vila Velha	23	casada
108	Rute Cristo	Freg ^a próxima	28	casada
109	Engrácia Pato	Conc ^a distante	33	casada
110	Engrácia Perdigão	Vila Velha	22	casada
111	Helena Martins	Vila Velha	23	solteira
112	Custódio Barros	Vila Velha	22	solteiro
113	Ivo Soares	Vila Velha	22	solteiro
114	Abel Cristo	Vila Velha	67	solteiro
115	Joaquina Festas	Freg ^a próxima	30	casada

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

Nº.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
116	José Festas	Vila Velha	20	solteiro
117	Paulino Mata	Vila Velha	19	casado
118	Amélia Madeira	Vila Velha	19	solteira
119	Carlos Festas	Vila Velha	18	solteiro
120	Florbelo Mata	Vila Velha	18	solteira
121	Pierre Vaart	Outro país	40	casado
122	Susette Kielsen	Outro país	50	casada
123	José Pintor	Vila Nova	25	casado
124	Florêncio Valverde	Telhal	21	casada
125	Fátima Braga	Montalto	29	casada
126	José Amparo	Conc ^a distante	35	solteiro
127	Maria Cardão	Telhal	73	viúva
128	Leonilde Mata	Vila Velha	16	solteira
129	Célia Mata	Vila Velha	14	solteira
130	Sandra Castelos	Vila Velha	16	solteira
131	Heitor Castelos	Vila Velha	7	—
132	Augusto Castelos	Vila Velha	11	—
133	Ana Santiago	Vila Velha	17	solteira
134	Alexandre Cardia	Vila Velha	7 m	—
135	Carla Pato	Vila Velha	6	—
136	Narciso Pato	Vila Velha	10	—
137	Pedro Ramos	Vila Velha	12	solteiro ⁴³

(43) Usa-se o critério utilizado no XII Recenseamento Geral da População (1981) que, em relação ao quadro do distrito de Évora, indica os 12 anos como limite mínimo para a designação de solteiro.

**HABITANTES DE VILA VELHA (listagem
individual) 31 de Outubro de 1989**

NO.	NOME	NATURALIDADE	IDADE	ESTADO
138	Florinda Ramos	Vila Velha	13	solteira
139	Manuel Ramos	Vila Velha	3	—
140	Isa Festas	Vila Velha	4	—
141	José Pedro Bandeira	Vila Velha	8	—
142	António Bandeira	Vila Velha	4	—
143	Horácio Cristo	Vila Velha	17	solteiro
144	Álvaro Cardão	Vila Velha	15	solteiro
145	Jerónimo Cardão	Vila Velha	13	solteiro
146	Luísa Festas	Vila Velha	15	solteira
147	Ósmia Festas	Vila Velha	12	solteira
148	Jorge Vaart	Vila Velha	8	—
149	Flora Braga	Vila Velha	6	—
150	Jesuína Marcos	Vila Velha	7 m	—
151	Eduardo Ramos	Vila Velha	17	solteiro
152	Marina Ramos	Vila Velha	14	solteira
153	Florival Maçãs	Vila Velha	9	—
154	Marieta Maçãs	Vila Velha	8	—
155	Pedro José Barroso	Vila Velha	15	solteiro
156	Lídia Barroso	Vila Velha	12	solteira
157	Carlos Cardão	Vila Velha	3	—
158	Jorge Regalo	Conc ^a distante	60	solteiro
159	Ário Costa	Conc ^a próximo	24	casado

Fontes: - Recenseamento Eleitoral de Vila Velha (1989)
 - Censo do autor (1989)

ANEXO II

OS VILA-VELHENSES E O TURISMO

"Os representantes dos residentes de Vila Velha consideram o turismo como um fenómeno bifacetado, com aspectos francamente positivos e aspectos negativos.

O desenvolvimento turístico é efectivamente compensador e bom, porque cria postos de trabalho, gera riqueza e ajuda ao crescimento económico. Esta vertente positiva alarga-se a sectores diversos como a hotelaria, o artesanato, a restauração, a gastronomia. Mas as vantagens do processo turístico não são apenas de ordem económica. Os participantes acham que o turismo divulga Vila Velha (o que é positivo) e que o fenómeno do contacto de culturas é útil e frutuoso.

Considerou-se que um turismo desenfreado de massas é negativo e prejudicial, porque rompe com o equilíbrio ecológico e humano da comunidade, polui, afecta e invade a vivência quotidiana. Por exemplo, a concentração de excursões no mesmo dia acaba por ser uma situação pouco recomendável, por incapacidade de resposta adequada, por ausência de benefícios para os próprios visitantes apressados, por inadequação ou inexistência de estruturas. Concluiu-se que tal situação não é apenas peculiar a Vila Velha; a incapacidade de resposta turística caracteriza centros urbanos ou rurais, grandes ou

pequenos: o turismo é um fenómeno de escala entre a dimensão da oferta e o volume da procura.

Os habitantes de Vila Velha não rejeitam o turismo, mas vivem preocupados com o facto da oferta turística da vila os esquecer, privilegiando a clientela forasteira, sem que algumas necessidades e infraestruturas básicas sejam satisfeitas, ou primarem pela insuficiência. Turismo sim, mas sem marginalizar os habitantes da vila.

Nessa perspectiva, o grupo de trabalho entendeu que a conclusão de um sistema completo de esgotos (e não apenas parcial) deve ser urgentemente concretizada. Para além disso, o benefício dos serviços de limpeza, o abastecimento adequado de água (que enferma de problemas de pressão), a existência de instalações estratégicas de lazer, descanso e observação foram aspectos debatidos viva e interessadamente pelos participantes. Estes, em atitude pragmática, consideraram que tudo o que seja bom para os turistas vem, concomitantemente, beneficiar os residentes, e vice-versa.

Quanto ao problema da habitação e da construção de casas - tema tradicionalmente controverso mas de actualidade permanente - considerou-se, após viva discussão, ser uma questão complexa, de resolução imediata difícil. Adiantou-se que, o acesso às casas que se pensa vão ser brevemente construídas em Vila Velha, ne-

cessita de ser ponderado através de critérios de justiça social, em que os mais necessitados e os jovens casais devem ser, prioritariamente considerados. Foi ainda realçada a necessidade de informação correcta sobre linhas de crédito a conceder aos naturais, no sentido de concorrerem em pé de igualdade com outros candidatos, estranhos à vila e freguesia.

O Grupo de Trabalho considerou ainda que a falta de informação, a vários níveis, é factor redutor de qualidade turística em Vila Velha. Assim, a começar pela falta de sinalização dos monumentos e locais de interesse, a ausência das placas toponímicas com os nomes tradicionais das ruas da vila, a proliferação de disticos e placards comerciais, sem obediência a regras mínimas de uniformidade e bom gosto, tudo isso é considerado lacunar, insuficiente e/ou inadequado. Mas existe ainda outro tipo de informação que o grupo considerou essencial pelo conteúdo formativo e pedagógico de que se reveste: a identificação e descrição local dos diversos monumentos e sítios de interesse, para que o turista isolado aprenda algo sobre o que observa. Isto não existe, tal como os Serviços de Turismo ou a Câmara não destacam guias para Vila Velha. A presença de guias de turismo na comunidade (falando Francês e Inglês) foi considerada uma decisão essencial a tomar urgentemente e que se justifica inteiramente de Maio a Setembro de cada ano.

Os representantes dos residentes de Vila Velha consideraram ainda, apesar da delicadeza da questão, que se devem criar condições para que o trânsito automóvel no interior da vila seja reduzido ao mínimo possível. Nessa linha de pensamento sugeriu-se o aproveitamento de espaços periféricos para parques de estacionamento⁴⁴ e uma zona de merendas.

Os representantes dos moradores de Vila Velha constataram que, para uma população envelhecida como é a da freguesia, se torna necessário resolver de vez a questão do abandono e isolamento dos idosos. Sabendo-se que a Misericórdia local está a envidar esforços para a solução destes problemas, os presentes concordaram que através da ADIVV se pode contribuir para tal solução, quer ela seja um centro de dia, um lar, um sistema misto, locais de convívio em cada povoação e/ou assistência domiciliária.

Em relação aos cuidados médicos, os participantes defenderam que, apesar da precariedade e insuficiência actuais, os postos médicos existentes na freguesia não devem ser suprimidos; pelo contrário, as autoridades competentes deve ser alertadas para a melhoria da eficiência dos serviços prestados.

Sendo Vila Velha sistematicamente atingida por trovoadas e descargas eléctricas sugeriu-se

(44) Hoje (1991), Vila Velha está rodeada de parques de estacionamento

que a colocação de um único e moderno pára-raios muito contribuiria para a segurança das pessoas e bens. Esta questão trouxe à baila o facto de as antenas de TV proliferarem pela vila afectando o enquadramento medieval do burgo. Apesar de os intervenientes não possuirem conhecimentos técnicos sobre a matéria e de julgarem que a solução por cabo é morosa, difícil e onerosa, sugeriu-se a utilização de uma parabólica que eliminasse as antenas individuais existentes.

Os representantes dos habitantes de Vila Velha manifestaram com veemência a sua preocupação pelo destino dado à Casa Paroquial, que não corresponde à ideia inicial, pelo que a população sente que, mais uma vez, foi ludibriada.

O Grupo de Trabalho considerou que o acesso ao "Fresco da Casa da Audiência" deve ser livre e gratuito, porque se trata de um documento singular, valioso e universal, que todos devem ter oportunidade de apreciar. Considerou-se que o chamado Museu de Arte Sacra é um eufemismo caro que não serve os interesses da vila.

Finalmente, o Grupo de Trabalho manifestou o seu regozijo e satisfação por esta válida realização da ADIVV. Os presentes manifestaram o seu agrado pelo facto de os residentes e naturais de Vila Velha terem sido considerados como elementos imprescindíveis na concretização do Encontro".

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Michael
1980 *Elementos para a História da Família Ocidental, 1500-1914*, Lisboa: Querco
- ARENSBERG, Conrad M.
1988 (1937) *The Irish Countryman*, Illinois: Waveland Press, Inc.
- AUGUSTINS, Georges
1989 "Problèmes posés par l'enquête ethnographique dans les sociétés contemporaines", *Ateliers* no. 10, pp. 7-10
- BARLEY, Nigel
1986 (1983) *The Innocent Anthropologist. Notes from a Mud Hut*, London: Penguin Books
- BARTHES, Roland
1978 (1957) *Mitologias*, Lisboa: Edições 70
1981 (1973) *O Prazer do Texto*, Lisboa: Edições 70
- BOURDIEU, Pierre
1972 *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*, Paris: Droz
1987 *Choses Dites*, Paris: Minuit
1989 *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel
- BOZON, Michel
1984 *Vie Quotidienne et Rapports Sociaux dans une Petite Ville de Province*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon
- BRAGA, Teófilo
1985 (1885) *O Povo Português*, Vol. I, Lisboa: Dom Quixote

- BRANDES, Stanley
1975 "The structural and Demographic Implications of Nicknames in Navanagal, Spain", *American Ethnologist*, Vol.2, no.1, pp. 139-160
- BRAUDEL, Fernand
1983 (1966) *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, Lisboa: Dom Quixote
1986 (1958) *História e Ciências Sociais*, Lisboa: Editorial Presença
- BRETTELL, Caroline B.
1991 (1986) *Homens que Partem, Mulheres que Esperam*, Lisboa: Dom Quixote
- CABRAL, João Pina
1983 "Notas Críticas sobre a Observação Participante no Contexto da Etnografia Portuguesa", *Análise Social*, no.76, pp. 327-339
- CABRAL, João Pina et al
1988 "Caminhos da Antropologia Ibérica nos anos 80", *Análise Social* no.101/102, pp. 831-869
- CALLIER-BOISVERT, Colette
1968 "Remarques sur le Système de Parenté et sur la Famille au Portugal" *L'Homme*, Tome VIII, no. 2, pp. 87-103
- CAMPBELL, J.K.
1979 (1964) *Honour, Family and Patronage*, New York: Oxford University Press
- CAPLAN, Pat
1988 "Engendering Knowledge. The Politics of Ethnography", *Anthropology Today*, vol. 4, no. 5, pp. 8-12
- CARDOSO, Ana et al
1983 "O Namoro e as relações marido/mulher em Vila Velha", Évora: U.E. (policopiado)

- CHRISTIAN JR., William
1989 (1972) *Person and God in a Spanish Valley*, Princeton: Princeton University Press
- CLARK, Sandra and O'NEILL, Brian
1980 "Agrarian Reform in Southern Portugal", *Critical Anthropology*, vol.4 no.15, pp. 47-74
- CLASTRES, Pierre
1988 *Chronique des Indiens Guayaki*, Paris: Plon
- CLIFFORD, James
1986 "Introduction: Partial Truths" e "On Ethnographic Allegory" in James Clifford and George Marcus, *Writing Culture*, Los Angeles: University of California Press
- CLIFFORD, James and MARCUS, George (edit.)
1986 *Writing Culture, Poetics and Politics of Ethnography*, Los Angeles: University of California Press
- CORREIA, João Rosado
1989 *Vila Velha e o seu Termo. Plano de Salvaguarda / Uma Estratégia de Desenvolvimento*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa (Faculdade de Arquitectura)
- COX, Harvey
1971 *La Fête des Fous*, Paris: Editions du Seuil
- CRAMPAZANO, Vincent
1986 "Hermes' Dilemma: The Masking of Subversion in Ethnographic Description" in James Clifford and George Marcus, *Writing Culture*, Los Angeles: University of California Press
- CUTILEIRO, José
1971 *A Portuguese Rural Society*, Oxford: Clarendon Press

1973 "The Anthropologist in his own society", *Proceedings* of the 10th Annual Conference of the Association of Social Anthropologists of Great Britain and the Commonwealth, Oxford

1977 *Ricos e Pobres no Alentejo, Uma Sociedade Rural Portuguesa*, Lisboa: Sá da Costa

DAUFORTH, Loring

1982 *The Death Rituals of Rural Greece*, Princeton: Princeton University Press

DAVIS, John

1973 *Land and Family in a South Italian Town*, London: Athlone

1977 *People of the Mediterranean: An Essay in Comparative Social Anthropology*, London: Routledge and Kegan Paul

FERNANDEZ, James W.

1986 *Persuasions and Performances. The Play of Tropes in Culture*, Bloomington: Indiana University Press

FIRTH, Raymond

1977 "Principles of Kinship Structure" in Rossi et al. *Anthropology Full Circle*, New York: Holt, Rinehart and Winston

FOSTER, Hal et al.

1985 *La Postmodernidad*, Barcelona: Ed. Kairós

GARCEZ, António

1962 *A Caça em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional

GEERTZ, Clifford

1986 (1983) *Savoir Local, Savoir Global. Les Lieux du Savoir*, Paris: PUF

1988 *Works and Lives*, Standford: Standford University Press

1989 "Estar lá, escrever aqui", *Diálogo* no. 3, vol. 22, pp. 58-63

GITLIN, Todd

1991 (1989) "A Vida no Mundo Pós-Moderno", *Diálogo*, no. 1, Vol. 24, pp. 13-18

GOFFMAN, Erving

1987 (1973) *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne, 1. la présentation de soi*, Paris: Minuit

1990 (1973) *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne, 2. les relations en public*, Paris: Minuit

GONÇALVES, José Pires

1961/62 "Vila Velha e seu Termo. Estudo Monográfico", *Boletim da Junta Distrital de Évora*, nos. 1 e 2, pp. 1-249

GOODY, Jack

1986 (1983) *The Development of the Family and Marriage in Europe*, Cambridge: Cambridge University Press

GUIRAUD, Pierre

1973 *A Semiólogia*, Lisboa: Editorial Presença

HABERMAS, Jurgen

1981 "La Modernité: Un Project Inachevé", *Critique*, no. 413, pp. 950-967

HARRIS, Marvin

1978 *Cows, Wars and Witches*, New York: Vintage Books

HASSAN, Ihab

1988 "Fazer Sentido: As Atribulações do Discurso Pós-Moderno", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, no. 24, pp. 47-76

- HEIDER, Karl G.
1988 "The Rashomon Effect: When Ethnographers Disagree", *American Anthropologist* no.90, pp. 73-81
- HÉLIAS, Pierre Jakez
1987 *Le Cheval d'Orgueil*, Paris: Plon
- HOBSBAWM, Eric and RANGER, Terence (edit.)
1988 (1983) *The Invention of Tradition*, New York: Cambridge University Press
- ION, Jacques
1982 "A propos des Sociologies de la vie quotidienne: quelques notes d'humeur sociologiste", *Milieu et Rapport Social*, Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, pp. 3-13
- JACKSON, Bruce
1987 *Fieldwork*, Chicago:University of Illinois Press
- KAPLAN, David and MANNERS, Robert
1972 *Culture Theory*, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy
1979 (1975) *Montaillou, The Promised Land of Error*, New York: Vintage Books
- LAWRENCE, Denise
1982 "Reconsidering the Menstrual Taboo: A Portuguese Case", *Anthropological Quarterly*, Vol. 55, no. 2. pp. 84-98
- LEIRIS, Michel
1990 (1934) *L'Afrique Fantôme*, Paris: Éditions Gallimard
- LÉVI-STRAUSS, Claude
1977 "The Family" in Rossi et al. *Anthropology Full Circle*, New York: Holt, Renhart and Winston

1986 (1962) *O Totemismo Hoje*, Lisboa: Edições 70

LIENHARDT, Godfrey

1989 "O Observador Observado", *Diálogo* no. 3, Vol. 22, p. 61

LISON-TOLOSANA, Carmelo

1983 (1966) *Belmonte de Los Caballeros*, Princeton: Princeton University Press

LUQUE-BAENA, Henrique

1974 *Estudio Antropológico Social de un Pueblo del Sur*, Madrid: Editorial Tecnos

MAFFESOLI, Michel

1983 (1981) "L'outrepassement de l'individu", *Micro - et Macro-Sociologie du Quotidien*, Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, pp. 18-30

1987 "Prefácio" de *Le Chercheur et le Quotidien* (Schutz)

MALINOWSKI, Bronislaw

1989 (1967) *A Diary in the Strict Sense of the Term*, Stanford: Stanford University Press

MARCUS, George E.

1986 "Contemporary Problems of Ethnography in the Modern World System" e "Afterword: Ethnographic Writing and Anthropological Careers" in James Clifford and George Marcus, *Writing Culture, The Poetics and Politics of Ethnography*, Los Angeles: University of California Press

1990 "Past, Present, and Emergent Identities: Requirements for Ethnographies of Late Twentieth Century Modernity Worldwide", (polycopiado)

MARQUES, A. H. Oliveira

1974 *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa: Sá da Costa

- MENDOÇA, Nuno J.N.
1989 *Para uma Poética da Paisagem*, Tese de doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora
- MENDRAS, Henri
1970 *La Fin des Paysans*, Paris: Armand Colin
- 1978 (1976) *Sociedades Camponesas*, Rio de Janeiro: Zahar Editores
- MOORE, Wilbert
1965 *Social Change*, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- MORIN, Edgar
1983 (1970) *Journal de Californie*, Paris: Éditions du Seuil
- NAZARETH, J. Manuel
1979 *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa: Editorial Presença
- O'NEILL, Brian Juan
1984 *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros*, Lisboa: Dom Quixote
- 1988 "Entre a sociologia rural e a antropologia: repensando a "comunidade" camponesa", *Análise Social* no. 103-104, pp. 1331-1355
- O'NEILL, Brian e BRITO, Joaquim Pais de (coord.)
1991 *Lugares de Aqui*, Lisboa: Dom Quixote
- PEREIRA, José Pacheco
1982 *Conflitos Sociais nos Campos do Sul de Portugal*, Lisboa: Europa/América
- PERISTIANY, John (editor)
1971a *Mediterranean Family Structures*, London: Cambridge University Press

1971b (1965) *Honra e Vergonha*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

PIAGET, Jean

1976 (1970) *A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências*, Lisboa: Livraria Bertrand

PINTO, A.U. Fialho

1986 *Mudança em Alqueva*, Tese de doutoramento em Antropologia Cultural apresentada no ISCSP, Universidade Técnica de Lisboa

PITT-RIVERS, Julian

1971 (1954) *The People of the Sierra*, Chicago: The University of Chicago Press

1973 (1963) *Tres Ensayos de Antropología Estructural (La Ley de la Hospitalidad)*, Barcelona: Editorial Anagrama

1983 (1977) *Anthropologie de l'Honneur*, Paris: Le Sycomore

POLANAH, Luís

1981 *Comunidades Portuguesas no Parque Nacional da Peneda-Gerês*, Lisboa: SNPRPP

1984 *Camponeses de Sayago*, Braga: Universidade do Minho

1986 "Estudo Antropológico das Alcunhas", *Revista Lusitana*, no. 7, pp. 125-145

PRATT, Mary Louise

1986 "Fieldwork in Common Places" in James Clifford and George Marcus (edit.), *Writing Culture, The Poetics and Politics of Ethnography*, Los Angeles: University of California Press, Ltd.

RABINOW, Paul

1977 *Reflections on Fieldwork in Morocco*, Berkeley: University of California Press

1986 "Representations are Social Facts: Modernity and Post-Modernity in Anthropology" in James Clifford and George Marcus, *Writing Culture, The Poetics and Politics of Ethnography*, Los Angeles: University of California Press, Ltd.

RAMOS, Francisco Martins

1980 "Introdução à Antropologia Alentejana do Quotidiano", *Diário Popular (Artes e Letras)*, Agosto-Dezembro

1985a "The Dynamics of Nicknames in Southern Portugal", comunicação, 84º Congresso da American Anthropological Association, Washington DC

1985b "Antropologia das Alcunhas Alentejanas: A Engenharia do Simbólico", Évora: Universidade de Évora (policopiado).

1987 "Social Change in a Portuguese Rural Community: Vila Velha Revisited", comunicação, 86º Congresso da American Anthropological Association, Washington DC

1988 "Vila Velha Revisited: Anti-anti Cutileiro?" comunicação, 87º Congresso da American Anthropological Association, Phoenix AZ

1989a "Solidarity and Conflict in the Alentejo: Political Clientelism in Vila Velha", Comunicação, "IV Meeting of the International Conference Group on Portugal", Durham, NH.

1989b "Vila Velha, Cutileiro e o Efeito Rashomon", *Economia e Sociologia* no. 49, pp. 71-79

1990 *Alcunhas Alentejanas. Estudo Etnográfico, Vila Velha*: ADIM

REDFIELD, Robert

1967 (1956) *The Little Community, Peasant Society and Culture*, Chicago: The University of Chicago Press

RIVARA, A.H. Cunha

1979 (1853) *Memorias da Villa de Arrayollos*, parte I, Arraiolos: Câmara Municipal

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz
1988 "Mediatização do discurso científico", *Análise Social* no. 103-104, pp. 1149-1160

ROCHA, Maria Manuela F. Marques
1988 *Propriedade e Níveis de Riqueza: Formas de Estruturação Social em Vila Velha na 1ª metade do século XIX*, Tese de Mestrado em Economia e Sociologia Históricas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

ROTH, Paul A.
1984 "Ethnography Without Tears", *Current Anthropology*, Vol. 30, no. 5, pp. 555-569

SANTOS, Boaventura Sousa
1989 *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Porto: Afrontamento

SASS, Louis
1986 "Fermentação na Antropologia", *Diálogo* no. 4, vol. 20, pp. 65-71 (reproduzido do Harper's Magazine, Maio de 1986)

SCHAPER, I.
1962 "Should Anthropologists be Historians", *JRAI* no. 92, pp. 145-156

SCHUTZ, Alfred
1987 (1971) *Le Chercheur et le Quotidien*, Paris: Méridiens Klincksieck

SEGALEN, Martine
1986 *Historical Anthropology of the Family*, New York: Cambridge University Press

SMITH, M. Estellie
1982 "The Process of Sociocultural Continuity", *Current Anthropology*, vol. 23, no. 2, pp. 127-142

- SPRADLEY, James
1980 *Participant Observation*, New York: Holt, Rinehart and Winston
- TORGA, Miguel
1978/83 *Diário*, (XIII Vols.), Coimbra: Edição do Autor.
- TYLER, Stephen A.
1984 "The Poetic Turn in Postmodern Anthropology: The Poetry of Paul Friedrich", *American Anthropologist* Vol. 86, no. 2, pp. 328-336
- 1986 "Post-Modern Ethnography: From Document of the Occult to Occult Document" in James Clifford and George Marcus, *Writing Culture*, Los Angeles: University of California Press
- WERNER, Oswald and SCHOEPFLE, Mark
1987 *Systematic Fieldwork* (2 vol.), London: Sage Publications
- WOLF, Eric
1977 "Peasant Family Types" in Rossi et al. *Anthropology Full Circle*, New York: Holt, Rinehart and Winston
- WYLIE, Laurence
1964 (1957) *Village in the Vaucluse*, New York: Harper & Row
- 1988 "Roussillon, un village dans le Vaucluse, 1987", *Terrain* no. 11, pp. 29-50
- WUNENBURGER, Jean-Jacques
1977 *La Fête, le Jeu et le Sacré*, Paris: Éditions Universitaires

* * *

- Actas da Junta de Freguesia de Vila Velha (séc. XIX)
- Actas da Misericórdia de Vila Velha (séc. XVIII e XIX)
- Cadernos Eleitorais da Freguesia de Vila Velha (1989)
- Censo de Vila Velha (do autor, 1989)
- Jornal "A Palavra" (1980-1991)
- Livro de Registros de Casamento da Freguesia de Vila Velha (1967-1991)
- Mapa e Fichas do XIII Recenseamento Geral da População, Freguesia de Vila Velha (1991)
- Recenseamento Geral da População (INE 1940 a 1981)

ÍNDICE GERAL

	Pg.
AGRADECIMENTOS	5
NOTA INTRODUTÓRIA	10

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I - A PROBLEMÁTICA	18
a) Introdução	18
b) Vila Velha Revisitada	44
c) Metodologia da Investigação	56
CAPÍTULO II - O CONTEXTO	79
CAPÍTULO III - A VIDA QUOTIDIANA EM VILA VELHA	93
a) Introdução	93
b) O equilíbrio do silêncio	101
c) Espaços privilegiados e momentos essenciais	108
CAPÍTULO IV - MECANISMOS DA SOCIABILIDADE	124
a) A dinâmica das alcunhas	124
b) A caça: instrumento da sociabilidade masculina ..	142
c) "O vinho do trabalho"	155
d) Sociabilidade e dádiva	167
e) Política local: a regeneração do patrocinato	173
CAPÍTULO V - A FAMÍLIA	185
a) Introdução	185
b) "Somos Todos Primos"	195
CAPÍTULO VI - TRADIÇÃO, MUDANÇA E TURISMO	213

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO	228
DIÁRIO ETNOGRÁFICO	232
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	346
ANEXOS	365
BIBLIOGRAFIA	378

ÍNDICE DOS QUADROS

QUADRO I - Evolução da População de Vila Velha	83
QUADRO II - Evolução da População da Freguesia de Vila Velha	83
QUADRO III - Freguesia de Vila Velha: População Residente (14 Abril 1991)	84
QUADRO IV - Habitantes de Vila Velha (31 Outubro 1989)	85
QUADRO V - Os Vila-Velhenses e o Trabalho	89
QUADRO VI - O Mercado Matrimonial na Freguesia de Vila Velha (1968-1991)	203

ÍNDICE DAS FIGURAS E FOTOGRAFIAS

FIGURA 1 - Vila Velha. Rua de Santiago	16
FIGURA 2 - Vila Velha. Rua Direita	43
FIGURA 3 - Vila Velha. Rua dos Celeiros	77
FIGURA 4 - A freguesia no contexto concelhio e regional	80
FIGURA 5 - Vila Velha. O casario branco e o equilíbrio das volumetrias	91
FIGURA 6 - Porta da Vila, o senado masculino	107
FIGURA 7 - Vila Velha. Vista parcial junto às muralhas do lado noroeste	122
FIGURA 8 - Vila Velha. Igreja da Misericórdia	166
FIGURA 9 - Diagramas das casas (28 diagramas)	196
FIGURA 10 - "Somos Todos Primos" (3 diagramas)	200
FOTOGRAFIAS I a VIII - Os Proprietários da Sombra ..	225

